RB136, 383

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil

5-2

DESCRIPÇÃO DO REINO DE PORTUGAL,

EM QUE SE TRATA DA SUA ORIGEM, Producções, das Plantas, Mineraes, e Frutos: com huma breve noticia de alguns Heróes, e tambem Heroinas, que se fizerão distintos pelas suas virtudes, e valor.

POR

DUARTE NUNEZ DO LEÃO

Desembargador da casa da Supplicação.

E OFFERECIDA

AO EX.mo E REV.mo SENHOR

D. FRANCISCO RAFAEL DE CASTRO,

Principal da Santa Igreja de Lisboa, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima.

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA:

Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira.

ANNO M. DCC. LXXXV.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na loja de Borel, Borel, e Companhia, quasi defronte da Igreja de N. S. dos Martyres.

EX.mo E REV.mo SENHOR.

NO commum empenho de reſtaurar a gloria da Litteratura Portugueza, em que muitos, e muito excellentes engenhos hoje trabalhão como á porfia, deſejei ſempre ter alguma parte, e concorrer de modo, que em mim coubeſſe, para eſpalhar o crédito, e reputação Litteraria de huma Nação, da qual ainda que não tenho a honra de ſer Patriota por natureza, o ſou por affeição, e reconhecimento, tendo tantos annos vivido debaixo do ſeu clima benigno, gozado da protecção de ſuas Leis, e recebido as mais aſſignaladas provas da hoſpitalidade, e bom acolhimento de ſeus Naturaes. Aſſim que ſendo hum dos meios, que ſe tem achado mais adequados para eſta generoſa empreza, o facilitar a lição dos

bons Eſcritores Portuguezes, multiplicando os ſeus Exemplares, e como reſuſcitando-os do eſquecimento, a que a injúria dos tempos os tinha condemnado, menos por deſeſtimados do que por pouco frequentes, e por ventura deſconhecidos; me pareceo faria huma obra de público agrado, e intereſſe, reimprimindo a Deſcripção de Portugal, feita pelo inſigne Eſcritor Duarte Nunes do Leão. E como recommendando-ſe por ſi o merecimento da Obra, poderia diminuir-ſe a ſua eſtimação por ſer reproduzida por hum homem de paiz eſtranho, ſobre quem poderia recahir a ſuſpeita de pouco verſado na Lingua Portugueza, e por tanto menos proprio para a ſua correcção, ſendo a pureza da Linguagem a que conſtitue o ſeu principal valor: para remover eſte obſtaculo á ſua propagação, he que eu procuro de lhe produzir em frente o tantas vezes o Reſpeitavel No-

me

me de V. EXCELLENCIA. Porque gozando ella na commum opinião o bem merecido conceito da mais completa erudição, e univerſal doutrina, e que ſó he capaz de haver por bem o que tocar os pontos da perfeição; o conſentimento que V. EXCELLENCIA me houveſſe de permittir de a publicar debaixo do ſeu honroſo patrocinio, ſeria a mais abonada fiança, que eu poderia produzir, da exactidão com que foi reimpreſſa. A eſte motivo ſe ajunta outro não menos efficaz, qual he o deſejo que ſempre tive, de dar a V. EXCELLENCIA os mais ſolemnes teſtemunhos, que poſſiveis me foſſem, da alta veneração, e profundo reſpeito, com que tenho a honra de ſer

DE V. EXCELLENCIA

Servo muito humilde, e obrigado,

Borel, Borel, e Companhia.

ADVERTENCIA.

Pareceo conveniente ſe reimprimiſſe eſta Dedicatoria, para maior illuſtração da Hiſtoria Critica da Litteratura Portugueza; por quanto della ſe vem no conhecimento de ter ſido impreſſa eſta Obra depois do fallecimento de ſeu Author; circunſtancia muito attendivel, e neceſſaria para quem de novo reformar, ou coordinar completa, e exactamente huma Bibliotheça Luſitana; &c.

Ao Illuſtriſſimo, e muito Excellente Senhor D. Diogo da Sylva, Duque de Francauilla, Conde de Salinas, e Riuadeo, Preſidente do Conſelho da coroa de Portugal.

Gil Nunez do Leão.

SEguindo o Doctor Duarte Nunez do Leão meu tio que Deos haja as piſadas dos homẽs mais doctos eſtrangeiros que ſeu nome & memo-

moria perpetuaram com obras insigne que escreueram, não se contentou de ser no direito ciuil & canonico hum dos mais eminentes de seu tẽpo, mas lançando mão a outras sciencias, foi notauelmẽte erudito nas historias antigas & modernas, sendo por seu ingenho & studo capaz de toda a sciencia digna de homem ingenuo, nobre & generoso. E porque semelhãtes ingenhos nunqua parão sem obrarẽ cousa algũa de entendimento, não somẽte na composição das ordenações & leis destes regnos se empregou cõ muita satisfação de sua Magestade, & por seu mandado, mas por honra de Portugal escreueo suas historias (cousa mui difficultosa & hauida entre os antiguos por parte principal da verdadeira eloquencia.) Entre outras obras que deixou escritas, que em meu poder ficaram, foi esta da descripção de Portugal, composta noue annos antes de sua morte. A qual hora sae em publico com o fa-

o fauor & patrocinio de V. S. eſcolhida por mim por ſer algum tanto de peſſoas curioſas deſejada, & dirigida a V. S. por ſeus Auôs, & maiores terem ajudado a enobrecer o meſmo regno cõ ſeu valor & obras, de maneira que ao nome delles conuinha ſer antes dedicada que a outrem. Ajunla-ſe a iſto a illuſtre & freſca memoria do Principe de Ebuli, Conde de Melito, o Senhor Ruigomez da Sylua voſſo pai que he em gloria, cujo mui raro & ſublime juizo conheceo Inglaterra, França, Frandes, Italia, & Heſpanha em negocios que neſtas partes por elle correram, & na grande inteireza, ſaber & ſuffiencia cõ que continuou no ſeruiço do mui catholico Emperador Carlos V. & no del rei Dom Filippe de glorioſa & felice memoria, aſſiſtindo geralmente em ſeus conſelhos & companhia. E pois foi Deos ſeruido que V. S. lhe ſuccedeſſe, & que Portugal goze hoje do conſelho,

lho, juſtiça, moderação, & benignidade em que tanto a ſeus antepaſſados imita & finalmente do grande beneficio que ſua Mageſtade ao meſmo rẽgno tem feito em dar a V. S. a preſidencia que hora tẽ no conſelho da coroa delle tam importante para ſeu gouerno, por todas eſtas razões mouido, & aſſi pela obrigação que reconheço ter ao ſeruiço de V. S. acquirir animo para não recear offerecer-lhe eſta obra inda que pequena, a qual peço queira honrar acceitandoa como primicia de outras maiores do Doctor meu tio que por cauſa dos tempos eſtam inda em ſilẽcio, por que aſſi honrada & acreditada confio que não ſomente ſeraa ate dos emulos bẽ recebida, mas ficaraa ſendo principal parte, para que as mais poſſam ſair a luz tam cedo como os naturaes deſte reino ſtam deſejando.

AO

AO LECTOR.

OS liuros & escriptos dos homẽs doctos, saõ humas illustres imagens & retratos perque seus animos, letras & partes naturaes euidentemente se conhecem & se vem dos que se occupam em os ler, & assi no conhecimento & memoria que se delles tem, viuem contra a força & injuria do tempo que tudo abate & consumme o que não he desta qualidade. As obras do doctor Duarte Nunez do Lião meu tio que Deos tem, ainda que per suas letras, grandeza de ingenho, & juizo se dexem ver & nellas viua com os homẽs de studo & curiosidade, foram ellas sem duuida em tudo mais perfectas, se as occupações quotidianas que teue alguns annos com o desembargo da casa da Supplicação lhe não tomaram muito tempo, & a senilidade que passou toda quasi chea de infirmidades, lhe não impedira poer nellas a vltima mão. E posto que para comprazer a algumas pessoas maas de contentar me bastaua o animo para exagerar nesta obra sua algumas cousas, pareceome que comettia contra sua memoria felice hum crime mui enorme, & me seria reprehendido por erro mui notauel querer eu acrescentar o que elle dexou por razoẽs que a isso o mouerão, as quaes deuião ser justissimas: & qualquer ingenho por grande que seja,

ja, com ſua opinião ſe deue acquietar. Neſte liuro de Deſcripção de Portugal ſe moſtra curioſa & doctamente qual foſſe antigamente a Luſitania, com as mudanças & diuiſoẽs de ſeus termos & limites, (couſa mui digna de ſe ſaber & de aos doctos & curioſos ſer mui agradauel) & juntamente o que della temos em Portugal, & o muito que ſe lhe acreſcentou da parte do Sul & Norte, com grande numero de Sanctos & de alguns varoẽs illuſtres que em todo o tempo teue, ainda que de muitos ſe não tenha noticia, principalmente dos Sanctos aos quaes a braueza das perſeguiçoẽs não daua mais lugar, que para darem ſuas vidas pela verdade que profeſſauam, & a outros que eſcapauam nam conſentia eſcreuerem dos mortos com varios deſterros & exquiſitos tormentos: & com Diocleciano mandar ſe queimaſſem todos os Scriptos dos homẽs pios & catholicos, para que a ignorancia acabaſſe o que a crueldade não pode. He eſta obra tal, que aalem de lhe não faltar nada para ſer perfecta ella em ſi para ſe eſcreuer, pedia que foſſe o author hum abſoluto geographo, de erudição inſigne, de grandiſſima & varia lição para conhecer o ſitio dos lugares, as couſas notaueis delles, os Sanctos que deram aa igreja de Deos, os homẽs que em terras eſtranhas alcançaram per ſciencia, prudencia, & armas nome illuſtre. Eſtas couſas tam raras ſingularmente ſe tractam neſte liuro com tal ordem que nelle ſe

não

não dexa lugar de duuidar. Enſina, delecta, moue & inflamma para imitação de tantos Sanctos & Varões inſignes noſſos naturaes. E ainda que ſe podera fazer menção de alguns que em Portugal floreceram, contentouſe prudentemente o Author com os que nos regnos eſtranhos deixaram de ſi memoria por fugir a quexas de noſſa nação, na qual a ſobeja preſunção não dexa conhecer a differença que ha entre as peſſoas das quaes era bem ſe eſcreueſſe, & das que pedia a boa razão com ſilencio ſe paſſaſſem. Eſte liuro acabou o Doctor meu tio de compor nos termos em que eſtaa no anno de 1599. eſtando neſte tempo recolhido na villa de Aluerca por cauſa do mal de que nos Deos liure que então houue neſte regno. E aſſi diſto como do mais acima referido me pareceo deuia aduirtir ao lector para de algum modo conceber a qualidade deſta obra & na lição della ſe poder empregar com mais animo & contentamento.

TA-

TABOADA

Das couſas que ſe contém neſte liuro.

DA Diuiſaõ das prouincias de Heſpanha, Pag. 1.

CAP. II. *Das regiões, & comarcas em que ſe diuide o reino de Portugal, & das cidades, & villas que nelle ha,* 6.

Correição do Porto, 8.

Correição da Viana de Foz de Lima, ibid.

Correição de Ponte de Lima, 9.

Correição de Guimarães, ibid.

Correição de Miranda, 10.

Correição da torre de Mencoruo, ibid.

Correição de Villa Real, 11.

Correição de Coimbra, 12.

Correição de Viſeu, ibid.

Correição de Lamego, 13.

Correição da Guarda, 15.

Correição de Aueiro, 16.

Correição de Pinhel, 17.

Correição de Caſtello branco, 18.

Correição de Euora, ibid.

Correição de Eſtremòs, 19.

Correição de Elvas, 19.

Correição de Portalegre, ibid.

Correição de Beja, 20.

Correição de Santarem, ibid.

Correição de Leirya, 21.

Correição de Tomar, ibid.

Correição de Alanquer, 22.

Correição de Setuual, 23.

Cor-

Correição de Lisboa, ibid.
Correição de Tauira, 24.
Correição de Lagos, ibid.
CAP. III. *Do nome de Portugal, donde ſe dixe, & como ſe chamava acerca dos antigos*, ibid.
CAP. IIII. *Das Cidades da Luſitania que pelo tempo ſe desfizerão, ou mudaram a outros lugares*, 27.
CAP. V. *Da mudança, que houue nos nomes das cidades, ou villas, & rios da Luſitania*, 32.
CAP. VI. *Dos Iuridicos conuentos, ou Relações, que hauia na Luſitania*, 34.
CAP. VII. *Dos lugares da Luſitania, que no tempo dos Romanos erão municipios do direito antigo de Latio, ou do direito Italico, & como ſoo Lisboa tinha o direito de cidadãos Romanos*, 36.
CAP. VIII. *Dos lugares que na Luſitania erão Colonias de Romanos, quantas maneiras hauia de colonias, & que differença hauia de Colonias a Municipios*, 43.
CAP. IX. *Dos montes & ſerranyas que ha no Reino de Portugal*, 49.
CAP. X. *Da ſerra de Sintra*, 57.
CAP. XI. *De outras ſerras que ha pelo reino*, 63.
CAP. XII. *Das muitas fontes & abundancia de agoa que ha em Portugal*, 64.
CAP. XIII. *Dos rios que regam eſte reino, & primeiro de Guadiana*, 71.
CAP. XIIII. *Do rio Tejo.* 76.

CAP.

CAP. XV. *Do rio Mondego*, 80.
CAP. XVI. *Do rio Zezere*, 81.
CAP. XVII. *Do rio Vouga*, 82.
CAP. XVIII. *Do rio Douro*, 83.
CAP. XIX. *Do rio Lima*, 85.
CAP. XX. *Do Minho*, 87.
CAP. XXI. *De outros rios caudalosos de que os Geographos nam fazem menção*, 88.
CAP. XXII. *Das minas de ouro & prata & outros metaes que ha em Portugal*, 91.
CAP. XXIII. *Das pedras preciosas, marmores & outras pedras de valor que se dam em Portugal, & de varias maneiras de terra de que se fazem vasos de muita estima*, 98.
CAP. XXIIII. *Do sal que se neste reino faz*, 111.
CAP. XXV. *Do azeite que se colhe em Portugal*, 113.
CAP. XXVI. *Dos vinhos*, 118.
CAP. XXVII. *Do mel & cera*, 121.
CAP. XXVIII. *Do muito gado de toda sorte, que ha neste reino*, 122.
CAP. XXIX. *Dos cauallos*, 125.
CAP. XXX. *Da grande multidam de pescados, assi de mar, como dos rios que neste reino morre, de que se mantem a maior parte de Hespanha*, 129.
CAP. XXXI. *Das hervas sylvestres & domesticas*; 133.
CAP. XXXII. *Da muita hortaliça que ha em Portugal*, 139.
CAP. XXXIII. *Das muitas & varias maneiras de frutas que ha neste reino*, 143.

CAP.

CAP. XXXIIII. *Da fertilidade do Reino de Portugal em todas as partes delle*, 147.
CAP. XXXV. *Do sabor das carnes & frutos de Portugal*, 158.
CAP. XXXVI. *Das muitas cousas ricas que neste reino ha, que com razam se podem chamar suas*, 161.
CAP. XXXVII. *Dos sanctos que houue em Portugal que nasceram no mesmo reino*, 164.
De sam Damaso Papa, ibid.
CAP. XXXVIII. *De sam Vicento & as sanctas Christetis, & Sabina suas irmãs*, 165.
CAP. XXXIX. *De sam Maximo & Virissimo, & santa Iulia sua irmãa martyres*, 168.
CAP. XXXX. *Dos martyres Victor, Syluestre, Cucufato, Torquato, & Susana*, 169.
CAP. XXXXI. *De sancto Antonio de Lisboa* 170.
CAP. XXXXII. *De sam Sisenando martyr*, 171.
CAP. XXXXIII. *Das sanctas uirgens Liberata, Germana, Eumelia, Geniuera, Marcia, Basilia, Quiteria, Germma, Victoria*, 173.
CAP. XXXXIIII. *De sancta Engracia & dezoito fidalgos Portugueses que com ella padeceram martyrio*, 174.
CAP. XXXXV. *De sancta Eiria*, 177.
CAP. XXXXVI. *De Sam Gonçalo de Amarante*, 181.
CAP. XXXXVII. *De Sam Frei Gil*, 182.
CAP. XXXXVIII. *Do beato frei Amadeu*, 185.
CAP. XXXXIX. *De Dona Beatriz da Syluua que instituio a ordem da concepçam em Castella*, 188.

CAP. L. *De ſancta Comba*, 191.
CAP. LI. *De ſancta Senhorinha*, 192.
CAP. LII. *De ſancta Godinha*, 193.
CAP. LIII. *De Dona Sancha commendadeira do moeſteiro de Sanctos o velho*, ibid.
CAP. LIIII. *De Sam Paio*, 195.
CAP. LV. *De Sam Roſende Biſpo Dumienſe*, 196.
CAP. LVI. *De Fructuoſo Abbade*, 197.
CAP. LVII. *De Ioam de Deos*, ibid.
CAP. LVIII. *De Sam Geruas*, 198.
CAP. LIX. *De Frei Pedro porteiro de Sam Domingos de Euora*, ibid.
CAP. LX. *De Dom frei Berthólomeu dos martyres Arcebiſpo de Braga*, 200.
CAP. LXI. *De Gonçalo Vaz & Ioam Vaz Africanos martyres*, 229.
CAP. LXII. *De ſete mancebos martyres que padeceram em Marrocos*, 236.
CAP. LXIII. *De Franciſco da Speraça*, 241.
CAP. LXIIII. *De Simam de Freitas*, 245.
CAP. LXV. *De Fernando Ginez*, 248.
CAP. LXVI. *De Domingos de Gouuea*, 249.
CAP. LXVII. *De Ioam de Pariz*, 251.
CAP. LXVIII. *De Amaro Gonçaluez*, 252.
CAP. LXIX. *De Antonio da Sylua*, 254.
Dos Sanctos que não ſendo naturaes de Portugal morrerão nelle, ou eſtão nelle ſeus corpos.
CAP. LXX. *De Sam Mancio martyr*, 261.
CAP. LXXI. *De Sam Vincente Leuita martyr*, 264.
CAP. LXXII. *De Sam Pedro Biſpo primeiro de Braga, martyr*, 270.

CAP.

CAP. LXXIII. *De Sam Pantaliam martyr*, 271.
CAP. LXXIIII. *De Sam Torpes martyr*, 272.
CAP. LXXV. *De Santiago Interciſo mar. tyr*, 273.
CAP. LXXVI. *De Sam Felix & outros martyres de Nicomedia*, 274.
CAP. LXXVII. *Da Sancta Aucta martyr*, 275.
CAP. LXXVIII. *Da Rainha Sancta Iſabel de Portugal*, ibid.
CAP. LXXIX. *De Sam Martinho Arcebiſpo de Braga*, 277.
CAP. LXXX. *De Sam Theotonio Prior de Sancta Cruz de Coimbra*, 279.
CAP. LXXXI. *De Sam Fructuoſo Arcebiſpo de Braga*, 281.
CAP. LXXXII. *De Sam Giraldo Arcebiſpo de Braga*, 282.
CAP. LXXXIII. *Do Infante Dom Fernando que morreo captiuo*, 285.
CAP. LXXXIIII. *Da grande religião & zelo do culto diuino que tem os Portugueſes*, 294.
CAP. LXXXV. *Da lealdade dos Portugueſes*, 299.
CAP. LXXXVI. *Das moradias que os Reis de Portugal dão a ſeus criados & como tambem as dão aos filhos*, 304.
CAP. LXXXVII. *De muitos Portugueſes que por o valor de ſuas peſſoas fóra de Portugal forão eſtimados & alcançarão honras & dignidades*, 310.
CAP. LXXXVIII. *Da honeſtidade & recolhimento das molheres Portugueſas, & de ſuas perfeições*, 328.

CAP.

CAP. LXXXIX. *Do valor & animo de molheres Portuguesas*, 336.
CAP LXXXX. *Da habilidade das molheres Portuguesas para as letras & artes liberaes*, 353.
CAP. LXXXXI. *De como no principio despois do diluvio se governou Hespanha, & como esteue muitos mil annos sem nella hauer Reis nem Monarchia*, 357.
Dos primeiros homẽs que habitaram as terras da Lusitania.

DIS-

DESCRIPÇÃO, DE PORTVGAL.

Da diuiſaõ das prouincias de Heſpanha.

HESPANHA HE A VLTIMA parte de Europa aſſentada entre Africa & França, rodeada de mar de tal maneira, que he quaſi ilha, cuja figura os Geographos comparão a hum couro de boi volto o peſcoço para a parte, onde confina com França pelos montes Pyreneos, cuja circunferencia, ſegundo Florião do Campo, tem ſeiſcentas trinta & quatro legoas, contando por cada legoa a quatro mi-

A lhas,

lhas, de que tiradas oitenta, que tem de terra pegada com França, que he de Fonte Rabia, que ſtâ no fim da Guipuſcua atê Celibre, & cabo de Cruzes de Catalunha, tudo ô mais cerca o mar. A diuiſaõ que os mais antigos fazião della era partila em duas partes, em citerior, & vlterior, fazẽdo os limites della as correntes do rio Ebro. E chamauão citerior aquella pequena parte q̃ eſtâ da boca daquelle rio atê França, & vlterior chamauão tudo o mais que ſtaua alem do rio em que ſe agora incluem muitos reinos. Eſta diuiſaõ fizerão os Romanos de parte tam deſiguaes, porque não ſabião mais da terra, nem ſe eſtendia a mais o que tinhão conquiſtado. Mas deſpois que forão ganhãdo terras eſtenderão mais os limites deſtas duas prouincias, & chamarão prouincia Citerior tudo o que não era Betica nem Luſitania.

Deſpois fizerão outra partição de Heſpanha diuidindo a em tres prouincias, chamando áparte q̃ antes era citerior Tarraconenſe, dandolhe o nome de Tarragona, aſſi por ſer a mais principal cidade da quella prouincia, como por ſer ella confederada, & amiga do pouo Romano, & acharem nella bom acolhimento & ajuda para conquiſtar tudo o de mais. Ficando per ſi como de antes as prouincias da Luſitania, & de Betica. Deſpois deſta diuiſaõ em tempo do Emperador Adriano ſe fez noua diuiſaõ das prouincias de Heſpanha re-

repartindoa toda em cinquo, Tarraconenſe, Cartaginenſe, Luſitania, Galliza, & Betica, nas quaes entraua hũa parte de Africa, que andaua vnida ao gouerno de Heſpanha. E em outra diuiſaõ vltima que fez o Emperador Coſtantino Magno deixou em ſeu ſtado antigo as cinquo prouincias de Adriano, & acreſcentou outra a que chamou Balearica por razão das ilhas de Malhorca, Menorca, & Iuiça.

E deixando a noua partição conformandome cõ a antiga diuiſaõ em tres prouincias, a Tarraconenſe pela parte do Oriente começa pelos montes Pyreneos onde confina com França, & como dixemos he mais eſticita. Porque ſegundo algũs affirmão de certa parte de Viſcaia chegada ao Oceano Cantabrico poſto hum homem em hum certo lugar pode ver de hũa parte eſſe mar, & da outra o mar Mediterraneo. Dõ ſeptentrião confina com o mar Cantabrico até o prommotorio Nerio que neſtes tempos chamão finiſterra. E começando do occidente parte com o Occeano Athlantico ate chegar aa foz do Douro onde ſtá a cidade do Porto. De parte do meo Dia confina com a Luſitania, & com o mar Mediterraneo. De maneira que inclue eſta prouincia os reinos de Murcia, de Valença, de Aragão, de Nauarra, a prouincia de Catalunha, Caſtella a velha, & toda a Galliza, entrando nella aquella parte da meſma Galliza que he

a terra de entre Douro, & Minho, & de tras os montes que ficou com Portugal, & as Asturias, & Viscaia.

A Betica pelo septentrião cingea rio de Guadiana que he o que a diuide da Lusitania. Do occidente tem por limite aquella parte do mar Oceano que stá entre a foz de Guadiana, & o estreito de Gibaltar. Da parte do meio dia tem a parte do mar Balearico que stâ entre o dito estreito, & o Cabo de Gata. Do oriente parte assi como vai lançando hũa linha desde este promontorio de Gata per Caslona ate o rio de Guadiana. Chamouse esta prouincia Betica do rio Betis que agora per nome Arabigo chamão Guadalquibir, que quer dizer rio grande que corta esta prouincia pelo meo, & se vai metter no mar Athlantico na villa de sam Lucar de Berrameda. Por os Vândalos, que esta provincia possuirão se chamou Vandalia, & Vandalicia, & despois corrompêdose o nome, Andaluzia. Nesta prouincia se incluem os reinos de Seuilha, de Cordoua, de Granada, & a terra que vai alem de Guadiana, que chamão Estremadura começando de Badajóz.

A Lusitania parte pelo Septentrião com o Douro des da foz delle atê Simancas. Do Occidente confina com aquella do mar Athlantico, que vai des do Douro até o Cabo de sam Vicente. Pelo meo dia confina com aquella parte do mesmo mar, que vai do

dito

dito Cabo até a bocca de Guadiana, que se mette no mar entre Castro Marim, & Aia monte. Do meo dia parte com a Betica pelo rio mesmo de Guadiana, que diuide hũa prouincia da outra. E pela parte do Oriente, & Septentrião se diuide des da bocca do mesmo rio atee a cidade de Badajóz da Prouincia Tarraconense lançando hũa linha de Calatraua auelha atè a ponte de Simancas. De maneira que os limites da Lusitania saõ o mar Athlático, o Douro, Guadiana, & o Tejo a corta pelo meo correndo entre Guadiana, & o Douro.

O reino de Portugal toma a maior parte desta Prouincia, & por isto se chamão Lusitanos os Portugueses como gente, que occupa quasi toda a prouincia. Mas isto não he propriamente, porque de Lusitania ficão fora de Portugal as cidades de Merida, Coria, Plazencia, Ciudad Rodrigo, Salamanca, Auila, Segouia, & as villas de Albuquerque, Oropesa, Calatraua a velha, Alcantara, Talauera, Medina do campo, & algũas mais de Castella a noua. De maneira que todos os pouos sobre ditos sendo da Lusitania não saõ de Portugal.

Mas o que Portugal não toma da Lusitania, toma da Prouincia Tarraconense, & da Betica, porque pela Tarraconense entra em Galiza, & toma toda a terra, que vai des da cidade do Porto atee dar no Minho,

que

que saõ dezoito legoas as mais fertiles, & rendosas, & habitadas de mais gente, que ha em Hespanha: que se pode com razão chamar hum reino per si. E assi toma outra prouincia que se diuide da de entre Douro & Minho, que se chama Tras los montes mui fertil de pão, & vinho, & criações. Alem destas terras que Portugal toma da prouincia Tarraconense, toma da Betica algũs lugares, que stão alem de Guadiana, ss. as notaueis villas de Moura, Serpa, Oliuença, & Noudar, & Mourão, & outros lugares a ellas adjacentes.

Das regiões, & comarcas em que se diuide o reino de Portugal, & das cidades, & villas que nelle ha.

CAPITVLO. II.

O Reino de Portugal se diuide em seis regiões, ou prouincias. A primeira a terra d'antre Douro & Minho, a segunda a Prouincia de Tras los montes, a terceira a Beira, a quarta a prouincia de entre Tejo, e Guadiana em que se contem o Campo de Ourique, & a quinta, a Estremadura de que he cabeça a grande cidade de Lisboa, que per si soo com seu termo he hũ grande reino, a sexta he o reino do Algarue. Nestas regiões ha dezoito cidades, de que tres saõ Arcebispados mui-

nuigrandes, & opulentos, conuem aſaber o de Braga primas das Heſpanhas, & o de Lisboa, o de Euora, & onze Biſpados, contem a ſaber, Porto, Coimbra, Guarda, Lanego, Viſeu, Sylues, Eluas, Leiria, Portalegre, Miranda, & as Cidades de Tauilla, Lagos, Faro, Beja, Bragança que não tem Biſpos. O numero das villas, & dos Conſelhos ſe veraã pelas correições abaixo. As aldeas ſão ſem numero, porque como no reino ha muita gente, & tem muitas agoas, & fertilidade, he mui pouoado tudo. E ſoo a villa de Couilhãa tem por termo trezentas, & ſeſenta, & tantas aldeas, de que algũas ſaõ tam grandes como a meſma villa principal.

Eſtas regiões ſe diuidem em comarcas, ou correições, de que a de entre Douro, & Minho tem quatro comarcas, conuem a ſaber, a do Porto, a de Guimaráes, & a de Vianna de Foz de Lima, & a de Ponte de Lima. A região de Tras los montes tem quatro comarcas, conuem a ſaber de Miranda, a da Torre de Mencoruo, a de Villa Real, & a de Pinhel. A região da Eſtremadura tem ſeis, a de Lisboa, a de Santarem, de Tomar, de Alenquer, de Leiria, & de Setuual. A região da Beira tem ſeis comarcas, conuem a ſaber, a de Coimbra, a da Guarda, a de Lamego, a de Viſeu, a d'Aueiro, & a de Caſtelbranco. A região de Alentejo tem cinquo comarcas, & correições, ſſ. de Euora, de Beja,

de

de Eluas, de Portalegre, e a de Eſtremoz. A regiáo do Algarue tem duas comarcas, a de Tauilla, & a de Lagos.

CORREIÇÕES DE ENTRE DOVRO E MINHO, E LVGARES QVE CADA HVA TEM.

Correição do Porto.

A Cidade do Porto
Conſelho de Porto Carreiro.
Conſelho da Louſada.
Cõſelho de Bemuiuer.

Correição da Viana de Foz de Lima.

A Villa de Viana.
Villa de Caminha.
Villa Nova de Cerueira.
Villa de Valença de Minho.
Villa de Menção.
Villa de Barcellos.
Villa de Melgaço.
Conſelho de Coura, & Faião.
Conſelho de Valdeues.
Conſelho de Soajo.
Conſelho de Valadares.
Conſelho de Caſtro Laborero.
Conſelho da pouoação de Darque.
Iulgado de Penafiel.
Iulgado de Neiua.
Iulgado de Aguiar de Neiva.

Cor-

Correição de Ponte de Lima.

Villa de Pôte de Lima.
Villa noua de Famelião.
Villa de Rates.
Couto de Corneilhãa.
Couto de Cabaças.
Conselho do Souto de Rebordãos.
Conselho de santo Estevão de Iaraz.
Conselho de Iaraz de Lima.
Conselho de Penella.
Conselho de Penella de Dom Ioão.
Conselho de Larinho.
Conselho de Villa chãa.
Conselho da Nobrega.
Conselho do Prado.
Couto de Moure.
Couto de Pousadella.
Conselho dentre homẽ, & Cabado.
Conselho de Regalados.
Conselho do Lindoso.
Conselho de sam Ioão.
Conselho, & terra de Bauro.
Conselho de Lanhoso.
Conselho, & terra de riba de Soaz.
Conselho, & terra da Auieira.
Conselho de Vermoim.
Iulgado de Faria.
A pouoação de Fam, & Esposende.

Correição de Guimarães.

Villa de Guimarães.
Cidade de Braga.
Villa de Conda.
Villa de Amarante.
Conselho, & terra de Vnhão.
Conselho, & terra de Filgueiras.
Conselho de Monte lõgo.
Conselho, & terra de Roças.

Con-

Conſelho de Villa Boa de Roda.
Conſelho de ſanta Cruz de Riba Tamaga.
Conſelho de Celourico do Baſto.
Concelho de Cabeceiras de Baſto.
Couto de Roufe.
Couto de Renſtim.
Couto de Pedralua.
Couto de Vimieiro.
Couto de Tibaães.
Couto de Cambeſes.
Couto de Queijada.
Honra de Capeaõs.
Honra de Meinedo.

CORREIÇÕES DE TRALOS MONTES.

Correição de Miranda.

A Cidade de Mirãda.
Villa do Vimioſo.
Villa de Algozo.
Villa do Outeiro.
Villa da Bempoſta.
Villa do Mogadouro.
Cidade de Bragança.
Villa de Vinhaes.
Conſelho de Penas Rojas.
Concelho do Aſinhoſo.
Concelho de Villar Secco dalomba.

Correição da torre de Mencoruo.

Villa da torre de Mẽcoruo.
Villa de Moos.
Villa de Villarinho do Caſtanheiro.
Villa de villa Flor.
Villa de Anciaẽs.
Villa da Alfandega.
Villa de Mirandella.
Villa de Freixo de Spada cinta.
Villa de Monforte.
Villa de Chaues.
Cõcelho da Heruedoſa.

Con-

Concelho de Freixel.
Cõcelho de Villas boas.
Concelho Dabreiro.
Concelho de Fiaõhas.
Concelho de Caſtro Vicente.
Conſelho de Lamas de Orelhão.
Concelho de Chacim.
Concelho dos Corticos.
Concelho Sefelfe.
Concelho da torre de Dona Chama.
Concelho de Valde Aſnas.
Concelho de Noſellos

Correição de Villa Real.

Villa Real.
Villa de Meijão Frio
Villa de Canaueſes.
Villa de Monte alegre.
Concelho da Rixeira.
Concelho de Cannellas.
Concelho de Cerua.
Cõcelho de Pena Guião.
Cõcelho de Cidadelhe.
Concelho de Ermello.
Concelho de Barqueiros.
Concelho de Iales.
Cõcelho de villa Marim.
Concelho de Tibães.
Cõcelho de Gouuea de Riba Tamaga.
Concelho de Geſtaço.
Concelho de Mondim.
Concelho de Ateem.
Concelho de Soilhães.
Concelho de Fuuaios.
Concelho de Alinjo.
Concelho de Murça.
Concelho de Aguiar de Penna.
Concelho de Pena.

Correição de Coimbra.

A cidade de Coimbra.
Villa de Tentugal.
Villa de ſancta Chriſtina.
Villa de Monte mór o Velho.
Villa da Louſaã.
Villa de Anҫaã.
Villa de Cernache.
Villa de Miranda.
Villa de Penna Coua.
Villa de Cantanhede.
Villa Noua de Anſos.
Villa de Serpijs.
Villa de Mira.
Villa de Goas.
Villa de Pombeiro.
Villa de Cellauiſa.
Villa de Atganil.
Villa de Buarcos.
Villa de Redondos.
Tilla de Pereira.
Concelho de Carualho.

Correição de Viſeu.

A cidade de Viſeu.
Villa ſ. Pedro de Areas.
Villa de Oliueira do Conde
Villa de Bobadella.
Villa de Oliveira do Hoſpital.
Villa de Freixedo.
Villa de Cannas de Senhorim.
Villa de ſam Daniel.
Villa de Vide do Mõte.
Villa de S. CombaDaã.
Villa de Coja.
Villa de Mortagoa.
Concelho de Barrelro.
Concelho de Pouolide.
Concelho de Ranhados
Concelho de ſ. Olalha.
Concelho da Sabugoſa.
Concelho de Pennalua
Concelho de Outão.
Concelho de Azurara.
Cõcelho deRio deMoinhos.
Concelho de Maceira deaã.

Con-

Concelho de Lobelhe de Mato.
Concelho de Tauora.
Concelho de Ladeiro.
Concelho de Ferreira de Aues.
Concelho de Galfar.
Concelho da Siluaã.
Concelho de Siluares.
Concelho do Mosteiro da Hermida.
Concelho d'Alua.
Concelho de Moẽs.
Cõcelho de Senhorim.
Concelho de Gumieira
Concelho de Simide.
Concelho do Sul.
Concelho de Currellos
Concelho do Candoso.
Cõcelho de Pero Salada.
Concelho de Azerede.
Concelho de Mouraz.
Concelho de Goardão.
Concelho de Rorijs.
Concelho de Tauares.
Concelho de Infiaẽes.
Concelho de Torreselho.
Concelho de Oliueira do Hospital.
Concelho da Lagiosa.
Concelho de Lagares.
Concelho deNogueira.
Concelho da Aguieira.
Concelho de Aguiar da Beira.
Concelho de Carapito.
Concelho deBeesteiros.
Concelho de Cannas de Sabugosas.
Concelho de Aluarẽga.
Concelho da Roa.
Concelho de Pinheiro.

Correição de Lamego.

A cidade de Lamego.
A villa de Valdigẽ.
Villa de Cucanha.
Villa de Armamar.
Villa de Tarouca.
Villa de Barcos.
Villa de Tauoaço.
Villa da Grãja de Tedo.
Villa de Britiande.
Villa de Leomil.
Villa de Muimenta.
Villa de Castro d'Airo.

Villa

Villa de Arouca.
Villa de Cedauim.
Villa de Oliueira de Frades.
Concelho de Sande.
Concelho de Maire.
Concelho de Parada.
Concelho de Paradas.
Concelho de Fontello.
Concelho de ſantaCruz de Lumeares.
Cõcelho de villa Secca.
Concelho de ſam Martinho de Mouros.
Concelho do Paço de Solſeuer.
Concelho de Gozende.
Concelho de Croio Infuido.
Concelho de Foção.
Concelho de Campo bẽ feito.
Concelho de Ruſinde.
Concelho de Pinheiros.
Concelho de Longa.
Concelho de Chaues.
Concelho de Areoſa.
Concelho da Nogoſa.
Concelho de villa Coua Coelheira.
Concelho de Pendilhe.
Concelho de Aregos.
Concelho de Parada deſter.
Concelho de Fragoas.
Concelho de ſam Pedro do Sul.
Concelho de Buſella.
Concelho de Gafanlido.
Concelho dasCaldas de Lafoẽs.
Cõcelho de ſam Coſmado.
Concelho da Lanhãa.
Concelho de Ferreiros de Tendaes.
Honra de Lalim.
Honra de Ribadellas.
Honra de Mezio.
Concelho de São Chriſtouam deNogueira.
Concelho de Cabril.
Concelho de Monção.
Concelho de Tendaẽs.
Concelho de Caria.
Concelho de Regas.
Concelho do Souto de Pena & Pera.
Concelho de Cinfaaẽs.
Concelho de Valaçãa.
Concelho de Paiua.

Con-

Concelho de Varzeas.
Concelho de Samfijs.
Cõcelho de Tarouquella.
Concelho de Lafoẽs.
Concelho de fam Ioam de Monte.
Concelho do Caſtello.
Honra de Beba.
Honra de Varzea de Serra.

Correição da Guarda.

A cidade da Guarda.
Villa de Gormello.
Villa de Linhares.
Villa de Codefreira.
Villa de Mello.
Villa de Celourico.
Villa de Gouuea.
Villa de Trancoſo.
Villa de Moreira.
Villa de Caſtição.
Villa de ſanta Marinha.
Villa de Fornos de Algones.
Villa de Figueirô da Granja.
Villa de Manteigas.
Villa de ſea.
Villa de lago da Beira.
Villa de Auoo.
Villa da Feira.
Villa de Louroſa.
Villa da Vieirinha.
Villa de Sam Romão.
Villa da Loriga.
Villa de Folgoſinhos.
Villa do Barraçal.
Villa de Açores.
Concelho de Formo Telheiro.
Concelho de Seixo.
Concelho do Heruedal.
Concelho de Cabra.
Concelho do Caſal do Monte.
Concelho de Matança.
Cõcelho de Caſtro verde.
Concelho dePenna verde.
Concelho de Algodres
Cõcelho de Villa pouca
Concelho do Couto de Loruão.

Con-

Concelho de Farão.
Concelho da Sanguinheda.
Concelho do Casal.
Concelho de Valasim.
Concelho de Villa Coua Coelheira.
Concelho de Alua da Serra.

Correiçam de Aueiro.

Villa de Aueiro.
Villa da Arada.
Villa de Lanhosa.
Villa de Pinheiro.
Villa de Angeje.
Villa de Costa.
Villa de Vagos.
Villa de Foroços.
Villa de Segadaaës.
Villa da Ermida.
Villa da Trofa.
Villa doce da Ribeira.
Villa da Recardaës.
Villa de Paos.
Villa de Vouga.
Villa de Antoaã.
Villa da Guieira.
Villa de Bronhido.
Villa de Oliueira do Bairro.
Villa de Sám Galhos.
Villa da Esgueira.
Villa de Serem.
Villa de Sam Lourenço do Baino.
Villa de Auellães de Caminha.
Villa de Bempoſta.
Villa de Pereira de Geſtão.
Villa de Villarinho do Bairro.
Villa de Auellãas de Cima.
Villa de Ouar.
Villa & terra da Feira.
Concelho de Sequijs.
Concelho de Ferreiros do Conde.
Concelho do Casal de Aluoro.
Concelho da Castanheira da Beira.
Concelho de Soutello.
Concelho de Seuer.
Concelho de Fumedo.

Cou-

Concelho do Cafanhão.
Concelho de Cambra.
Concelho de Eſteuem.
Couto da Barca da Guarda.

Correiçam de Pinhel.

Villa de Pinhel.
Villa de Almeida.
Villa de cinquo Villas.
Villa de Caſtel Rodrigo.
Villa de Cedoruim.
Villa de Nemão.
Villa de Muxagata.
Villa de Caſtelbom.
Villa de Meda.
Villa de Ranhados.
Villa do Souto.
Villa de Cernancelhe.
Villa da Lamgrouza.
Villa de Marialua.
Villa de CaſtelMendo.
Villa de Penella.
Villa da Pouoa.
Villa de Vallongo.
Villa do Auelloſo.
Villa de Pinedono.
Villa das Reigadas.
Villa da Torre dos Frades.
Villa de Almendra.
Villa Noua da Faſcoa.
Villa de Villarmaior.
Villa de Trouoẽs.
Villa de ſam Ioam da Peſqueira.
Villa de Alfaiates.
Villa de Paredes.
Villa de Fonte Arcada.
Villa de Sinclin.
Concelho d'vald'Coelha.
Concelho de Horta.
Concelho da Heruedoſa.
Concelho do Caſtanheiro.
Concelho de Valença.
Concelho de Soutello.
Concelho de Tauora.
Concelho de Paredella.
O lugar do Lamegal.

Correição de Caſtello branco.

Villa de Caſtello branco.
Villa de Caſtel Nouo.
Villa da Atalaia.
Villa daIdanha a noua.
Cidade da Idanha a velha.
Villa de ſam Vicente da Beira.
Villa de Proença.
Villa de Rodão.
Villa do Roſmaninhal.
Villa de Monſanto.
Villa da Bemposta.
Villa de Fenamacor.
Villa de Couilhãa.
Villa de Penna Garcia.
Villa de Segura.
Villa de Belmonte.
Villa de Saluaterra.
Villa de Sortelha.
Villa de Touro.
Villa do Sabugal.

Comarca de Alentejo.

Correição de Euora.

A cidade de Euora.
Villa de Arraiolos.
Villa de Montouto.
Villa de Aguiar.
Villa de Monte mór o nouo.
Villa de Aluito.
Villa de Viana apar de Euóra.
Villa das Alcaceuas.
Villa do Redondo.
Villa noua de Aluito.
Villa do Torrão.
Villa de Portel.
Villa das Aguias.
Villa de Cabeção.
Villa de Pauya.
Villa de Mora.
Villa de Laura.
Villa de Canha.
Villa de Ouriola.

Cor-

Correição de Eſtremoz.

Villa de Eſtremoz.
Villa do Canal.
Villa de Borba.
Villa de Vedros.
Villa de Souſel.
Villauiçoſa.
Villa do Cano.
Villa de Euora monte.
Villa de Fronteira.
Villa do Vimieiro.
Villa de Figueira.
Villa de Cabeça de vide.
Villa de Auis.
Villa das Galueas.
Villa de Alter Pedroſo.
Villa de Seda.

Correição de Elvas.

A cidade de Eluas.
Villa Boim.
Villa de Iuremenha.
Villa de Barbacena.
Villa Fernando.
Villa de Olivença.
Villa de Noudar.
Villa de Campo maior.
Villa de Ouguella.
Villa do Alandroal.
Villa de Terena.
Villa de Mourão.
Villa de Monſaraz.

Correição de Portalegre.

A cidade de Portalegre.
Villa de Caſtel de vide.
Villa de Maruão.
Villa de Alpalhão.
Villa do Crato.
Villa de Arronches.
Villa de Alter do chão.
Villa de Alegrette.
Villa do Açumar.
Villa de Toloſa.
Villa de Monforte.
Villa da Pouoa.
Villa de Niſa.

Villa de Rees.
Villa das meadas.
Villa Flor.
Villa do Gauião.
Villa da Chancellaria.
Villa de Meira.
Villa de Montaluão.
Villa de Beluer de entre Tejo & Guadiana.
Concelho da Margem.

Correição de Beja.

A cidade de Beja.
Villa de Beringel.
Villa de Ferreira.
Villa da Vidigueira.
Villa de Serpa.
Villa Ruiua.
Villa Alua.
Villa de Frades.
Villa do Marmelal.
Villa de Aljuſtrel.
Villa das Entradas.
Villa de Albergaria.
Villa de Agoa dos peixes.
Villa de Meſejena.
Villa de Caſeuel.
Villa de Panojas.
Villa de Caſtro Verde.
Villa de Alualade.
Villa de Moura.
Villa de Garuão.
Villa de Ourique.
Villa de Mertola.
Villa de Almodouuar.
Villa dos Colos.
Villa dos Padrões.
Villa de Sanctiago de Caçem.
Villa noua de milfontes.
Villa de Sines.
Villa de Mira.

Eſtremadura.

Correição de Santarem.

Villa de Sanctarem.
Villa de Almeirim.
Villa de Muja.
Villa de Saluaterra.

Vil-

Villa de Veiras de baixo.
Villa de Veiras de cima.
Villa de Alcanede.
Villa de Monte Argil.
Villa de Alcoentre.
Villa da Azambuja.
Villa de Torres nouas.
Villa de Curuche.
Villa da Erra.
Villa de Vlme.
Villa da Chamusca.
Villa da Golegaá.

Correição de Leiria.

A cidade de Leiria.
Villa da Batalha.
Villa de Porto de Moos.
Villa de Alpedriz.
Villa de Paredes.
Villa de Aljubarota.
Villa de Coz.
Villa de Maiorga.
Villa de Alcobaça.
Villa de Euora de Alcobaça.
Villa de Truquel.
Villa de Santa Catherina.
Villa de Pederneira.
Villa de Cella.
Villa da Aluerninha.
Villa de Alfeizirão.
Villa de saõ Martinho.
Villa de Selir do Porto.
Villa de Selir do Mato.
Villa de Obedos.
Villa das Caldas.
Villa do Cadaual.
Villa da Lourinhaã.
Villa da Atouguia.

Correição de Tomar.

Villa de Tomar.
Villa das Pias.
Villa de Ferreira.
Villa da Ceiceira.
Villa de agoas Bellas.
Villa de Paipelle.

Vil-

Villa de Ourem.
Villa de Tancos.
Villa da Atalaia.
Villa de Dornes.
Villa de Aluaiazere.
Villa de Poucos.
Villa de Rei.
Villa de Abiul.
Villa de Arega.
Villa da Souereira fermoſa.
Villa de Pombal.
Villa de Figueiró dos vinhos.
Villa da Gude.
Villa de Máçaãs de Caminha.
Villa de Maçaãs de Dona Maria.
Villa do Pedrogão grãde.
Villa de Punhette.
Villa de Auellal.
Villa da Redinha.
Villa do Rabaçal.
Villa de Palhaẽs.
Villa de Pouſa flores.
Villa de Peneller.
Villa de Soure.
Villa da Ega.
Villa de Cnão do couſe.
Villa de Abrantes.
Villa do Sardoal.
Villa de Maçaã.
Villa da Amendoa.
Villa de Belver.
Villa dos Enuendos.
Villa da Ponte do Sor.
Villa da Caruoeira.
Villa da Abrechoeira.
Villa de Proença a Noua.
Villa das Sarzedas.
Villa da Sartaã.
Villa de Oleiros.
Villa de Pampilhoſa.
Villa de Pedrogam pequeno.
Villa do Priorado.
Villa de Aluaro.
Concelho de Aluarões.

Correição de Alanquer.

Villa de Alanquer.
Villa de Torres vedras.
Villa da Enxara dos caualleiros.

Vil-

Villa de Monte Agraço.
Villa de Aldea Gallega.
Villa da Arruda.
Villa verde.
Villa Franca de Xira.
Villa da Alhandra.
Villa da Caſtanheira.
Villa de Maſora.
Villa da Eiriceira.
Villa de Pouos.
Villa de Cintra.
Villa de Caſcaes.
Villa de Chilheiros.
Villa de Collares.
Villa de Bellas.

Correição de Setuual.

Villa de Setuual.
Villa de Palmella.
Villa de Couna.
Villa do Barreito.
Villa de Alhos Vedros.
Villa de Aldea Gallega.
Villa da Grandola.
Villa de Alcouchete.
Villa de Cezimbra.
Villa de Almada.
Villa de Cabrella.
Villa de Çamora Correa.
Villa de Benauente.
Villa de Alcacere do Sal.

Correição de Lisboa.

A grande Cidade de Lisboa que he hum reino per ſi ſoo.

CORREIÇÕES DO ALGARVE.

Correição de Tauira.

A Cidade de Tauira.
Villa de Cacella.
Villa de Caſtro Marim.
Villa de Arenilha.
Cidade de Faro.
Villa de Loulee.
Villa de ſanto Antonio.
Villa de Alcoutim.

Correição de Lagos.

A Cidade de Lagos.
Villa de Aluor.
Villa Nova de Portimão.
Cidade de Sylues.
Villa de Albufeira.

Do nome de Portugal, donde ſe dixe, & como ſe chamava acerca dos antigos.

CAPITVLO. III.

MVi vulgar he acerca de todos os Geographos, & hiſtoriadores, o nome da Luſitania que agora chamão Portugal ſe di-

ri-

riuar de Luſo companheiro de Bacho, a que por outro nome chamão Lyſia de que tambem a dita prouincia ſe dizia Lyſitaniá. Dahi a muitos centos de annos veo a Luſitania chamarſe Portugal por eſta cauſa. Na ribeira do rio Douro ha hum lugar antiquiſſimo que o Emperador Antonino em ſeu itenerario chama cale, & agora ſe chama Gaia. O qual por ſer lugar ſituado em alto, & que tinha trabalhoſa ſeruintia para os moradores que erão os mais delles peſcadores, cõmençarão a pouoalo na parte baixa perto á ribeira do rio. E aſſi foi creſcendo, & ſe chamou Porto de Cale, & deſpois Porto Cale, & per tempo Portugal mudando o C. em G. que ſaõ letras fijs. Eſte lugar por a vizinhança do rio & commodidade do lugar ſe veo a fazer grande Pouo, & teer nome de Cidade, & igreja Cathedral cujos Biſpos em tempo de Chriſtãos antes da perdiçaõ de Heſpanha, nos concilios antigos ſe chamauão Biſpos Portacalenſes, como ſe vê no concilio Toletano do anno de DLXXXIX. em que interueo Conſtancio Biſpo Portocalenſe, & em outro concilio no anno de DCXII. em que ſe achou Argebato Biſpo Portacalenſe, & outros em outros concilios per o meſmo nome. Eſte nome de Portugal ſe eſtendeo deſpois a Braga, & a ſua terra que os Geographos chamauão Braccaros pouos de Galliza como ſe largamente vee no Arcebiſpo de Toledo Dom Rodrigo Ximenez

nez na morte del Rey Ramiro onde conta como Alcoraxi Rei dos Mouros deſtruio aquella parte de Galliza que ſe chamaua Portugal. E deſpois tratando da morte del Rey Almançor diz, que tornando com ſeu exercito entrou por aquella parte de Galliza que ſe chama Portugal. Deſpois como os Reis de Leon, que tinhão aquellas terras que chamauão Portugal, forão ganhando terras dos Mouros do meſmo nome ſe chamauão Portugal. E porque vierão a ganhar Cidades Epiſcopaes para differença dellas chamarão ao Biſpo que era Portucalenſe, Portuenſe, & os que de nouo ſe ganhauão, chamauãſe de ſeus nomes antigos. E aſſi ficarão chamandoſe Portugal as cidades do Porto, & Braga, & os mais lugares que erão dos Braccaros, ou Gallegos atê o Minho; & todas as terras que alem do Douro ſe iáo ganhando na Luſitania, atè os limites della, que ſaõ o rio de Guadiana, como Coimbra, Lamego, Viſeu, & as mais, & ainda alem de Guadiana, os lugares que temos na Betica. Eſta denominação de Portugal approuão todos os homẽs doctos deſte reino como he Duarte Galuá na chronica del Rey Dom Afonſo Henriquez, Ieronimo Oſorio Biſpo do Algarue na chronica delRey Dom Manuel & Andrę de Reſende em hũa epiſtola ſua a Bertholomeu de Quabedo. Pelo que errão os que creem Portugal ſe chamar do Porto, & dos Gallos, que o frequentauão.

Das

Das Cidades da Luſitania que pelo tempo ſe desfizerão, ou mudaram a outros lugares.

CAPITVLO. IIII.

NAtural he as couſas da terra ſtarem ſubjectas â mudança, & alterações como ſtão os meſmos elementos de que ellas ſaõ compoſtas. Em muitas partes agora he mar onde ja foi terra. E o que agora he terra foi ja mar. Em muitos lugares do ſertão mui remotos do mar ſe achão ancoras, & troços de nauios quebrados, & muitas conchas de peſcados enxeridos na terra, & outros indicios claros que foi alli mar onde agora he terra. E muitas terras que antigamente erão firmes ſe apartão de outras, mettendoſe o mar entre ellas; ficando aſſi feitas ilhas. Como Sicilia, de que dizem que foi ja terra de Italia. Cadiz de Heſpanha. Chipre de Suria. Negroponte de Grecia. E Rhodes da Aſia. Outras ſe ſomirão & deſapparecerão que as ſorueo o mar como as dez ilhas Caſſiterides que eſtauão juntas, & vizinhas fronteiras do Promontorio Nerio, que agora chamão finis terræ. Os meſmos Rios mudão o curſo que leuão, & tomão outra madre. Caem os montes, & ficão os valles cheos do que era monte, & o que agora ſaõ curraes de gado forão ja nobres, & populoſas Cidades,

des, assi como o que agora saõ Cidades forão ja matos, & habitação de bestas feras. Muitas das mesmas cidades, & villas que hora ha stiuerão ja em outros lugares, & se mudarão delles como cousas mouediças. Naõ ha quem sabe agora onde foi a Troia, nem Athenas, nem Corintho. Nem ha quem dee fé que ville algum vestigio daquella Babilonia que era hum dos espantos do mundo. Tal aconteceo a algumas cidades da Lusitania de que não ficou mais memoria que o nome que tiuerão. Colippo foi cidade nobre de que os Geographos fazem muita menção, que teue o sitio junto á cidade de Leiria onde stá a igreja de sam Sebastião de cujas ruinas Leiria se edificou. Talabrica foi junto com Auciro na ribeira de Vouga onde agora ha hum lugarinho que se chama Cacia na parte onde stá a igreja de sam Julião de que não ha mais que esta memoria. Destruida tambem jaz a cidade de Merobriga cujas ruinas chamão agora, Aremenha, por starem debaxo da serra da Estrella, que antigamente se chamaua monte Herminio. Da qual cidade se vem vestigios de templo grande, & pouoação nobre, a cujos pouos os Geographos chamarão Plumbarios, por o estanho, ou chúbo que se alli tiraua, porque a huma cousa, & a outra chamão os latinos plumbum. E Gedita que agora chamão Idanha, cidade nobre foi, & que teue See Cathedral, donde dizem algũs que crão naturais o Papa Damaso,

ſo, & el Rey Vuamba dos Godos, de que oje em dia moſtrão hũa horta, & hũa figueira que dizem que foi ſua, cujo biſpado ſe paſſou â cidade da Guarda com o nome de Egeditano. A cidade de Beja que foi jâ cidade grande, Colonia de Romanos, & hũa das relaçõ s de Heſpanha a que os Romanos chamauão juridicos conuentos, & teue igreja Cathedral, ſtá mui deminuida da proſperidade em que ſteue, & ſua igreja Epiſcopal paſſada a Badajoz, Oſſonoba no Reino do Algarue, que teue igreja Cathedral, cujos Biſpos Oſſobenſes ião aos conſilios antigos de Toledo, onde no anno de 589. em tempo delRey Flauio Recaredo ſe achou Pedro Biſpo Oſſonobenſe. E no tempo del Rey Flauio Eruigio o anno de 684. Pelito outro ſi Oſſonobenſe foi arruinada dos Mouros, & ſua igreja paſſada â cidade de Sylues que antes era ſua ſuffraganea, & della não ha mais que as ruinas que ſe vem onde agora chamão Eſtombar, ou Eſtor: Coimbra cidade antiga, & nobre, foi onde ſe agora chama Condexa a velha, duas legoas da noua Coimbra de que não ha naquelle lugar mais que hum aqueducto, & letreiros que ſe leem em Condexa a noua, & na ponte da Atadoa mudada foi para a ribeira do Mondego com ſeu nome, & See Cathedral. A qual oje ſta cidade mui nobre com a Vniuerſidade que ſe ela paſſou da cidade de Lisboa por el Rey Dom Ioão o III. onde jâ ſtiuera, hauendo ſido primeiro inſti-

tui-

tuida na meſma cidade de Coimbra por el Rey Dom Dinis. A qual cidade agora he grande, & ornada com os nobres moſteiros de ſancta Cruz, & de ſancta Clara, & muito mais com os corpos da ſancta Rainha Dona Iſabel molher do dito Rey, & delRey Dom Afonſo Henriquez, & Dom Sancho I. ſeu filho, & com muitos collegios de diuerſas ordẽs.

Cetobrica a que vierão corrõper o nome em Setuual, para onde ſe paſſou, foi tambem ſituada em hũs areaes onde agora chamão a Troia, cujo nome de Cetobriga lhe foi poſto por as ſalgadeiras dos peſcados que alli hauia de que ainda oje ha veſtigios por o trato que nella hauia de peſcados grandes ſalgados como dão final. Porque briga na lingoa antiga dos Heſpanhoes queria dizer, cidade como Lacobriga, Gerabriga, Conimbriga em que muitos nomes de pouos acabão, & *cetum* quer dizer em lingoa latina todo pexe grãde como atuũs, coruinas, & outros taes pexes a que chamão beſtiaes. E porque parece naquella terra hauia trato daquelles peſcados ſalgados, ſe veo a chamar Cetobriga aquella villa cujo nome ſe corrẽpeo em Setuual, que lhe ſuccedeo na pouoação que ſe paſſou da outra banda do rio como a lugar mais cõmodo. A qual hora he huma das nobres villas de toda Heſpanha, & nomeada por as muitas partes que nella concorrem, por os edificios de marmore jaſpeado de que he edificada, por os mais nobres, & ſaboroſos

peſ-

peſcados que ha em toda Europa quê em ſeu rio, & no mar vezinho ſe peſcão, dos quaes ſe baſtece grande parte de Heſpanha. E por o grande, & fermoſo porto aonde vem prouerſe de ſal de todas as prouincias do Septentrião, porque aquella terra he rica, & mui celebrada. Merobriga ſtaua no campo de Ourique perto do promontorio Cuneo, & junto dous tiros de beſta ao lugar que ſe hora chama Santiago de Cacem aonde parece que mudarão aquella pouoação por a aſſentarem em lugar mais alto, & ſalubre. O porto de Anibal, no reino do Algarue era huma pequena ilha onde parece que veo por alguma occaſião apportar Annibal, por o que ſe chamou aſſi, ſtá toda aruinada a pouoação, & das ruinas della dizem que ſe edificou huma das duas villas que tem por vizinhas, villa Noua de Portimão, ou Aluor. A villa de Mourão que ſtá alem do rio de Guadiana na parte que Portugal tem na Betica, ſteue ja junto da ribeira, mea legoa afaſtada donde agora ſtá, onde chamão a villa Velha fronteira de Monçaraz.

Da mudança, que houue nos nomes das cidades, ou villas, & rios da Lusitania.

CAPITVLO. V.

A Variedade das gentes, que em Hespanha vierão habitar, & dominar foi causa de se mudarem os nomes antigos que as cidades, & lugares tinhão ao tempo de sua fundação. Hũs mudarão os Gregos; outros os Phenices, & Carthagineses, & Romanos. Despois dos Romanos que tiuerão o inteiro dominio, & derão sua lingoa aos Hespanhões, os Godos, Alanos, Sueuos, & os mais barbaros destas gerações septentrionaes que vierão a dominar aquella prouincia, corromperão, & mudarão muitos como fizerão a tudo o bom que dos Romanos acharão, como de gente a que erão mais infestos per odio, & inueja de sua muita potencia, & policia, alem de lhes corromperem a lingoa latina que em Hespanha se fallaua tam propria como no mesmo Latio, & vierão arruinarlhe os edificios, quebrarlhes as statuas, apagarlhes os letreiros, e queimarlhes as liurarias, como homẽs crueis que erão, & de natureza brutal. De maneira que pela repartição que el Rey Myro, & Vuamba fizerão dos Bispados, & lugares delles quasi se não acha nome que não mudassem, como cada hum verá conferindo os nomes daquel-

quelles lugares com os de agora. De que poremos hum exemplo no Bíſpado do Porto a que el Rey Myro aſſinalou eſtes lugares por ſeu diſtricto, & Dioceſe, Caſtro Nouo, villa Noua, Perſonia Verea, Monderio, Torebia, Babauſte, Lumbo, Necis, Napoles, Curmano, Magnito, Lopereo, Tongobria, villa Gomedes, Tauaſſa, Paga, Labronico, Alitobrio, Valeriola, Trubuco, Cepis, Mendas, Valentia: E na diuiſaõ de Vuamba dizia que os limites deſte Biſpado foſſem de Albia atê Loſola, & de Olmos atê as ilhas Caſſiterides. E os limites do Biſpado de Lisboa foſſem de Carta atê Ambia, & de Olla atê Matraual. E os do Biſpado de Euora deſde Cetobra atê Pedra, & de Rutella atê Parada, & os mais aſſi per nomes que não hauia antes em tempo dos Romanos, nem agora ha.

Os lugares de Portugal que hoje retém os nomes do tempo dos Romanos, ou inteiros, ou corruptos em parte, ſoo achamos Lisboa, Euora, Coimbra, Lamego, Braga, Serpa, Beja, Vouga, por *Vagua*, Alterdochão por *Elter*, Lagos por *Lacobriga* corrupto per diminuição de ſyllabas, Malaçeça por *Malateca*, Couna por *Equabona*, Mertola por *Mirtylis*. E os rios Mondegos por *Munda*, Tejo por *Tago*, Guadiana por *Ana*, Minho por *Minio*, Aue por *Auo*, Neiua por *Nebis*, Lima por *Limia*, Tamaga por *Tamaça*, Seire por *Seilia*, Cabado, por

Cadauus, Coa por *Cuda*, Douro por *Durio*.

Dos Iuridicos conuentos, ou Relações, que hauia na Lusitania.

CAPITULO VI.

NO tempo que os Romanos senhoreauão Hespanha, tinhão nella suas Chancellarías, ou Relações a que chamauão Iuridicos conuentos, aonde as partes vinhão com suas appellações, & aggrauos. E como tudo o que tocaua a Republica, & a bom gouerno fazião com muita prudencia, & policia, assentarão aquelles conuentos nas mais principaes Cidades, & mais abastadas das prouincias, & em tal distancia hũas das outras, que as partes não recebessem oppressaõ de longos caminhos em irem requerer sua justiça. Destes Iuridicos conuentos ou Relações; hauia quatorze em toda Hespanha, sete na citerior que era a prouincia Tarraconense, & outras sete na interior, que era a Lusitania, & a Betica. Os conuentos da Citerior stauão assentados nas Cidades de Cartagena, Tarragona, Caragoça, Astorga, Braga, Lugo, & Corunha. Os conuentos da Betica que erão quatro, stauão na ilha de Cadiz, em Seuilha, em Cordoua, & em Ecija. Na Lusitania em Merida, em Beja, & em Santarem, das quaes Me-

Merida não entra no ſtado de Portugal, mas em ſeu lugar ſuccedeo Braga, que era da prouincia de Galliza, que ſe inclue na Tarraconenſe. Ao conuento de Merida, vinhão os pouos de Alcantara, Coria, Caceres, Trugilho, Plazencia, & Auila. Ao de Beja vinhão do reino do Algarue, & das comarcas todas de Alentejo. Ao de Santarem acodião deſda Cidade de Lisboa atê o Douro onde ſe acaba a Luſitania, & os lugares da Eſtremadura, & todas as comarcas da Beira, & parte de tras los montes até os termos de Camora, & as Cidades de Miranda, Salamanca, Ciudad Rodrigo, & outros lugares daquella parte. A Braga qué ficou com Portugal alem da Luſitania ſendo parte de Galliza, & da prouincia Tarraconenſe, vinhão des do Porto até o Minho, & paſſando o Minho entrando em Galliza, & partindo todas as terras daquelle Reino, & conuentos de Lugo, & da Coruunha.

Dos lugares da Luſitania, que no tempo dos Romanos erão municipios do direito antigo de Latio, ou do direito Italico, & como ſoo Lisboa tinha o direito de cidadãos Romanos.

CAPITVLO VII.

HAuia antigamente aſſi em Heſpanha como em outras prouincias ſubjectas ao imperio Romano muitas a que os Romanos tinhão por Socias, & confederadas, & a que dauão priuilegios, & honras, & a cujas cidades, & lugares fazião municipios Romanos, que querem dizer participantes dos officios & honras que os cidadaõs de Roma em ſua Cidade tinhão, & os hauião por vizinhos para na Cidade de Roma terem cargos, & magiſtrados, & poderem militar, & vencer ſoldo em ſuas legiões, & nellas terem officios. E a outros lugares mandauão Colonias, que era gente da meſma Roma para as pouoar que gozauão das meſmas prerogatiuas, que tinhão em Roma donde vierão. E porque eſta materia de municipios, & colonias diz Aulo Gellio auctor Romano, & antigo, & grande inueſtigador das antiguidades, que he tam abſtruſa, & intricada que não ſe achará quem diga, que ſtà reſoluto nella, nos aſſi ao noſſo groſſo modo quanto pudermos raſ-

te-

tejar, ajudandonos assi do que nisso diz o mesmo Gellio, & os nossos jurisconsultos antigos, & neste tempo, Andre Alciato, & Onuphrio Panuinio diligentes antiquarios, diremos o que baste para ter alguma noticia do que se das ditas cousas diz, ao menos do nome dellas. Para o que hemos de presuppor que cousa he municipio, & de quantas maneiras hauia municipios. Municipio se diz desta palaura, *munus*, que quer dizer officio com honra, & do verbo *capio capis*, que quer dizer tomar, ou receber. He por tanto nesta materia municipio, aquelle lugar a que o pouo Romano deu priuilegio, & fez participante de poder, em Roma os officios publicos, & magistrados, & de militar nas legiões dos Romanos. E de municipios hauia duas maneiras, huns a que chamauão, do antigo Latio, porque os primeiros, a que os Romanos derão este priuilegio, forão os de Latio, que erão os pouos latinos. E Latio chamão aquella pequena região de Italia em que staa Roma. Este nome Latio, lhe foi posto por a antiga historia de Saturno, que dizem que fugindo de seu filho, se escondeo naquella parte, do verbo *lateo lates*, que quer dizer, star escondido. E de Latio se denominarão aquelles pouos latinos, & latina a lingoa que fallauão a que tambem chamauão Romana por Roma ser a cabeça do Latio. A estes pois derão os Romanos priuilegio por se-

serem todos hua gente, que pudessem militar nas legiões Romanas, & nellas vencer soldo, & hauer todos os officios, & preeminencias que os Romanos assi nas legiões como na Cidade tinhão, & nella pudessem pedir os magistrados, & serem electos para elles. Soomente lhe exceptuarão o direito dos suffragios, que era no poderem elles eleger nem votar como Cidadãos. Isto era ser municipe do Latio antigo. Despois assi a estes do Latio como a outros concederão os Romanos pelo tempo, que pudessem tambem entre as tribus votar, & eleger em Roma como Cidadãos & em tudo fosse havido por verdadeiros Cidadãos de Roma, & os seus lugares municipios de Cidadãos Romanos. Despois por guerras, que os Romanos trazião com muitos pouos de Italia, per composição lhes concederão o mesmo direito de Cidadãos de Roma em tudo, & a este direito chamão Italico de que os nossos Iurisconsultos fazem muita menção. Entre estes municipios, hauia outra differença, que hũs erão stipendiarios, que queria dizer, tributarios, & outros liures, que não pagauão tributo, segundo rezauão os priuilegios que lhes dauão. Despois de os pouos de Italia terem o direito de Cidadãos Romanos, o Emperador Vespasiano (como screue Plinio, que foi seu capitão, & seu familiar) andando atribulado com a guerra em que andaua com os Hespanhões por os re-

reter em ſua amiſade, lhes concedeo a todos forçado da neceſſidade o direito Italico. Mas como bem aduirtio Andre de Reſende, parece que eſte priuilegio não durou muito, & cada hum ficou com o que particularmente tinha. Porque ſe o priuilegio durara atee o tempo em que Plinio ſcreueo, non contara em particular os que tinhão o priuilegio de Latio, nem o de Cidadaõs Romanos, pois todos os de Heſpanha o tinhão em geral, nem contara os que erão ſtipendiarios ou tributarios.

Sabido que couſa era municipio, reſta dizermos os pouos da Luſitania que gozauão deſte priuilegio. E ſegundo Plinio, nella ſoo hauia hum municipio de Cidadaõs Romanos, & eſte era a Cidade de Lisboa cujos Cidadaõs não tinhão differença alguma nas couſas da paz, & da guerra nos votos actiuos & paſſiuos para elegerem os magiſtrados, & ſerem electos pera todas as honras. Do direito de Latio erão as Cidades de Euora, Mertola, & Alcacere do ſal. Alem deſtos quatro municipios que erão liures de tributo, hauia na meſma Luſitania trinta & ſeis ſtipendiarios, os quaes poſto que em o mais foſſem como os ditos municipios quanto aos tributos, non ſe releuauão tanta copia de lugares que erão municipios per todo o Orbe, porque ficaria o erario do Imperio defraudado. Aſſi que aquelles non pagauão, que erão do direito antigo de Latio. E por eſte priuilegio que ſe deu a

Ci-

Cidade de Euora, a Alcacere do Sal, & a Mertola, se veraa quam nobres forão, & como testificão as memorias que dellas ha, nos Geogtaphos, & por os nomes que lhes forão postos, alem dos antigos, que a Euora chamarão *Liberalitas Iulia*: o que parece foi por merce de Iulio Cesar, por algum seruiço que daquelles pouos recebeo. Estas Cidades forão ja grandes, & nobres como sempre mostrou Euora em todos os tempos, o que non impede a Alcacere do Sal, não lhe verem grandes vestigios de muros, & torres, & grande cerca. Porque como Ambrosio de Morales bem aduirtio, nas antiguidades de Hespanha fallando de Cordoua a velha, que hauendo sido nobilissima, tinha cerca pequena. Porque os mesmos Romanos posto que nos edificios publicos fossem magnificentissimos, nos particulares de suas casas erão mui moderados.

E muito mais conuinha serem no os Hespanhões por as grandes inquietações, & guerras em que a misera Hespanha andou emuolta, conhecendo cada dia nouos senhores, como forão os Iberos, os Phenices, os Persas, os Gregos, os Carthagineses, os Romanos, os Godos, os Strogodos, Vesogodos, Vandalos, & Suenos, & despois os Mouros, que arrasauão tudo o que achauão em pee. Pelo que parecia, que então mais lhes seruião as Cidades com suas fortalezas, & muros de defensaõ que de habitação, como pelo

dis-

diſcurſo das hiſtorias daquelle tempo ſe pode veer. E tambem não tinhão a vaidade, & o luxo tomado tanto lugar no mundo. Porque na meſma Roma ſe hauia hum Marco Scauro, & hum Luculo, & hum Lepido, que tiueſſem ſumptuoſſimas caſas em que viueſſem, neſſes meſmos tempos auia em outros Cidadãos mui nobres, que triumpharão de muitas gentes, tanta moderação, que ſcreue Plutarcho na vida de Paulo AEmilio, tratando de Elio Tubero ſeu genro, que ſe achou com elle na guerra de Macedonia, que dezaſeis Elios Irmãos & parentes com ſuas familias, viuião todos em hũas Caſinhas de que era hum eſte genro de Paulo AEmilio que triumphou de Macedonia. E vindo a noſſos tempos, muitas caſas ſabemos hoje neſte Reino em que antigamente viuião homẽs mui abaliſados & de grande nome, em que hum eſcudeiro agora ſe afrontaria de morar. Tornando á materia dos muncipios, dizemos que os priuilegios, & liberdades erão mui varias, & ſe reſtringião a huns pouos mais que a outros. E deſpois ſe eſtreitarão tanto que o Emperador Antonino fez conſtituição que os magiſtrados de Roma ſe não deſſem per votos, & ſuffragios dos Cidadãos mas ſomente os nomeaſſe o Emperador. O meſmo Emperador (ſegundo a interpretação de Andre Alciato) concedeo a todos ſubjectos ao imperio Romano, que ſe podeſſem chamar Cidadãos de

Ro-

Roma, & gozaſſem dos priuilegios de Cidadãos. Do que ainda ficaua alguma vtilidade. Poſto que não releuaſſe aos prouinciaes de pagar tributo, & não tiueſſem voto em nada, porque inda lhes ficaua que podião militar nas legiões Romanas, & teer nellas officios, & não podião por razão de algum delicto ſer açoutados, nem hauer pena vil, do que ſe valeo o Doctor das gentes ſam Paulo. Porque (como nos Actos dos Apoſtolos ſe lee) ſe liurou das mãos do Tribuno de Damaſco que o mandaua açoutar, allegando que era Cidadão de Roma, por ſer natural de Tarſo cujos moradores tinhão priuilegios de Cidadãos. Porque como diz Plinio tratando de Cicilia, & de ſuas Cidades, Tarſo era Cidade liure, no que denota hauer ſido colonia, ou municipio de Romanos. D'outro priuilegio gozauão os Cidadãos, que ſendo caſados com molher Cidadãa tinha a patria poteſtade nos filhos que outros não podião ter, ſenão erão Cidadãos Romanos.

Dos lugares que na Lusitania erão colonias de Romanos, quantas maneiras hauia de colonias, & que differença hauia de colonias a municipios.

CAPITVLO. VIII.

DO muito que dixemos sobre a materia dos municipios, fica mais facil a das colonias & a differença que hauia de huma cousa a outra. A Colonia era hum corpo de gente que o pouo Romano tiraua de si & o mandaua pouoar algũa Cidade ou lugar. E as causas porque se estas Colonias mandauão, erão muitas. Huma era por hauerem ganhado algũas terras, cujos moradores lançarão fora, & os condenarão em perdimento das terras, a as quaes ficando vagas mandauão tantos dos mais pobres Cidadãos com suas casas, & familias, quantos erão necessarios pera pouoarem as terras segundo a quantidade, & qualidade dellas. E a cada hum daquelles colonos dauão certas geiras de terra de que os fazião senhores pera as laurarem & cultiuarem. Com estas colonias fazião os Romanos muitos proueitos. Porque alem de darem terras, & possessões a aquelles seus cidadãos pobres com que ficauão ricos, stablecião o imperio, & o assegurauão substituindo em lugar dos imi-

gos

gos a seus Cidadãos naturais, & o estendião mandando a terras estranhas, & remotas tantos Cidadãos Romanos que fallauão sua lingoa, & viuião por suas leis. E a ordem que tinhão em mandar estas Colonias era esta. Criauão tres Cidadãos a que chamauão Triumviros dos quaes tomauão em scripto os que se offereciaõ para ir nas colonias, & delles apurauaõ o numero que se hauia de mandar, & os leuauão a a terra que se lhes dana, & ou habitauão as Cidades que lhe despejarão os imigos, ou fazião outras de nouo, & alli se fazia a repartição das terras, & das possessões vagas. E assi como em Roma hauia pouo, & senado, assi estes Triumviros diuidião aquelles nouos Colonos em plebe, & em curiões. Os curiões, representauão huma imagem do senado, & a plebe o pouo Romano. Destes decuriões se elegião cada anno dous, a que chamauão *Duumviros*, que quer dizer, os dous do gouerno, ou fazião quatro a que chamauão *Quadrumviros*, segundo a grandura do pouo, os quais erão como em Roma os Consules. Alem destes se criaua hum Edil que he como agora entre nos, Almotacel que tinha cargo da limpeza, & edificios da cidade, & dos mantimentos necessarios, & de arrendar as rendas da Republica, & hum Questor que era hum veedor, ou contador da fazenda que tinha cuidado dos gastos que se fazião, de cobrar

brar o que se deuia, & de guardar o thesouro.

Outra maneira de mandar colonias era, que, sem hauer terras tomadas, ou confiscadas, mandauaõ os Romanos muitas vezes colonias a algũas Cidades de que se temião para as asségurarem, as quaes lhes seruião como de presidios, & se região da mesma maneira que as primeiras, & tinhão os mesmos priuilegios. Mas os proueitos que hauião em lugar das terras que não vagauão nem lhes dauão, não me consta. Estas colonias saõ aquellas, de que Marco Tulio faz menção na oração segunda contra Rusto per estas palauas.

Hoc in genere sicut in cæteris Reip. partibus est operæ pretium diligentiam maiorum nostrorum recordari, qui colonias sic idoneis in locis contra suspicionem periculi collocarunt ut non oppida Italiæ, sed propugnacula imperii esse videantur. E na oração por Fonteo fallando de França, *Est in eadem prouincia Narbo Martius colonia nostrorum ciuium specula populi Romani, atque propugnaculum istis ipsis rationibus oppositum & obiectum.* Outras colonias hauia, que não erão de gente, que se mandasse a pouoar, mas honorarias & titulares, a que dauão priuilegio de colonias para os honrarem & serem auidos por Cidadãos com pagarem seus tributos, como se agora dão priuilegios de Alemães a muitos que não

virão Alemanha. Eſtas colonias todas, a que ſe mandauão Cidadãos Romanos em tudo ſe região pelas leis de Roma ſem diſcrepancia alguma. E eſta era a differença que tinhão dos municipios, que os municipios erão mais liures, & ſe região pelas ſuas leis municipaes que fazião a ſeu arbitrio, & as colonias não tinhão outras leis ſenão as de Roma de cujo corpo ſairão adſtrictos a ellas. Mas as colonias que na repreſentação eraõ imagẽs da meſma Roma, ou para dizer melhor, cada huma era huma pequena Roma, erão mais nobres que os municipios, & os municipios mais liures, & priuilegios que as colonias por viuerem per ſuas proprias leis, & não pelas alheas.

Sabido que couſa he colonia, & quantas maneiras ha dellas, venhamos ás que os Romanos mandaraõ á Luſitania. E Plinio, & os mais Geographos nomeaõ cinquo. A primeira he Merida. A ſegunda Medelhim. A terceira Norba Ceſarea, que era hum lugar pegado a ponte de Alcantara que agora ſtaa arruinado. A quarta era, Pax Iulia que he a Cidade de Beja, & não Badajoz, como affirmaõ falſamente os que naõ viraõ Beja, nem os leitores, & antigualhas que nella ha, nem os diſcurſos que ſobre iſſo fizerão com grande curioſidade Andre de Reſende em todas ſuas obras, & Gaſpar Barreiros no ſeu Itinerario de Roma, que a tudo tem mui bem ſatisfeito. E muito mais ſe ſatisfarà quem leer

hũa

hũa pedra de letras mui bem talhadas que os Cidadaõs antigos de Beja dedicarão ao Emperador Lucio Aurelio Commodo que he o mais autentico, & publico iuſtrumento que poderão teer de ſua nobreza, & honra que lhe os Emperadores derão aqual diz aſſi.

LVCIO AELIO COMMODO IMP.
CAES. AELII ADRIANI AVG.
PII PP FILIO. COL. PAX. IVLIA. DD.
Q. PETRONO MATERNO
C. IVLIO IVLIANO.
IIVIR.

E fora da porta de Moura ſe vee hũ pedaço de outra pedra de mui grandes letras que teẽ eſtas palauras.

CVRIAE PONT FLAM.
PACIS IVLIAE VL. . .
FLAMI. . . . .

E nas eſcadas da igreja de ſancta Maria, outro pedaço de pedra quebrada, que teem eſtas letras.

PAX IVLI
Q. PETRON.

OVtras muitas pedras ha naquella Cidade quebradas pelos muros que os Mouros & outros barbaros deſfizerão quando fazião a

&

cerca que hora tem, em que não ha do antigo mais, que tres portas da Cidade de traça Romana mui bem edificadas. E ha pela Cidade em diuersos lugares algũas cabeças de touros de marmore grandes, & mui naturaes, como feitas per mão de official Romano: quo he a propria insignia das colonias: porque este nome colono alli compete aos que pouoão, como aos que laurão as terras, que lhes repartem, que per nenhuma cousa demostra mais, que por a figura he hum boi como principal instrumento da lauoura: como se vee no aueſſo de muitas medalhas, & moedas antigas que se mandarão fazer per Cidadãos de colonias Romanas. Soo resta dizer de Beja, que era colonia do direito Italico, & immune, & liure de tributo, como se vee do l. 1. *Digestis de censibus* que diz, *In Lusitania Emeritensis & Pacensis Iuris Italici sunt.*

A quinta colonia era a Cidade *Scalabis*, que he Santarem a que os antigos tambem chamauão *Præsidium Iulium*. O que parece lhe deu Iulio Cesar mandandolhe colonia para star em presidio, & força com que se asseguraua o stado dos Romanos per aquella razão de que acima fizemos menção das colonias que se mandauão a lugares para serem propugnaculos, & defensão & seguridade sua. O que se collige do sitio inexpugnauel da villa de Santarem. O que não foi sem causa por-

porque hũa das naçoẽs que mais assombrarão aos Romanos, & de que mais dano receberão, forão os Lusitanos de que tantas vezes forão vencidos, & afrontados atee per treição (o que de Romanos nunca se vio nem sperou) lhe matarem seu capitão Viriato, que era terror de Roma. Esta Cidade de *Scalabis*, ou presidio Iulio, diz Onufrio Panuinio varão de grande diligencia, & curiosidade na inuestigação de cousas antigas, que era a Cidade Trugilho como tambem dixe, que a colonia *pax Iulia* era Badajoz, enganado como estrangeiro que era, da falsa informação que algũs naturaes de Castella lhe derão para terem tam acreditado author por si: sendo na verdade Trugilho, *Castra Iulia*, que com Caceres que se chamaua *Castra Seciliana* erão annexas aa colonia Norba Cesarea de que acima fizemos menção.

CAPITVLO. IX.

Dos montes & serranias que ha no Reino de Portugal.

ASsi como no corpo humano & de quaesquer animaes a prouida natureza fabricou ossos para firmeza da carne, & ligatura de humas partes com outras, assi ordenou na terra montes altos, & serranias da mesma terra, & dura pedra, como hum espinhaço

della pera ſtabilimiento , & incorporação de hũas partes com outras , & para muitas vtilidades dos homẽs. Porque com as alturas dos montes ſe abrigão as terras , & ſe amparão das injurias dos ventos. Das agoas que delles manão ſe fazem os Rios caudaloſos , & grandes com que as terras ſe regão & humedecem , & porque os homeẽs nauegão & ſe ſeruem de hũas partes a outras com mais facilidade , & tem entre ſi comercio. Nos montes ſe crião as aruores , & madeira com que edificamos as caſas em que viuemos , & com que nos aquentamos , & ſe fabricão os inſtrumentos com que ſe a terra cultiua. Nelles ſe crião os gados de que nos mantemos , & de que nos ſeruimos. Com os montes ſe refream os impetos dos Rios para que não deſtruão , & danifiquem as terras para ſe nelles poder ſemear , & colher os mantimentos , & couſas neceſſarias aa vida. Nos montes ſe defendem hũs homeẽs das oppreſſoẽs dos outros , & a elles ſe acolhem como a caſtellos , & lugares em que teem amparo , & defenſaõ certa. E por iſſo nos lugares altos ſe edificarão ſempre as fortalezas , & caſas dos Reis : porque alem da defenſam que nelles achão , delles como de atalaias ſe veem as terras , & o que nellas ſe paſſa , & ſe daa contentamento a quem as vee. Seruem tambem os montes de ornato ao mundo. Porque ſe a terra toda foſſe plana alem de carecer das commodidades que dixemos ,

& de outras muitas, naõ contentarião tanto áa vista, porque nem a fermosura dos valles, & sua verdura alegra tanto como quando junto delles se vee a aspereza & altura dos montes, assi como a musica naõ seria perfeita nem suaue, se todas as vozes soffem a hum tom, & não houuesse hũas agudas que se leuantassem, & outras graues que se abaxassem. Porque á variedade he a que contenta, satisfaz em todas cousas. Outra vtilidade resulta, de se leuantarem humas terras mais que outras, & hauer nellas desigualdade, que os caminhantes sendo iguaes, receberião grande nojo, & fastio caminhando por ellas. Porque alem de não terem os olhos em que fazer pausa, nem acharem balisas para saberem quanto andauão, sentirião grandissimo trabalho, & cansacio leuando sempre o corpo em hum stado sem se os membros mudarem de huma postura em outra subindo, & descendo. E natural cousa he o caminho que tem marcos & balisas parecer mais pequeno, & folgarem os homeẽs de saber o spaço que tem andado para com mais spirito proseguirem o que lhes fica por andar. Porque não parece tam largo o spaço a que sabeis o certo fim: o que não seria em terra que fosse toda de huma figura. E não soomente para as cousas corporaes se achão grandes prerogatiuas, & vtilidades nos montes, & serranias, mas ainda muitas para as spirituais.

Porque parece que como no ſitio ſe leuantão da terra mais que as outras partes, della nos leuantão tambem o ſpirito na contemplação das couſas do ceo, de que ſe moſtrão ſtar mais perto. E aſſi entre todas as gentes ſe tiuerão os montes por couſa tam ſancta, que nelles tinhaõ para ſi, que habitauão ſeus Deoſes, & ſuas deidades em que crião. E deixando agora a gentilidade, & ſeus montes Olympos, & Parnaſſos com ſuas muſas, a ſagrada Scriptura ſtaa chea de miſterios dos montes & cumes altos da terra. No monte Oreb fallou Deos aos homeẽs. No monte Sinai ſeu vezinho, lhes deu as leis, & preceptos em que auião de viuer. Em hum monte mandou Deos a Abraham que lhe ſacrificaſſe ſeu filho. Nos montes Carmelo, & Libano ſe obrarão grandes miſterios, & nelles habitauão os Prophetas. No monte Tabor ſe transfigurou noſſo Senhor Ieſu Chriſto, & no monte Oliueti habitaua a moor parte dos dias: & a elle tornaua a orar de noite: delle quis ſubir aos ceos. E no monte Caluario quis padecer, & ſobre todos os tabernaculos de Iacob (como diz o Propheta) amou o Senhor o monte de Syon. Eſtas vtilidades, que reſultão dos montes, & o mouimento que em noſſos animos fazem, naturalmente o vemos. E as ſaudades, & lembranças que trazem, me fazem parecer melhor os que neſte Reino hâ, & o compaſſo em que por elle ſtão com-

par-

partidos para vniuerſal proueito, & ornamento delle. Os Geographos que das terras, & de ſeus ſitios nos deixarão noticia, dizem que para os effeitos que acima diximos, a natureza fabricou ao vniuerſo mundo, hum eſpinhaço de montes, cujo prinsipal tronco hé o monte Tauro. O qual diuidindo o mundo com os braços que de ſi lança para todas partes, tem diuerſos nomes, ſegundo as lingoagés ſaõ das gentes em que apparecem. Onde aparta as prouincias de Pamphilia, & Cilicia da Armenia menor, que he onde mais que em outra parte alguma ſe leuanta, he Tauro. Em huma parte da India ſe chama Caucaſo. Em outra, Paraponiſſo. Os ramos que lança, huns ſe chamão Caſpios, outros Phypheos, outros Hyperboreos. Em Africa he Athalante. Onde diuide a Germania da Italia, ſaõ Alpes. Onde entra em Italia, ſaõ Apeninos. Onde diuidem França da Heſpaha, ſaõ Pyreneos. Deſtes Pyreneos ſaem por toda Heſpanha muitos braços, ou ramos, que tambem tomão diuerſos nomes pelas terras onde ſe deſcobrem. Porque em hũas partes ſaõ Idubedas, em outras Oroſpedas, que com ſeus retorcidos caminhos que fazem, cercão, & cortão toda Heſpanha, dos quaes ſaem outros eſgalhos, que correndo por partes de Galliza, entrão neſte reino pela villa de Chaues. Outros diuidem a terra dentre Douro & Minho, tomando hum pedaço do Reino

de

de Liáo, que se agora inclue no Reino de Portugal, que era parte da Galliza antiga, que chamamos Tralosmontes. Outro ramo que procede dos montes Idubedas, que correm per Bonilha, & per Bejar, & per junto de Plazencia, contra a cidade de Coria, dahi a pouco se mette em Portugal não longe da Cidade da Guarda: que he o que os antigos chamauão Herminio, segundo, com diligencia mostrou Andre de Resende nas antiguidades da Lusitania. Ao longo deste monte Herminio, & aa sua sombra estão muitos lugares de que algũs saõ grandes, & nobres, como sam a Cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Maruão, Alegrette, Couilhaá, & a Cidade de Medobriga que em tempo dos Romanos foi grande, & bem edificada: segundo mostrão suas ruinas, & parte dos edificios que hoje se veem. A qual por estar ao pee do monte Herminio, a gente popular chamou Armenha. Porque parte deste monte Herminio he a serra da Estrella, posto que afastada este, & não continua com a serra que atras dixemos, como se vee pelos instrumentos & scripturas que Andre de Resende refere no lugar acima dito, cujos registros eu li na torre do tombo em que se conteem as terras de que naquellas doações se trata, que na verdade stão ao pee da serra da Estrella, no territorio de Sea, & de sam Romam, & de Lagares debaixo do monte Her-

me-

meno, que assi chamaõ ao Herminio, & aa cidade de Medobriga, Aremanha, que ao pee da dita serra stá situada. Ao que não obsta star afastada da outra serra que diximos ser monte Herminio, por as razoẽs que demos do monte Tauro, & dos outros todos em geral que hora apparecem, hora desapparecem, não segundo o curso continuo, sendo todo hum monte. E assi he certo que se cauassem a terra profundamente, acharião no interior della continuação & raizes de montes onde aa nossa vista desapparecem. Do que vierão muitos a crer (segundo Floriam do Campo no lib. 1. de sua historia) que debaxo da agoa do mar Oceano se continuá a serra de Sintra atee a Ilha da madeira que dista della cento & cinquoenta legoas. O que não seria para ter por impossiuel ou cousa admirauel, pois sabemos que no mar ha profundos penedos & rochedos, porque tambem he terra o que o mar cerca, & encobre. Esta parte do monte Herminio, que vulgarmente chamão da Estrella, he a mais alta, & a mais celebre parte delle & serra altissima em que continuamente ha neue: a qual quando no verão se derrete, faz grandes & fermosos pasigos para muita criaçaõ de ouelhas que naquella serra, & seus contornos ha, a que tambem os de entre Tejo & Guadiana vem pastar seus gados. E esta serra he a mái de muitas fontes & rios de que ao diante faremos menção.

Em

Em a parte que desta serra se leuanta mais, ha hum monte feito a maneira de meda, ou pyramide, a que os da terra chamão Serra do Cantaro, que tem no contorno da raiz algumas milhas, & he de notauel altura. No cume deste monte ha huma grande lagoa de agoa estanque que tem de circuito muitos passos, de tal natureza, que quando ha tempestade no mar, a agoa delle se moue, & embraueſſe como o mesmo mar, stando aquella alagoa afastada delle algumas legoas. Na qual dizem os da terra, segundo refere Ioaõ Vaseo na sua Chronica de Hespanha, que se vem pedaços de nauios. Do que conjecturaõ que aquella agoa tem alguma communicaçaõ com o mar, posto que a agoa he doce, & não salgada. E o que mais espanto faz, he, segundo o mesmo Ioão Vaseo, que em hum monte junto com a villa de Chaues na comarca de Traloſmontes, lugar tam mettido no sertão & alongado do mar, ha outra lagoa em que se vee o mesmo: a que com mais tralho se dara outra razão: senão a que diz Plinio, que saõ segredos da natureza. A razaõ porque algũs dizem que se deu a esta serra o neme que tem foi, porque huma ponta della ao longe mostra semelhança de huma estrella.

CA-

CAPITVLO. X.

Da ſerra de Sintra.

PORque não he noſſo propoſito tratar de tudo o que ha nas ſerras de Portugal, ſenão ſoomente de algumas em que nos pareceo hauer algumas couſas que notar, ſeguirei a ordem em que vão enfiados, & quaſi continuando huns com otros. A ſerra de que ſe muito pode dizer, he a de Sintra, mui conhecida dos nauegantes de todas as naçoẽs, e mui digna de ſe nella fallar, aſſi por ella ſer o marco, & limite per onde (como diz Plinio) ſe diuidem & apartaõ os elementos da terra, agoa, & ar, & ſer o vltimo lugar do mundo pela parte do Occidente, como por a freſquidão & amenidade della: por a qual & pola deleitoſa viſta que para o mar, & para a terra tem os Reis de Portugal na villa de Sintra, que ao pee deſta ſerra ſtá, coſtumauão paſſar os meſes do eſtio em huns riquiſſimos paços que hi tem. O cabo deſta ſerra que enteſta no mar, a que os nauegantes chamaõ Rocha de Sintra, chamauão os Geographos antigos Promontorio da Lua, & outros Oliſiponenſe, por a vizinhança que com Lisboa tem, de que diſta cinquo legoas. Outros (ſegundo Strabaõ) lhe chamauão Hierna.

Neſ-

Neſta ſerra ha muitas couſas dignas de notar, a primeira, que em hum pico della em huma penha, & pedra viua ſtá edificado hum moeſteiro, da ordem do bemauenturado ſaõ Ieronimo, a que por ſtar ſituado naquelle lugar, chamão noſſa Senhora da Penha, cuja igreja, & as mais officinas neceſſarias a hum moeſteiro, & hoſpedaria mui nobre para agaſalhar os romeiros que ahi vão ter, nouenas, ou alguma vigilia todas ſtão edificadas, & lauradas ao picão em huma pedra viua, ſendo duriſſima de pedernal. E para a clauſtra, & jardim onde tem aruores de eſpinho, & heruas odoriferas, ſe trouxe a terra de fora para ſe ſoſtentarem. A outra he a ameniſſima viſta, que daquelle moeſteiro apparece, que todos que a vem, confeſſaõ ſer a mais deleitoſa do mundo: porque ſe deſcobrem de huma parte o mar oceano, & ao rodor daquella ſerra, os mais appraziueis & ſpeſſos valles que ſe podem dizer, cheos de aruores de eſpinho, & por outra parte de caſtanheiros, & cereigeiras, & de todo genero de aruoredos: outros de frutta que ſe podem nomear, & ao mais longe, grandes campos cultiuados, & fertiliſſimos, de muito pão, & criaçoẽs que naquella comarca ha: o que faz parecer mais apraziuel & freſco, a grande aſpereza dos penedos daquella ſerrania, que ſaõ grandiſſimos, & deſpegados huns dos outros, & empinados muitos delles:

les: demaneira que fazem medo a quem os vee; porque parece que ſtão ameaçando ruina, & que forão chouidos, ou feitos aa maão, & por induſtria humana para ornarem aquelle lugar, ſegundo a creſpidão que moſtrão. Na parte da ſerra em que o mar bate que he a chamada Rocha de Sintra, ha outra couſa que faz admiração, & em que ſe pode ver a audacia dos homes ou cobiça, que aquella parte da rocha proxima aa praia do mar he tam ingreme, & direita como huma torre altiſſima, & tam liſa que parece que ſe polio aa vnha. Por eſta taõ alta rocha ha hum certo lugar deſdo alto ao baxo a maneira de hum riſco, ou caminho que parece de formigas, que a deſigualdade da pedra fez, que por alli não he tam liſa, com algumas voltas como caracol, per onde deſcem alguns homẽs daquella terra, que deſde moços ſe coſtumarão ir per alli abaxo, a peſcar ao mar, leuando na maão eſquerda hum ſacho, & hum ceſto metido pelo braço, & na direita huma cana: os quaes ſe dalli caiſſem, ſe farião em mil pedaços nos medonhos, & acutiſſimos penedos que no baxo ſtão. Indo eu huma vez a eſte lugar, me quiſeraõ moſtrar iſto por me feſtejarem, & fazerem deſcer hum homem por aquelle lugar, & por eu ſaber que alguns cairão ja, o não conſenti, por nam tomar ſua morte aa as minhas coſtas ſe acertaſſe de cair.

Eſta

Esta Rocha, he dos lugares mais conhecidos dos nauegantes, por o illustre porto de Lisboa, a que vem de todas as partes do vniuerso, & que aos que a vem buscar, causa grande alegria quando começa de apparecer, & que causa grande tristeza & saudade aos naturaes que vão para fora quando lhes começa desapparecer da vista. Ao pee desta mesma Rocha na praia embaxo onde mette huma ponta no mar, staua antigamente hum templo dedicado ao Sol, & aa Lua, de que hoje ha vestigios, & algumas pedras com letras das quaes huma diz assi.

SOLI, ET LVNAE,
Cætius ACIDIVS Perennis
Lèg. Aug. Pro Prouinciæ.
Lusitaniæ.

Outra dizia assi

Soli æterno, Lunæ pro æternitate
Imperij et salute Imper Cæi
Septimij Seueri Augusti Pij et Imp.
Caos M. Aurelij Antonini Pij
Et Iulia Aug. m. Cæs
Et Iuliæ Aug. matris Cæs. Dru
Sus Vester Sicilianus Viatous
Augustorũ. t Q. Iulius Saturni
Et Antoninus.

Ou-

Outra pedra diz Andre de Reſende que vira que continha muitas regras, mas que com o continuo curſo do tempo, & agoas do mar ſtauão gaſtadas de maneira que ſe não lia palaura alguma inteira.

EEm hum liuro impreſſo em Alemanha que ſe intitula, *inſcriptiones Sacroſanctæ vetuſtatis*, vinha hũa carta de hũa certa peſſoa para hum homem rico de Noremberga perque lhe mettia em cabeça que em Sintra ſe acharão certas pedras naquella rocha, que não moſtrando letras algumas, ellas per ſi ſe reuoluerão & acharão nellas huma profecia de huma das Sibyllas que dizia aſſi.

Soli et Lunæ Decretum
Voluentur ſaxa literis et ordine rectis.
Cum videas occideñs orientis opes,
Gãges, Inds, Tagus erit mirabile viſu,
Merces commutabit ſuas vterque ſibi.

EStas pedras na verdade ſe não acharão, mas fingirão eſta truanice para fazerem mais vendauel o liuro daquellas antiguidades, & por o Norembergenſe ſer hum homem ſimplez, & ſem letras a que podião enganar. Teſtimunhas deſta mentira, ſaõ os verſos que eſtão errados, & ſem medida, & em lingoa latina, & de palauras, que não houuera de vſar, a ſibylla naquelle tempo, ainda que fo-

ra

ra latina. Porque as mais das ſibyllas forão gregas, & outras Aſianas. E ja que as ſibyllas adiuinhaſſem por graça que Deos lhes deſſe, as pedras em que eſtauão ſeus vaticinios não podião mouerſe milagroſamente per ſi, por eſtarem nellas as palauras que ellas dixeſſem.

Ao pê deſta meſma ſerra da banda da terra que vai ao longo della, vai hum valle, de comprimento de huma legoa, que chamão de Collares, por huma Villa deſte nome onde vai acabar, que he na praia do mar Occeano, hum dos valles mais deleitoſos, & de mais rendimento que do ſeu tamanho ha em Europa. Porque he todo plantado de aruores de frutas excellentes de todo genero, & tam baſtas que nenhum vão fica entre a rama de huma aruore & outra, que por a diuerſidade das folhas, & das cores ſendo todas verdes tanto eſpanta quanto delecta a quem o vee. Deſte valle ſe mantem todo o anno a cidade de Lisboa, ſem paſſar dia aſſi de inverno como de verão em que nom entre grande numero de azemalas que acarretão a nouidade de aquelle grande valle. No cabo delle ſtá pegado ao mar hum fojo, & profundiſſimo poço mui largo, & tam redondo que parece feito aa maão, a cuja borda ſe não atreue chegar ninguem, ſe não ficar atado per corda, ou preſo de outrem para que não caia, o qual tem a agoa tam funda que ſe ſe lança huma pe-

pedra nelle tarda tanto o tom della que mostra bem a altura que tem. Polo que parece que se lhe communica a agoa do mar que lhe fica ao niuel.

CAPITVLO. XI.

De outras ſerras que ha pelo reino.

POrque me detiue na pratica dos montes em geral & particular mais do que pede meu propoſito, que he reſoluer ás conſas com breuidade, dos montes que no reino ha, em que não ha tantas miudezas que recontar, não direi mais que os nomes delles, & como forão pela natureza compaſſados, & compartidos com deſtribuição igual em que ſe aſſentarão, para cada hum aproueitar aa terra, a que ſe deu. Os montes de que ſe neſte reino pode fazer menção, afora os de que acima fallamos, ſaõ o monte Cico que outros chamão, Monchique, no reino do Algarue que da banda da terra o cinge todo, ficando as terras ao ſeu pee, perque ſe chamarão Algarue, que quer dizer terra baxa: o qual dá de ſi ameniſſima viſta com ſua verdura, & freſcura de agoas, que de ſi lança, & grandes commodidades que a aquelle reino cauſa, & a ſerra do Caldeirão. As ſerras de Oſſa: de Portel: de Sancto Iſidro: da Rabida: de ſam Luis em Alentejo: de Monte junto da mendiga: de Minde: de Al-

Albardos, de Anſião na Eſtremadura. A ſerra de Alcoba, de Monte Mouro na Beira. A ſerra Monte Corua de Coira, do Lurez de Soaja entre Douro & Minho. A ſerra do Amarão de Momil: de Montoſo da Roboda: de Traloſmontes. Deſtas ſerras & outras menores que ha pelo reino ſe cauſa ſerem as terras freſcas, & regadas, & prouijdas de muitas couſas neceſſarias aa vida, alem da deleitação que de ſi dão ao perto, & muito mais ao longe.

CAPITULO XII.

Das muitás fontes & abundancia de agoa que ha em Portugal.

AAgoa he o elemento mais poderoſo de todos os outros, porque comparada ao fogo, ella o apaga & extingue: comparada aa terra, ella he a que toma em ſi, & a deuora. Ao ar ſobe, & o domina & vai nelle a criar nuuecẽs com que rega as rerras, & obra as neues, pedra & geada, & ainda ſtaa mais alta conforme aos que lhe daõ aſſento no ceo Cryſtallino. E como eſte elemento ſeja ſempre tam neceſſario a todos animaes, ſe dixe por refrão por a couſa a que de nenhuma maneira podemos eſcuſar, ſer mais neceſſaria que a agoa & o fogo. Por a qual razão a pena mais graue que dauão os antigos por

os

os grandes delictos quando ainda não se dana a de morte, era que aos desterrados se não desse agoa, nem fogo. Porque pela priuação destas duas cousas tão necessarias parecia que os priuauão da vida, pois sem ellas não podia consistir & os fazião intestaueis. E porque sem a concorrencia destes dous elementos não se podia fabricar o corpo nem animar, os mesmos antigos celebrauão seus casamentos, & promessas tendo presentes agoa & fogo, como conta Plutarcho em seus problemas, & o diz Sceuola Iuris consulto, & Ouidio nestes versos,

Ista viri aptent, si jam captanda putabũt,
Quos faciet justos ignis & vnda viros,

EAssi a antiguidade toda teue em tanta veneração a agoa como cousa diuina segundo conta Lactancio Firmiano nas suas diuinas instituições. Polo que não soomente da gente commum mas dos Philosophos era opinião que da agoa constauão todas as cousas. Do que não se afastauão os poetas, dos quaes Pindaro Príncipe dos Lyricos Gregos no principio de seus hymnos invoca a agoa como huma deidade dizendo,

O agoa a mais excelente cousa de
todas as cousas.

A Meſma gentilidade tinha para ſi, que a agoa alimpaua as culpas, & peccados, & tinha huma agoa a que chamauão luſtral, que quer dizer alimpadora, com que quando entrauão em ſeus templos, ſe irrorauão, como nos fazemos com a noſſa benta, & vſauão della nos ſacrificios como ſe vee em Ouidio, no liuro terceiro de Ponto.

Sparſit aqua captos luſtrati Graia Sacerdos.

E no liuro primeiro de Metamorph.

COm muita mais razão deuemos nos celebrar eſte elemento, pois elle he a materia do Sacramento do baptiſmo com que nos regeneramos, & expiamos da culpa, de que noſſos primeiros padres nos deixarão reos, & eſcrauos: ſem o qual nos naõ pudemos ſaluar. Muitas couſas poderamos dizer, em louuor deſte ſancto liquor, que deixamos porque tocão a agoa em geeral, ſendo noſſo intento tratar em particular das boas agoas de Portugal. Sendo pois a agoa tam neceſſaria a todos não entrando a terra, nem o fogo em noſſos corpos, ella entra nelles para nos dar vida, & ſuſtentação que ſem ella nam podemos ter. Muito partio Deos com Portugal què o prouco de tanta copia & abundancia della que ſoo na regiam de entre Douro & Minho que não paſſa de dezoito legoas em com-

comprido, & de doze em largo, ha paſſante de vinte cinquo mil fontes de agoas puriſſimas, & ſaluberrimas que fazem viuer a gente daquellas partes mais annos, que quantas ſe ſabem em Euora. Da meſma maneira ſaõ delicadiſſimas & frias as das comarcas da Beira. E em todas as mais partes reſtantes do Reino, ha tantas que todas as terras ſam regadas, e retalhadas de agoas que as fazem freſquiſſimas, & appraziueis. De maneira que a quem de fora entra em Portugal lhes começão apparecer outros ares, & toda a terra, verde, & freſca, & de differente côr das outras de Heſpanha por onde paſſaõ com os muitos pomares, vinhas, & arnoredos que com o mimo, & humidade de tantas, & tam boas agoas ſe crião.

A ſalubridade & excellencia deſtas agoas parece que naſce de toda a prouincia ter muitos veiros de ouro, & prata per onde as agoas paſſaõ. Polo que não he de eſpantar o que ſcreue Strabão dos antigos Portugueſes que erão bebedores da agoa, & nam do vinho, de que parece fazião pouca conta, por a bondade das agoas. Pelo que ainda agora neſtas partes ſe achão mais homẽs abſtemios que nas outras. E taes erão os Reis antigos deſte reino, cujos copeiros tinhão mais cuidado de lhes buſcar boas agoas, que boõs vinhos. E não ſoomente o reino de Portugal, goza deſtas agoas frias, mas em muitas par-

tes tem abundancia de agoas quentes experimentadas & louuadas para curar enfermidades, de que ha banhos a que os doentes vão & achão marauilhosos effeitos, como saõ os do lugar das Caldas, junto com Obidos, em que a Rainha dona Lianor molher delRei Dom Ioão II. fundou hum hospital, & o dotou de muita renda, em que ha medicos, & botica gracioſa para ſe curarem os doentes, com grande abaſtança do neceſſario, & limpeza de roupa: & huma hoſpedaria para os nobres, onde ſe tudo faz em muita perfeição. E no reino do Algarue na villa de Aluor ha outros banhos, que ſam aquelles a que elRei Dom Ioão o II. ſe foi banhar para guarecer da peçonha que lhe derão. Outros banhos ha na Beira, no concelho de Lafoẽs, que saõ os mais antigos, & erão mais celebrados, a que ſe vão curar os enfermos, & onde parece os antigos iáo por mais vtiles, ou principaes. Porque eu vi algumas doaçoẽs delRei Dom Afonſo Henriquez na torre do tombo que fez ſtando curandoſe nos ditos banhos.

Outras agoas ha pelo reino ſem cheiro de enxofre & de bom ſabor que tẽ huma certa quentura mimoſa, como he a grande copia de agoa, morna ou quaſi quente que em Lisboa ſae em borbotoẽs do chão, onde chamão Alfama dentro nos muros que ás molheres de ſeruiço, ſeruc de emſaboarem nella

ſua

ſua roupa, por eſcuſarem de aquentar agoa, a qual ſe ſe bebeſſe, parece que faria algum bom effecto: & ſe a não buſcão para beber, he por terem hi junto a ſalutifera agoa do chafariz delRei que he mui medicinal: o qual tepor & ſalubridade parece que cauſa algum pequeno vieiro de enxofre per que aquenta têperadamente. E aſſi ſe vê quando ſe coze, que deixa na vazilha hum polme entrebranco, & que ſe desfaz em poo. Por eſta brandura, & tepor que tem as molheres curioſas de ſeus caroẽs ſe lauão com ella, & as de fora a mandão buſcar. Na comarca de Coimbra junto a hum lugar que chamão Cadima que diſta duas legoas de Tentugal, ſtaa huma fonte, a que os da terra chamão Fernenças, a qual tudo o que lhe lanção dentro, ſorue, & deſappareçe, ſendo tam baxa que não tem mais, que hum pee de altura da agoa em volta, ſem arca: a qual conta Ioão Vaſeo na ſua Chronica de Heſpanha, que elRei Dom Henrique antes que vieſſe a ſer Rei lhe contou que el Rei Dom Ioão, ſendo elle preſente, & os mais infantes ſeus irmãos, mandou lançar naquella pouca agoa ou charco mais que fonte, hũa aruore cortada, & que toda a ſorueo, & que deſpois lhe puſerão hum jumento pelo pee, & que a meſma o ſoruia de maneira, que com grande trabalho lho poderão arrancar. E Andre de Reſende nas ſuas antiguidades da Luſitania conta, que indo elle com o

Car-

Cardeal Infante Dom Afonſo irmãao daquelles meſmos Principes, fizerão a meſma experiencia em huma arvore cortada, & que aquella pouca agoa com aquellas areas em mui pouco eſpaço a foruerão de maneira que não appareceo. Eſta fonte he (ſegundo Ioam Vaſeo) huma daquellas que Plinio dizia, que hauia na Heſpanha no campo Carrinenſe, das quaes huma foruia tudo o que lhe lançauão dentro, & outra que o lançaua de ſi, das quaes hoje não ſabemos mais, que deſta que ſorue, ou porque a outra ſe ſeccou em tanto diſcurſo de tempo: como acontece muitas vezes, que humas fontes ſe abrem de nouo, & outras ſe seccão: por em nenhuma couſa hauer tanta mudança, & alteração como nos elementos, nem tantas marauilhas como nas agoas, & por Carrinenſe, diz Ioam Vaſeo que ſe ade dizer em Plinio, Catinenſi, que vem quadrar com Cadima como aquella terra hoje ſe chama, que he mui boa conjectura.

Na villa de Almada ha huma fonte que faz admirauel effecto nos doentes de pedra, polo que muitos da cidade de Lisboa, & de outras partes a mandão buſcar por a vtilidade que nella achão, & conjecturão iſto do que ſe ve com os olhos, que eſta agoa gaſta todos os teſtos dos vaſos que ahi ſe quebrão, ſe eſtão chegados ao caminho por onde ella paſſa. E aſſi he de crer em tanto numero de fon-

fontes como em Portugal ha, & de tam excellentes agoas, aja muitas que tenhão particular virtude para muitas cousas que nos não alcançamos, pois sabemos os grandes effectos que as agoas causaõ: das quaes huns abrandão o ferro, outras o endurecem, outras o temperão, outras fazem fluxo de humores nos corpos, & outras os retem, outras matam & algumas dão vida. De huma fonte diz Plinio no liuro 31. cap. 2. que faz os homés engenhosos se bebem della, & de grande habilidade: & de outra que os faz grosseiros, & como tontos. Humas agoas fazem aos animaes que as bebem, negros & crespos, & outras pelo contrario, brancos & de cabello corredio. Finalmente (como alli diz Plinio) em nenhuma parte da natureza se vem cousas mais varias & milagrosas que nas agoas.

CAPITVLO XIII.

Dos rios que regam este reino, & primeiro de Guadiana.

POr o grande numero de fontes de que fizemos menção que neste reino ha, necessariamente hauia de ser abundante de rios que dellas nascem: por os quaes diz Strabão, que a terra da Lusitania era felice por ser regada de tantos rios nauegaueis, ricos com as areas & grãos de ouro que se nelles colhe. Alem dos naturaes, entrão neste reino outros

tros de fora delle naſcidos, os quaes nelle ſe engroſſaõ & enriquecem ate ſe meterem no mar aonde leuão conſigo os que nelles ſe podem meter. E começando por Guadiana, que he o marco perque a Luſitania ſe diuide da Betica; he de ſaber que os Geographos Gregos & Latinos lhe chamão Ana. Os Mouros que habitarão a Heſpanha, lhe chamarão Guadiana ao ſeu coſtume delles: que a todos rios prepoem o nome appellatiuo & geral de Guadi, que quer dizer rio; & diziáo guadiana; que quer dizer; rio de Ana. O que deſpois os meſmos mouros vierão a corromper, & por Guadi dixerão Guada, & vierão dizer Guadalajara; Guadarama, Guadalete; Guadalcanal, Guadaxenil, Guadaira; Guadalquibir querendo dizer; rio grande & Guadalupi. Mas os Portugueſes corrompendo o Guada em Odi, vieram a dizer por Guadiana, Odiana: & aſſi outros muitos dos noſſos de Portugal, como no contorno da cidade Euora, Odiuor, Odigebe, Odiarça, Odiuellas, Odiege, & no Algarue OdiMira. Mas porque o curſo do rio Ana he muitas legoas por Caſtella, & poucas por Portugal, os Portugueſes lhe chamão tambem Guadiana como Odiana. Eſte rio naſce não longe da ſerra de Conſuegra em hum lugar chamado; Canhamares, que he a terra a que os antigos chamauão, agros Laminitanos, que eſtão na comarca que ſe hoje vulgarmen-

mente chama, a Mancha de Aragaõ: o que não encontra, dizerem os Geographos que estes campos stão na Hespanha citerior, ou prouincia Tarraconense: porque tudo he huma cousa. Tendo corrido este rio algumas legoas, & regado com suas agoas Calatraua, Cidade Real, & outros lugares, torna desapparecer, metendose per debaxo da terra per spaço de oito ou dez legoas & despois torna appareeer junto a hum lugar que chamão, Villa farta. Sobre este pedaço de terra que ficou desamparado da agoa do rio que foi buscar outro caminho, ficou sendo fertil de herua, & tam fresco com a humidade da agoa, que por baixo vai, & euapora acima, que cresce a herua de maneira que dà bonissimo pasto ao muito gado que nella anda. Pelo que como os do rio Alpheo de Arcadia fingirão os amores seus com a fonte Arethusa de Sicilia, a que elle por baixo do mar ia buscar a Sicilia, se gabauão os Hespanhoes de terem hum rio, com huma ponte tam grande, que na herua della se apascentauão muitas mil ouelhas. Este rio dà de si muitos proueitos aa terra per onde passa: porque alem dos moinhos que nelle ha que todo o anno moem naquellas seccas terras de alem Tejo, onde não ha copia de outras moendas de rios perennaes, nem moinhos de vento, dà grande & louuado pasto aos gados em sua ribeira: porque saõ os bois della nomeados

de

de grandes & mais gordos & de carne mais saborosa que de outras terras. Disto he boa testimunha huma taxa que elRei Dom Ioam I. de Castella fez na cidade de Toro na era de 1406. que agora sam do nascimento do Senhor 1368. em que mandaua, que nenhum boi se vendesse em Castella por mais que por cento & oitenta marauedis, saluo se fosse da ribeira de Guadiana que se poderia vender por duzentos. Este rio despois de entrar em Portugal, & correr duas legoas alem da villa da Serpa, chega a hum lugar de agra penedia, & se reparte a agoa em dous canais de pedra viua, & tam estreitos, que cada hum se passa de hum soo passo: os quaes dous canaes se tornão logo ajuntar em hum: & toda a agoa junta passa per hum arco de pedra viua que a natureza fez, que fica como ponte, para passarem por cima de huma parte aa outra. Saindo deste lugar cofre cinco ou seis passos adiante por aquella penedia tam estreito, que não tem ainda dous passos de largo: & daqui cae a agoa, & se despenha em hum altissimo pego, que está embaxo, que terá de largo cem passos, & de altura oitenta braças. Alli onde se despenha se chama o assonjo por o grande roido & estrondo que a agoa faz, caindo de lugar tam estreito & tam alto que dahi ao pego saõ dezaseis braços, sendo as pedras donde cae altissimas de hũa parte & outra. Na borda deste pego ha mui

fra-

fragoſa penedia em que caindo a agoa com a força que leua lhe acreſcenta o roido, & laura por tempo nas meſmas pedras muitas figuras de diuerſas couſas, de que algumas parecem feitas aa maão de official, & nam per caſo. Deſte pego ſae a agoa ainda per duas rochas de pedra viua, onde tambem ſe eſtreita tanto que em partes não tem mais que doze paſſos de largo, & em partes ſe eſtreita mais, que nam tem mais que tres. E per entre eſte rochedo corre ſpaço de tres legoas pouco mais ou menos até dar em Mertola. A peſcaria que ſe faz naquelle pego onde a agoa cae, & nos lugares eſtreitos & porfundos do rio ate Mertola, he, que ſe atão os peſcadores pela cinta em cordas & ſe deitão por ellas abaxo ficando com os pees juntos com a agoa, os quaes firmão em huns feixes de rama ou vides que tambem lanção per cordas: & aſſi tomão muitos ſaueis, lampreas, mugeẽs & ſolhos. O pexe deſte rio que ſobe do mar, he mais creſcido em ſeu genero que de outros rios mas nam de tão bom ſabor, tirando as ciroos que ſaõ mui boas.

CA-

CAPITVLO XIIII.

Do Tejo.

NAsce o rio Tejo na prouincia Tarraconense nas serras de Molina, não longe da cidade de Cuenca, que ainda staa dentro do reino de Castella: & segundo outros ainda mais adiante, junto aa villa de Albarrazim, que he ja no reino de Aragão donde correndo cento & vinte legoas se vem meter no mar Oceano junto da grande cidade de Lisboa. Na entrada de Portugal onde ja vem rico de outros muitos & grandes rios a que despojou das agoas, & dos nomes, passa regando as villas de Abrantes, Punhette, Tancos: & vindo aa notauel villa de Santarem, ahi a deixa rica não soomente das areas de ouro tam cantadas da antiguidade, mas com as innundaçoẽs de cada anno, & com os naterios que dellas ficão, que causaõ a admirauel fertilidade naquelles campos, & nas lezirias que abaxo vão, as quaes se podem comparar aa das terras do Egipto quando o Nilo as bem rega, assi no muito pão, & outros legumes que naquelles campos se colhe (por o muito que as sementes nelles se multiplicão,) como por a breuidade com que se o pam semeado vem aa fouce. Porque desdo dia que se semea a cinquoenta dias se colhe: & colhido o tri-

go

go ſe ſemea o milho, que com pouca cultura naſce, & ſe madura logo: alem da criação de todo genero de gado & cauallos que aquelles campos & leziras produzem. Paſſando duas legoas abaxo de Santarem, vem a agoa do mar a receber eſte rio, & vai alargando mais. E dahi vai pouoado de muitos lugares freſcos de muitos aruoredos, & de mui boõs edificios, que fazem huma repreſentação do paraiſo terreal, ate chegar a Lisboa, onde ſe faz o maior & o mais fermoſo porto de todo o deſcuberto, aſſi por a ſegura ſtação das naos, como por a fermoſiſſima viſta que de ſi dà á grande cidade de Lisboa de huma parte & da outra fronteira os lugares de riba Tejo a aborda do rio.

As excellencias deſte rio ſam mais que de nenhum outro de Europa. Primeiramente pela noticia que delle ſe tem nas partes Orientaes, & outras do mundo, por as armadas que delle ſairão para a conquiſta dellas, donde tornarão victoriojas, & triumphantes, fazendo tributario o Indo, & o Hidaſpes, & ao celebrado Ganges que cada anno lhe mandão os tributos & pareas que pela foz delle lhe entrão. Por o que lhe quadra bem o que hum poeta deſtes tempos dixe por elle.

Iamque iugi eſt patiẽs Indus, nec turpe putauit
A domino Ganges poſcere iura Tago.

A Outra excellencia delle he, que entre todos os rios do mundo, que os scriptores Gregos & Latinos celebrarão, de trazerem areas de ouro, deraõ a elle o principado, como se vê em Plinio no liuro 3. capit. 4, onde nisso o prepoem ao Pactolo, ao Hermo, ao Ganges, & ao Pado. Este ouro se acharia, se nam fossem as defesas, que os Reis sobre isso sempre fizeram de se não mouerem nem cauarem as areas, por se não arearem os campos, & deixarem de frutificar. Mas o ouro que em suas areas se tiraua, era tam puro, que querendo elRei Dom Ioam III. deste reino que lhe fizessem hum sceptro, mandou que lhe buscassem o ouro nas areas do Tejo, do qual se fez hum que muitas vezes vimos nas mãos dos Reis, nos tempos que fazião cortes ou os leuantauão por Reis o qual se guarda hoje entre o fato do thesouro em Lisboa com outras peças do ſtado & que facilmente poderaa ver quem for curioso.

Outra cousa tem o Tejo com que se a vantaja dos outros rios de Hespanha, que he da grossa pescaria que se nelle faz de diuersos generos de pescados. Porque dixe Strabam fallando delle. *Omnis quidem piscium feraciſſimus eſt oſtreorumque redundans.* Porque antes que se mesture com a agoa salgada do mar, se pescão nelle as mais fermosas & saborosas tainhas que se podem achar. E despois

tan-

tanta multidão de faueis, que delle se mantem todos aquelles contornos & as terras de alem Tejo, & muita parte do reino de Castella aonde se leuão frescos, & escalados. E abaixo mata, hum pexe que soo naquelle rio se dâ, que saõ as mimosas azeuias que se mandão dar aos doentes, & que para os Principes se leuão daqui per correos a outros reinos de Hespanha: a fora muitos cações, coruinas, pampanos, & cabras: & ao rodor dos lugares de riba Tejo, muito & bom marisco, & os saborosos lingoados, que no sabor & na gordura saõ mui differentes dos quaes se tomão no mar largo.

Na ribeira do mesmo rio na parte de Santarem se crião aquellas delgadas biqueiras de canas para pescar, que os pescadores de cana de todo o reino, & fora delle mandaõ buscar: as quaes sendo delgadissimas, saõ tam flexibiles como se fossem de laã sem as quebrar nenhum pexe por grande que seja. Destas as que eram mais delgadas, se leuauam do Tejo a Roma, para screuer com ellas: porque os antigos em lugar das plumas com que nos agora screuemos, screuião elles com cannas delgadas a que chamauão calamos, do que daa testimunho Martial em hum epigrama no libr. 10. â Marco.

Nos

Nos Celtas Maber & truces Iberos
Cum desiderio tui petimus
Sed quæcumque tamen ferentur illic
Piscosi calamo Tagi notata
Marcum pagina nostra nominabit.

CAPITVLO XV.

Do Mondego.

O Rio Munda, a que Strabão tambem chama Muliades, & nos chamamos Mondego, tem seu nascimento na serra da Estrella, naõ lónge donde nasce o Zezere. O fim tem em Buarcos, onde se mette no mar Oceano. Tem sua corrente de poucas legoas & por isso diz Strabão por elle que tem curta nauegação. Tem a mesma qualidade do Tejo de trazer areas de ouro de que muitos homés vezinhos aa sua ribeira fazem proueito, & se sustentão. Nauegase muita parte delle com barquinhos & jangas, em que trazem a Coimbra & adiante, madeira & tauoado a vender. E de Coimbra como ja leua mais agoa, se nauega em maiores barcas atee o mar, cuja mare sobe ate Figueira. He rio formosissimo, & na corrente tam placido, que parece que não se sente correr, ou se stà estanque. Mas quando vem as cheas, assi por causa das neues que se derretem, como por

pas-

paſſar entre montes que nelle deſcarregão, as agoas o obrigão a inundar, & he eſpantoſo o furor com que tras as aruores inteiras, & muitos bois, & vacas & outras rezes, & às vezes as caſas inteiras. Sua agoa he ſaboroſiſſima, & tão delgada que ſoo com ella que ſe laue a roupa ſe faz tão alua como em outras partes com ſabão ou outro artificio. O peſcado do meſmo rio antes de Coimbra, ſaõ trutas, & abaxo ſam bogas, & picoẽs & mugeẽs ſaboroſiſſimos, por ſer criado em tam boa agoa, que tem o fundo de areas & eſſas de ouro. O que ſobe do mar, ſaõ muitos ſaueis, & lampreas as mais ſaboroſas, & louuadas que todas as que ſe peſcão em Heſpanha.

CAPITVLO XVI.

Do Zezere.

O Zezere he rio caudaloſo que naſce não longe donde ſae o Mondego da ſerra da Eſtrella, & que ſe ſe não mettera em outro, & per ſi fora dar ao mar, fora nomeado com os outros rios dos Geographos antigos. Porque tomando as agoas do rio Nabão que paſſa por Tomar, ſe vai metter no Tejo junto aa villa de Punhette, no qual entra com tanto furor, & impeto, que a agoa delle vai diſtincta da do Tejo hum grande ſpaço.

O que ſe enxerga na cór das agoas : que a do Tejo he alua & cryſtallina , & a do Zezere eſcura como azulada : o que dizem ſe cauſa do linho que nella ſe curte. Andre de Reſende lhe chama Ozecaro , porque diz que aſſi ſe nomea na vida da bemauenturada ſancta Eiria que ſe eſcreueo hora ha mais de oito centos annos. Tem eſte rio a corrente tam rapida , como que vai fendendo a terra per onde paſſa.

CAPITVLO XVII.

Do rio Vouga.

VOuga he hum dos rios de Portugal , que entrão no mar , & de que os Geographos fazem menção entre os maiores rios de Heſpanha. Plinio lhe chama vacca , Strabão vacuam , Ptolomeo vacum. Seu naſcimento he junto á ſerra de Alcoba : ſua nauegação he curta , & deſpois de recolher alguns rios de pequena conta , & entrar nelle o rio Agueda que leua tanta agoa como elle , ſe mette no mar em Aueiro , ſpojando do nome , & das agoas ao Agueda que antigamente ſe chamaua Eminium , aſſi como tambem ſe chamaua huma cidade por a qual elle paſſaua , que ja foi Epiſcopal , como ſe lee no Concilio Toletano que ſe celebrou no anno de quinhentos oitenta & noue em tempo de Flauio Ricaredo , em que ſe achou Poſſidonio Biſpo Emi-

Eminenſe. Eſta cidade Eminium cuidauão alguns que era Coimbra, como aponta Ioam Vaſco na ſua Chronica de Heſpanha, & Diogo mendez de Vaſconcellos Conego na ſancta Sê de Euora nas addiçoẽes, & Andre de Reſende nas antiguidades da Luſitania, onde por mui efficazes razoẽs moſtra ſer AEminium o nome do rio de Agueda, & da pouoação que junto do meſmo rio ſtaua.

CAPITVLO XVIII.

Do Douro.

O Douro he dos maiores rios de Heſpanha, & que leua mais agoa que o Tejo, porque corre cento & vinte legoas atee chegar ao mar, na cidade do Porto de Portugal, & recolhe em ſi muitos rios grandes & caudalooſos, como ſão Pijſuerga, Carrion, Arlança, Durate, Tormes, & outros taes, afora grande numero de rios pequenos. Sua naſcença he de huma grande, & medonha lagoa de agoa, que ſe não moue, nem ſe ſabe donde procede, que ſtaa em o pico de huma ſerra chamada Orbion, noue legoas acima de Soria, & ſete da antiga cidade de Numancia. Em naſcendo ſae logo esforçado com muitas agoas, & banha muitos lugares nomeados, como Aranda, Oſma, Penafiel, Valhadolid, Simancas, Tordeſilhas, Toro,

Çamora, & Miranda em Portugal. Na largura de seu caminho quando passa por terra chaã, mostra bem sua potencia atee entrar em Portugal, onde por causa das serras, & terra montuosa por onde passa, se começa estreitar, & passando por Miranda & Freixo de espada Cinta, chega aa villa de S. Ioam de pesqueira, onde se estreita tanto que de huma cataracta se despenha a agoa, & por o profundo lugar em que cae, faz grande fragor & arroido. Ao pee da qual cataracta se faz grande pescaria de saueis, & lampreas, & outros pescados. Da foz deste rio, onde entra no mar, se nauega per elle acima ate a dita pesqueira spaço de vinte & cinco legoas em embarcaçoẽs grandes. E não carece o Douro de sua preeminencia de areas de ouro, como os outros que dixemos por o qual dixe Claudiano.

Huic certant pactole tibi Duriusque, Tagusque.

Dos rios Leça, Auo, Neiua, & Cadauo.

APos o Douro, os rios que entre elle & o Minho ha, que se no mar vão meter, sam o Leça, que dizem ser o que Pomponio Mela chama, Celando. O qual tem seu nascimento perto do fim, & se nauega pouco spaço. Chamase Leça por passar por hum lugar do mesmo nome. Metese no mar em Matosinhos. Nauegase algum spaço por elle, & traz

traz o meſmo peſcado que os outros ſobredictos de antre Douro & Minho, de ſaueis lampreas & outros mais. O rio Auo tambem começa perto donde acaba: porque ſeu naſcimento he cima de Guimaraẽs, & vaiſe meter no mar junto de Villa de Conde. E Neiua a que os Geographos chamão, Nebis, como o lugar per onde paſſa ſegundo Antonino no ſeu itenerario. Eſte rio per ſi não entra no mar mas entra em companhia do rio Cadauo em que ſe mete, & entra no mar entre Fam & Eſpoſende. He abundantiſſimo de muitos generos de boõs peſcados, & nauegaſe algum ſpaço.

CAPITVLO XIX.

Do rio Lima.

AO rio Lima chamouão os antigos de muitas maneiras: Strabão lhe chama Limia, & Belion, outros lhe chamão pelo nome appellatiuo, flumen obliuionis, outros pela palaura Grega, Lethes: que quer tanto dizer como eſquecimento. A cauſa porque eſte rio houue nome de eſquecimento nam foi tirada das fabulas dos Poetas, mas de hiſtoria verdadeira, por eſta razão. Os Luſitanos Celticos que habitauão as ribeiras de Guadiana, & os Turdulos velhos, que ſam os que habitauam entre o Tejo & o Douro, ſendo amigos

gos & companheiros, como vieſſem a aquellas partes de entre o Douro & o Minho, & paſſado o rio Lima perdeſſem ſeu capitaõ em huma ſediçaõ que houue entre elles, derramados por aquella prouincia ficarão nella: pola qual cauſa ſe chamou aquelle rio do eſquecimento. Porque eſquecidos da expediçaõ que emprenderaõ, & da ſediçaõ & diſcordia que entre elles houuera, fizeram alli aſſento. A verdade deſpois da gente vulgar & ſuperſticioſa, que de tudo faz milagres, fez crer que as agoas daquelle rio tinhaõ efficacia & virtude de fazer eſquecer. Creſceo tanto eſta fama & ſuperſtição, que como Iunio Bruto vieſſe a aquellas partes com ſeu exercito, & os ſoldados naõ quiſeſſem paſſar o rio, por ſe nam eſquecerem de tornar aas ſuas caſas, Iunio Bruto arrebatou a bandeira da maõ do Alferez, & paſſou o rio, & aſſi os fez paſſar, como ſcreue Iulio Floro na epitome a Tito Liuio. Pola qual razaõ Plinio chama a eſte rio fabuloſo. Naſce eſte rio Lima de huns lugares apaulados entre a cidade de Orenſe & a villa de Monte Rei, & toda aquella terra ſe chama Lima, & os pouos della Limicos.

CA-

CAPITVLO XX.

Do Minho.

O Rio Minho que he hum dos grandes de Hespanha, diz Iustino que houue este nome por o vermelhaõ que nas suas ribeiras nasce, a que os Latinos chamam Minio. Mas os Gallegos seus vizinhos o contradizem & se queixão de ser dada a honra do seu fil ao Minho, sendo verdade que o vermelhão nasce nas ribeiras do Sil, & nam do Minho, & que sendo o Sil muito maior que o Minho, quando se ajuntam ambos, ás agoas de hum & do outro lhe chamam Minho, hauendose de chamar Sil. He o Minho mui proueitoso aos pouos per onde passa, que sam muitos & dos mais abundosos de Hespanha. Tendo feito seu curso de trinta seis legoas, se vem meter no mar entre a cidade de Tui & a villa de Caminha. Nella morrem muitos solhos, salmoẽs, ireses, saueis, & outros pescados os mais louados de todos os daquellas partes. Seu nascimento he junto aa cidade de Lugo & nasce taõ grande, que logo a principio he caudaloso rio

CAPITVLO XXI.

De outros rios caudalosos de que os Geographos nam fazem menção.

OUtros muitos rios ha de que os Geographos não fizeraõ comemoraçaõ alguma, ou porque naõ tiueraõ noticia delles ou porque não vaõ elles, per si ao mar senão metidos em outros maiores. Tal he o Zezere de que ja fizemos menção, tal a ribeira de Coa de Traloſmontes, que naſcendo junto de Alfaiates ſe vai meter no Douro, não longe de Villa noua de Faſcoa. A eſte rio chamauão os Romanos Cuda, & aos pouos delle Cudanos, & tranſcudanos do qual faz menção huma pedra da ponte de Alcantara que diz aſſi.

Municipia prouinciæ Luſitaniæ.
Stipe collata quæ pontis opus perfecere
Coeditani.
Lancienſes oppidani.
Talori.
Interamnienſes.
Colarni.
Lancienſes tranſcudani.
Araui.
Mideburgenſes.
Arabriſenſes.

Eo-

Banienſes.
Præſures.

Outro he o Tamega que paſſa per ſam Gonçalo de Amarante, & ſe mete no Douro onde chamaõ entre os rios, retendo o nome antigo. Eſte rio ſegundo Andre de Reſende ſe chamaua Tamaça, & os pouos perque corria: Tamacanos como ſe ve em huma coluna que ſtaâ junto aa villa de Chaues.

Nabam que paſſa por Tomar, he hum mediocre rio que ja dixemos que acreſcentaua as agoas do Zezere. E tal he o rio de Soure que os ſcriptores antigos chamão, Anco. Taes ſam os rios do Sor que ſe mete no Tejo em Abrantes, & a ribeira de Caia que diuide Portugal de Caſtella, mui conhecida das Rainhas nouas, quando de Portugal ião a Caſtella, & de Caſtella vinhã a Portugal: porque ao paſſar daquella ribeira ſe faziam as entregas, *Dum fata Deuſque ſinebant.* Tal a ribeira de Seira retendo ainda o nome antigo de Selia, que ſe mete no Mondego acima de Coimbra, de que tomou o lugar por onde paſſa, o nome. Taes ſam as ribeiras de Seda, de Paiua, de Tera, de Monte Argil, de Canha, & de Curuche, que leuam muita agoa. Do Sado que he maior que todos, tambem nam fazem os Geographos menção alguma, tirando Ptolomeu que lhe chama, Callipode. Eſte rio nam tem naſcimento algum proprio, mas he

hum

hum ajuntamento de agoas das ribeiras de Exarama, de Odiuellas, de Garcia menino, & da ſancta Detença a tempo que já vão mui grandes, por as agoas que colheram de muitas ribeirinhas, regatos & fontes: & ſe ajuntam todos em hum certo paſſo, do qual ſe faz hũ rio grande que ſe chama, Sado. Seu curſo he de quatro legoas, no cabo das quaes ſe mete no eſteiro de Alcacere que vem per Setuual. Neſte rio ate onde chamão o porto del Rei, ſe nauega por barcas grandes, & ſe matam infinitas tainhas mui grandes, & formoſas, barbos & bogas & inguias, por a grande peſcaria que ſe alli faz & a muita caça que naquella parte ha de coelhos, & perdizes & muitas aues para caça de falcoẽs, & por a muita & appraziuel verdura deſte ſpaço de terra muitos homẽs nobres na primeira vera vão alli folgar.

Tratar das outras ribeiras de que Portugal he regado & nomealas per ſeus nomes ſeria couſa infinita baſta dizer em ſumma o que diz Strabão que a terra da Luſitania he felice por ſer regada de tantas fontes & rios.

CA-

CAPITVLO. XXII.

Das minas de ouro & prata & outros metaes que ha em Portugal.

A Mais celebrada couſa que nos tempos antigos hauia eram as riquezas de ouro & prata de Heſpanha, de que todos os Geographos Gregos & Latinos fazem mençam, & aos Poetas naõ eſqueceo cantando das areas de ouro de ſeus rios de que a Portugal nam cabia a menor parte. Pola qual fama de riquezas os Phenices, & Gregos, & outras naçoẽs da Europa & da Aſia aſſi vinham a Heſpanha buſcar ouro & prata como agora neſtes tempos vam aas Indias Orientaes & Occidentaes.

Eſtes metaes nam tinhaõ os Heſpanhoes por ſua induſtria tirados das minas nem dellas tinham conhecimento, nem vſo, mas os tinham ſoltos & hauidos *pro derelicto* como couſa a elles inutil. A cauſa de eſtes metaes ſe acharem na face da terra, foi que ſendo os montes Pyreneos que diuidem a Heſpanha de França de tanta longura como atras dixemos, & de tanta largura que tomam do mar Oceano, ate o Mediterraneo, ſendo as ſerranias da parte de França eſcauadas as da parte de Heſpanha eram todas cheas de aruoredos ſpeſſiſſimos & altiſſimos como couſa

que

que naſcera com o meſmo mundo. Eſtes matos em tempos mui antigos a que ſe nam ſabe computaçam de annos, huns paſtores ou para melhorarem ſeus paſtos ou por outra razam que foſſe poſeramlhes fogo do qual ſe cauſou hum tam grande incendio que per diſcurſo de tempo foi aquentando tanto a terra & as entranhas della que das muitas *minas* que alli hauia principalmente de prata, ſaia da terra derretida & corria como agoa ou outra couſa liquida. E como a gente daquella terra viuia na ſimpleza natural, ou para melhor dizer, naquella felicidade, & nam ſabia o vſo daquelles metaes, não padecia falta delles a troco do que hauiam meſter (que os Phenices nauegantes & os Marſelhanos lhe traziam que eraõ entaõ grandes tratantes) tomauam daquella prata & leuauam tanta, que contaõ Diodoro Siculo, & Ariſtoteles, que as ancoras & os outros inſtrumentos nauticos faziaõ daquelle metal, & os leuauam & deixauam os que traziam de ferro: de que os Heſpanhoes faziam muito caſo, porque na verdade lhes eram mais vtiles. Conſumidos os metaes que procederão daquelle incendio começarão a cauar a terra & penetrar as entranhas della, & tiraram dahi auante o ouro & a prata das muitas minas que hauia per outros lugares, de que ſe tiraua tanto, que diz Plinio que nos ſeus tempos as prouincias de Luſitania, Galliza, & Aſturias pagauam

do

do ouro que se dellas tiraua cada anno aos Romanos vinte mil marcos de ouro que a respeito de trinta milres o marco, que he a valia de nosso tempo montauão hum conto & meio de ouro. No que se deue lembrar, que o jugo dos Romanos era leue, nam tirando pelos vassallos tanto como agora. Pelo que he de crer que o que ficaua aos que tirauaõ os metaes, era cousa grandissima, & que o que dauam do direito aos Romanos, era pouco.

Isto conforma com o que Tito Liuio screue do muito ouro & prata que Marco Catam o Censorio meteo em Roma, o dia que triumphou dos Hespanhoes. As muitas & profundissimas minas que ha por todo o reino de Portugal, que os antigos cauaraõ, sam boas testimunhas do ouro que hauia, & da industria com que os antigos o buscauão, que agora os presentes não proseguem, nem abrem outras de nouo. Donde nam sei se tirarião aquella grande quantidade de metaes. Porque parece que ou naquelles tempos mais chegados ao principio do mundo a terra tinha mais força, & daua os fructos com mais facilidade do que agora daa cansada & rota com arados, ou que os ceos, & os planetas nam influem agora com aquella força & vigor que soião, quando estauão em sua mais noua idade florecentes.

Esta mudança que se foi fazendo por tempo nas cousas por maior vigor, ou dos

ceos

ceos ou da terra, se vê em muitas cousas que a terra agora produze. Daua a terra antigamente Gigantes que nam podemos negar, Porque nestes tempos em que stamos ao menos nos proximos a elles, se acharaõ grandissimos corpos & ossos de Gigantes na Ilha de Sicilia, & tamanhos dentes que cada hum tinha por quatro de qualquer homem dagora como se pode ver em Thomas Phasello na descripção de Sicilia. O que se não deue ter por fabuloso, pois a sagrada Scriptura falla em Golias que Dauid matou & em outros Gigantes. E sancto Agostinho no liuro *de Ciuitate Dei*, conta de hum dente que vio de hum Gigante.

E agora como diz Iuuenal.

Terra malos homines nunc educat atque pusillos.

SOia a ser que os homens viuiam cento & cinquoenta, duzentos & trezentos annos, para que não fallemos nos nouecentos daquelles primeiros homens. E agora he milagre chegar hum homem a cem annos. Muitas cousas daua a terra excellentes de que agora nam ha mais que os nomes. Cynamomo, nam ha homem que o visse na India, nem ainda sabem neste tempo que cousa he, sendo tam familiar aos Romanos. E balsamo ver-

verdadeiro, nam ha neſta idade quem o viſſe, nem ha memoria das vinhas que delle hauia na Paleſtina & no Egypto. E para que nos nam apartemos dos metaes de ouro & de prata, vllos theſouros daquelles Reis da Perſia & da Lidia, de que as ſcripturas antigas fallam? Tambem nas partes Orientaes parece que ſterileceram as terras, & nam dam aquellas riquezas de que nos tempos antigos eram tam fertiles. Porque no tempo de Salamão diz a Scriptura ſagrada que hauia em Ieruſalem tanta prata que ſe nam fazia mais caſo della, que das pedras da rua: & que todos os vaſos grandes & inſtrumentos de cada hum do pouo eram daquelle metal. Os vaſos da caſa & ſeruiço de Salamam diz que eram de ouro puriſſimo, & todas ſuas alfaias. E de ouro puriſſimo mandou fazer duzentos eſcudos & trezentos broqueis, & Joſepho acreſcenta mais duzentas lanças de ouro puriſſimo. E o que de fora do reino lhe vinha diz que erão ſeiſcentos & ſeſenta talentos de ouro que he quantidade admirauel, & que Guillelme Budeo no ſeu liuro de aſſe deixou aos lectores que tomaſſem trabalho de o aſſomar.

Tornando ao noſſo reino de Portugal, a outra copia de ouro que tinha era do rio Tejo de cujas areas os Poetas tanto cantaram & os Geographos ſcreueram & he notiſſimo ao mundo, o qual como atras dixe ſenão buſca por as deſeſas que os Reis fizeram para que re-

reuoluendoſe as areas do rio ſe nam areaſſem os campos com a corrente das cheas & ſe impidiſſe darem nouidade como acontece no Mondego que da meſma maneira como o Tejo, & como o Douro traz ouro de que muitos homens vizinhos aas ſuas ribeiras ſe mantem mui bem & aquirem fazenda. As areas deſtes rios nam ſaõ de ouro, como a gente popular cuida, & como os Poetas por galantear contam, mas nellas ſe acha o ouro em pedacinhos ou graõs. E a cauſa de naquelles rios ſe achar, he, que neſte reino ha muitos vieros de ouro & quando as terras em que o ha ſe lauram ou rompem as agoas no inuerno leuam conſigo aquella terra que acham ſolta & nos rios, & nas areas delles onde ſe vam meter ficáo aquelles miudos & piſcas de ouro aſſentados & nas areas os vão buſcar onde fizeram ſeu aſſento. Iſto acontece ao Hermo de Lydia & ao Pactolo de Aſia & ao Ganges da India, & ao Pado de Italia, & ao Hemo da Tracia em que ſe o ouro acha.

Os que eſcreuem dos metaes de Heſpanha principalmente Plinio dizem que nas terras ſeccas & ſteriles ha muitas mais veas de ouro & com razão porque nas terras mais ſeccas de Portugal que ſam Tralos montes permetindo as leis do reino que cada hum poſſa cauar as minas que quiſer pagando a el-Rei a quita parte, ſempre ſe exceptuão as mi-

minas das ditas terras que nam poderà nellas cauar ninguem porque eſtas ſe reſeruam para a coroa. A razam he porque nellas ſtâ tam certo o ouro como em theſouro.

Os Portugueſes deſte tempo, ou porque de ſua natureza ſofrem melhor a fome que o trabalho, ou por as muitas minas de ſam Iorge, de Arguim, de Çofalla, & de Moçambique, de que trazem muito ouro cada anno, querem antes ir buſcalo pelo mar que caualo na terra.

Alem da prata & ouro, ha em Portugual muito eſtanho de que ſe tira muita copia no Concelho de Laſoẽs cujas minas ſtaõ arrendadas pela fazenda del Rey.

Ha tambem muito ferro que ſe tira na villa de Penella: & ſe tirára muito na villa de Thomar ſe quiſeram, para que ja ſtauam começados os engenhos no rio delle. Mas como o reino ſtaa aa coſta do mar tam perto de Vizcaia donde aos lugares maritimos vem tanto ferro, pregadura & ferragem, nam curam de tomar trabalho de aa enxada o tirar da terra: porque niſto fariam mais cuſto que em o comprar.

Ha tambem muito chumbo na cidade arruinada de Aremenha, que antigamente ſe chamaua Medobriga, junto á ſerra da Eſtrella, cujos pouos os Romanos chamauão Plumbarios, como conta Plinio no lib. 4. cap. 22. de ſua natural hiſtoria.

CAPITVLO XXIII.

Das pedras precioſas, marmores & outras pedras de valor que ſe dam em Portugal, & de varias maneiras de terra de que ſe fazem vaſos de muita eſtima.

ALem da muita copia de metaes que contamos, ha muitas pedras precioſas que ſe dauão em Portugal, & ſe leuauão para fora, de que algumas erão rubijs que Plinio chama carbunculos no lib. 37. de ſua natural hiſtoria cap. 7. Iſto tinhaõ os Portugueſes, não por lhes vir da India, ſenão porque a terra os daua. Tambem diz no meſmo liuro que na parte da Heſpanha que confina com o mar Oceano, que não he outro ſitio ſenão o de Portugal, ſe criauão muitas pedras precioſas. Eſtas meſmas ſe acharião agora ſe ſe buſcaſſem com a induſtria & curioſidade dos antigos. Mas ou por a gente ſer negligente de ſuas couſas, ſendo grande admiradora das alheas, ou por a multidão das riquiſſimas pedras & perolas Orientaes que a eſte reino vem, deſpois do deſcobrimento da India, nam gaſtão tempo em as buſcar nas entranhas da terra, & as vão buſcar alem do mar.

Tambem conta Plinio de huma pedra obſidiana que ſe achaua no meſmo ſitio mui eſ-

eſtimada, que tinha apparencia de vidro, da qual fazião baixellas. Deſta pedra vi eu huma panella mui bem figurada, como as de vidro que ſe fazem para guardar conſeruas, & huns pequenos vaſos, como pequeninos ou rinoẽs, que eram os em que antigamente os amigos & parentes dos que morrião, deitauão as lagrimas que chorauão para as meterem nas ſepulturas com elles. O que com outras mais couſas vimos em huma ſepultura de abobada de huma molher Romana antiga, neſta cidade de Lisboa nas caſas que fazia Pero de Mendoça junto a ſancta Clara. Não he eſta pedra tam ſplendida & tranſparente como vidro, mas algum tanto denſa: & na côr daua huma apparencia de madre perola, porque tinha tamalauez de azulado. Plinio no meſmo liuro 37. diz que em Portugal ſe tiraua criſtal de eſpantoſa grandeza. As pedras que ſe agora achão em Portugal, ſam grandes priceços na ſerra da Eſtrella, & em outras partes & ſe achou ja hum pedaço com hum gafanhoto dentro, & outros fundados em palhas que dentro tinhão. Do que ſe collige ſer o criſtal agoa congelada, ſegundo Plinio: porque não ſe acha ſenão onde ha neues ou agoas que ſe congelão. Mas pela experiencia ſe vio que ſe tira tambem de pedreiras como as outras pedras precioſas, ſ. Eſmeraldas, ou rubijs que começão em criſtal, & deſpois vão tomando côr com os raios & ca-

lor do sol, que penetrão a terra: como aquella esmeralda que diz Plinio que se achou em Chipre mea verde em sua perfeição, & mea jaspe, como se não acabara de transformar de huma natureza em outra. E assi contam os que forão aa India, & virão varias pedras, que muitas vezes acharão esmeraldas meas verdes & meas brancas como cristal, & que cada dia se vem rubis da mesma maneira, meos vermelhos em huma parte & meos brancos na outra: & da mesma maneira Saphiras como que não estauão acabadas de cozer do sol. Isto se vê no arsenico que he o rosalgar, que tambem se acha em pedreiras o qual a principio he branco quando ainda stá cru, & despois pelo tempo, quando he mais cozido & maduro, se faz amarello, & se chama ouro pimento, ou jalde, & mais ao longe quando stá mais cozido, se torna vermelho, que he o azarcão que como não he mais maduro & cozido, não he tão venenoso.

Em outras partes deste reino se achão na terra pedaços de cristal soltos como sexos. E na villa do Crato cabeça do Priorado de sam Ioam do Hospital se tirão de poços, pedaços mui grandes de que eu vi hum tamanho, como a cabeça de hum homem em huma casa de vidros, do Doutor Damião de Aguiar Desembargador do paço.

Duas legoas de Lisboa no termo de Bellas,

las, villa de Francisco Correa, se achão Hyacinthos mui finos & em muita quantidade, huns pegados em sexos & em pedras, & outros soltos em cima da terra laurada de nouo, os quaes saõ tam rijos, & taõ finos como os da India, mas algum tanto mais obscuros: pelo que não parecem tam pelucidos, & transparentes.

Em Villauiçosa lugar principal do Ducado de Bragança que stá na comarca de alem Tejo, em hum caminho que vai para a villa de Borba que dista della mea legoa, ao pee de hum monte se achão cauando a terra, muitas pedras verdes soltas, a que os Gregos chamaõ Cyaneas, & nos Turquesas, de que algumas saõ tam finas que se não se desenferenção das que vem da Persia.

Entre as pedras de muito preço & valor se podem contar os finissimos marmores que neste reino ha, principalmente na villa de Estremoz em alem Tejo. O qual he de tanto lustro & graça que lhe não leuão auantajem os mais finos alabastros de outras regiões. Porque alem de ser branquissimo & de grande lustro, ha huns delles tam variados que vão figurando humas agoas grandes ou ondas, que humas delgadas linhas vão fazendo nelles com tanta perfeição, que parece que as mãos dos homens as variarão com artificio, & não a natureza: & o que mais he de estimar que aquellas linhas que vaõ nelles fazen-

zendo aquellas ondas, não saõ todas de huma cór, mas se achão de muitas cores & maneiras, humas de verde, outras de azul, outras de vermelho, & alguns de negro que tem muita graça por o branco & o negro, como contrarios oppostos, ficarem então mais realçados. E aas vezes huma mesma pedra sae variada de muitas cores juntamente. E por todas âs montanhas & pedreiras daquella villa serem de hum mesmo genero de pedra, todos os edificios della, muros, torres, calçadas, & casas dos mais pobres homens, saõ de marmore. O qual se fora todo laurado ao scorpo, & polido como he a grande torre que el Rei Dom Dinis hi mandou edificar, que de muitas legoas ao longe se enxerga, fizera huma marauilhosa vista. Daquella villa se leuão os marmores para os mais nobres edificios & sepulturas do reino. Deste marmore se vem formosas pedras no collegio do Spirito sancto da Companhia de IESV da cidade de Euora, & nas fontes, & outros edificios della. Nos moesteiros de Belem & da Batalha, no marauilloso edificio de sam Lourenço do Escorial para onde el Rei Dom Philippe nosso senhor que staa em gloria mandou leuar algumas.

Na villa de Viana a par de Euora, ha outro marmore branquissimo, do qual por nam hauer outra pedra naquelle lugar, sam edificadas todas as igrejas & casas de toda

a

a gente alta & baxa: & as calçadas, & chafarizes & fontes que eſtão aluejando: & dão mui gracioſa viſta a quem aaquella villa chega. Em Villauiçoſa ha pedras que tirão a verde, mui fermoſas, de que ſe leuarão muitas para as obras de S. Lourenço do Eſcorial. Em Trigade termo de Lisboa, ha huma pedra marmore vermelha com algumas veas brancas. E outra tambem vermelha em Bellas, mais cerrada na cór que os Yacintos da India, & mui fermoſa. Outra vermelha ha em Caſcais a que chamão, da torre da Guilha ainda de mais cerrado vermelho da qual ao preſente ſe faz mais caſo que das outras & ſe buſca mais para as obras de que ſe agora fez huma grande ara para a capella moor de noſſa Senhora da Graça deſta cidade. Neſtas pedras deſpois de lauradas & polidas com o luſtre que tem, ſe podem ver como em eſpelhos.

Pedra preta finiſſima que parece Ebano ſe acha em Sintra & outra tão alua & luſtroſa que parece hum camafeo & della ſe fez aquelle excellente retauolo de noſſa Senhora de Penna de Sintra com todas as figuras de releuo per mão de meſtre Nicolao Frances grande ſtatuario.

No lugar de Ansã junto com Coimbra ha huma pedra branquiſſima, nam tão luſtroſa como marmore, mas denſa como geſſo. He eſta pedra tão molle & apparelhada para ſe la-

laurar, que com scopros á lauraõ os pedreiros & sculptores como madeira rapando, & cortando, & não batendo pelo que fazem della obras tam delicadas & miudas que de madeira ou de cera se não podem fazer mais.

Na villa de Setuual ha' huma pedra de varias cores conuem a saber branco, vermelho, encarnado, toda feita de remendos como seixinhos, que parece que se pegaram com a maão & que naõ nascerão assi, a qual a gente vulgarmente & erradamente chama, Iaspe, por aquella diuersidade de cores. Desta pedra staá edificada toda aquella grande villa, assi casas como templos, muros & torres por nam hauer outra pedra assi na villa & termo seu como 'nas montanhas, vizinhas da serra da Arabida, a que os antigos chamaram Promontorio Barbario. Pelo que todos edificios he necessario serem della: os quaes muros & torres se como sam de pedra tosca, foram laurados polidamente & de cantaria fora a mais fermosa cerca do mundo. Desta pedra a que he solida & masiça (porque algũa he espongiosa & se desfaz com o tempo) & a que a certa nam ser variada, mas fica soo em vermelho, parece verdadeiro porphido. Deste marmore que o vulgo chama jaspe se tiram fermosas pedras na villa de Lagos de muita vantagem deste de Setuual, porque he mais maçiço & de cores mais graciosas: como se ve em Lisboa no mosteiro de nossa

Se-

Senhora da luz, & nas portas das guardaroupas & jardim do Doctor Damião daguiar defembargador do paço.

E porque ſtamos em materia de pedras para que o lector que iſto ler daqui em diante, não ignore que couſa he jaſpe, lho quero deſcreuer, pois não faço diſgreſſam da materia propoſta. He o jaſpe huma das pedras precioſas a que os Latinos chamam, gemmas & per outro nome lapillos que quer dizer pedrinhas: por o pouco que creſcem em quantidade conforme aa ordem da natureza que das couſas melhores dá menos. Naſce eſta pedra em muitas regioẽs, & aſſi tem as cores varias. A que naſce na India pela mór parte he verde que parece eſmeralda: em Chypre he de cór de olhos de garça, em Perſia he da côr do ar. Os jaſpes de Phrygia ſaõ vermelhos, & aſſi ſaõ varios ſegundo a terra em que ſe dáo: ſua natureza he ſerem criſtallinos & tranſparentes, mas nam de todo, porque algum tanto ſam mais denſos, & coalhados da maneira que ſam as agatas; o tamanho he como das eſmeraldas & rubijs pois ſe trazem nos aneis, como ſe ve em hum epigramma de Marcial lib. 10. aonde pinta hum poeta ſeu amigo que trazia muitos aneis de pedras em hum dedo.

Sar-

Sardonicas, ſmaragdos Iaſpidas vno
Portat in articulo Stella ſe·veré meus;
Multas indigitis plures in carmine, gẽmas
Inuenies, inde eſt hæc quoque culta manus.

Por aqui ſe ve que erão pedras pequenas & mui eſtimadas, pois ſe traziam nas maõs. E Virgilio li. 4. AEned. deſcreuendo o ornato com que ſtaua AEneas em Carthago quando Mercurio a elle foi, diz que tinha huma eſpada guarnecida de ſtrellas de jaſpe.

Stellatus iaſpide fulua
Enſis erat Tyrioque ardebat murice læna
Demiſſa ex humeris, dines quæ munera Dido
Dederat & tenui telas diſcreuerat auro.

DAs qualidades & eſtima deſta pedra temos mais certo teſtimunho no capit. 28. do Exodo onde Deos mandaua a Aron que ſobre a veſte ſacerdotal trouxeſſe ante o peito huma joia de panno de purpura graã Hyacintina, & de byſſo pendurada per huma cadea de ouro em que eſtauam engaſtoadas doze pedras precioſas poſtas em quatro ordens em que na primeira foſſem huma Sardonica, Topaſio, & eſmeralda, & na ſegunda hum rubij, huma Saphira, & hum Iaſpe. Na terceira & quarta ordem outras ſemelhantes pedras precioſas. Pli-

Plinio tratando dos Iaſpes ſendo elle o Chroniſta da natureza que tanto vio & tanto leo, por grande façanha conta que elle vio hum jaſpe que peſaua onze onças, do qual hum ſculptor fabricou a effigie de Nero armado com humas couraças: & neſta terra aonde do Oriente vem tanta pedraria o moor jaſpe que eu vi, foi hum cabo de hum cris, ou hum terçado feito na India que tinha as tachas de Iaſpe, & humas pequenas facas da meſma maneira. Do que ſe collige que as montanhas de Setuual, & do ſeu contorno & as carradas de pedra que della ſe tiraõ, nam ſam Iaſpe.

Tornando aas pedreiras de Portugal donde nos apartamos, nelle naõ faltaõ vieros de azeuiche que os Gregos & Latinos chamão, gagates, do qual no lugar da Batalha ſe tira muito de que ſe fazem muitos brincos & louçainhas para molheres que ſe leuão para todo o reino & fora delle. Na villa da Ruda ha huma pedra de grande vtilidade, que ſoo quis Deos que aproueitaſſe para os homens daquella villa, com a qual ladrilhão os fornos em que cozem o pam: & tem tal natureza & quentura intrinſeca, que ſe pela manhaã aquentão os fornos com qualquer rama ou lenha que ſeja, ſtão quentes todo aquelle dia, & cozem ate noite ſem lhe deitarem mais lenha: & ainda de noite ſe lhe deitão pam para biſcouto, o acham pela manhaã

nhaã feito. E quando vem pelas feſtas que tem oitauas naquelles dias (ſegundo me affirmaram) ſem mais aquentar os fornos aſſaõ nelles galinhas, & patos & o que lhe metem dentro. O lugar em que aquellas pedra naſcem he hi perto dous tiros de beſta onde chamam as Antas. E leuadas para fora daquella villa nam fazem o meſmo effecto como ſe muitas vezes experimentou. Parece que eſtas pedras ſam eſpecie daquellas que os Gregos chamam, Pyrites, & alguma maneira de pederneira. E quem ouuir o que dizemos deſta pedra nam ſe eſpantara ſe ler Plinio no lib. xxxvi. dos admiraueis effectos que ha em pedras de diuerſos generos, de que humas comem os corpos mortos dentro de quarenta dias, como he o Sarcophago, que dahi tomou o nome que naſce na Aſia na regiaõ da Troade em hum lugar que chamão Aſſo. Outra pedra que chamam, chernite, que parece marfil, conſerua os corpos que ſe nam gaſtem: da qual diz o meſmo author que fizeram huma ſepultura del Rei Dario da Perſia.

Outra pedra ha que esfria a agoa como neue; & por iſſo bebem por vaſos feitos della, & aſſi ha outras infin das variedades em pedras que parecem (como diz Plinio por as agoas) joquettes da natureza.

Alem deſtas pedras ha outras em Portugal neceſſarias aa vida & ſoſtentação dos homens,

mens, que saõ as pedras mollares, em que se moe o pam, de tanta bondade, dureza, & aluura para aquelle mester, que alem de o reino se bastecer dellas, se leuam para fora delle para muitas partes do reino de Castella & Leão, & para as Indias Orientaes, & Occidentaes, & Ilhas. De todas sam as melhores, & mais aluas, as de Cezimbra, Aluito, & Condexa junto a Coimbra, que fazem as farinhas mais aluas que quantas se sabem em Hespanha.

Alem destes vieiros de pedras que ha de differentes generos, ha outros de barro fino, & de excellente cheiro de que se fázem pucaros & outros vasos maiores para beber & ter agoa de muitas feições, & de gentil talho, de que dam o primeiro lugar aos de Lisboa, por o bom cheiro que de si dam a quem por elles bebe. Outros sam após estes os de Monte moor o nouô, que em cheiro lhes nam dam lugar, porque sam pucaros que nunqua sam velhos como os de outras partes: & a razão he, que sam feitos de barro mui cheiroso, & amassados com muitas pedrinhas, que parece que sam tantas as pedras como o barro: dos quaes quando querem vsar, os roçáo primeiro com huma pedra, & assi descobrem outras mais pedras, & fica nouo barro: & assi cada vez os que querem fazer nouos, que tenham o cheiro que tinham quando nouos, os tornam a roçar, & começaõ appa-

re-

recer outras pedrinhas. Outros pucaros ha do Sardoal de barro groſſeiro & ſemeado de algumas pedras mais groſſas que as dos de Monte moor que para o veram ſam mui freſcos: porque reçuma por elles a agoa por ſerem mui poroſos & aſſi a esfriam mui em breue.

Ha outros da villa de Pombal quaſi da meſma feiçam que tambem ſaõ mui eſtimados. Os pucaros de Eſtremoz nam ſe deixaram por de menos bondade. Antes ſam de grande eſtima porque ſam de hum barro tam fino & tam coado & tam liſo como ſe foſſem de vidro & de excellente cheiro & ſabor quando ſaõ nouos, & em que ſe fazem muitas louçainhas por a fineza do barro que o conſinte: dentro dos quaes ſe formão raãs & cobras & outros animais aquaticos, & vam ſemeados de pedrinhas tam miudas que parecem area que com humas pedras brancas mais groſſas que lhes poẽ em que ſe quebra a agoa, ſaõ mui apprazieis: porque cada pucaro fica parecendo huma fonte. Pelo que ſe podem gabar os Portugueſes que bebem as melhores agoas & pelos mais apropriados vaſos para ellas que todas as outras naçoẽs onde os maiores ſenhores bebem a agoa por vaſos de materia & de obra, perque ſe não dignaria beber hum laurador dos noſſos: & aſſim ſam eſtes vaſos taes, que os naturaes da India & de outras partes os mandão pedir

dir a Portugal, & lhos mandão por mercadoria. E não he de espantar fazerem os Portugueses tanto caso de baxella de simplez barro para beberem, porque (como delles screue Strabão) sam naturalmente bebedores de agoa, & por isso buscão vasos da terra para que sempre lhes pareça que bebem na mesma fonte.

CAPITVLO XXIIII.

Do sal que se neste reino faz.

TRactando nos de agoas & de pedras parece que vem apelo tratar do sal que he pedra que se faz da agoa & pois he tão necessario que sem elle como sem a agoa não podemos viuer. Porque quasi a todos os mantimentos que Deos para nos criou parece lhes ficou huma falta de temperamento & graça que quis depositar no sal fazendo o sabor de todos os sabores para com elle a supplirem. Pelo que Platam no dialogo de amore diz, que vio hum liuro de hum homem mui sabedor em que somente tractaua de louuores do sal. De que este nam he pequeno que a todos boos ditos, & graças, & palauras muito auisadas nam lhe podemos dar mais proprio nome, que sal, & chamar a hum homem sabedor, gracioso, ou eloquente salgado: & ao que daquellas partes carece, ensoso, &

sem

ſem ſal. E aſſi querendo noſſo Senhor comparar a ſabedoria & virtude de ſeus diſcipulos, dixelhes que elles erão o ſal da terra. Finalmente tam encarecida foi de Deos a bondade do ſal, que mandaua que os ſacrificios que lhes fizeſſem, foſſem temperados com elle, & que em todas as oblaçoẽs que lhe offereceſſem acreſcentaſſem tambem algum ſal. E entre outras ceremonias que a ſancta madre igreja introduzio no Sacramento do Baptiſmo, he, que aos baptizados ſe lhes meteſſe nas bocas ſal em final de doõ de ſabedoria: & ate os meſmos gentios nam farião ſacrificio ſem interuir ſal: & tanta reputaçam teue o ſal entre todas as gentes, que os Egypcios, ó não ouſauão comer como couſa què erá ſagrada & o adorauão como a hum dos outros ſeus Deoſes. E por tam ſagrada couſa tinham os antigos todos o ſal, que quando hum queria dizer que era lembrado da criação, ou bem que de outro recebera nam dizia que era lembrado do paõ que em ſua caſa comera, ſenão do ſal: como ſe ve no lib. 1. de Eſdras no cap. 4. onde certos Babylonios em huma carta a Artaxerxes moſtrando que lhe erão leaes ſeruidores, dizião, lembrados ſomos do ſal que em voſſa caſa real comemos.

Deſtá couſa tam vtil & neceſſaria aos homens, & hauida por tam ſagrada he tam rico Portugal, que com o ſal de hum

ſoo

ſoo lugar chamado Setuual ſe ſoſtentam as mais das prouincias do Septentrião aonde o vem buſcar infinito numero de naos cada anno, & de outro lugar, que chamão Alcacere do ſal: & já os Romanos lhe chamauão Salacia, por o muito ſal que dahi ſe leua por terra para todo o ſertam dos reinos de Caſtella & Leão ate a mancha de Aragam & outras partes que podendo o hauer de lugares maritimos que tem & de poços, o deixam por o de Portugal que na aluura & goſto excede a todo o de outras partes. Alem daquelles lugares que nomeamos daſe tanto ſal nos lugares de riba Tejo & nos contornos de Lisboa aonde a agoa ſalgada chega, no reino do Algarue, em Aueiro, & em todos os lugares maritimos delle, que o que ſobeja do muito do que ſe no reino gaſta na ſalgadura do muito peſcado que carrega para fora delle per mar & per terra, & o muito que ſe gaſta na muita azeitona, que ſe tambem ſalga, pode baſtecer muitos reinos.

CAPITVLO XXV.

Do azeite que ſe colhe em Portugal.

POr as excellencias que contamos do ſal & da muita quantidade que delle ha em Portugal, parece ſe deue lançar mão do azeite que nam he menos vtil & neceſſario ao

mundo, nem delle se podem dizer menos louuores. Porque se com sal queria Deos que lhe fizessem sacrificios, com oleo quis Deos que se alumiassem seus templos. Se com sal se celebra o Sacramento do baptismo, sem o oleo sancto, & o sancto crisma que se delle faz, senão confirmão os baptisados: se sem sal se nam benzem as fontes, sem oleo se nam benzem nem vngem os que estão para caminhar desta vida, nem se consagrão as igrejas, os altares, os vasos sagrados, os Sacerdotes, os Pontifices, nem se vngem os Reis. E se ao sal comparaua Deos as virtudes & sabedoria de seus discipulos, aa arnore que dá este oleo comparaua o Spiritu sancto â Virgem nossa Senhora Rainha desses discipulos & dos ceos. Este sancto liquor he o que dá luz ao mundo quando o Sol se absenta de nos para dar luz a outras gentes, & nos tira as treuas que saõ comparadas aos infernos, sem o qual a vida dos homens fora triste, & nojosa. Porque a luz que per meio de outros materiaes tiueramos fora imperfeita, diminuta, & custosa, & em muitas regiões impossiuel. Finalmente tam vtil ao mundo, he o oleo para tantas cousas & taõ celebrado de todos os que da natureza dellas screueram, para remedio dos homés que não sem razam entre as cousas que Deos exaggeraua da terra da promissaõ, he o azeite. Este he o liquor que se acha nos templos para saude das almas,

nas

nas boticas para saude dos corpos, & em toda a parte para grande vtilidade dos homẽs. A grande quantidade que deste fruto ha em Portugal, não podem negar as terras dos ſtados de Flandres, de Alemanha, e muitas partes dos reinos de Caſtella velha, Leam, Galliza, & a India Oriental, Braſil, & Ilhas dos ſtados de Portugal que ſe ſoſtentam do azeite delle, & ſe lhes leua por mercadoria & muito ſabão branco que delle ſe faz que ſe tira para fora de Heſpanha. Huns dos lugares do reino em que mais copia ha, ſam as Villas de Sanctarem, Moura, Tomar, Abrantes, Eſtremoz, & as cidades de Lisboa, Eluas, Beja, Coimbra. Em bondade & ſabor o de Euora, Aluito, Torres nouas, Montemor o nouo, donde ſe ſoia leuar para as cozinhas dos Reis. Mas o de Coimbra no ſabor, na cór & na delgadeza me parece que para comer leua vantagem ao de Venafro, & ao da Iſtria, porque parece hũa agoa ſtilada & que ſe pode beber ſem offenſa que ſoe fazer a groſſura daquelle liquor. Finalmente em todos lugares de Portugal & do Algarue ſe dá azeite contra o que Theophraſto ſereueo, que diz nam ſe darem olliueiras afaſtadas do mar quarenta milhas, que ſam dez legoas, do que vemos ſer o contrario nas cidades de Euora, Beja, Eluas, & na villa de Moura, em que ha mais copia que em nenhum lugar do reino, & nas villas de Serpa,

Eſtremoz, Portel, & outras, & em outros muitos mais lugares de alen Tejo, & da eſtremadura, & da Beira mettidos pelo ſertam muitas mais legoas afaſtados do mar. A verdade diſto he, que perto do mar por hi ſer o ar mais tepido, & mimoſo ſe dam as oliueiras melhor. Porque (como dizia hum Fabiano, que Plinio allega no liuro 15. cap. 1.) as oliueiras nam ſe dam em terras frigidiſſimas, nem nas calidiſſimas, como vemos, que as não ha em Alemanha, nem em Flandres, nem nas outras prouincias chegadas ao Norte, nem na Ethiopia, nem na India, nem em outras terras tam quentes. E nas meſmas terras temperadas, que ſam Italia, Heſpanha, & Africa, onde ha agora tantos oliuaes, nam hauia eſtas aruores (como o meſmo Plinio diz) nos tempos dos Reis de Roma. E muitos annos deſpois, de ſua cidade edificada, valia o azeite preço exceſſiuo. Em tempo da guerra Troiana ſcreue Homero, que de hum tronco de hũa oliueira com ouro & prata, era fabricado hum rico leito de Vlyſſes. Por o qual quando veo de ſua peregrinação, logo perguntou como por a joia mais eſtimada que tinha. Da qual madeira ha em Portugal tanta, que com ella nos aquẽtamos & a gaſtamos nas cozinhas em lenha, & caruão que della ſe faz. A inuenção do azeite tiueram os antigos em tanto, que a hũa molher Athenienſe que chamaram,

ram, Minerua, a que elles a attribuẽ, fizeram Deosa, & outros a hum Aristheo tambem Athenienſe. O que he falſo: porque antes de Athenas já hauia azeite. Porque Moiſes que foi antes deſſa cidade diz no cap. 25. do Exodo que lhe mandou Deos que o ſeu tabernaculo foſſe alumiado com lampadas de puriſſimo azeite. E muitos annos antes diſſo quando o Patriarcha Iſac deitou aquella bençaõ a ſeu filho Iacob, lhe dixe que Deos o fizeſſe abaſtado de pam, vinho, azeite como ſe lee no cap. 27. do Geneſis. Mas piadoſamẽte ſe deue crer que aquellas couſas ſem as quaes os homẽs nam podiam paſſar a vida & que hauiam de ſeruir para doctrina ſua, & para miſterios da religiam & culto diuino não forão inuenção de homẽs, ſenão que a principio do mundo as reuelou Deos a Adam & a aquelles primeiros Patriarchas, & elles as enſinaram a ſeus filhos, & delles vieram a nos, como foram as letras, a obſeruação das couſas celeſtes, a muſica, & a inuençam do pão & vinho & outras couſas, que ellas meſmas ſtão dando teſtimunho que per prouiſam diuina foram achadas.

CA-

CAPITVLO XXVI.

Dos vinhos.

DO vinho que naſce em Portugal nam ſómente ſe pode baſtecer o reino, por em todas partes delle hauer muita vinhateria, mas delle ſe tira todolos annos para fora per mar grande quantidade para a India Orientál, para a Mina, Braſil, reino de Angola & outras partes de Guinê, & para as Ilhas todas dos ſtados de Portugal, & para Flandres & outras prouincias do norte, a fora o que ſe gaſta nas muitas armadas que cada anno ſaem deſte reinó para diuerſas partes do mundo ſem nunqua por iſſo o reino ficar falto delle. Eſtes vinhos ſaõ tão varios nas cores & no ſabor, quam varios ſam os ſitios em que ſe dam. Dos quaes muitos delles ſam tam excellentes que lhes nam fazem vantagem nenhús dos mais louuados de Grecia, & de Napoles, ſobre que lembraremos algús dos que tem grande nome, começando da vltima parte da Luſitania, que he o Algarue de que os de Aluor, Villanoua de Portimão, & da cidade de Lagos tem o primado. Em alenTejo ha os vinhos da cidade de Euora, de que ſam mui eſtimados os de Peramanca em ſabor & ſubſtancia: por os quaes dizia hum grande medico, que por ſerem mui amigos

do

do eſtomago, & da natureza, tanta força punhá em hum corpo como paõ, vinho & carne de outras partes. O meſmo nome tem outros muitos de alentejo onde ha vinhos mui finos, como ſaõ os brancos de Beja, os palhettes de Aluito, de Viana, de Villa de Frades, das Alcaceuas, & os mui celebrados de Alcouchette, & Caparica mui conhecidos dos ſenhores & homens mimoſos de Flándres & Alemanha que os mandam buſcar & os viſinhos & que competem com eſtes do Barreiro, do Lauradio, do Sexal, de Alhos Vedros. Na eſtremadura os muitos & deſuairados generos de vinhos do termo de Lisboa & ſeus contornos de Loures, da Charneca, de Oeiras, Vnhos & Camarate. E os mui eſtremados de Torres Nouas, Leiria, & Ourem. Os de Cantanheda, da Louſaá, & de Figueiroo que dos vinhos ſe nomea. Para carrega ſam infinitos os vinhos que dá Santarem, Alanquer, & Torres vedras & ſeu grande termo. Os quaes com os de Lamego & Monção poderiam baſtecer hum reino deixando a parte os que ſe dam na Beira.

Eſta bondade de vinhos he occulta na cidade de Lisboa aos eſtrangeiros que a ella vem & aos naturaes que tem pouco, por hum abuſo que nella ha que he mandar vender o vinho bom & precioſo, & o azedo & peſſimo per hum meſmo preço, que he couſa contra razam, & de que vem ſer o ef-

effecto contrario do que ſe pretende, que he valer o vinho barato: porque o vinho vulgar ſta venda aberta a todos & o fino & bom vendeſe occultamente & per junto por preço exceſſiuo aos naturaes & eſtrangeiros que ſam ricos o que he grande abſurdo. Porque o que nam pode beber aquelle vinho da tauerna azedo, ou corrupto ou que he doente ou lhe vem o hoſpede a que quer agaſalhar nam acha em hũa tam grande cidade que tanto bom vinho tem de ſua colheita ou que de fora lhe vem hum quartilho de vinho bõ por ſeu dinheiro. Polo que aquella terra a que Deos deu melhores frutos que a outras, fica infamada por aquillo de que houuera de ſer louuada. O que ſe podia euitar cõ permitir que ſe vendeſſem os vinhos finos em certos lugares taxados ſegundo a bondade delles per officiaes para iſſo deputados. Fallo niſto ſem pejo, porque os que me conhecem, ſabem que ſou maior bebedor de agoa que de vinho aa cuſta de hũa valente alma incurauel que por iſſo ganhei & como zeloſo que ſempre fui do bom gouerno publico.

CA-

CAPITVLO XXVII.

Do mel & cera.

DE mel ha tanta copia neſte reino quanta baſta para elle & para repartir com ſeus viſinhos, de que em muitas partes o ha tam branco & tam duro que deſpois que ſe congela fica parecendo açucar muito aluo & ſe nam pode tirar das vaſilhas ſem primeiro ſe quebrarê: & aſſi fica na figura de que era o vaſo em que eſtaua. E o que he do termo de Lisboa & ſeus contornos por cauſa das roſas & flor de laranja & outras, dà de ſi hum ſabor ſuauiſſimo que repreſenta as meſmas flores. Deſta qualidade he o que ſe daa nos campos de Euora, no termo de Torres vedras, Abrantes, & ſerra de Minde, & o excellente & muito em quantidade do campo de Ourique de fio que parece açucar clarificado. Do que chamam de mato, que he mais groſſo & menos aluo, ha infinda copia per todas partes do reino, onde ha mato, & charnecas, em que ha muitas cilhas de Colmeas, de que ha algum mui ſaboroſo quando o mato he de murta, alecrim, ou roſmaninho. De todo genero de mel poderão ter quanto quiſerem negociar: porque não tem mais neceſſidade, que de aſſentar os cortiços. Mas como em Portugal ſe veo a regalar a gente tanto com

a inuenção das ilhas da Madeira, do Cabo Verde, de ſam Thomê, & do Braſil, de que vem cada anno tanta carregação de açucares, não curão de gaſtar mel, ſe não onde os materiaes que ſe guiſaõ o requeré de neceſſidade. Porque as marmeladas que os antigos fazião de mel, em caſas mui honradas, não quer agora qualquer macanico comelas, ſe não de açucar, & tocadas de ambar & almiſcre: que tambem niſto ha agora ambição, & pontos de honrra.

CAPITVLO XXVIII.

Do muito gado de toda ſorte, que ha neſte reino.

A Muita copia de gado de todo genero que ha neſte reino, procede das muitas heruagẽs que nelle ha por cauſa das muitas agoas de fontes & rios com que a terra he regada: & polo bom temperamento dos ares: que não ſomente he baſtante para ſoſtentar o gado do reino, mas ſoião os moradores do campo de Ourique, & de outros lugares de alen Tejo, no inuerno, & os da ſerra da Eſtrella no verão arrendar partes de ſuas heruagães, que podião eſcuſar aos Sorianos, & moradores outros de Caſtella que a eſte reino vinhão, paſtar ſeus gados. A qual entrada ſe defendeo por os muitos enganos que os foraſteiros niſſo com-

commettiam, que quando tornauam com cobertura dos ſeus gados, leuauam muito que comprauam no reino miſturado com os ſeus a que nunqua ſe pode obuiar com rigurosas leis que ſobre iſto ja de tempos antigos hauia de decepamento de pees, perdimento de fazendas, & grandes degrados, as quaes dos paſſadores ſempre forão illudidas, por o reino de Portugal ſer tam contiguo ao de Caſtella. Mas ſem embargo dos grandes furtos que os paſſadores fazem, cada dia ha grãde abundancia de gado. Porque ſoo na terra de entre Douro & Minho, que nam tem de longura mais de dezoito legoas, & que de largo tem muitas menos, ſe affirma hauer quatrocẽtas mil cabeças de gado vacum: & de ouelhas, cabra & porcos, hum milhão. E das muitas ouelhas que neſte reino ha, dão tambem teſtimunho as muitas laãs que ſe delle ſempre tiraram para Flandres, & para Inglaterra quando com Ingreſes tinhamos commercio a fora os muitos pannos & finos que ſe já fazem em Portugal nas partes de alen Tejo & nas mais chegadas á ſerra da Eſtrella, como Portalegre, Couilhaã com ſuas trezentas & ſeſenta & tantas aldeas & em Caſtello de Vide & outros muitos lugares de alen Tejo.

Ha tambem muitos pórcos, por a muita lande que em ſuas montanheiras & azinhaes tem os de alen Tejo, & muita caſtanha os da Beira, & entre Douro & Minho com que

ſe

se ceuão : pelo que quando os ham meſter os achão mui gordos : ao que ajudam as muitas agoas que em toda a parte ha para acharem lamaçoẽs que he o ſeu principal regalo. Para o que faz o teſtimunho de Marco Varram no liuro ſegundo de ſua *Re ruſtica* onde diz , que hum Attilio Romano que reſidia em Heſpanha homem de muita erudição & verdade contaua que na Luſitania vlterior que deuia de ſer nas terras de alen Tejo ou no Algarue ſe matou hum porco de que ſe mandou de preſente hũa poſta a Lucio Velumnio Senador Romano que em Heſpanha andaua , a qual ſendo ſomente de duas coſtas do porco , peſou vinte quatro liuras : porque do couro atê o oſſo tinha gordura de altura de hum pee & tres dedos. Iſto ſe pode crer por o que lhe reſpondeo Marco Varram que elle ſabia em certo que em Arcadia , que he hũa prouincia de Grecia no Peloponneſſo ſe vio hũa porca tam gorda , que nam ſomente nam ſe podia leuantar do cham em que jazia mas que hũa rata no ſeu corpo della lhe roeo o couro & a carne & lhe fez hum ninho em que eſtaua com os ratinhos que parira , ſem a porca por ſua corpulencia & gordura os poder lançar de ſi.

CA-

CAPITVLO XXIX.

Dos cauallos.

NAs terras de alen Tejo, nas do Algarue & nas de tralos Montes & em Santarem houue ſempre criaçam de bons cauallos de que ao preſente nam ha tanta por culpa dos homens & da mudança dos coſtumes antigos dos Portugueſes, cujos exercicios quando nam andauam guerra, eram juſtar, jugar cannas, ſair aos Touros & montear, & continuar as carreiras. Niſſo tinham os Reis por companheiros que corriam com elles, como coſtuma fazer o bom Rei Dom Manoel: & fauoreciam aos que melhor o faziam, & os animauão & grangeauam para ſe ſeruir delles.

Hauia no reino hum Coudelmoor que ſempre foi fidalgo mui principal, & outros Coudeis pelas comarcas que tinham a cargo a criaçam dos cauallos, & a obrigaçam de conſtrangerem aos lauradores terem egoas fantijs caſtiças, & de procurarem que os cauallos a que ſe lançaſſem, foſſem de certas qualidades. Agora ſtá iſto eſquecido, & fidalgos mancebos, & gentijs homẽs em toda Heſpanha veſtidos aa Marqueſotta, & aa Franceſa, nam ſe pejam de andarem paſſeando ante as damas em machos: por o que em outro

tro tempo poderam leuar muitas apupadas. E tornando aos cauallos de Portugal, todos los ſcriptores antigos que das couſas de Heſpanha ſcreueram, dizem que nam longe de Lisboa, como vinha o veram & ventauam os ventos fauonios que ſam os Zephyros pondoſe com os roſtos fronteiros as egoas concebiam delles ſem ajuntamento de macho, & pariam delles cauallos ligeiros como os meſmos ventos. Iſto nam ſe tem por tam vam que o não conte Marco Varram em ſeus liuros de *Re ruſtica*, que foi varam illuſtre & de môr authoridade que todos os Romanos, ſegundo teſtimunho de Marco Tullio, & que ſteue em Heſpanha vindo contra Ceſar no tempo das guerras Ciuijs. O qual diz que a couſa era admirauel, mas verdadeira. E confirma poder aquillo ſer aſſi, como as galinhas de caſa ſem ajuntamento de macho parem os ouos. O meſmo affirma por a razam de Marco Varram, Columella author de grande authoridade & natural Heſpanhol fallando nos liuros de ſua *Re ruſtica* da criaçam dos gados & cauallos, & deſpois delles Plinio no liuro 8. capit. 42. de ſua natural hiſtoria o qual teue muita noticia das couſas de Heſpanha, como quem nella foi vedor da fazenda do Emperador Veſpaſiano. Iſto meſmo das egoas approuandoo Marco Varram entendeo Virgilio no liuro 3. de ſuas Georgicas & o teue por verdadeiro quando dixe.

Sci-

Scilicet ante omnes furor eſt inſignis equarum
Et mentem Venus ipſa dedit, quo tempore Glauci
Potniades malis membra abſumpſere quadrigæ.
Illas ducit amor trans Gargara, tranſque ſonantẽ
Aſcanium ſuperant montes & flumina tranant.
Continuoque auidis vbi ſubdita flãma medullis.
Verè magis (quia verè redit calor oſſibus) illæ
Ore omnes verſæ in Zephirum ſtant rupibus altis
Excipiuntque Leues auras, & ſæpè ſine vllis
Coniugys vento grauidæ (mirabile dictu)
Saxa per & ſcopulos, & depreſſas conualles
Diffugiunt, &c.

E Silio Italico poeta grauiſſimo de geração Heſpanhol no liuro 3. teue a meſma opinião acreſcentando que aquelles cauallos filhos do vento nam viuem mais que ſete annos per eſtas palauras.

Hic adeo cum ver placidum, flatuſque tepeſcit
Concubibus ſeruans tacitos, grex proſtat equarum
Et venerem occultam genitali concipit aura:
Sed non multa dies generi, properatque ſenectus,
Septimaque his ſtabulis longiſſima ducitur eſtas.

Soo Iuſtino abbreuiador de Trogo Pompeio contra eſtes auctores tam graues, & como teſtimunhas de viſta que tanta noticia tinham das couſas de Heſpanha, ſteue niſto contumaz, & teue pera ſi que iſto foi fabula que naſ-

naſceo da ligeireza dos cauallos de Portugal: os quaes com razão diz elle que ſe podem comparar aos ventos. E ſe por algũs ſe pode iſto dizer, he, por os cauallos & egoas do campo de Mondego que ſe achão de Coimbra ate Montemoor o velho, & outros lugares comarcãos, que no corpo ſaõ pequenos, & ſemelhantes aos pequenos de Galliza: os quaes os moradores daquelles lugares da ribeira de Mondego, ſem ferraduras & ſem ſellas aſſentados em hũs coxijs ou enchimento (que elles chamam ſellegoẽs) & ſomente com hũs barbicachos ſem freos correm de maneira, que com muita razão ſe pode dizer, que aquelles cauallos ſam ventos ou ſemelhantes aos ventos.

Hum cauallo notauel & prodigioſo naſceo neſte reino a Iulio Ceſar, o qual tinha as vnhas fendidas em cinco partes como mãos de homem, & não conſentia que alguem nelle caualgaſſe, ſenão o meſmo Iulio Ceſar: como ſe ſcreue do Bucephalo de Alexandre Magno: & tinha o Ceſar em muita mais eſtima, por dizer hum aſtrologo grande daquelle tempo, que quem era ſenhor daquelle cauallo viria a ter o imperio do mundo. E quando lhe veo a morrer, mandou pendurar ſua effigie no templo de Venus, como o teſtificão Suetonio Tranquillo na vida d meſmo Ceſar, & Plinio no liuro 8. cap. 42o

CA-

CAPITVLO XXX.

Da grande multidam de peſcados, aſſi de mar, como dos rios que neſte reino morre, de que ſe mantem a maior parte de Heſpanha.

COmo as terras de Portugal & do Algarue da banda do Occidente ſtão ao longo do mar Oceano que as cerca & cinge, & nellas ha tantos rios cabdaes que as cortão, & vam acabar no meſmo Oceano, tem o maior refreſco de peſcados do mar & dos rios que em outra algũa prouincia da Europa, na quantidade, na variedade & bondade dos pexes. E começando do rio Guadiana que corta o reino & o diuide da Betica, nelle, quando quer entrar no mar, morrem os mais ſaborоſos ſolhos & mais nomeados de Heſpanha, & muitos ſaueis, eiroos, & outros pexes em grande abundancia; afora os que dà na agoa doce de que nam fazemos caſo. No Tejo notorio he a multidão de ſaueis que de Santarem para baxo ſe mata, dos quaes ha grande carregaçam aſſi para o reino, como para muitas partes de Caſtella aonde ſe leua freſco & ſalgado. Afora eſta grande nouidade de ſaueis, no Tejo ſe peſcão excellentes rainhas onde a mare não chega, lingoados, & coruinas, caçoẽs, & outros peſcados de diffe-

rentes maneiras, & as nomeadas azeuias ignotas a outros mares, que se mandão dar a doentes: & soomente se pescão em spaço de poucas legoas acima de Lisboa. O qual pescado he tam celebrado, que se soe mandar a Castella per correos para os Principes. E he para espantar que achandose algũa hora solhos de immensa grandura no mesmo rio, nam morrem ordinariamente: o que parece deue ser por a pouca industria dos pescadores: pois os pexes não desouão hũa soo criança. No tempo delRei Dom Dinis que reinou atê o anno de 1325. se tomou hum solho no mesmo Tejo em hum lugar que chamam, Mugem, oito legoas de Lisboa pelo rio acima, que pesou dezasete arrobas & mea, que foi apresentado ao dito Rei stando em Villa franca ao qual se mandou poer hũa raposa (que entam mataram) junto da boca, por o grande soido que aquelle pexe fazia com o halito; a qual elle com o folego lançou de si hum grande spaço. E por aquelle pexe ser tam grande, & se tomar naquelle lugar desacostumado, mandou el Rei Dom Dinis perguntassem testimunhas que se acharam presentes, & se tirasse hum publico instromento que se lancasse no tombo do reino. A figura deste pexe stá retratada na salla da casa do tombo real de Lisboa para quem o quer ver. E Damião de Goes guardamôr delle me mostrou o a propria inquiriçam: o qual me dixe

que

que por couſa notauel a moſtrara a el Rei Dom Ioam III. que Deos tem: & que ſua Alteza lhe dixera, que nam era para elle couſa noua: porque hauia certos annos que a elle lhe foi apreſentado outro ſolho que ſe tomara no meſmo pego de Mugẽ, que peſou quatorze arrobas: o que faz mais eſpanto, por ſe nam ſaber de mais ſolhos, & ſerem aquelles dous tam grandes.

Da meſma maneira os rios de Mondego, Vouga, Douro, Leça, Auo, Neiua, Cabado, Lima, & do Minho, he admirauel couſa a multidão que dam de Saueis, Lampreas, Truitas, Ireſes, Lingoados, Solhos, Salmoẽs, Relhos, & outros peſcados precioſos de que ſe podẽ manter outras maiores prouincias: afora as excellentes Trutas das terras da Beira, & de entre Douro & Minho de rios de agoa doce que ao mar nam chegam.

E vindo ao mar Oceano, nas coſtas dos reinos de Portugal & do Algarue & portos de Sines, & de Cezimbra, Caſcaes, Peniche, Pederneira, Buarcos, Aueiro, ſam Ioam da Foz, & todos os mais portos ate o Minho, he couſa notauel a multidão que dam de peſcado, & ſua bondade. Mas o mais para eſtimar, he, o que ſe toma nas praias de Setuual, o qual em ſabor excede a todo o de Heſpanha, & por ventura de Europa: ou por o clima em que ſtà, ou por o paſto em que o peſcado

ſe ceua. E aſſi naquelle mar morrem os mais regalados peſcados, de que tem o primado os ſalmonettes, veſugos, pexes agulhas, grandes rodoualhos, chernes, lingoados, ſargos, peſcadas, & ſardas, & os mais pexes precioſos que ſe podem pedir. Neſte meſmo mar ſe viram & ſe vem muitas vezes as mais deſuariadas feições de pexes que em nenhũa outra parte, & muitas que nunqua ſe viram nẽ ſe lhes ſabe o nome. No meſmo mar de Setual & no de Cezimbra ſua vizinha, ha a mais ſardinha & mais ſaboroſa que ſe pode dar: a qual alem de ſoſtentar o reino, ſe leua per mar a outras partes, & per terra ao reino de Caſtella para onde ſae grande carregaçam ate a corte de Madrid. Dos portos que diximos, ſaem os atuũs do Algarue para Leuante em muitos nauios que de Italia os vẽ buſcar. De Caſeaes, Peniche, Pederneira, Aueiro & Buarcos ate o Minho ſaem infindas peſcadas, cações, lixas, raias, coruinas, poluos, & outros peſcados ſecos, dos quaes ſe leua muita carregação para todo o reino & grande parte de Caſtella, principalmente do mediterraneo della: afora as muitas tainhas & outros peſcados ſeccos que os Portugueſes vão peſcar à coſta de Arguim, & bacalhaõ à terra noua, de que ha outra carregação.

O refreſco de todo genero de mariſco, de lagoſtas, caraguejolas, ſantolas, lobagantes, oſtras, amejeas, mexilhões, & poſſeues,

ues, he infinito. Das quaes oſtras ſe leua em eſcabeche muita quantidade para fora que tem por grande mimo, como ſe leuam tambem muitos lingoados çapateiros de Aueiro feitos & adubados em barris.

Por eſta grande abundancia de muitos & excellentes peſcados & mariſco que neſte reino ha, Polibio no lib. 38. de ſua hiſtoria, ſegũdo Atheneo ſcreue no liuro 4. de ſeus Dipnoſophiſtas, os avantajaua a todos os peſcados de outras regioẽs, & aos do mar de Grecia ſua patria: cujo teſtimunho he de maior authoridade que de nenhum outro author, por as qualidades que nelle hauia.

CAPITVLO XXXI.

Das heruas ſylueſtres & domeſticas.

HUma das couſas em que a diuina bondade moſtrou o cuidado que tem de beneficiar aos homẽs, & os conſeruar, foi nas heruas & plantas que para ſeu vſo & remedio criou, & na variedade & virtudes dellas: cujos effectos ſam taes que ſe os homẽs ſoubeſſem as virtudes & forças dellas, poderiam fazer couſas admiraueis. Eſtes ſegredos não ſoomente inſpirou nos homẽs antigos que as acharam & nolas communicaram, mas a muitos animaes para ſua conſeruaçáo de que as aprendemos. Polo que com muita razão ſe

po-

pode jactar Portugal a que Deos com ſumma benignidade enriqueceo de tanto numero de heruas para ſeu reparo & ſaude. Que à variedade & multidão que neſte reino naſce de heruas de toda ſorte he increiuel. Porque não hauera algũa daquellas de que Theophraſto, Dioſcorides, Plinio, & outros mais ſcreueram, que neſte reino ſenão ache, & outras muitas mais: principalmente no termo de Lisboa, onde ſe faz feira dellas cada ſemana: & em Santarem, Coimbra & na ſerra da Eſtrella: & principalmente entre Douro & Minho. E he couſa admiraueł & para dar muitas graças ao Senhor Deos, por a notaueł copia & differenças de heruas que em qualquer pequeno ſpaço, em hum meſmo lugar ſe dam entretecidas, & juntas humas com outras: ſendo ellas na qualidade, & nos effectos tam differentes como o ſam na figura & nas cores. Porque ſendo todas verdes, cada huma he de ſua côr. Humas ſaõ para conſeruar a vida, outras para a tirar: humas quentes, outras frias: humas odoriferas & apprazíueis aa viſta, outras pelo contrario & de horrendo cheiro. O que parece procede ou das conſtellaçoẽs celeſtes, ou da clemencia & temperança dos ares, & bom terreno que aſſi cria as couſas que requerem quente como frio.

E nam ſoomente pelos campos daquelles lugares que aſſinalamos, ſe dam as heruas

uas que de ſua natureza ſam ſylueſtres, mas muitas daquellas que ſe ſoem cultiuar & criar em alegrettes: como ſam lirios, roſas, violas & artemiſia. Ao rodor de Coimbra pelo campo, alem de muitos lirios, & algumas roſas, ha tanta herua cedreira, que em qualquer parte do campo ſe deitão homens ſobre camas della, ſtândo em ſua raiz mais viçoſa & odorifera que a que ſe tem nos jardins. Finalmente todas as heruas de que ſtá eſcripto ſe acharão neſte reino, ſe as buſcarem & muito mais.

Achouſe em Catalunha ha poucos annos per hum mouro herbolario huma herua que os naturaes daquella terra chamão, eſcuerçonera, com que ſe ſoccorria aas mordeduras de huma certa maneira de biuora peçonhentiſſima que ſe chamaua, Eſcozeu, de que aquella terra he mui infeſtada por a multidão que dellas ha. A qual herua por ſer preſentaneo remedio, aſſi para a peçonha daquelles bichos, como para todo veneno & melancolia, era mui eſtimada, & ſe mandaua buſcar a Catalunha, & ſe trazia por reliquias huma raiz em conſerua, ou ſeca. Deſta herua, buſcandoſe em Portugal, ſe veo achar tanta que ſe pode baſtacer della toda Heſpanha. Da qual que agora vem a Lisboa de Euora, Eluas, Monſaraz, Mouraõ, Vimieiro, Portel, & de outros lugares de alen Tejo de Frexo de Spada cinta, & de outras par-

partes ha infinidade & cada dia se vai achando por outros lugares, se a buscam.

Alem destas heruas miudas, ha muitas legoas pelo reino porque se caminha entre ouregaõs, rosmaninhos, alecrim, madre sylua, murta, & outras matas odoriferas que dão gracioso cheiro & grande recreaçam aos caminhantes, alem de outras commodidades para pasto dos gados & mantimento das abelhas: & assi em muitas partes do reino se aquentão os fornos com materias que em outras prouincias folgariam de ter para defumarem suas casas.

Alem das heruas medicinaes & outras que se crião para delicias, ha outras necessarias a vida, como he o linho do qual neste reino & no Algarue, na Beira & entre Douro & Minho ha tanta copia, & tam fino, que as molheres das diras partes, principalmente de Coimbra & suas aldeas, de Tentugal, de Goes, de Arganil, de Lafoẽs, de Arouca, Braga, & Guimaraẽs fazem tantas teas de panno & linhas, que bastecem a estes reinos, & grande parte delle sae para os de Castella, & Leão, e para as Indias de Hespanha. E Plinio no liuro 1. capitulo segundo de sua natural historia, conta que em huma cidade de Galliza que se chamaua, Zoclia, se daua hum genero de linho de que se faziam linhas para redes de pescar & outras cousas de tanta rijeza que os Romanos leuaram

ram a ſemente delle a Italia, & lhe chamauam Zodico. E lançada bem a conta por os ſinaes, que Plinio dâ, ou eſta cidade era Guimaraẽs, ou ſtaua perto donde Guimaraẽs agora ſtà: porque diz que era cidade de Galliza & propinqua ao mar Oceano. E Guimaraẽs nam ha duuida ſtar dentro de Galliza, ſegundo a diuiſam dos antigos no tempo de Plinio, & nam ſtar longe do mar de que diſta oito legoas ſomente: & nella ſe dar o linho de que ſe fazem as delgadas & finas linhas & de maior alnura que ha em todo o vniuerſo. Porque os meſmos Indios de Bengalla & de Cambaia onde peſpontam ſuas belliſſimas colchas & outras obras delicadiſſimas com o mais delgado retroz que ha no mundo, as mandam pedir, & lhas leuam de Portugal para fazerem melhor obra. E aſſi em todas naçoẽs he nomeado o fio Portugues.

Outra herua mui neceſſaria ao vſo dos homẽs, he o eſparto de que as terras do Algarue (que ſam eſteriles para outra nouidade) daõ quanto baſta aos daquella prouincia para ſuas ſeiras ou eſportas para a grande carregação de ſeu figo & paſſa que mandão a Italia, Flandres & outras partes, & para Liſboa & reino todo onde ſe lauram cordoalhas & couſas que delle ſe ſoem fazer. E no meſmo Algarue na parte menos fructifera, ſe dam os palmitos que na altura do corpo equi paramos aas heruas. Cujo miolo ſe come, &

da

da folha se fazem as alcofas & vasouras para todo o reino, & os sombreiros palhettes para os sagadores no tempo da ceifa.

Dasse tambem em Portugal hum genero de junco mui fino & tam branco, principalmente em Alcacere do sal, de que na dita villa & em Lisboa se fazem esteiras, que por a fineza & alvura do junco & artificio das mãos as mandam busear a Portugal para seus estrados, as Princezas de Italia & de França. Porque na verdade no tempo do veram para tapiz do cham & ornamento dos templos & das casas dos senhores, he o mais aprazivel & senhoril que pode ser: & estendido parece tambem como se fossem panos de brocado ou de huma rica tella.

O pastel que os Latinos chamam, glaustum, com que se tingem as laãs, & que he cousa que val muito, nunqua se vio em Hespanha senão o que vinha de fora. Mandou o semear os annos passados Dom Ioam da Sylua Conde de Portalegre em huma sua lezira, deuse tam perfecto como o melhor de outras partes.

E já que fallamos de herua que tinge panos, não he fora de proposito fallar na finissima grãa que se neste reino colhe, posto que a materia que tractamos, he de heruas & não de matas: porque os carrascos em que se a grãa cria por sua pequena pessoa, mais se podem comparar a heruas que a aruores. Plinio no liuro

tro 22. c. 2. ſcreue que a graã de Galatia de Africa & da Luſitania que ſabemos ſer a que ſe colhe na ſerra da Arabida & na de ſaõ Luis termo de Setuual, he a mais fina & melhor. E Andre Laguna nos cõmentarios a Dioſcorides, diz que a mais excellente de todas he a que ſe colhe em Portugal no termo de Cezimbra. Tambem ſe colhe no termo de Beja excellente a qual eu vi paſſando a caſo no tempo que ſe colhia indo caminho de Aljuſtrel, onde a vi finiſſima & de hum cheiro que conforraua os ſpiritos.

Finalmente o terreno de Portugal por a benignidade & temperança dos ares he tal, que ſe hum Principe, ou homem poderoſo quiſera ſuſtentar hum jardin ou cerrado em que ſe plantaram todas as heruas a que ſe ſabe o nome (como em Italia, fizeram algũs ſenhores por beneficio da Republica) nenhũ hauia mais apropriado na Europa para as criar. Mas Portugal, ſendo do natural mais abaſtado, do artificial em todo he mui falto.

CAPITVLO XXXII.

Da muita hortaliça que ha em Portugal.

NAm he pequena parte do mantimento para ſaõs & para doentes, a hortaliça que ſe dá em Portugal, que he quanta querem: aſſi por a bondade da terra & clemen-

cia

cia do ar, como por a muita copia de agoa, que he a principal couſa com que ſe cria. Polo que em todos os lugares onde a agoa & cultura naõ falta, hi ha grande abundancia: mórmente onde a terra he apta para as couſas: como ſam as grandes couues que de Murcia onde ha muitas, tomarão o nome Murcianas, as quaes na banda de alem de Lisboa & alen Tejo na cidade de Beja, & villa de Viana junto de Euora, ſe dam, & em villa de Conde & Viana de Caminha, de que algumas ſam tam grandes, que quando as querem partir para a panella, o fazem com hum machado ou manchil: tam duras ſam; & aſſi partem de huma o que hão miſter para a panella aquelle dia: & deſta maneira a vão comendo a pedaços. E por monſtruoſidade as vi ja mandar de villa de Conde aa corte de preſente. E em muitas partes da Beira, ha tamanhos nabos, que ſe aſſentam nelles ao fogo como em tripeças, & delles vam cortando pouco a pouco o que querem para a panella, ate que o aſſento fica pequeno: & entam poem outro para ſe aſſentar. Na cidade de Beja ſe dão tam grandes cardos, que achandome eu per caſo em huma horta, vi que hauendo differença entre hum comprador & o hortelão ſobre o preço de hum cardo, dixe o hortelam que lho daria de graça ſe o leuaſſe aas coſtas atè a cidade, a qual diſtaua dahi a hum quarto de legoa. E poſto que era valen-

lente homem & de qualidade que nam lhe eſtaria mal leuar hum cargo aas coſtas, o nam acceptou por nam canſar. E pouco menores ſe dam na cidade de Euora, & nas villas de Moura & Serpa, & em Lisboa, que he hum terreno feraciſſimo. Em alen Tejo ſe dam tamanhas ſebollas, que huma cobre hum bom prato. Deſta herua ha tanta copia em todas partes de entre Douro & Minho, villa de Viana, & outros lugares que ſaem aſſi para Lisboa muitos nauios carregados della: & de alhos que vendem por pouco preço. Na cidade de Coimbra ſe faz huma feira cada anno no dia de ſam Bertholomeu, onde quaſi nam ha outra couſa mais que alhos & ſebollas que vem dos lugarinhos comarcãos: que he para ver a multidão que ha daquellas couſas. No lugar de Sarnache, legoa & mea da meſma cidade, ſe lauram muitas terras como alqueiues para trigo, & ſe ſemeam alhos, & ſam os maiores & mais grados que ſe podem ver: dos quaes ſe prouem muitas gentes do reino de Caſtella & Leam aonde vem buſcalos grande numero de recoueiros todolos dias: porque ſe comem muitos naquellas partes. A fermoſura & copia de hortaliça que ſe dà em Lisboa, he couſa para ver, & afreſcura que cauſaõ aquellas miſturas de cheiros deſuariados a quem paſſa pela praça onde ſe vendem. O meſmo he em Euora, onde a hortaliça dura mais tempo verde & com bom

bom cheiro, por nam eſtercarem tanto as hortas como fazem em Lisboa para hauerem muitas nouidades em pouco tempo.

Nam hauia nos tempos paſſados chicoreas, que per outro nome chamaõ eſcarolas & almeirões, herua boniſſima em ſabor, & virtude para ſaõs, & para doentes, ſemearanſe & aprenderam a alporcalas, damſe agora tam fermoſas & taes que parecem feitas de cera braca.

Não coſtumauam tambem os Portugueſes ſemear meloẽs de inuerno, & parecialhes couſa noua quando os viam. Polo que os regalados que os deſejauão os mandauam vir de fora, & quando quá chegauão, vinham podres & com muito cuſto. Semeanos agora & damſe tam finos, & tantos ha já, que daqui os podem carregar para fora. Muitas heruas das que até qui ſe não deram em Portugal, nem em todas as outras partes de Heſpanha que ha nas terras da Ethiopia, do Braſil & da India, & muitas frutas, ſe dariam em Portugal, ſe as plantaſſem como as fermoſas cannas de açucar que hum dia deſtes vi naquella nobre quintaã de Ioam Baptiſta de Reuelaſca gentil homem Milanes, que tem em Lisboa entre Alcantra & o moſteiro de Bethlem. Mas a negligencia & pouca curioſidade dos homẽs Portugueſes he prodigioſa. Polo que com razam ſe pode dizer por elles aquilo de Virgilio.

O

O fortunatos nimium sua si bona norint Agricolas.

CAPITVLO XXXIII.

Das muitas & varias maneiras de frutas que ha neste reino.

DO que stá dito atras, que para neste reino hauer mais abundancia de heruas de todo genero, sam muita parte o temperamento do ar & as muitas agoas, dessa mesma razam se segue hauer as muitas frutas de diuersas maneiras mais que em alguma parte de Hespanha. Ao menos a fruta de espinho que nam quer terras frias nem sobjectas ao norte, nem terras secas: polo que a copia de laranjas, cidras, & limões de toda sorte que em Portugal ha, he cousa infinita. E começando por Lisboa, cujas quintas todas sam huns jardijs em que para perpetua verdura plantam laranjaes, della carregam sempre os estrangeiros que a ella vem dos estados de Flandres & outras partes do norte para Inglaterra infinidade de laranjas & limoês: & de cada hum dos lugares de seu contorno se poderiam muitas prouincias sustentar & encher dessa fruta, como sam dos moesteiros de Bethlem, de sam Bento, & das quintas que vam ao longo do Tejo ate Pouos, de Sintra, de

de Collares, & da ribeira de Barquerena. Outra infinidade desta fruta se tira de entre Douro & Minho que leuam dahi em nauios, por ser a terra tam fertil della, que ha laranjeira de que se colhem quatro carros de laranjas. A regiam da Beira por a frescura da terra & multidaõ de agoas, dá tanta desta fruta que manteria della muitas prouincias: perque parece toda que he hum jardim. Em Alentejo onde nam ha tantas agoas como nas partes que diximos, na villa de Monte môr o nouo, no termo onde chamam, Santiago de Escoural, & na villa de Viana apar de Euora, & de Agoa dos pexes, por as bicas dizia hum medico, que podiam dar saude a hum febricitante: por o grande temperamento de agrodoce que tem, que he o mais gostoso & goloso que pode ser: dos quaes lugares se podia bastecer outro reino como Portugal. Finalmente desta fruta he taõ prouida toda a terra, que na primauera em qualquer lugar que se ache huma pessoa, lhe cheirara a flor de laranja.

Quanto as outras frutas, he increiuel o numero de peras & maçaãs de todas castas, & a variedade & nomes de que certas terras sam mais appropriadas para algumas dellas: como os termos de Lisboa para peras de varias maneiras, das quaes ha humas carualhas excellentes, de que as de Lisboa & Setuual tem o principado, & no valle de Collares on-

de

de ſe daõ as pardas comuns, & as de Angoja, & outras freires, todas de huma côr, mas de mui differente ſabor. Outras de rio frio & do Conde que ſam mui eſtimadas: outras cornicabras, bergamotas, de conforto & doçares de Ioam Pirez. Em Montemór as de pec de perdiz pequenas no corpo, mas ſaboroſiſſimas. De codornos & de marmellos ha muita abaſtança. Das villas de Abrantes, Penella & da dos Coutos de Alcobaça ſe trazem as camoezas cordeaes; de Montemór o nouo ſae a enchente dos peros de Rei que he a mais nobre fruta que todas as das caſtas de maçãs porque alem de virem quando a outra fruta ſe acaba: ſam de ſuaue cheiro & mui cordeaes, que ſe não dam em outra parte de Heſpanha: & por ſua excellencia ſe chamão de Reis. Os excellentes & muitos peros verdeaes que para doentes enfaſtiados ſe buſcão, ſe dão nas terras da Beira, donde os trazem a Lisboa & aa corte para gente mimoſa: os quaes alem de ſerem ſaboroſiſſimos duram de hum anno para outro. Das maçãas ha tantos nomes & tantas caſtas que ſera a couſa faſtidioſa referilas, ſó direi que em Montemór o nouo em Alentejo ha tanta colheita dellas, alem das outras muitas frutas que produze, que baſtece todas as ſuas comarcas, & manda ſua parte a Lisboa. O meſmo ſe dà em Collares junto a Sintra donde todo o anno vem aa meſma cidade muitas azemalas

que andão acarretando essa fruta com outra muita de outras castas. No termo de Coimbra ha outras maçaãs de muita dura de que ha grande abastança & barato. De ameixas ha infinda nouidade de que tambem ha muitas castas: das quaes as reinoes de Montemór o nouo tem o primeiro lugar em sabor & quantidade, de que no tempo ha grande carregação para fora por pequeno preço, & differentes: humas saõ maiosinhas, outras reinoes, outras çaragoçanas outras bruhos aluares & de cal de que nas Pias, lugar junto a Tomar, se faz muita passa que se leua pelo reino para doentes.

Das muitas & boas vuas que ha, sam boa testimunha os muitos vinhos finos que se neste reino colhem de muitas maneiras que para tantas partes se carregam, de cuja bondade & varidade se collige a variedade & differenças que tambem hauera de vuas, & da mesma maneira de figos: porque não vinha sem figueiras. E só os do reino do Algarue sam bastantes para fartar hum mundo. Do qual cada anno saem muitos nauios que carregam muita passa delles para leuante aonde os Italianos os vem buscar, & se leuam aos stados de Flandres, por ser a principal nouidade que no Algarue se dá, a passa de figos & vuas, & amendoas. Porque assi como em outras partes os campos stam semeados de trigo & ceuada, assi naquelle reino tudo sam fi-

figueiraes, que saõ a principal fazenda que os homẽs alli tem.

Da muita castanha que tambem ha neste reino, não ha melhor proua, que saberse, que a grande criação de porcos que ha nas terras da Beira & entre Douro & Minho, se mantem com castanha: do que se causa a carne das marraãs & lacoẽs daquellas terras ser a mais saborosa de quanta ha no descuberto junto aas excellentes agoas que nellas ha, que tambem ajudam muito.

Só as cerejas nos faltauam, de que todas as partes do reino, assi as da regiaõ mais fria, como da mais quente, tem muita prouisam de que o primado tem as bicais de Sintra, & as da Lousaã que chamam, de sacco, & as de Leiria que todas sam de excellente sabor.

CAPITVLO XXXIIII.

Da fertilidade do reino de Portugal em todas as partes delle.

DO muito que temos dito dos frutos que Portugal dá, que a todos he notorio, consta assas a muita fertilidade delle: pois nenhuma cousa ha das que para a vida humana sam necessarias, que se nelle nam dé como de pam, vinho, azeite, carnes, pescados & frutas. O pam diram algũs, que vem

o que entra, & nam o que fae que nam he tanto quanto baſte para o reino por o muito que entra nelle de outras prouincias donde o ſperam. Para o que ha muitas razoẽs. A primeira que neſte reino houue ſempre tanto pão em tempos antigos, que podera do ſeu ſobejo partir com ſeus vizinhos, por nelle ſtarem as leis da agricultura em ſeu vigor as quaes deſpois ſe forão relaxando. Porque el Rei Dom Dinis a que chamaram o laurador, teue grande cuidado ſobre as terras que eram para dar pam, que ſe ſemeaſſem per regimentos que para iſſo deu, & pelas leis que elRei Dom Fernando ſobre o meſmo fez, mui proueitoſas das quaes na Chronica delle faço menção: porque deu ordem que todos lauraſſem ſuas terras todas, & quando o nam fizeſſem, os concelhos as mandaſſem laurar: & hauia duras penas poſtas aos que não quiſeſſem trabalhar na lauoura, ſendo requeridos. E aos vadios & homẽs que nam ſendo velhos andauão pedindo com caxinhas para ſi, ou para alguma igreja, mandauaos açoutar & obrigar ao trabalho. De maneira que nam hauia homẽs ociooſos, nem terras vagas: o que agora nam ha. Polo que ſtão muitas terras por romper, & que de lauradias tornarão a ſer matos. Ajuntaſe tambem a iſto o muito pam que deſte reino ſae em farinhas & em biſcouto nas armadas que cada anno ſe fazem para diuerſas partes do mundo, &

o que fae para muitas prouincias dos senhorios de Portugal que nam dam trigo: porque os nossos nam se satisfazem dos mantimentos que as terras tem de sua colheita, como sam os moradores do Brazil, Mina, Ilhas do Cabo verde, sam Thomê, Principe, terras de Angola, & outras partes para que se leuão as farinhas que ham mister. Alem disso notorio he os muitos mil escrauos de Guiné & de outras partes da Ethiopia & da India que neste reino ha, que consummem muito pam, o qual nos tempos antigos comião os naturaes que seruiam daquillo de que aquelles escrauos agora seruem. Ajuntase a isto huma cousa mui principal, que em Portugal se colhem menos frutos do que as terras poderam dar, & os campos se cultiuam menos, por muitos bens & herança (ao menos de certas regioẽs do reino) serem emphyteuticos & foreiros aas igrejas, moesteiros, hospitaes, & outros lugares pios, os quaes pela maior parte se não dam senão ate tres gerações, & podem facilmente cair em commisso, ou ficarem deuolutos ao senhorio por as vidas se acabarem, & nam fazem nelles os colonos emphyteutas os beneficios & cultura que fariam em bens que fossem proprios seus: porque cuidam que trabalham em bens alheos. Polo que vem grandes herança a se danificarem, assi em dano dos direitos, como dos vtiles senhorios, de que se podiam

co-

colher grandes nouidades. Ajuntaranſe tambem as nauegações para as terras que os Portugueſes deſcobriram nouamente, a que como menos trabalhoſas poſto que mais arriſcadas, ſe deram os homẽs. plebeios de Portugal pouco ſofredores de trabalhos manuaes, & como homẽs de mais opinião que procuram ſerem ricos & honrados mais em breue. Donde veo hauer menos obreiros para a lauoura, & por tanto preço, que os lauradores fieão achando maior a deſpeſa que a colheita. Sobre tudo por as muitas ſcholas & collegios que ſe forão acreſcentando neſte reino, vieram muitos filhos dos lauradores & officiaes mecanicos aprender o que antes não faziam tantos em numero: pola qual razão ha mais falta de obreiros para laurar a terra & outros officios de mãos. Mas com tudo iſto que dizemos, nos annos em que nam ha ſterilidade nas terras de Alen Tejo & nos campos & Liziras de Santarem ſe nam ha inundaçoẽs fora do tempo que danem as ſementeiras, nam ſomente tem a terra pam para ſi, mas para partir com os vizinhos: como fez os annos paſſados como os lugares da Eſtremadura, & de Andaluzia a que ſoccorreo com pam em tempo de ſuas neceſſidades, & muitas vezes com pam de mar quando em Portugal & Caſtella o nam hania. Mas ſe em Portugal alguns annos ha falta de pam, iſſo ſe ſuppre com a abundancia de outros mantimentos que pro-

produze de caſtanha, legumes, & todas frutas, carnes, & peſcados, vinhos, azeites, & ſal, a cujo troco lhe trazem o pam a caſa de outras prouincias, por a facilidade com que a eſte reino vem por mar por ſtar eſtendido ao longo delle.

A abundancia que em as terras de Alen Tejo ha de trigo, he manifeſta a quem aquella terra ſabe, por o qual os campos de Euora, Beja, Serpa, Moura & campo de Ourique, os campos de Santarem & ſuas leziras (que parecem outro Egypto como os antigos diziam por Sicilia, que era celleiro do pouo Romano) ſe podem chamar o celleiro do grande pouo de Lisboa que ſó per ſi com ſeu termo contem gente de hum bom reino.

O reino do Algarue que he a vltima parte de Portugal, tem occupada tanto a terra com ſeus figueiraes & muita vinhateria (que he a principal colheita ſua) que aas vezes tem neceſſidade de ſocorro da vizinhança de pam em annos que ſuas terras faltam. Mas a villa de Mertola ſua vizinha, que he a Mirtilis antiga colonia de Romanos, ſuppre bem eſſas faltas com a grande quantidade de trigo que ſe nella dà, a que tambem ajuda a parte do campo de Ourique que ao dito reino tambem ſtá vizinha.

A terra de entre Douro & Minho, como ja temos dito atras, he aquella regiam que jaz entre aquelles rioſ, & que ſomente

tem

tem de longura deſzoito legoas & de largura muitas menos apartes. O que deſta terra ſe pode dizer, he conſa que com muitos pode perder o credito: por a multidam da gente que produze, & por os muitos frutos que dá. Porque nella ha o Arcebiſpado de Braga muito rico que tem o primado de Heſpanha, ſobre que pende huma antiga demanda entre o Arcebiſpo deſta cidade, & o de Toledo: no qual ha oito centas Pias de baptizar: & o Biſpado da cidade do Porto que tem ſeis centas, & mais cinquo igrejas collegiadas conuem a ſaber Guimaraes, Cedo feita, Villa de Conde, Barcellos & Viana.

E cento & trinta moeſteiros & Abbadias de mui groſſas rendas, afora hermidas & oratorios, & muitas comendas das ordẽs de Chriſto, Santiago, & Auis, de São Ioão do Hoſpital de groſſas rendas. A cauſa diſto he, que por a pureza & ſalubridade dos ares & pola excellencia das agoas ſe multiplicão alli muito os homẽs, & viuem muito: porque ninguem adoece alli ſe nam por exceſſo de comer & beber, & outras taes culpas, pola abundancia que de tudo tem. As mulheres parem ate cinquoenta annos: & os filhos ſe lhes logram por a meſma razam do bom terreno, boas agoas & do bom ceo de que gozam. Polo que pela mór parte em cada caſal ſe acham' xx. xxvj. filhos: de que vem hauer tanta gente, que da plebea (ſegundo

ou-

ouui aos officiaes do regimento da villa de Barcellos que he do Duque de Bragança, no tempo que se faziam as ordenanças da gente militar) só daquella villa & seu termo em trinta & duas bandeiras que hauia, sairam dezasete mil homẽs com suas armas. E assi he toda a terra tam pouoada, que nam podem dar hum brado em qualquer parte que sejão que nam acuda gente. En fim como a gente plebea he tanta, que cada dia sae como exames de abelhas para todas partes do reino, naõ ha lugar onde se não achem muitos homẽs de entre Douro & Minho para lauor & cultura da terra, em ceifas, em marinhas, em adubio de vinhas & outros seruiços, no mar & na terra, assi em Lisboa como em alen Tejo & reino do Algarue, & nas partes de Africa onde de cauouqueiros & seruidores & homẽs de armas ha grande numero: principalmente dos arcos de Valdeues donde saem valentes soldados. Da gente nobre desta prouincia tiuemos sempre assi no exercicio das armas como nas letras homẽs excellentes que forão grande ornamento deste reino, & o sam hoje no conselho de Portugal & no de Castella. E se recorrermos aos tempos antigos, da mesma terra procederam as mais casas nobres que hoje ha no reino de Portugal & de Castella de que ha as antigas de seus solares & appellidos que em seu lugar nomearemos. Os mantimentos de que esta tanta gente se man-

mantem, ſam muito trigo que em algumas partes deſta região de entre Douro & Minho ſe colhe & o muito centeo & milho & infinidade de todas frutas, carnes & peſcados, os melhores & mais ſaborоſos de Heſpanha, muito vinho do que chamam enforcado de que a gente plebea ſe ſuſtenta: que para os nobres ſe valem dos vinhos riquiſſimos de Ribadauia & de outros de Galliza ſua vezinha, & de Lamego & Monçam de que tem grande prouiſam. A terra he tam frutifera de tudo o que he neceſſario aa vida, que ſe pode chamar hum paraiſo terreal em o qual todo o anno ha flores como na primauera.

Neſta meſma terra ha muita caça & muito apparelho para a tomar, de cães & aues de toda ſorte que na meſma terra ſe dam. Eſta grande abundança de mantimẽtos ſe cauſa das muitas agoas, fontes & rios por o que dizia Strabam que a Luſitania era terra felice. Baſta ſaberſe que ha ſô entre os dous rios Douro & Minho, vinte cinquo mil fontes, & dozentas pontes de pedra laurada. A outra região de Portugal em que ſtam as cidades de Miranda, & Bragança, & muitas villas nobres, que chamam de Tralos montes que de huma parte chegam a Galliza, & de outra ao reino de Leam (que ſam terras mais feccas como ſam as que tem muitas minas de ouro que alli ha) ſam grandemente abaſtadas de pam, vinho & grandes criações de ga-

gados, que podem manter a si & a outras gentes.

A Beira terra mais fresca por ser regada de muitas agoas, tem tanto pam quanto lhe basta, de que o mais he centeo & milho: & vinhos muitos, & alguns mui finos: & pela frescura dos ares, muitas frutas de varias maneiras: principalmente os seus peros verdeaes, infinidade de copia de castanha de que a gente pobre se ajuda muito: (porque todo o anno a tem verde ou seca) & grandes criaçoẽs de ouelhas por respecto da serra da Estrella que occupa grande spaço, & nos rios as mais fermosas trutas de Hespanha.

Quem esta tamanha fertilidade de Portugal em tantas cousas nam crer, lea o dicto author Strabam no liuro 3. onde como dixe chama a Lusitania terra felice por o que produze. Lea a Atheneo no liuro 4. dos seus dipnosophistas onde fallando della, allega Polibio que no liuro 38. de sua historia encarece muito esta abundancia de cousas della: a cujo dito se ha de dar mais credito que ao de todos os outros authores Gregos ou Romanos, por as qualidades que nelle concorrião de grauissimo philosopho, summo orador, grande capitam, & verdadeiro historiador: o qual falla como testimunha de vista que steue nesta terra quando a ella veo com Scipião Africano. Este tam autentico author conta Atheneo que no liuro 38. de sua historia fallando da grande fer-

fertilidade da Lusitania, dizia que por o boníssimo temperamento do ar os homẽs & os animais desta prouincia dauam de si muito fruto: & se achauam flores & violas em tempos que nam eram de primavera: o que em todo tempo de veram & inuerno se verão nam somente em Lisboa & seus contornos, mas nas outras partes do reino em tempos de giadas & frios, & nos calores de Iulio & Agosto em que estam pelas festas os templos enramados de muitos ramalhettes & cappellas de diuersas flores, & de muitas & desuairadas cores. Polo que nam sem razam hum author dizia por o termo de Lisboa.

Ver vbi perpetuum vestitus gramine campus
Iudicat Elysijs longe fælicior aruis.

Et paulo post.

Hic nitidi rident alieno tempore flores,
Purpureas hic Bruma rosas innoxia reddit,
Quas neque torrenti regnat cum Syrius æstu
Aut rapidi soles vrunt geliduſue Bootes.

Acrescentaua mais aquelle grande author Polybio que os pescados que se daõ no mar da Lusitania em quantidade, sabor, & formosura excedem a todos os dos outros mares. E que a fertilidade dos mantimentos era tanta, que hum ficlo de ceuada, que he a mes-

meſma medida que o medimno que contem ſeis alqueires, valia huma drachma que ſam dous vintens da noſſa moeda: & hum medimno de trigo obolos Alexandrinos: que ſe eram como os obolos das outras gentes que valião a ſeis reis & quatro ſeptijs, ficauão valendo ſeſenta reis. E huma mitreta de vinho que dizem era hum almude huma drachama que diſemos, ſem duuida valia dous vintens: hum cabrito valia hum obolo, que ſam ſeis reis & quatro ſeptijs, & huma lebre o meſmo: hum agno que he hum cordeiro ou rezental, valia tres ou quatro obolos. Hum porco que peſaua cem liuras, valia cinquo drachmas, que ſam dozentos reis, que vem a razam de dous reaes a liura. Huma ouelha duas drachmas, que ſam quatro vinteens.

Hum nouilho cinquo drachmas: hum boi para jugo dez drachmas, que fazem hum cruzado. As carnes ſeluaginas como de porcos, ou veados, nam ſe eſtimauão em preço porque eſtas dauam humas peſſoas a outras de graça, ou a troco de outras couſas.

CA-

CAPITVLO XXXV.

Do ſabor das carnes & frutos de Portugal.

POr eu encarecer o ſabor dos frutos de Portugal nam deue parecer a alguem que o faço com affeiçam ou reſpecto de minha patria. Porque ſendo o goſto hum ſentido corporal de que cada hum he inteiro juiz, & ſendo as couſas de que fallo venaes que ſe vendem nos açougues & nas praças & lugares publicos & de que ha tantas teſtimunhas, por ſer o reino de Portugal frequentado de homẽs de tantas nações que a elle vem (por eſtar todo eſtendido ao longo do mar) os quaes nam ſomente gozam dos ſeus frutos, mas os leuam para ſuas terras pola bondade & copia que delles ha ſe me pode dar credito. E começando pelo pam, que he o fundamento de todos os manjares, o que ſe amaſſa em Portugal he o mais ſaboroſo de todo o outro da Europa: & muito mais ſe he da cidade de Euora do trigo de ſeu termo, & de ſeus ferregeaes que as rigueifeiras dos Principes buſcauam para ſuas meſas: onde ſe amaſſa com mais limpeza & perfeiçam. Porque alem do ſabor do trigo, ſe fazem alli as farinhas mais aluas que em outra parte pola bondade & aluura das pedras em que ſe moẽ. Pelo que alem de ſer ſaboroſiſſimo,

he

he mais leue & amaſſado conforme aas regras que os medicos dão. O meſmo he em Lisboa & em os mais lugares do reino: per onde com razão dixe o Infante Dom Pedro de Aragaõ que eſteue neſte reino no tempo delRei Dom Ioam o I, que vira em Portugal bom paõ & bom capitam o que dizia por o Conde de Abranches Dom Aluaro de Almada que era capitão môr de Lisboa. O que dizemos do pam, he de todas as mais couſas, de carne, de peſcados & caças de que Portugal leva vantagem a todas as terras do mundo. Plinio deſpois de louuar as couſas de Italia ſua patria, querendo fazer conſciencia com Heſpanha, no derradeiro liuro de ſua natural hiſtoria no capitulo & nas vltimas palauras diz, que apos Italia primeiro que todas as terras, eſtá Heſpanha, por a parte que a cerca o mar em todas as excellencias & couſas neceſſarias aa uida na qualidade, e nos ſabores dos frutos & na ſubſtancia delles. Iſto confeſſaõ os eſtrangeiros todos, & os homẽs Portugueſes que fora do reino vam aſſi as partes da Europa como de Africa, & Aſia: & aqui o vemos nas couſas que nos trazem de fora. As maçaãs que aqui vem de Flandres tem ſabor de lama, que não ha quem as meta na boca. Os preſuntos das meſmas partes comparados com os da Beira de Portugal, principalmente de Lamego, parecem de Bufalos. Os queijos de Alentejo em fineza & ſa-

ſabor ſam os melhores que ha em todo o mundo a que chegaõ os gabados Parmeſanos que quà vemos em maõs de alguns Italianos. As perdizes de Portugal eſpecialmente do termo de Lisboa, Sintra, Euora, & ſeus contornos, de Arraiolos, Vimieiro & toda a terra que nam he mato, ſam ſaboroſiſſimas & nomeadas em toda a parte. Finalmente tudo o mais que ſe come tem excellencia no ſabor & na ſuſtancia conforme ao que dixe Plinio. ElRei Dom Ioam III. que haja gloria como ſe foi chegando a velhice indo perdendo o goſto das coſtumadas igoarias que ſe poem aas meſas dos Reis, deu em comer outras couſas vulgares. E gabandolhe muito hum homem (que nam deuia ſer Portugues) as natas da terra de Seuilha & os queijos aſſadeiros de Salamanca, hauia azemalas emparadas que lhe traziaõ aquillo cada dia daquellas partes: o que vendo hum ſeu priuado que era erro, & que melhor & mais perfecto ſe acharia aquillo em Portugal, dixe a elRei, que nam injuriaſſe a terra que Deos lhe dera em que hauia aquelles comeres mais ſaboroſos & com mais facidade: & lhe mandou trazer natas de huma herdade do termo de Euora na qual elRei eſtaua, onde chamam, ſam Iurdam, tres milhas da cidade, que do paço delRei ſe eſtauam vendo as caſas: & doutra parte vierão os queijos mui melhores, os quaes elRei achou avantajados:

dos: & confeſſou que deuia pedir perdam aa ſua terra.

CAPITVLO XXXVI.

Das muitas couſas ricas que neſte reino ha, que com razam ſe podem chamar ſuas.

ALem das couſas acima ditas que ſe dam em Portugal, ha muitas outras que naõ ſendo deſte reino naturaes ſe tem por ſuas proprias: porque os Portugueſes as acquirem per ſua induſtria & nauegaçoẽs, & as mandam as outras gentes da Europa buſcar a Portugal, a quem como pareas & tributo lhe vem das terras a elle ſubjectas da Ethiopia & das mais partes de Africa, de Arabia, da Perſia, da India, da China, de Maluco, do Braſil & das muitas Ilhas do mar Oceano. Eſtas ſam, as eſpeciarias de Pimenta, Crauo, Canella, Gingiure, Maſas, Noznoſcada, Cardamomo, Malagueta, Galanga, & os muitos generos de riquiſſima pedraria de diamantes, rubijs, eſmeraldas, ſaphyras, amethiſtas, balaxes, jacinthos topazios, chryſolitos, opalos ou gyraſoẽs, olhos de gato, Torqueſas, Sardonicas, Cornelinas, Agathas, Camafeos, Iaſpes, pedras baazares, Laquecas, & outras muitas de diuerſas cores & propriedades a que nem os ſcriptores Gregos nem Latinos derão nomes. Do meſmo Oriente vem a Portugal as riquiſſimas perolas Orientaes peſcadas

em diuerſos mares, que ſam as mais celebradas & precioſas de todas. E a grande variedade de cheiros de Ambar, Almiſcre, Benjoi, Algalea, Eſtoraque, Encenço, Canphora, Spica Nardi, excellente madeira odorifera de Sandalos de varias cores, pao de águila & Calambuco & outra de Cedro, Ebano, Mangue, Lenho aloe, Braſil & de pao de ferro, ſaem tambem de Portugal as alcatifas da Perſia, & as colchas lauradas de admirauel obra de Bengala & de canequij. Do meſmo reino ſaem muitos açuçares de diuerſas partes, & as frutas de mirabolanos, tamarindos, ananazes, & cocos, & as muitas maneiras de precioſas conſeruas. Das quaes as mais perfeitas de todas do vniuerſo, ſam as da Ilha da madeira. Daqui meſmo ſe leuão as riquiſſimas teas de ſeda de differentes cores & feiçoẽs da China, & os mais excellentes panos de Bengalas, canequijs, caças, boſetaas, & de outros infindos nomes. Deſte meſmo reino ſe leuão as baixellas de porcelanas da China, que ſam os vaſos da mais fermoſa viſta de quantos os homẽs inuentaraõ, de que as que ſam legitimas, ſam muito mais aprazíueis na viſta, que todos os vaſos de prata, ou ouro, ou vidro criſtallino. Daqui ſaem as tinturas de lacca, paſtel, anil, & outras muitas cores. Daqui os ricos leitos, catles, meſas, cadeiras, & ſcriptorios dourados da meſma China, & os ricos cobertores de ſedas bro-

broslados sotiliſſimamente de ouro , & prata de eſpantoſo lauor, & quantas delicias ſe podem imaginar. Daqui ſae o marfim para a meſma India. O que parece couſa increiuel, por o que diz Virgilio, *India mittit ebur*: porque a Portugal vem muito da Ethiopia. De Portugal ſae cada anno , aſſi para os reinos de Heſpanha , como para as Indias de Caſtella , grande quantidade de eſcrauaria que ſe leua para cauarem nas minas de ouro & prata , & nos engenhos dos açucares : afora muitos que ſe achão a comprar Indios , Bengallas , Iaos , Arabios , Malauares , Malaios Braſis , Caſres , & de otras nações ſubjectas a Portugal , & de fora delle. Deſte reino ſaem as drogas & couſas medicinaes de toda a ſorte para ſaude do corpo & o celebrado aloe de Socotoraa , em que ſomente Deos permittio que a natureza o produziſſe. De Portugal ſaem para dilicias & recreação de outras gentes, muitos bugios de diuerſas feições & papagaios de lindas cores , & grandes habilidades , & outros animaes raros. Outras muitas couſas ha , que ſeria couſa longa numeralas , que das prouincias conquiſtadas pelos Portugueſes vem a Portugal , & daqui ſaem para diuerſas prouincias da Europa. Polo que ſe pode dizer que as mais polidas & ricas alfaias que os homẽs nobres da Chriſtandade tem em ſuas caſas , & com que as ornão , as leuão de Portugal. E como aquel-

las couſas que da India hião a Alexandria em tempo dos Romanos chamauão em Roma mercadorias Alexandrinas, porque da Alexandria lhas leuauam a Roma, aſſi meſmo & com mais razam ſe podem chamar mercadorias de Lisboa as que daquellas partes lhe vem, & que communica com outras gentes. Porque na verdade ſaõ muitas mais em valia, numero, & quantidade, & couſas que os Alexandrinos nem Romanos podiam ver, porque nam penetrauam tanto como agora os Portugueſes que paſſaram alem donde os Gregos nem os Romanos chegaram.

CAPITVLO XXXVII.

Dos ſanctos que houue em Portugal que naſceram no meſmo reino.

De ſam Damaſo Papa.

SAm Damaſo Papa Portugues natural de Guimaraes, villa principal de entre Douro & Minho, & ſegundo alguns da cidade da Idanha em Alentejo, foi hum dos ſummos Pontifices que mais fizeram na igreja de Deos. Per ſua ordem ſe começaram a cantar os Pſalmos de Dauid alternadamente no choro a todas las horas, & no fim de cada pſalmo di-

dizerse *Gloria Patri & Filio & Spiritui ſancto* para denotar a igualdade das tres peſſoas da ſanctiſſima Trindade. O que fez per conſelho do bemauenturado S. Ieronimo ſeu ſecretario para confuſaõ dos Arrianos que diziam, Gloria ao Padre pelo filho &c. Ordenou tambem que o ſacerdote antes de começar a Miſſa dixeſſe a confiſſaõ geral, como ſe agora diz. Foi ſam Damaſo grande letrado nas letras diuinas & humanas, & poeta mui elegante. Seus ſtudos communicaua com ſaõ Ieronimo a quem o meſmo Sancto padre dedicou as vidas dos Summos Pontifices que eſcreueo. Foi ſeu Pontificado feliciſſimo por ter por ſubditos & familiares os tres Doctores columnas da igreja, S. Ieronimo, S. Auguſtinho, & S. Ambroſio, & na Grecia aquelles grandes varoẽs Baſilio o Magno, Cyrillo, & Gregorio Nazianzeno, & outros varões ſanctos & doctiſſimos. Celebra a igreja Romana ſua feſta a onze de Dezembro.

CAPITVLO XXXVIII.

De ſam Vicente & as ſanctas Chriſtetis, & Sabina ſuas irmãs.

NAquelle tempo em que Daciano inquirio na Luſitauia ſobre os Chriſtãos vindo aa cidade de Euora, lhe foi dito de Vincencio mancebo natural daquella cidade: & ſen-

ſendo preſo & leuado ante elle lhe perguntou em que Deos cria ? elle lhe reſpondeo com grande conſtancia que era Chriſtão. E dizendolhe Daciano : naquelle cres que por ſeus maos feitos foi crucificado ? Vincencio lhe reſpondeo : calate Demonio , nam blaſphemes daquelle Senhor a que houueras de adorar. E dizendolhe Daciano , que lhe ſofria aquellas palauras porque era moço & nam ſabia o que dizia, & que o ouuiſſe como pai & ſacrificaſſe aos Deoſes , o ſancto mancebo lhe reſpondeo : que bem doudo era quem deixando a Deos viuo & verdadeiro que criou todas as couſas , adoraſſe as pedras & os metaes , & dizendo outras muitas palauras de homem ſancto & aferuorado que deſejaua morrer por a honra de Chriſto. Daciano mandou a ſeus miniſtros que o fizeſſem ſacrificar & não querendo o atormentaſſem de muitas maneiras. Sendo pois leuado & poſto ſobre hum degrao de pedra que eſtaua ante a ara onde ſe fazia o ſacrificio , em lhe pondo os pês ſe imprimio a figura delles naquella dura pedra , como ſe fora hum barro muito molle. Aquillo fez muito eſpanto a aquelles gentios , & diziaõ entre ſi certo não fazem iſto os que adorão aos noſſos Deoſes. E hauendo muito reboliço entre elles , dixerão falſamente a Daciano que Vincencio pedia eſpaço de tres dias para deliberar : o que Daciano lhe concedeo de boa vontade. Neſte meo tempo

ti-

tiuerão conselho as irmãs Christetis & Sabina para virem a Vincencio & com lagrimas lhe pedirão que pois ellas erão orfaãs de pai, e mai não tinhão mais que a elle que era guarda de sua virgindade & honra, não as deixasse, & que fugisse com ellas, & se fossem tomados, morririão todos tres martyres por Christo. Vincencio alta noite se pos acauallo com suas irmaãs & com grande pressa chegaram aa cidade de Auila. Daciano sabendo que eram fugidos prometteo grande premio a quem os descobrisse: & sendo achados os mandou leuar fora dos muros & postos em tormento lhes foram todos os membros desconjuntados, & dados tantos açoutes, que os chegaram aa morte. E nam dizendo aquelles sanctos irmãos mais palauras que protestarem morrer por o Padre Filho Spirito Sancto em que criam, lhes foram postas as cabeças sobre tres pedras grandes que com grandes paos lhes foram quebradas, & derramados os meollos, & assi acabaram seu martyrio. E na dita cidade de Auila estam seus glorioſos corpos. Na cidade de Euora cujos cidadão, sam, lhe fizerão huma igreja que se neste tempo ampliou de melhor edificio. Estes sanctos quiseram alguns falsamente tirar a Portugal & dizer que eram de Talaueira de la Reina, aos quaes está mui bem respondido per Andre de Resende em huma carta sua a Bertholameu de Cabedo, & per Ambrosio de Mo-

ra-

rales na primeira parte de ſua Chronica de Heſpanha, que deixo por não ſer deſte lugar. A feſta deſtes ſanctos ſe faz aos vinte ſete de Octubro.

CAPITVLO XXXIX.

De ſam Maximo & Viriſſimo, & ſanta Iulia ſua irmãa martyres.

OS ſanctos martyres Maximo & Iulia irmãos foram naturaes de Lisboa os quaes na perſecuçam que o preſidente Daciano fazia nos Chriſtãos da Luſitania, foram preſos & martyrizados cruelmente de muitas maneiras, & deſpois arraſtrados per cauallos pela cidade de Lisboa, & lançados ao mar com grandes pedras molares aos peſcoços para ſuas reliquias ſenão acharem. Donde milagroſamente tornando aa terra, foram recolhidos per alguns Chriſtãos deuotos & ſecretamente enterrados na praia do mar. Na qual deſpois aa ſua honrra ſe edificou o moeſteiro de Sanctos o velho de molheres religioſas da ordem de Sanctiago, que ſe deſpois paſſou com os corpos dos meſmos martyres ao lugar onde hora eſtão per ordem delRei Dom Ioam o ſegundo em hum moeſteiro nouo da meſma ordem que mandou edificar junto ao valle de Enxobregas do meſmo nome. A feſta deſtes martyres ſe celebra ao primeiro dia de Octubro.

CA-

CAPITVLO XXXX.

Dos martyres Victor, Sylueſtre, Cucufato, Torquato, & Suſana.

SAm Victor foi Portugues & natural da cidade de Braga: o qual ſendo ainda cathecumeno por não querer ſacrificar a hum idolo que os gentios veneraua em hum templo que eſtaua fora da dita cidade huma milha, foi atormentado de muitos & crueis tormentos, & deſpois degolado. E morrendo foi bautizado em o ſangue de ſeu martyrio. Deſpois per huns ſeus deuotos lhe foi feito hum templo de ſeu nome em que o corpo jaz. No meſmo templo & lugar diz Ioam Vaſeo em ſua chronica de Heſpanha que foi o martyrio dos ſanctos Sylueſtre, Cucufato, Torquato & Suſana & de outros Portugueſes muitos com elles, cuja memoria por a injuria dos tempos pereceo. Dos quaes ſanctos eſtaõ os corpos na igreja de Sanctiago de Galliza, & o da ſancta Suſana fora da cidade, ſegundo delles faz mençam o licenciado Molina em hum tratado que he digno de ſe ler da deſcripção do reino de Galliza, neſtes verſos em que acreſcenta Fructuoſo, & nam ſe lembra de Torquato.

Alli

Alli em Compoſtella alem do glorioſo
Eſtão outros corpos de vida approuados,
De muitos milagres bem ſolemnizados
Que ſam Cucufato, Sylueſtre & Fructuoſo,
E ſancta Suſana hum corpo precioſo,
Eſtà logo junto aaquella cidade
A eſte ſocorem por ſerenidade,
Se o tempo alarga de ſer mui chuiuoſo.

CAPITVLO XXXXI.

De ſancto Antonio de Lisboa.

POrtugues & natural da cidade Lisboa foi o bemauenturado ſancto Antonio, grande diſcipuló de S. Franciſco & ſingular ornamento de Portugal que o criou & de Italia que o gozou muitos annos, ouuindo pregar nos pulpitos & ler de cadeira nas ſcholas. Por o que foi tam hauido por de Padua dos Italianos por nella ter ſeu corpo, como por de Lisboa dos Portugueſes, onde naſceo no meſmo lugar que agora he igreja a elle dedicada, que foi a caſa em que morou ſeu pai. De cuja vida & milagres alem do que conſta pelas Chronicas de ſua ordem, digam os de Pauda.

CAPITVLO XXXXII.

De ſam Siſenando martyr.

COmo a cidade de Cordoua foi ſempre huma das mais principaes de Heſpanha, & em que os Mouros deſpois da deſtruiçam della aſſentarão ſeu imperio, ſempre a ſoſtentarão em ſua grandeza, & procuraram que os Chriſtãos a não deixaſſem & poſſuiſſem ſuas caſas & bens como de antes: & lhes concederão que tiueſſem ſuas igrejas erigidas & nellas celebraſſem os officios diuinos. Da meſma maneira fauoreciam aos ſtudos dos Chriſtãos que nella hauia de varias ſciencias a que muitos ſeguramente hião ſtudar. E entre os ſtudantes foraſteiros Chriſtãos que a Cordoua foram ſtudar, foi hum mancebo nobre da cidade de Beja por nome Siſenando, que em Cordoua fora ordenado Diacono. Naquelle tempo ſoccedeo no ſenhorio de Cordoua & dos mais reinos de Heſpanha o cruel tyrano Abderramen o quarto do nome, que todos os Chriſtãos que aa ſua maluada ſecta ſenam querião conuerter, martyrizaua. E não ſómente fazia guerra aos viuos, mas aos mortos que dos Chriſtãos erão venerados, & aas reliquias dos Sanctos. Entre os Chriſtãos que pola fê de Chriſto nam recearam padecer, foi o ſancto mancebo Siſenando ao qual cru-

cruelmente martyrizou, segundo o martyrologio Romano aos dezaseis de Iulho. O corpo deste sancto martyr foi recolhido pelos deuotos que o virão padecer a que deram sepultura que sempre ategora foi reconhecida & venerada por sua. E neste anno de 1601. hum Portugues natural de Beja que em Cordoua se achou, o fez saber aos Regedores & pouo de Beja a que tocaua o direito de reuendicar aquelle sancto corpo que era seu natural & peregrino em Cordoua. Os quaes por homẽs nobres da mesma cidade o mandaram pedir ao Bispo de Cordoua Dom Francisco de Reinoso lho restituisse ou ao menos parte delle para se honrar na terra onde nasceo & se criou. O Bispo condescendendo a tam justa petiçam com grandes fianças que lhe deram de o leuar a Beja, lhes deu hum braço que trouxeram com grande veneraçam, & com muita maior foi recebido & festejado em Beja & collocado na igreja de sam Saluador que fora a sua parochia, & mui cantado de hymnos que no insigne Collegio do Spirito Sancto da Companhia de IESV da cidade de Euora se fizeram. O dia que se pode chamar de sua trasladaçam foi o em que suas reliquias se assentaram na dita igreja do Saluador no altar.

CA-

CAPITVLO XXXXIII.

Das ſanctas virgens Liberata, Germana, Eumelia, Geniuera, Martia, Baſilia, Quiteria, Gemma, Victoria.

AS ſanctas Virgens & martyres Liberata & ſuas irmãas Germana, Victoria, Eumelia, Geniuera, Martia, Baſilia, Gemma & Quiteria naturais foram de Portugal ſegundo os breuiarios deſte reino, & filhas de hum ſenhor de terras, portugues, a que os antigos chamauam Regulo: como tambem lhe chamauam os Romanos, & lhe chamam os Euangeliſtas, & a que os Gregos chamauam Dynaſtas ou Toparchas. Sendo eſtas virgens filhas de pai & mai Gentios, & enſinadas delles a adorar os idolos ellas todauia mouidas do Spirito ſancto deſde moças pequenas creſceram na fé de Chriſto. E Liberata a que per outro nome chamauão Vilge forte, que era a maior em idade & em religiam com ſua fê & palauras conuerteo grande numero de gentios. Aconteceo que vindo de Roma hum edicto a Heſpanha contra os Chriſtãos que deixaſſem ſua lei ſob pena de morte natural, ſeu pai nam podendo acabar com aquellas ſanctas ſuas filhas que deixaſſem a fê pela idolatria foram per ſua propria mão atormentadas, & deſpois degolladas, & com ellas muitos

tos Christãos que tinham conuertidos, que para ellas se desdizerem, com medo de outra tal pena foram primeiro per ante ellas cruelmente atormentados. Mas ellas obedecendo mais ao pai celeste que ao carnal, receberaõ a coroa de martyrio. O que foi em tempo dos Emperadores Diocleſiano, & Maximiliano. Sancta Liberata que era a mais principal he tida em grande veneraçam na igreja Cathedral de Siguença onde tambem eſtam as outras suas irmãas.

CAPITVLO XXXXIIII.

De ſancta Engracia & dezoito fidalgos Portugueſes que com ella padeceram martyrio.

EUcrates a que vulgarmente chamamos, Engracia, foi filha de hum senhor grande de Portugal a que os antigos chamauam Regulo, que quer dizer Rei pequeno: a qual tendoa seu pai desposada com hum Adiantado da prouincia de Narbona, & mandandoa acompanhada de dezoito fidalgos seus parentes (de que o maioral era Luperco seu tio) para a entregarem a seu spoſo, foi reuelado a esta donzella, que aquelle caminho que hauia de fazer a França hauia de ser causa de ella receber a coroa de marryrio em Caragoça, onde entam os fieis de Christo eram perſeguidos. E assi aconteceo, que chegando el-

la

la aa meſma cidade & ouuindo as grandes cruezas que Daciano Preſidente & inquiſidor dos Emperadores Diocleſiano & Maximiliano alli faziam contra os Chriſtãos, onde hauia pouco mandara matar ſam Vicente & ſam Valerio com grauiſſima crueldade (por o que todos os daquella cidade ſtauão atemorizados & mui receoſos de ſuas vidas) a ella ſe lhe nam perturbou o animo, mas ſe lhe accendeo com os deſejos que tinha de padecer por amor do ſpoſo celeſtial por quem ella queria deixar o da terra: & ſe foi apreſentar ante Daciano que eſtaua aſſentado em ſeu tribunal, & lhe dixe: injuſto & mao juiz, vil eſcrauo do Demonio & injuſtiſſimo miniſtro daquelles maos Emperadores & crueliſſimos a que ſerues, porque deſprezas o Deos dos ceos & perſegues os que o adoram? Eu ſou vinda ã te amoeſtar antes que a ira de Deos venha ſobre ti, que o reconheças & te conuertas a elle. Ouuindo Daciano eſtas palauras, a mandou prender com todos ſeus dezoito companheiros, & a ella açoutar crueliſſimamente ante elles, os quaes clamando dixeram a Daciano, que para que ſe encrudelecia contra huma tam tenra & fraca donzella, que elles eram homẽs & profeſſauam a lei de Deos que ella adoraua, que nelles houuera antes de executar ſua crueldade. Daciano acceſo em furor os mandou logo degollar a todos & queimarlhes os corpos. Engracia leda de ver

que

que seus companheiros estauam jà no ceo onde cedo se tornarião ajuntar deu muitas graças a Deos. Dahi a poucos dias o cruel tyrano mandou dar nouos tormentos aa sancta virgem posta em hum potro & arrancarlhe as tetas com tenazes, & meterlhe hum crauo pela cabeça ate os meollos, & desfazerlhe as carnes em pedaços com pentes de ferro, & outros instrumentos taes, ate lhe apparecerem todas as entranhas que jà nam tinham carne com que as cobrisse: & tendo sempre os olhos & o coraçam no ceo, & encomendando sua alma a seu verdadeiro Sposo, rendeo o spirito. O corpo desta sancta recolheo o Bispo que então era de Çaragoça, sam Prudencio, & lhe deu honrada sepultura, a qual senão descobrio senão dahi a muitos annos: conuem a saber no anno de 1329. a treze dias do mes de Março no qual dia se celebra sua festa. E acharanse nos alicerces da igreja em que estaua, sobre que se edificou o moesteiro de frades Ieronimos, do nome da mesma sancta (que he dos principaes de Çaragoça onde estão enterrados) dezoito portugueses companheiros da sancta, & ella em huma sepultura que serue de altar na dita igreja, na qual de continuo ardem dez alampadas de prata. Esta sancta he muy venerada em Çaragoça, & visitada de muitos: os nomes dos martyres companheiros de sancta Engracia forão Luperco, Seutro,

Op-

Optato Sucaſſo, Martial, Vrbano, Iulio, Quitiliano, Fronto, Publio, Felix Ceſiliano, Euento, Primitiuo, Apolemio, & quatro que ſe chamão Saturninos.

CAPITVLO XXXXV.

De ſancta Eiria.

NO tempo que em Heſpanha reinaua Recceſuindo Rei dos Godos, hauia em Nabancia (que agora he a villa de Tomar onde ſtá aſſentado o Conuento da ordem de noſſo Senhor IESV Chriſto & eſteue em tempo antigo o dos Templarios) hum fidalgo por nome Hermigio, que de Eugenia ſua molher tinha huma filha per nome Irene, na qual com a idade iáo creſcendo grandes virtudes, & ſperanças do que deſpois foi. Iunto aa meſma villa hauia huma Abbadia, de que era Abbade Selio varam docto & ſancto irmáo da dita Eugenia, o qual ſendo mui contente de ſua ſobrinha Irene, tomou a cargo a criaçam & doctrina della & a entregou a duas irmáas de Hermigio que com outras muitas donzellas religioſas viuiam em congregaçam & clauſura, & lhe deu por meſtre para a doctrinar nas letras a hum monge principal de ſeu moeſteiro per nome, Remigio homem letrado & hauido por virtuoſo. Eſta ſancta donzella como nunqua ſaia daquella clauſura

mais que huma vez no anno por dia de ſam Pedro, cuja igreja eſtaua junto aos paços de Caſtenaldo ſenhor da dita villa de Nabancia, foi viſta de Britaldo filho vnico de Caſtenaldo, & tanto ſe della namorou que por ter encubertos ſeus grandes deſejos & anguſtias por reuerencia dos pai & mai de Irene, & de ſeu tio o Abbade chegou aa morte. Porque como não ſe ſabia a cauſa da infirmidade, aſſi nam ſe lhe daua remedio. Entendendo a ſancta donzella per reuelaçam diuina aquelle mal, & a cauſa delle foi ver a Britaldo que na cama eſtaua, para o conſolar, & o tirar daquelle illicito amor, & fazer que o conuerteſſe a Deos a quem o deuia ter. Britaldo ſe alegrou tanto com a uiſta & palauras de Iréne, que parecia que reſuſcitou, & aa deſpedida della lhe pedio lhe prometteſſe de nunqua em ſeu coraçam entrar outrem que não foſſe elle. Ao que ella reſpondeo que nunqua Deos permittiria que a elle nem a outrem tiueſſe amor, & pondolhe as mãos & dizendo algumas orações, ſe tornou. Britaldo foi mui em breue ſam. Dahi a dous annos por a continuaçam que Remigio tinha com ſua diſcipula Irene, entrou o Demonio nelle, & a começou amar torpemente & deſcobrirlhe ſeus deſejos: ao que ella reſpondeo com tanta furia & aſpereza de palauras, que conuertendo elle o amor em odio & inſtigado do Demonio, determinou de ſe vingar per

hu-

huma eſtranha maneira: que foi dar aa innocente donzella huma beberagem compoſta de taes heruas, que lhe fizeram inchar a barriga de maneira, que verdadeiramente parecia prenhe. Eſta emprenhidão ſe diuulgou por toda a terra com grande vergonha & anguſtia da ſancta Irene & de ſeus parentes. O que vindo aas orelhas de Britaldo & dando a viſta teſtimunho da fama mouido com ciumes do que quiſera a Irene & do que lhe pedira & ella lhe promettera, boſcou hum ſoldado a que mandou a eſpiaſſe & como viſſe occaſiam a mataſſe. E aſſi foi, que ſaindo ella huma manhãa ao rio Nabam que hi ſtá junto para aliuiar da ſua infirmidade & pedir a noſſo Senhor a liuraſſe daquella infamia pois ſabia ſua innocencia: ſtando de giolhos fazendo oraçam o ſoldado veo a ella & a degollou & deſpioa deixandoa em camiſa, & a lançou no rio para que ſe nam ſoubeſſe daquelle feito. As tias quando foi de dia não a achando em caſa, cuidaram que deſeſperada por aquella vergonha de ſua emprenhidão ſe fora com algum homem a perder de todo. Mas Deos que nas maiores preſſas ſocorre aos ſeus ſeruos nam permittio que aquella ſancta donzella morreſſe infamada, mas ſe moſtraſſe ſua ſanctidade & limpeza: & reuelou ao Abbade Selio ſeu tio tudo o que paſſara & onde a acharia. A corrente do Nabam onde foi lançada, a tinha leuada ao rio Zezere onde ſe

mete, & o Zezere a leuou ao Tejo onde tambem entra em Punhette : & a corrente do Tejo a leuou dahi ao pé do monte alto de Santarem que ate entam se chamou Cabelicastro. O Abbade mui alegre com aquella reuelaçam descobrio ao pouo que o creo por sua muita authoridade & sancta vida & porque Deos o mouco : & todos com grande procisam acompanharão ao Abbade ate o dito monte. E onde o corpo da sancta estaua, as agoas do Tejo se afastaram ao rodor, fazendo parede & ficando secca a terra onde o corpo estaua posto sobre hum sepulchro laurado per obra de Deos. O Abbade & a mais gente a quiserão tirar de alli, & nam poderam com força alguma ou engenho mouelo. Pelo que entendendo todos que era obra de Deos, somente lhe tomaram por reliquias os cabellos & parte da camisa que tinha vestida. E tornandose a procisam virão outro milagre, que foi as agoas do Tejo tornaranse a cerrar cobrindo o sepulchro. Com as reliquias que o Abbade trouxe se fizeram outros muitos milagres em Tomar: que foi, verem muitos cegos, & andarem muitos aleijados. Dahi em diante começou aquella nobre villa de Cabelicastro chamarse Santa Eiria, & por discurso de tempo corromperse o nome em Sanctarem. De maneira que a Sancta tem por epitaphio a villa de Sanctarem, & por sepultura, o nomeado rio Tejo. A festa de Sancta Eiria se celebra aos vinte de Octubro. CA-

CAPITVLO XXXXVI.

De Sam Gonçalo de Amarante.

DE Tagilde junto de Viſella, & da freguesia de Sam Saluador foi Sam Gonçalo de Amarante. Foraõ ſeus pais nobres & honeſtamente ricos. O qual deſpois de ſaber latim ſe criou em caſa do Arcebiſpo de Braga ao coſtume daquelle tempo em que nas caſas dos Prelados ſe enſinauam letras & bõs coſtumes aos que queriam ſaber: onde aprendeo outras mais letras. O Arcebiſpo que o criou & vio nelle muitas moſtras de virtudes & coſtumes ſanctos, o prouco da igreja & Abbadia de Sam Paio de Viſella: mas elle deſejando de ver os lugares ſanctos ſe foi a Roma & a Ieruſalem, deixando ſua igreja encomendada a hum ſeu ſobrinho. E vindo de ſua peregrinaçam ja de grande idade, ſe meteo na religiam de S. Domingos em Guimaraẽs: & da mão de Sam Pedro Gonçaluez Telmo, que entam era Prior, tomou o habito, & tam ſancta vida fez, & Deos por elle tantos milagres, que o Papa Pio IIII. aa petiçam delRei Dom Sebaſtiam deu licença para que ſe rezaſſe delle & ſe fizeſſe aa ſua honra officio diuino de Miſſa & horas Canonicas em todo o reino de Portugal, commetendo eſte negocio ao Cardeal Infante Dom

Hen-

Henrique (que despois foi Rei) juntamente com o Nuncio Apostolico, hauendo precedido outras informações que o Papa Iulio III. mandou tomar aa instancia del Rei Dom Ioam o III. per Pompeio Zambecario Nuncio nestes reinos. Cuja canonizaçam agora nestes tempos procurava elRei Dom Philippe o I. que santa gloria aja. Sua vida & milagres deixo de contar por os ter copilados com muita diligencia o Mestre Frei Fernando de Castilho na Chronica de sam Domingos. O corpo deste Sancto está sepultado na mesma villa de Amarante sua patria, em hum moesteiro de sua ordem visitado de muitas gentes, & mui esclarecido com milagres: & sua festa se faz aos dez dias de Ianeiro.

CAPITVLO XXXXVII.

De Sam Frei Gil.

DA villa de Bousella do Bispado de Viseu junto aos banhos de Lafoẽs foi S. Frei Gil natural, filho de Rui Paez de Valladares, que foi do concelho delRei Dom Sancho o I. & seu mordomo mór, & Alcaide môr de Coimbra: cuja sepultura dizem que se ve hoje no moesteiro de Sancta Cruz da mesma cidade. Sua mãi se chamaua Dona Tareja Gil. Outros filhos nascerão dos ditos Rui Paez & Dona Tareja a fora frei Gil, dos

quaes

quaes hum ſe chamou Paio Rodriguez, outro Ioam Rodriguez, & outro que foi Deam de Lisboa. Da geraçam da mãi ſe ſabe que era irmãa do pai de Dona Ioanna diaz molher illuſtre que foi ſenhora da villa da Atoguia, & da familia de Taide, & fora dama da Rainha Dona Beatriz molher delRei Dom Afonſo III. o que foi Conde de Bolonha: a qual caſou com Dom Fernando Fernandez Cogominho ſenhor de Chaues & alcaide môr de Coimbra, cuja ſepultura ſe ve hoje no dito moeſteiro de Sancta Cruz no meo do corpo da igreja aa mão direita de quem entra. Dos quaes naſceo. Fernando Fernandez Cogominho o moço, & Nuno Fernandez Cogominho que foi Almirante delRei Dom Dinis. A Gil Rodriguez de que fallamos mandou ſeu pai enſinar as primeiras letras: & deſpois ſe deu aa philoſophia & aa medicina em que aproueitou tanto por ſeu grande engenho, que veo a ter grande nome. Sendo elle moço, por ſeu pai ſer tam nobre & priuado delRei houue para elle huma Coneſia em Coimbra, & outra em Braga, & outra na Guarda, & os Priorados de Sancta Eiria em Sanctarem, & o da igreja de Curuche: & por ſer mui curioſo quis ir a Paris a conſummarſe nas letras. E indo jâ ſeu caminho por perſecuçaõ do Diabo ſe tornou, fazendo pacto com elle dandolhe hum ſcripto do ſeu ſangue: per cujo conſelho foi aa cidade de Toledo onde

de ſe entam enſinaua a arte magica. E hi eſteve aprendendo per eſpaço de ſete annos: & dahi ſe foi a Paris onde (por a muita philoſophia & medicina que ſabia & por aajuda que tinha do Demonio) vſou a medicina com muito louuor por as couſas que nas curas lhe viam fazer com ſua magica, & aſſi em couſas de jogo. Deſpois per huma viſam que vio, foi amoeſtado que deixaſſe o caminho que leuaua & ſe conuerteſſe a Deos. Polo que tornando de Paris para Portugal, como viſſe em Palencia, cidade do reino de Caſtella, eſtarſe edificando hum moeſteiro da ordem do bemauenturado Sam Domingos que naquelle tempo começou, determinou de entre aquelles que alli trabalhauam andar elle tambem ſeruindo: & confeſſandoſe ao Prior da caſa os peccados que tinha feitos & o propoſito de os deixar & ſe meter naquella ordem, o Prior lhe deu o habito. Tendo feita profiſſam naquella caſa onde fez grandiſſima penitencia ſe paſſou a Portugal ſua patria, & no moſteiro de Sam Domingos de Sanctarem (que foi o primeiro deſte reino, que ſe fundou em vida do meſmo Patriarcha) fez vida de muita aſpereza ate que por interceſam da Virgem noſſa Senhora a que ſempre ſe encomendou, per o meſmo Demonio que o enganara lhe foi tornado o ſcripto de ſeu ſangue que dera em final de ſua perdiçam. Foi per ſuas letras & ſancta vida mui celebrado naquelle tempo:

& sendo feito Doctor em artes, Medicina, & Theologia em Paris aonde se tornou de Portugal, foi duas vezes electo por prouincial de Hespanha, que ate entam nam era diuidida em Prouincias. Fez este Sancto tantos milagres, que só delles ha feito hum liuro. Sua sepultura está em Sanctarem no moesteiro de sua ordem: fazse sua festa aos quatorze de Maio.

CAPITVLO XXXXVIII.

Do beato frei Amadeu.

O Beato Amadeu que instituio a ordem dos frades Amadeus em Italia, foi filho segundo de Aires Gomez da Sylua Alcaide môr de Campo maior & Ouguella, & de Dona Isabel de Meneses filha de Dom Pedro de Meneses Conde de Viana, & primeiro capitam de Septa, & irmão de Dom Diogo da Sylua primeiro Conde de Portalegre: seu nome fora quá no mundo, Ioam de Meneses da Sylua. O qual sendo mui auisado & grande cortesam se occupou em huns amores secretos & de alto lugar, segundo denotaua huma medalha que na gorra trazia em que estaua huma ara culpida com huma letra que dizia. IGNOTO DEO. por os quaes amores se desterrou deste reino, indo delle a Emperatriz Dona Lianor filha delRei Dom Duarte

para

para Italia a casar com o Emperador Federico III. por cuja camareira mór ou dona de honra dizem que ia huma irmãa do mesmo Ioam de Meneses. Stando em Italia & resoluto acerca das vaidades do mundo, & onde vão parar os desordenados apetites que a elle inquietauão, se fez frade da ordem de sam Francisco da obseruancia, leuando ainda algum pequeno de respecto do mundo por o nome que tomou de frei Amador, por aaffeiçam que nelle teuera que nosso Senhor lhe conuerteo em si, mudandolhe a tenção do amor humano ao diuino. O qual nome lhe os frades conuerterão em Amadeu. E tanto se deu naquelle estado que tomou aa contemplaçam & aa perfeiçam da vida Spiritual, que o spiritu de Deos o arrebatou de entre os homẽs, & o leuou ao ermo, impetrando do Papa huma ermida que staua em Roma no Vaticano chamado, S. Pedro Montorio, lugar onde o Apostolo sam Pedro foi degolado. Naquella ermida fez vida sanctissima & de grande aspereza muitos annos. E por a vizinhança que a ermida tinha com o paço Pontifical, foi sempre dos Papas & Cardeaes mui conhecido & estimado sem de sua origem saberem nada. E acontecendo que elRei Dom Afonso Quinto de Portugal a instancia do Papa Xisto IIII. mandou huma armada contra os Turcos que tinham tomada a cidade de Otranto no reino de Napoles, & por Capitam

tam della Dom Garcia de Meneſes Biſpo de Euora & da Guarda, fallando o Biſpo hum dia com o Papa lhe perguntou ſe conhecia frei Amadeu, & dizendolhe elle que nam lhe deu o Papa conta de ſua vida & da muita conta em que todos o tinham, iſto moueo ao Biſpo a ir a ſam Pedro viſitar frei Amadeu: na qual viſitaçam ſe conheceram por primos com irmãos, com muitas lagrimas que a razam do ſangue lhes moueo. Porque o Biſpo era filho de Dom Duarte de Meneſes Conde de Viana, filho natural do dito Dom Pedro de Meneſes Capitam de Septa, & irmão da mãi do dito frei Amadeu. Veoſe deſpois a fazer naquella ermida aa petiçam de frei Amadeu hum moeſteiro da obſeruancia em que elle fez vida ſanctiſſima, & compos livros de couſas ſpirituaes. Deſpois fez elle alguns moeſteiros de ſua cõgregaçam para o que lhe paſſou o meſmo Papa Xiſto (que lhe era mui affeiçoado) muitos privilegios ſobmettendo ſe aa regra de ſam Franciſco da obſeruancia. Eſte ſancto varam hauendo padecido muitos trabalhos, & perſecuções veo a fallecer na cidade de Milam no ſeu moſteiro chamado, ſancta Maria da Paz o anno de mil quatrocentos oitenta & dous, onde ſtá ſepultado & dizem fazer muitos milagres. Os frades daquella congregaçam ſe chamam, Amadeos, & ſe veſtem de pardo obſcuro, & trazem ſocos de pao. Dos quaes ha em Italia vinte conuen-

tos,

tos, que a outras prouincias nam se estendem. Mas o Papa Pio Quinto vnio esta congregaçam & a que chamam dos Chirinellos com a dos Zocolantes.

CAPITVLO XXXXIX.

De Dona Beatriz da Sylua que instituio a ordem da concepçam em Castella.

DOna Beatriz da Sylua que instituio a ordem da Concepçam em Castella, foi filha de Rui Gomez da Sylua Alcaide mór de Campo maior & Ouguella, & de Dona Isabel de Meneses filha de Dom Pedro de Meneses Conde de Viana & primeiro Capitam de Septa, & irmam do primeiro Conde de Portalegre, assi como o era o beato Amadeu: porque eram irmãos de pai & de mãi. Era esta donzella a mais fermosa molher que se sabia em Hespanha, & de mais graças da natureza, & entre as damas que de Portugal forão a Castella com a Rainha Dona Isabel filha do Infante Dom Ioam que casou com elRei Dom Ioam II. foi Dona Beatriz. A qual por sua grande fermosura pos em tanto espanto os que a viam, que todos os grandes da Corte desejauam de se insinuar em sua graça & seruila. Por a qual razam entre elles (como soe ser entre competidores de cousa de muita estima) hauia cada dia brigas & arroi-

roidos com que a caſa Real, & a corte ſe inquietaua. Eſta donzella. que era honeſtiſſima & daquellas brigas nam tinha mais culpa que ſer muito fermoſa, viuia em eſtremo anojada, & de boamente trocara ſua beldade por a fealdade da mais fea molher do mundo: & rogaua continuamente a Deos foſſe ſua viſta aborrecida de todos os homẽs. Mas a Rainha que aquelle bom parecer julgaua por culpa ou por enueja que as molheres naturalmente tem aas outras molheres que tem melhor parecer, tratauaa mui mal & a mandou fechar em huma caxa na qual eſteue tres dias ſem lhe darem nelles de comer nem beber. Eſtando naquella afrontoſa & eſtreita priſam chorava muitas lagrimas de ſe ver tam mal julgada, & fez voto de perpetua caſtidade. Naquella meſma agonia lhe appareceo noſſa Senhora veſtida em hum mantou azul, & ſaia & eſcapulario branco. E determinando de ſe recolher em alguma religião como foi ſolta, com licença da Rainha ſe recolheo na meſma cidade de Toledo, onde a corte eſtaua, em o moeſteiro de S. Domingos o Real (que he de freiras da ordem do meſmo ſancto) no qual no habito ſecular perſeuerou por eſpaço de trinta annos, fazendo vida ſanctiſſima, & de muita abſtinencia & grande exemplo. E por ella ſer deuota da concepçam de noſſa Senhora aa ſua honra quis inſtituir huma ordem noua, & ſe paſſou no anno de

mil

mil quatrocentos & oitenta quatro com doze religiosas aa casa que agora chamam, sancta fè, a que antes chamauam, os paços de Galiana, com licença da Rainha Dona Isabel a Catholica que era filha da Rainha Dona Isabel que de Portugal a trouxera: & se vestirão daquelle habito em que nossa Senhora lhe appareceo. Naquella companhia estiueram ate o anno de mil quatrocentos oitenta & noue em que o Papa Innocencio VIII. aa petiçam da Rainha Dona Isabel lhes confirmou o habito & officio da concepçam debaxo da ordem de Cistel, sem lhes confirmar noua ordem, dexandoas debaxo da obediencia do Arcebispo de Toledo onde a fermosa & sancta Dona Beatriz acabou no anno de mil quatrocentos & nouenta, sendo de idade de 66. annos, com nome de huma grande sancta que naquelle reino de Castella deixou. Despois pelos tempos se mudou esta ordem, ficandolhe o habito & officio da concepçam como de antes, & a regra de sancta Clara. Mas ordenando Deos que aquella ordem em tudo ficasse da maneira que Dona Beatriz a instituio, o Papa Iulio segundo tornou a confirmala como a principio era quando Dona Beatriz a instituio, da qual hoje ha muitos moesteiros.

E he muito de considerar os chamamentos que Deos faz aos homẽs: que hum fidalgo mancebo muito gentil homem & lou-

ção

ção & que tinha todos seus pensamentos no mundo, & buma dama de tão estremada beldade, & tam desejada de tantos grandes com que ella podera vir a ter grande stado, & tão illustres, & irmãos ambos na flor de suas idades em reinos estranhos fossem instituidores de duas ordés de religião, renunciando o mundo por ganharem o Ceo.

CAPITVLO L.

De sancta Comba.

SAncta Columba virgem, que vulgarmente chamão, sancta Comba, foi natural de Coimbra. A qual, segundo tradição antiga dos naturaes daquella cidade, foi morta em defensaõ de sua castidade não longe do mosteiro de Cellas onde stá huma ermida de seu nome. Seu corpo stá na sanctristia do moesteiro de sancta Cruz da mesma cidade entre muitas reliquias que naquella sancta casa ha. Sua fêsta se celebra a trinta & hum de Dezembro. E não faça aalguem duuida dizer que os Cordoueses celebrão sancta Columba, & os da cidade de Sens em França, & todos em hum dia que he o vltimo de Dezembro, & que assi se faz em Portugal. Porque as sanctas ainda que concorrão no nome, saõ differentes pessoas nos corpos: pois sabemos que ha muitos sanctos Pedros, &

Vin-

Vincentios. E concorrer em hum dia as festas de todas seria por o emleo que causou o nome, como mui bem aduirtirão os padres da companhia de IESV que acrescentarão o martirologio Romano, & por não saberem o dia de nossa sancta Comba fizerão a festa o dia que acharão em outra sancta Columba no Martirologio Romano.

CAPITVLO LI.

De sancta Senhorinha.

SAncta Senhorinha foi de nobre geraçam, natural de entre Douro & Minho do lugar de Basto, cujo corpo stá na igreja parochial de seu nome que antigamente fora moesteiro de monjas da ordem de sam Bento: no qual viueo cinquoenta annos com grande exemplo de sanctidade, onde obrou Deos por ella muitos milagres em sua vida, & despois de sua morte. Falleceo no anno do Senhor DCCCCLXXII. Seu corpo stá aa mão direita do altar mór. Cuja festa se faz a vinte & dous de Abril.

CA-

CAPITVLO LII.

De ſancta Godina.

SAncta Godina da meſma terra de Baſto, foi Abbadeſſa do moeſteiro que acima diximos de ſancta Senhorinha, ſeu corpo ſtá ſepultado dentro do altar môr da dita igreja onde ſe faz a feſta.

CAPITVLO LIII.

De Dona Sancha comendadeira do moeſteiro de Sanctos o velho.

DOna Sancha comendadeira do moeſteiro de Sanctos o velho, que he de freiras da ordem de Sanctiago que ſoia eſtar na boa viſta. Eſta religioſa foi tal em ſua vida & coſtumes & grande exemplo que as ſuas ſubditas deu, que Deos em ſua vida & morte obrou por ella muitos milagres. Por os quaes das religioſas de todo o tempo foi hauida por ſancta. E na memoria das religioſas de mão em mão ficaram por tradiçam algumas couſas milagroſas que ella por ſua humildade encobria. Contaſe entre outras muitas couſas, que no moeſteiro velho em que ella gouernou, hauia huma caſa que ſeruia de celleiro, em que ſe recolhia o trigo de ſuas rendas,

que naquelle tempo nam eram muitas. E acabandoſelhe o trigo que no celleiro eſtaua, que nam ficauam ſenam humas varreduras, ſtando ainda muita parte do anno por correr & vir a nouidade, & a caſa em grande neceſſidade, indo eſta ſancta ver o celleiro chea do ſpirito de Deos, & confiada em ſua miſericordia que acudiria a ſuas ſeruas, abrindoſe per ſi as portas do celleiro, o achou tam cheo de trigo, que quaſi impedia poderem abrir as portas. Foi eſte milagre notorio nam ſomente aas religioſas que na caſa reſidiam, mas a toda a cidade que glorificaua a Deos por ſer tamanho.

Outro tal ſe conta deſta ſancta, que pedindolhe huma molher pobre eſmola, & nam tendo que lhe dar, tirou huma beatilha que ſobre o toucado trazia em lugar de veo (como eſtas religioſas coſtumauam) & a deu aaquella pobre: & entrando para dentro miraculoſamente vio em ſua cabeça outro veo muito differente do que hauia dado, que mais moſtraua ſer couſa celeſte que da terra. Eſtas & outras muitas couſas ficaram em memoria naquella caſa & per tradiçam das commendadeiras & religioſas antigas que tambem eſtauam em hum liuro antigo que ſe perdeo. Naquella caſa ſe celebra a feſta daquella ſancta commendadeira dia de todos os Sanctos por não ſer canonizada.

CA-

CAPITVLO LIIII.

De Sam Paio.

SAm Paio natural de Coimbra foi frade da ordem de Sam Domingos & do seu mesmo tempo, de cuja ordem fundou o moesteiro antigo que hoje se ve na dita cidade junto ao Mondego: o qual foi o segundo daquella ordem que neste reino houue: & nelle prégou & ensinou com grande fructo dos que o ouuiram, & na mesma casa falleceo. Os authores que escreuem a vida deste Sancto, contam muitos milagres que Deos obrou por elle nos que a elle se encomendauam, de lançar Demonios, dar vista a cegos & curar muitas infirmidades. Entre outros milagres que deste Sancto se contam, he, que mandando fazer os padres do moesteiro hum sino, aconteceo de lhe faltar a terça parte do cobre, que era necessario, por culpa do official que nam entendeo a falta senão quando já o metal estaua derretido. Hum dos padres do moesteiro vendo esta falta se leuantou & com muita confiança tomou huma quantidade de terra da coua de Sam Paio & a lançou sobre o metal que estaua derretido, & a massa cresceo tanto, que se fez perfeitamente, & sobejou cobre sem a mistura da terra lhe impedir o seu bom tom. O qual sino se ve ho-

je no moesteiro nouo de Sam Domingos aonde o velho se passou. No qual se enxerga a parte da terra que se com o metal misturou, conhecendose bem estar differente do outro metal, sem por isso o sino ter algum defecto no soido.

CAPITVLO LV.

De Sam Rosende Bispo Dumiense.

SAm Rosende Bispo Dumiense foi mui nobre, natural de hum lugar que antigamente se chamaua, Sala, do Bispado do Porto onde sua mãi (que diziam ser condesa) residia. Sendo mui docto nas letras & sancto na vida renunciou o Bispado, & em o moesteiro de Cella Noua da ordem de São Bento que elle fundou, se recolheo a fazer vida monastica. No qual acabou resplandecendo com muitos milagres que Deos por elle obrou. Seu corpo jaz em Galliza no mesmo moesteiro de Cella Noua, cuja festa se faz ao primeiro dia de Março.

CAPITVLO LVI.

De Sam Fructuoſo Abbade.

DE Conſtantim termo de Villa real foi natural o Abbade ſam Fructuoſo, o qual ſendo ornado de muitas virtudes & ſanctidade, deſpois de viſitar os lugares ſanctos & Roma, acabou ſanctamente: cujo corpo ſtà ſepultado na igreja de que elle fora prelado que ſe chama a Cabeça ſancta, por nella ſe moſtrar a cabeça deſte glorioſo ſancto com muitos milagres & concurſo de gente de Galliza & de Portugal que alli vai em romaria. Faz ſe ſua feſta aos dezaſeis de Abril.

CAPITVLO LVII.

De Ioam de Deos.

EM Montemór o nouo villa notauel de Portugal do Arcebiſpado de Euora ſahio aquelle grande penitente & charidoſo ſoccorro de pobres, Ioam de Deos, per cujas mãos ſe diſtribuiram tantas eſmollas, ſe caſaram tantas donzellas, & ſe ſoſtentaram tantas viuvas neceſſitadas. De cuja vida & obras ſe podem ver muitas couſas dignas de ſe ſaberem & de ſe imitarem no Flos Sanctorum de Manuel de Vilhegas que mui ornadamente

te as escreueo. A memoria deste sancto varam sempre durara na cidade de Granada com o testimunho da ordem que elle instituio. E sempre delle & de sua charidade daram fé pelos hospitaes os religiosos da sua ordem. Falleceo este sancto varam em Granada.

CAPITVLO LVIII.

De Sam Geruas.

SAm Geruas, segundo tradiçam antiga, foi irmão de sancta Senhorinha de Basto de que atras fizemos mençam & que sempre como sancto foi de todos venerado & visitado na mesma igreja de sancta Senhorinha onde está seu corpo sepultado defronte da sepultura de sua irmáa.

CAPITVLO LIX.

De Frei Pedro porteiro de Sam Domingos de Euora.

FRei Pedro frade conuerso da ordem de sam Domingos, foi natural da villa de Aueiro que em nauios seruia de marinheiro; o qual por persuaçam de hum religioso do moesteiro de Sam Domingos da dita villa a que se confessou & lhe pareceo de tal indole que delle se faria hum bom seruo de Deos,

Deos, se fez frade na mesma casa conuerso, por não saber letras. Era tanta a abstinencia deste frade & sua humildade & charidade daquillo que lhe o prelado encarregaua, que hum Prouincial o mandou ao moesteiro de Sam Domingos de Euora para ter officio de porteiro, por ser cargo de confiança, onde seruio muitos annos com muita sanctidade, & muitos milagres que Deos per elle naquella casa obrou. Sendo costume dar aos pobres o que sobeja da comida dos religiosos, elle com huma entranhauel charidade lhes daua as raçõés com tam boa vontade & boas palauras que todos los pobres & viuuas necessitacas daquelle grande pouo concorriam a elle, & tantos delles mantinha, que parecia que a renda do moesteiro nam era a isso bastante. Polo que quando veo o dia de sua morte que foi aos setenta annos de sua idade, foi choraco de toda a gente que elle sostentaua, chamandolhe bom pai & bom amigo. Dos milagres deste sancto screueo hum particular liuro o Doctor Andre de Resende, que sendo frade naquelle moesteiro de Sam Domingos sendo moço foi mui mimoso deste Sancto.

CA-

CAPITVLO LX.

De Dom frei Bertholomeu dos martyres Arcebiſpo de Braga.

HAuendo de eſcreuer a vida do ſancto varam frei Bertholameu dos martyres Arcebiſpo de Braga, ſe me fez grande duuida ſe o poria no catalogo dos varoẽs illuſtres que houue neſte reino de que fiz hum tractado, ou ſe o contaria entre os Sanctos do meſmo reino de que fiz outro. E verdadeiramente que conſideradas ſuas heroicas virtudes, me pareceo lhe fazia offenſa em nam numerar hum homem tam ſancto entre os outros Sanctos, poſto que pela ſancta igreja naõ foſſe ate gora canonizado: pois deuemos crer que muitos ſanctos houue de que nam ſabemos, nem foram canonizados que alcançarão a coroa, que ganharam os que a tem no ceo. E não creo que hauera quem alguma couſa ſouber de ſua vida & coſtumes, que o não julgue por hum dos mais aſſinalados Sanctos, que houue neſſa idade. No qual, como em hum exemplar os religioſos & prelados deuiam ſempre poer os olhos. Porque como dixe hum dos embaxadores que no Concilio de Tridento ſe acharam & o conuerſaram: que couſa fez Sancto Agoſtinho, ou Sam Martinho, ou algum dos Biſpos ſanctos

ctos paſſados, que Dom Bertholameu nam fizeſſe? O naſcimento deſte ſancto varão foi na cidade de Lisboa de bõs padres. Sendo mancebo de honeſtos coſtumes, & entendendo os perigos do mundo, ſe reſolueo em o deixar, & ſe meteo na religião de Sam Domingos de Lisboa, onde ouuio artes & Theologia, & com ſua boa diligencia & engenho em breue ſe fez hum conſummado Theologo: & dando moſtras de ſua muita erudição em hum capitulo geral de ſua ordem, que ſe celebrou em Salamanca, foi feito meſtre & leo muitos annos Theologia no Conuento da Baralha, onde foi electo Prior do moeſteiro de Bemfica, que he mea legoa de Lisboa. Naquelle cargo deu tam boas moſtras de ſua prudencia & bondade que vagando o Arcebiſpado de Braga, a Rainha Dona Catherina, que gouernaua eſte reino, como tutora del-Rei Dom Sebaſtião ſeu neto, por as informaçoẽs que delle teue, o chamou, & lhe offereceo aquella dignidade, para a qual hauia muitos pretenſores nobres & prelados que a pediam: por aquelle Arcebiſpado alem de ſer de muita renda ſer a igreja Primaz de Heſpanha & ſenhora no temporal da meſma cidade de Braga. Mas frei Bertholomeu que com a offerta ficou attonito & aſſombrado por ſua muita humildade & religião a recuſou, propondo aa Rainha ſua pouca ſufficiencia, para tamanho cargo. Ao que a Rainha reſ-

reſpondeo, que ella tinha differentes informações, das que elle de ſi daua. Ao que replicou o ſancto varam, que outros hauia, de que ſe tinhão melhores informaçoẽs nos tempos paſſados, & como ſe viram poſtos em dignidade ſe mudaram, & que aſſi podia acontecer a elle. Ao que a Rainha aviſadamente tornou, que eſſes nam ſe mudaram, mas deſcobriram quem erão. Tudo iſto nam baſtou para ſe inclinar ao que a Rainha mandaua. Polo que ella afflicta por os muitos oppoſitores que a moleſtauam, & por a grande reſiſtencia de peſſoa a ſeu parecer tam idonea, para aquelle cargo, valeoſe do Prouincial, requerendolhe, que o obrigaſſe com penas & cenſuras que o acceptaſſe. Polo que o Prouincial chamandoo a capitulo em preſença de todo o Conuento de Sam Domingos de Liſboa, lhe fez huma practica conforme ao propoſito: & fazendoo proſtrar per terra lhe mandou ſob pena de obediencia, & de excomunhão maior, acceptaſſe a nomeação que a Rainha nelle fazia. Ao qual atemorizado com tam riguroſo mandado, per ſua grande obediencia & humildade obedeceo. E leuantandoſe em pè dixe, que elle eſtaua tido naquella prouincia, por homem amigo de ſeu parecer: & que em huma ſó couſa propunha de o ſer, que em tudo o que aquella dignidade compadeceſſe naõ hauia de mudar a vida que ate então tiuera de hum pobre fra-

de:

de: Mas com a eleiçam que se delle fez foi tam angustiado, vendose obrigado a dar conta de tantas almas, & de tantos negocios dos leigos da cidade de que era senhor que sempre trazia ante os olhos as penas do inferno, & com temor dellas senão acquietaua, mas muitas vezes escreueo ao Papa pedindolhe com grande instancia o desaliuasse daquella carga, & a desse a quem podesse com ella. E cada dia pedia a Deos o liurasse daquella oppressam. E tal se via que huma vez dixe a hum religioso grande seu amigo a quem descobria todo seu peito, que por o trabalho em que se via, nam se hauia de enforcar porque era offensa de Deos: mas que ja chegara a sentir as angustias, que sente hum homem que se enforca.

Polo que estas angustias que sentia não eram por se sentir insufficiente para o cargo que tinha, nem por fugir do trabalho corporal, quem tanto maceraua seu corpo com abstinencias & exercicios spirituaes, mas porque o tirauão da alta tranquillidade do animo & continua meditação das cousas do ceo & amores em que andaua com Deos, para entender em cousas da terra, & negocios do mundo, gouernando tantas gentes de sua igreja e vassallos de sua cidade de Braga a cujo nome alludindo muitas vezes se queixaua da Braga com que o aprisoaram. Mas elle como prometteo quando o Arcebispado acceptou,

nun-

nunqua deixou a vida de pobre frade. Porque ſendo elle ſenhor daquella nobliſſima cidade de Braga, & Arcebiſpo primaz de Heſpanha de cuja appreſentaçam ha tantas dignidades & beneficios de muita renda, & ſucceſſor de Arcebiſpos illuſtriſſimos de que alguns forão filhos de Reis, nam tinha em ſua caſa pagens nem eſcudeiros, nem homem algum de capa & eſpada, nem camareiro: porque elle per ſi ſe veſtia & calçaua & deſcalçaua, como fazia quando eſtaua no moeſteiro. E tal era o outro tratamento.

E não he para eſquecer a graça que lhe aconteceo com hum homem que fora trinchante do Arcebiſpo paſſado vindolhe pedir que o tomaſſe no meſmo foro. Porque como elle não comia mais que huma poſta de carne com hum pedaço de pão, lhe reſpondeo acenandolhe para os dentes, que elle tinha aquelles trinchantes, que em quanto os tiueſſe o podia eſcuſar a elle. Os criados de que ſe ſeruia erão huns mancebos em trajos de eſtudantes, que pretendião ſer clerigos, os quaes não podia eſcuſar para miniſtrar ſeu officio & viſitar. E por principal da caſa tinha hum religioſo de ſua ordem virtuoſo com que ſe aconſelhaua e acompanhaua, e que tinha cargo do gouerno temporal della. As caualgaduras que hauia para ſua peſſoa, & para os que acompanhauão quando hia viſitar pelo Arcebiſpado, erão humas mulas de pouco preço.

preço. A casa em que lhe fallauão no seu paço Arcebispal, era huma camara mal ornada, que lhe seruia de cella, como quando estaua no moesteiro sem armação alguma nem guarda porta. Na cama tinha por cobertor huma manta branca sem lençol nem paramento algum. A camisa que trazia, era de estamenha. E sendo huma vez doente, por os seus lhe dizerem que tomasse algum regalo & melhorasse a cama com lençoes de linho, o nam consentio, dizendo, ò carne & sangue quantos auogados tendes. Seu comer era huma raçam de vacca ou carneiro: porque o pescado lhe defendiam por huma enfirmidade de huma perna. Vinho bebia muĩ pouco & tam aguado, que perdia a substancia de vinho. De toda a raçam que para elle comer lhe punhaõ, deixaua ametade para hum pobre. E se alguma hora lhe punhão algum manjar extraordinario, em tocando nelle o mandaua dar aos pobres. Sua costumada cea, eram dous ouos com pão & pouco vinho: & esta cea lhe punhão em huma ante camara, & despois de estar encerrado com sua continua meditação & cuidados de seu officio sahia aa camara, onde sem seruiço algum achaua aquella cea & a comia. E quando era dia de jejum, a consoada que lhe punhão, a achaua pela manhaã muitas vezes inteira, & se daua a hum pobre. Era tam amigo da pobreza Euangelica, que quando

do lhe dauão hum habito nouo lhe peſaua & folgaua mais de trazer o que ja era vſado. Com eſta abſtinencia, & aſpereza de vida & outras diſciplinas caſtigaua ſeu corpo, & o ſubjectaua ao ſpirito. Em muitas couſas ſe via a humildade deſte Sancto varão como era, que ſendo natural a todos prelados ou julgadores, deſcontentaremſe de as partes appellarem de ſuas ſentenças ou mandados, para o Superior, eſte Sancto varão nunqua o tomou mal: porque dizia que emendarião ſuas faltas, & que folgaua de por eſſa via deſcarregar ſua conſciencia. E poſto que tinha do Papa Pio V. hum breue para lhe não porem ſuſpeição em materia de reformação e correição & em outra qualquer, e com ajuntamento de dous poder ſentenciar appellatione remota, nunqua quis vſar deſta faculdade: & folgaua que appellaſſem delle por a meſma razam que dixemos. Foi tam humilde, que em todo o caminho que fez ao Concilio Tridentino aa ida & vinda quando chegaua a alguma cidade ou pouo, onde hauia moſteiro de ſua ordem, mandaua ſua familia á hoſtalagem, & elle ſó com ſeu companheiro que ſempre trazia conſigo, hia pouſar ao moeſteiro proſtrandoſe em terra ante o Prior, & pedindolhe a bençaõ como he coſtume dos hoſpedes que vem de caminho. E em Roma quando foi com o Cardeal de Lorreina per mandado do Concilio a com-

mu-

municarem algumas couſas com o Papa, nam quis continuar com o Cardeal, deixandoſe ficar atras, por os muitos recebimentos que lhe faziam os ſenhores das terras, & por os banquetes que ſempre hauia, que o Cardeal daua ou recebia como Principe que era. Pelo que ſe foi aa Minerua, que he a caſa de ſua ordem. Do que ſe queixou muito o embaxador de Portugal ao Papa: porque o tomou por grande afronta por todos os da naçam Portugueſa irem aa ſua caſa pouſar, & o Arcebiſpo ſer tam grande peſſoa & o nam fazer. Ao que o Papa dixe ao embaxador: vos tendes a culpa que ſe lhe mandareis dizer, que tinheis dous ouos com que o agaſalhar elle fora a voſſa caſa. Tambem ſe queixou delle ao Papa o Cardeal de Lorreina que lhe nam fora bom companheiro no caminho, que o nam conuerſara por ſe deixar ficar atras, do que fora mui peſaroſo: & dizendo o Papa ao Arcebiſpo, que porque fora mao companheiro ao Cardeal, elle lhe reſpondeo, que o Cardeal trazia hũas mulas que pareciam aguias que voauam, e que a ſua não o podia alcançar: ao que dixe o Papa, hora eu vos darei huma mula que he mais ligeira que huma aguia: & aſſi lhe mandou a mais fermoſa que tinha, & lhe deu aquelle bom anel que o Arcebiſpo guardou para ſe enterrar com elle. Iſto de ſe ir ao moeſteiro lhe aconteceo em Salamanca, quando vinha

nha do Concilio, que mandando sua gente aa hostalagem se foi elle com seu companheiro ao moesteiro de Sancto Thomas, que he da sua ordem, onde como os padres souberam que estaua hi hum padre, que vinha do Concilio, se vieram os principaes a elle a preguntarlhe nouas do Concilio, & principalmente por o que lá passara o Arcebispo de Braga.

Vendo que alli nam se podia esconder por hauer frades studantes Portugueses que o conheciam, nam lhe conuinha mentir, lhes dixe: Padres que quereis a esse homem? Vedesme aqui que eu sou esse mal auenturado. Os padres & mestres principaes da casa ouuindo isto, se lhe prostrarão aos pès, por a fama que tinham de suas grandes virtudes, & lhe fizerão a reuerencia & festa, que poderam fazer ao mesmo Patriarcha Sam Domingos. E por que elle quisera passar logo seu caminho, lhe pedirão com muita instancia quisesse deterse para dar ordens a certos religiosos daquelle collegio que as sperauam. As quaes elle deu no oratorio dos nouiços com muita majestade, & fez hum tal sermam sobre a ordem Sacerdotal, que foi para todos os assistentes de grande edificaçam, & sua partida causou a todos grande saudade.

Seria grande volume, tratar das muitas maneiras em que se via a humildade deste homem de Deos, que deixamos, por fallar em

em outra virtude insigne que nelle hauia, que foi a charidade para os pobres & todo o proximo, & a grande compaixam que dos trabalhos alheos hauia. Aos pobres folgaua tanto de consolar que sempre os tinha em sua casa aa vista quando comia. Porque dizia elle, que os pobres erão banqueiros perque as boas obras se passauão aos ceos. A todo peregrino agasalhaua em sua casa, & dizia que só elle era nella peregrino, & assi os trataua como a mesma pessoa de Christo. A toda a hora que lhe ião pedir esmolla, a daua sem distinção do tempo nem horas. E posto que tinha homês deputados para distribuirem as esmollas, sempre trazia dinheiro consigo em huma bolsa para dar a quem lha pedisse: porque lhe não sofria o coração que se lhe representasse o nome de Deos em vão. E encontrando huma vez em hum caminho hum Sacerdote com huma roupeta tam rota que lhe apareciaõ as carnes, leuouo consigo a sua casa, & não achando nella dinheiro, despio o manto que trazia sobre os hombros & lho deu não tendo outro: porque sua guarda roupa era seu corpo. Cada dia daua esmolla geral a quanta gente se ajuntaua em sua casa: onde antes que os prouessem da esmolla corporal, os prouia da spiritual. Porque tinha hum sacerdote deputado para lhes practicar a doctrina Christãa. A pobres enuergonhádos mandaua dar certo páo, dinheiro & vestidos para irem aa

igreja : & alem disso vestia cada anno mais de 400. pobres. Aos hospitaes & moesteiros mandaua dinheiro e cousas para os enfermos. Andando pela comarca visitando deu peste na cidade de Braga , & podendo mui bem neste tempo continuar sua visitação prouendo delà com esmollas para os doentes da cidade , & não poer em perigo sua pessoa , em cuja vida tanto hia ao bem de suas ouelhas deixadas as visitações veose aa cidade de Braga onde esteue todo o tempo do mal visitando cada dia aos feridos, & prouendoos de todo o necessario. Com esta prouidencia , & com os merecimentos deste sacrificio em que este bom pastor se offereceo a Deos , durou a peste menos tempo , do que se speraua. Deste exemplo , ainda que outros não houuera , bastaua para entenderse a vigilancia deste prelado : pois , segundo a difinição do principe dos pastores , aquelle he bom pastor que poem a vida por suas ouelhas. A esta charidade de que vsaua se pode referir como se hauia em suas rendas , & nas penas das uisitações. Porque em quanto foi Arcebispo sempre suas rendas estiuerão arendadas pelo mesmo preço , sem nunqua as leuantar , para que nem o Arcebispado perdesse andando baxas , nem os rendeiros deixassem de ganhar : & para que andando altas não crescessem os preços das cousas em dano do pouo. A qual moderaçam se nas rendas dos Principes se fizesse , o pouo nam passaria tam mal.

Em

Em todos os 23 annos que gouernou, nunqua condenou alguem em pena de dinheiro, nem vsaua de excomunhões por nam enlaçar as almas com censuras. Mas o meo que nisso tinha para castigar & emendar os culpados, era mandar euitalos das igrejas. E assi se arrependião ou apartauão do peccado, ou casauão com as molheres com que estauão embaraçados. E quando algum destes casamentos senão fazia ou o difficultauão por pobreza, elle os ajudaua com sua fazenda. Aqui os culpados em certa pena de dinheiro pela primeira vez, & pola segunda carregam mais a pena tambem de dinheiro: & assi ficam os culpados na mesma terra seguros ate outra visitaçaõ, a troco de pouco dinheiro que pagam. E desta maneira o fructo das visitações não he, emendar peccados, senão grangear dinheiro para as camaras dos Bispos. A grande charidade do Arcebispo tambem abrangia aos de que elle recebia injurias & offensas, como foi no caso de hum beneficiado de Braga, que por odio que tinha ao Arcebispo, por fazer nelle o officio de bom pastor, o foi accusar a Roma ante o Papa Pio V. de muitas cousas falsamente: das quaes o Arcebispo se descarregou assaz, mostrando sua verdade em contrario do que fora accusado. E sabido a verdade pelo Sancto Padre castigou ao caluminador: & ao Arcebispo mandou hum breue em que dizia que o tinha por bemauen-

turado, pois era perſeguido por fazer juſtiça, & que foſſe certo que ainda que contra elle lhe vieſſem ſeiſcentas teſtimunhas, nenhum credito lhes daria. E elRei de Portugal anojandoſe do caſo mandou degradar de ſeu reino aquelle clerigo: o qual vendoſe ſem remedio ſe veo deitar aos pês do Arcebiſpo com muitas lagrimas. O Arcebiſpo com outras mais lagrimas o tomou nos braços & o leuantou & negociou com o padre ſancto que lhe quitaſſe a pena que lhe dera, & com elRei que lhe leuantaſſe o degredo.

Outra vez ſendo injuriado de huns maos homẽs a que elle caſtigara por culpas, vindo de noite ao pé de huma janella da camara em que elle eſtaua, lhe chamaram Lutherano, mao homem & injuſto & outras mais palauras injurioſas, & ſahindo huns viſinhos a as janellas que os reprenderam aſperamente, dizendolhes que porque erão taõ atreuidos & deſalmados que a ſeu ſenhor & a ſeu paſtor tratauam tam mal, ſendo tam ſancto, & tam juſto: o Arcebiſpo que ouuio huns & outros com roſtro manſo & ſereno como ſobrindoſe, dixe aos que ahi eſtauam com elle: vedes vos aquelles? huns & outros mentem. E querendo as juſtiças ſeculares do Arcebiſpado deuaſſar daquelle caſo, lho naõ conſentio como quem entendia que aquillo eram merces que Deos lhe fazia. Finalmente o coraçam deſte ſancto prelado era huma perennal fonte de cha-

charidade & amor dos proximos de que se muito podera escreuer.

Mas he tempo de contar a muita prudencia & vigilancia com que fazia seu officio. Este prelado, que por tam insufficiente se vendeo aa Rainha quando o elegeo, & que tanto trabalhou por lançar de si a carga para elle tam pesada, não perdoaua a algum genero de pessoa, que de presente stiuesse em peccado, & muito menos aos mais poderosos. Porque estes dizia elle que eram sua relee. Sabendo que hum homem fidalgo & mui esforçado & temido de todos hauia muito tempo que estaua apartado de sua legitima molher & enuolto com outra, & que nunqua os Arcebispos passados se poderam auerigoar com elle, por o muito que o temiam, o mandou chamar, & o reprendeo asperamente, & lhe afeou o estado em que estaua, dizendolhe, que naõ hauia de admittir em nenhuma igreja, pois na vida que fazia não era Christam: & assi mandou de todas o lançassem ate tornar a viuer com sua molher. E posto que elle a principio fez muitos feros & ameaças que hauia de matar ao Arcebispo, em fim o tempo o fez vir rendido ao Arcebispo pedir perdam de sua culpa: & fazendo o que lhe mandaram habitou com sua molher: & desta maneira o reconciliou aa igreja. Estando hum dia para dizer Missa de Pontifical, & começandose para dizer o Euan-

ge-

gelho a reuiſtir huma dignidade que eſtaua infamado com huma molher, lhe mandou que nam ſe veſtiſſe com elle, & com boa diligencia tirou a luz o negocio: & por mais ſecreta que a molher eſtaua em ſua caſa a prendeo & degradou para fora do Arcebiſpado. Eſte meſmo beneficiado que muito ſentio eſte caſo, deſpois que veo cair na conta, teue por grande beneficio a cura que o Arcebiſpo nelle fez, & lho agradeceo tanto, que nunqua lhe ſahia de caſa. A hum corregedor de certa comarca por tirar hum homiziado de huma igreja a que ſe acolhera & por lhe nam abrirem as portas as mandara quebrar com hum machado, mandou que em nenhuma igreja ou moeſteiro de ſeu Arcebiſpado o admittiſſem, & o lançaſſem fora: & tanto ſe vio vexado, que ſe veo render ao Arcebiſpo & pedirlhe perdam. Ao qual entre outras penitencias mandou que a hum domingo aos officios eſtiueſſe á porta da meſma igreja deſcarapuçado com o machado aas coſtas com que quebrou as portas.

Demenera que nada valia com elle para perdoar offenſas feitas a Deos, ſendo placidiſſimo em remittir as ſuas. Todos os ardijs buſcaua eſte prudente prelado para fazer bem ſeu officio, & como bom medico nam curaua todos com o meſmo remedio, mas ſe accomodaua ſegundo via que cumpria. Huns le-

leuaua per rogos & lagrimas & ſanctas amoeſtaçoẽs, & outros per rigor & ſeueridade. Hum clerigo mui facinoroſo andaua pelos campos & pelas eſtradas feito ſalteador, mandouo chamar aſegurandoo que nenhum mal lhe faria. E vindo elle o aſſentou em huma cadeira & ſe proſtrou ante aquelle delinquente derramando muitas lagrimas, como ſe elle foſſe o que peccara, por ver aquella ouelha perdida: & aſſi o commoueo a compaixam de ſi proprio: & deſta maneira o emendou & o teue muito tempo em ſua caſa, donde ſaio outro homem do que antes era. Vindo á ſua noticia que na cidade hauia huma molher caſada adultera ſem o marido o ſaber, cuidando o modo que teria para a emendar a mandou vir ante ſi. E ſendo o marido eſcandalizado diſſo ſe foi com ella.

Entam o ſabio Paſtor diſſe ao marido: ſou informado que trataes aſperamente voſſa molher contra a lei do matrimonio, por tanto vos auiſo a vos & a ella que viuaes em paz & a ſeruiço de Deos. E chamando a ella particularmente lhe dixe. Eu ando buſcando inuençoẽs para vos auiſar para que voſſo marido vos não corte a cabeça, por tanto olhai por vos para que não percaes o corpo, & a alma juntamente. Com eſtas inuençoẽs, & variedade de remedios aquelle bom medico ſpiritual, curaua as almas enfermas.

No ſeruiço de ſua igreja foi incanſauel

por-

porque pregaua em todos lugares a que hia visitar, que saõ muitos, & se acabaua a horas que podia ir a outro lugarinho, se hi estaua perto, hia, & tornaua a prégar. E acontecendo huma vez que elle estaua ja acauallo para partir, chegar hum homem com hum filho seu para que o crismasse, elle descauallgou da mula & mandou prouer o necessario para esse officio. E dizendolhe os visitadores que bastaua ir aquelle homem ao outro dia ao lugar que estaua adiante pois se acordara tarde, respondeo elle, que nam era justo, porque aquelle homem pedia o seu direito, & elle era o deuedor. E assi lhe crismou o filho.

Em todos os vinte tres annos que foi Arcebispo nunqua buscou ministro que o ajudasse no officio de Pontifical, mas elle per si sô fez sempre tudo contra o costume de alguns prelados que tem Bispos titulares como amas para os ajudarem. E quando tornaua aa cidade cansado de caminhar & de prégar em todos os lugares que visitaua, nam tinha repouso algum. Porque elle prègaua na See aos Domingos & festas principaes, & todo o aduento, & quaresma. E considerando este bom pastor que o pasto das almas he a palaura de Deos, & que nam era possiuel prouer de prégadores a tanto numero de gentes & de lugarinhos, ao menos prouco de prégadores mudos, que sam liuros sanctos: para

ra o que compos hum Catheciſmo em que relata cháamente todos os pontos principaes da doctrina Chriſtãa para que os Curas nas eſtaçoẽs em lugar de ſermão leſſem ao pouo hum pedaço deſte liuro, & ſobre a liçam dixeſſem o que lhes Deos deſſe a entender.

E para as feſtas principaes de noſſo Senhor & de ſua bendita madre eſcreueo ſeus ſermões em que declara a hiſtoria da feſta, que juntamente andão impreſſos com o Catheciſmo. Com eſta diligencia & com a doctrina dos padres da Companhia de Ieſu, ſe deſterrou a grande rudeza que hauia per aquellas terras. E nenhum lugarinho de ſeu Arcebiſpado houue tam obſcuro & ignobil (poſto que não tiueſſe mais que huma ſó igreja) que não foſſe viſitar & reconhecer por ſuas ouelhas.

Ha no Arcebiſpado de Braga hum pedaço de terra que ſe chama, Barroſo, de aſpera montanha & mui creſpa penedia, & que a maior parte do anno eſtá cuberta de neue: & aſſi por iſto como por a aſpereza dos caminhos de grande fragua perque ſenão pode ir acauallo, nunqua em tempo algum foi viſitada dos prelados paſſados ſenão hora ha perto de 500. annos, de Saõ Giraldo que indo a viſitar aquella gente e dedicarlhe huma igreja falleceo nella. Polo que eſtaua a terra deſacompanhada de ſacerdotes, que ſe paſſauão dous & tres meſes ſem hauer quem di-

dixeſſe Miſſa nem quem lhe enſinaſſe a doctrina Chriſtãa : & era tanta a rudeza da gente que ſobindo o Arcebiſpo a viſitar aquella fragoſa terra encontrou com hum velho a que perguntou ſe ſabia os mandamentos da lei de Deos, & dizendo que ſi, lhe tornou a perguntar quantos eram, & elle moſtrou os dez dedos das mãos. E chegando a noticia deſta ruda gente que o Arcebiſpo vinha viſitalos. (Porque nunqua hi viera biſpo, & por a fama de ſua ſanctidade) determinarão de fazerlhe hum recebimento de cantares deuotos : & o principio de hum delles foi, bemdita ſeja a ſanctiſſima Trindade irmaã de noſſa Senhora. A eſta montanhes gente viſitou o Arcebiſpo aſſentado entre aquelles penedos, & lhes prégaua & os criſmaua & doutrinaua nas couſas da fê. E porque não hauia clerigos que quiſeſſem habitar em tam aſpera & ſteril terra, leuou della muitos moços que tinham mais geito, & em Braga os ſoſtentaua em ſua meſma caſa, & nella os fez enſinar de todo o que era neceſſario para virem ſer ſacerdotes, ordenandoos deſpois, ſem embargo de nam terem patrimonio, por bula do Papa para iſſo. Deſpois de poſtos neſte eſtado os mandou a Barroſo ſua natureza. E deſta maneira proueo aa neceſſidade daquella inculta terra.

Eſtaua o cabido de Braga em poſſe immemorial de eleger os viſitadores aſſi para os lei-

leigos como para os clerigos: do que se seguia que o Prelado nam conhecia suas ouelhas nem (o que mais importa) a vida dos Ecclesiasticos: & entendendo elle o dano de ste abuso o desfez prosperamente, & o extinguio contra muitas razoẽs & suspeições, que os capitulares allegaram contra o Arcebispo, que nam preualeceram, mas foram grauemente reprendidos do bom Papa Pio Quinto por estas palauras. *Non erubuerunt tanquam suspectum accusare venerabilem fratrem nostrum Bartholomeum Archepiscopum Bracharensem.* E a concordia foi tal como conuinha a seruiço de Deos: que elle Arcebispo visitasse os Ecclesiasticos, & que para a visitaçam dos leigos nomeasse elle dous capitulares que lhe dessem conta do que achassem na visitaçaõ. Outras muitas cousas fez aquelle bom Prelado, que redundaram em grande seruiço de Deos, & ornamento de sua igreja, & da cidade de Braga, como foi o seminario que o sancto concilio ordenou que elle acabou com grande trabalho & despesa de sua fazenda para seruiço das muitas igreja que ha naquelle Arcebispado, para as quaes nam hauia idoneos ministros: para que assi os prelados tiuessem noticia da vida & costumes dos subditos. Outra obra foi fundar o collegio dos padres da Companhia de IESV para ensinar ao Seminario & multidam de clerigos que para aquella prelacia sam necessarios.

Na

Na villa de Viana que he hum lugar mui nobre de trato, por o porto de mar que tem, fez hum moesteiro de sua ordem de Sam Domingos & o dotou bastantemente para que alli houuesse letrados que respondessem aos casos de consciencia & prêgassem, de que aquella terra recebe grande fruito.

Muitas cousas concorrião no Arcebispo Dom Bertholomeu de que não se sabe julgar, qual era mais admirauel: porque sendo em extremo humilde & modesto no que tocaua a authoridade & preeminencia de sua igreja nunqua perdeo ponto, mas por isso tornaua com muita inteireza & liberdade. Polo que de todos era venerado como se fora hum grande Principe. Ao Conde de Portalegre Dom Ioam da Sylua hum des cinquo Gouernadores destes reinos (que foi pessoa de notauel inteireza & authoridade & que era natural da cidade de Toledo & hum dos regedores della) ouui dizer, que quando o Arcebispo Dom Bertholomeu vinha do Concilio de Tridento fez seu caminho per Toledo, & que entrando pela porta da cidade mandou tirar da funda a Cruz que consigo trazia, & que com ella leuantada passou pela cidade ate sahir pela outra porta della por nam causar prejuizo â sua igreja. E vindo de Braga aas cortes que elRei Dom Philippe que stá em gloria fez em Tomar per todos os lugares do caminho trouxe Cruz leuantada: & no mesmo lugar

de

de Tomar ate a camara delRei, ainda que todos os Arcebiſpos o reclamauam. E o meſtre Frei Luiz de Granada (que foi muito ſeu amigo) contaua que tendo o Arcebiſpo compoſto hum liuro que ſe intitulaua, Stimulus paſtorum, lhe encarregou a elle a impreſſaõ, & porque nomeando o Arcebiſpo de Braga no titulo delle lhe não pós Primaz de Heſpanha, parecendolhe que por ſua humildade o nam haueria o Arcebiſpo por bem, pois o liuro hia em ſeu nome & elle era o author, quando vio o liuro lho tornou a mandar, dizendolhe, que ſe tornaſſem a imprimir aquellas folhas & o nomeaſſe Arcebiſpo de Braga primaz de Heſpanha.

No Concilio Tridentino aonde foi, ſem remittir nada do ſtilo de hum pobre frade, foi mui venerado de todos & com ſanta liberdade tratou da reformação do ſtado Eccleſiaſtico, que ſe entendia que não fora là a outra couſa. Porque não ſofria ver prelados comerem em baxellas de prata, & veſtirem as paredes de ricas tapeçarias & dormirem em leitos de ricos paramentos, com tantas andas, & mulas, & pages veſtidos de ricos panos, & juntar theſouros onde hauia pobres eſfaimados & nús. E com muita inſtancia clamou no Concilio & requereo que ſe fizeſſe hum decreto, em que ſe mandaſſe aos prelados, que deſpois de apartarem huma renda decente a ſeu ſtado, o remanecente ſe gaſtaſſe em

obras

obras pias: o que nunqua pode perſuadir. E vindo a fallar em reformação, dizendo hum prelado que votaua antes delle que os illuſtriſſimos & reuerendiſſimos Cardeaes nam tinham neceſſidade de reformaçam, ſeguindoſe logo ſeu voto dixe, que os illuſtriſſimos & reuerendiſſimos Cardeaes tinhão neceſſidade de huma illuſtriſſima & reuerendiſſima reformaçaõ. E voltandoſe para os Cardeaes que preſidião em lugar do Papa lhes dixe, que elles eram a fonte donde todos os outros bebiam: que por iſſo hauia eſſa fonte ſer mais limpa, & começar a emenda delles. Das quaes palauras tam liures todos ſe eſpantarão: & os Cardeaes por o Arcebiſpo ſer hum prelado de tanta authoridade, letras & ſanctidade, e tão celebrado ficarão confuſos. De ſemelhante liberdade vſou com o Papa Pio IIII. quando a elle foi com o Cardeal de Lorreina ſobre couſas do Concilio. Do qual ſendo o Arcebiſpo recebido com muita honra por a fama de ſua ſanctidade & letras, ſendo hum dia conuidado do Papa a comer lhe mandou poer a meſa junto da ſua. E mandandô aſſentar, ſtando muitos Biſpos & Arcebiſpos em pé, & os Cardeaes aſſentados, elle lhe dixe Sanctiſſimo Padre eu nam me poſſo aſſentar ſtando os outros Biſpos meus irmãos em pê. E he indecente que os Cardeaes que forão inſtituidos per authoridade humana eſtem aſſentados, & os Biſpos que foram inſtituidos per Chriſto eſtem

em

em pè. O Papa por o que o Arcebiſpo dixe, mandou que todos ſe aſſentaſſem. E aſſi ſe aſſentou o Arcebiſpo aa meſa a comer: & vendo que o Papa comia em prata lhe dixe: porque nam come Voſſa Sanctidade em procellanas que he hum comer limpo & mui fermoſo: o que era tanto como eſtranharlhe o comer em prata: ao que o Papa reſpondeo dizei vos ao Cardeal Dom Henrique que mas mande & eu comerei nellas. O que ſabendo o Cardeal lhe mandou muitas baixellas dellas riquiſſimas, para o que todos os que as tinham lhe offereceram as melhores. Tornando aa vida do Arcebiſpo, quanto mais continuaua ſeu officio & o fazia melhor, tanto mais ſentia a carga & deſejaua o recolhimento e ſeguro porto de ſua cella. Mas deſpois que fez todas as diligencias por deſpedir aquelle peſo, & todas em vam, ſuccederão as cortes de Tomar, onde ſendo recebido del-Rei Dom Philippe de boa memoria com muita honra & benignidade, aſſi por ſua ſanctidade de vida, como pola inteireza com que ſe houue nas alterações de Dom Antonio, lhe nam pedio outra couſa ſenão huma carta de fauor para o Papa, para que quiſeſſe darlhe deſcanſo & liberdade ſobre viute tres annos de ſeruidão. E vendo ſua Majeſtade a inſtancia & razam do que lhe pedia, eſcreueo logo ſobre iſſo ao Sancto Padre, que lho concedeo.

Tra-

Tratando elRei com elle da penſam que ſe lhe daria, nam pedio mais que huma taxada ſuſtentaçam de ſua peſſoa. Mas ſua Majeſtade não tendo reſpeito ao que elle pedia como pobre frade, ſenam no que conuinha, lhe arbitrou mil cruzados cada anno de penſaõ, dos quaes daua elle ao moeſteiro de Viana em que ſe recolheo o neceſſario para ſua peſſoa, & huma mula & dous moços que o acompanhaſſem, quando hia fora prégar pelos lugares da comarca: & o mais partia com os pobres. Sendo recolhido naquelle moeſteiro que elle fundou como em porto ſeguro liure dos negocios do mundo & dos cuidados & obrigações em que antes viuia, ſe achaua a todas horas no choro ſem faltar alguma: mas podendoſe eſcuſar pela lei dos que ſe apoſentam, todos los Domingos hia pelos lugares da comarca a prégar. E o coſtume que tinha de partir ametãde de ſua comida com hum pobre nunqua o deixou. E ſe o Prelado por lhe fazer comer alguma couſa de mimo lha mandaua allegandolhe a virtude da obediencia, dizia, que nam ſtaua obrigado a obedecelo, que era immediato ao Papa. Mas em o mais ſempre ſeguio o que a ordem & obediencia mandam, ſem admittir alguma particularidade na cama & no veſtido & no tratamento de ſua peſſoa.

Aſſi viueo ate o anno de 1592. em que cahio doente de huma angurria de que ſenão cu-

curou por ſenão ſaber que mal era o ſeu ate o deſcubrir hum ſeu criado : & ſendo ja dez dias corridos da infirmidade , o Arcebiſpo Dom Agoſtinho como ſoube que eſtaua mal & ao cabo , pola poſta o foi viſitar leuando conſigo ſeu Phiſico : e apos elle forão todolos Conegos e dignidades de Braga. Tanto que chegou , ſe foi aa cella do Arcebiſpo que eſtaua em hum pobre catre cuberto com huma manta de lãa branca mui gaſtada ſem mais alfaias que hum retauolo em que ſtaua noſſo Senhor crucificado , & ſe aſſentou aos ſeus pés que tinha mui frios os quaes per ſuas máos lhe aquentou com panos , e o eſpertou de hum accidente que ainda tinha : & porque o vio mui fraco ſabendo que o dia de antes tomara o ſancto Sacramento , ordenou o Arcebiſpo de o vngir : & veſtindoſe de pontifical na Sancriſtia ſe foi aa cella acompanhado dos padres da caſa & dos conegos de Braga & religioſos de diuerſas ordens , & começou vngilo , dizendo o enfermo hum verſo , e os mais outro : & foi couſa de notar , que vendo que algum pronunciaua mal alguma palaura o emendaua como antes tinha de coſtume. Quando veo ao outro dia que foram xvj. dias de Iunio do dicto anno o tempo que eſtaua fora de accidentes ſempre ſe encomendou a Deos batendo tam rijo nos peitos que lhe tinham a mão por não ſe magoar tanto : & aſſi acabou aas oito horas

da tarde ſtando a ſeu tranſito o Arcebiſpo, & religioſos da caſa, & os conegos de Braga, & os Capitaẽs do preſidio Caſtelhanos que nunqua ſe apartaram delle. O Arcebiſpo mandou aa preſſa fazer a eſſa mui honrada cuberta de veludo preto, & o ataude do meſmo forrado de outra ſeda, & como expirou, o Arcebiſpo Dom Agoſtinho ſe encerrou com os Conegos, & o corpo do Sancto entregou a hum Conego que era muito ſeu amigo, & a hum religioſo da caſa que o lauaram & lhe tiraram a pobre tunica que tinha, & lhe veſtiram outra noua & o habito de Saõ Domingos, & ſobre elle as veſtes pontificaes, & o meteram no ataude com as mais inſignias & o pallio, & no dedo o anel que lhe o Papa Pio dera que elle mandara guardar para ſeu enterro. O apparato das exequias ſe fez com tanta perfeiçam & largueza, que ſe moſtrou bem a muita fidalguia & charidade do Arcebiſpo Dom Agoſtinho, nam ſendo elle o em quem o defuncto renunciara o Arcebiſpado. Ao outro dia aas ſete horas da manhaã tiraram o corpo pola portaria quatro dignidades de Braga, & o Prior & ſobprior do moeſteiro que aos hombros o trouxeram aa igreja onde do muito pouo que alli ſe achou foi recebido com tanto pranto & lagrimas, & tanto alarido dos pobres (de que elle era amparo) que não hauia quem ſe ouuiſſe. O Arcebiſpo Dom Agoſtinho com todos os co-

ne-

negos o acompanharão veſtidos de dó & dixe a Miſſa em pontifical, & o ſermão ſeu confeſſor de ſua ordem de ſancto Agoſtinho.

Tanto que o Arcebiſpo Dom Agoſtinho chegou a Viana & apos elle tantos conegos, ſoſpeitaram os da villa que vinham com tençam de leuarem o corpo de Dom Bertholomeu a Braga, & ſecretamente ſe armou muita gente & com elles os do preſidio dos Caſtelhanos, & fizeram ao Arcebiſpo muitos requerimentos que tal não fizeſſe, que o nam hauiam de conſentir. Per outra parte vieram dous Vereadores de Braga em nome da camara & do pouo, dizendo que o Arcebiſpo Dom Bertholomeu fora ſenhor daquella cidade & que morrendo ſem eleger ſepultura era indecente não o leuarem a ella & aa ſua igreja. O Cabido da See de Braga mandou ſeus inuiados ao meſmo. O Prior & religioſos do moeſteiro perante hum notario requereram ao Arcebiſpo por mui boas & efficazes razoẽs que nam quiſeſſe aggraualos: porque o Arcebiſpo Dom Bertholomeu quando acceptara o aquella dignidade, logo declarou que no ſtilo da vida hauia de ſer ſempre hum pobre frade de ſua ordem como ſempre o executou: & que ſeus deſejos foram ſempre de deixar o Arcebiſpado, & tornar á ſua ordem, & que com eſſa tençam fizera aquelle moeſteiro para ſe nelle recolher, & viuer como

os outros frades : & que sempre fora cousa alhea de seu animo ser Arcebispo , & que aaquella dignidade que lhe deram , chamou sempre captiueiro & braga com que o aprisoaram : & que estaua certo que se lhe perguntaram onde queria que o sepultassem , houuera de dizer que no seu moesteiro de Viana com seus irmãos onde tinha enterrado seu mestre & companheiro dos trabalhos do Arcebispado frei Ioam de Leiria. E que nam era obrigaçam de se os Bispos ou Arcebispos necessariamente enterrarem em suas Sees , mas que muitos se viam sepultados em outras partes , & alguns da mesma igreja de Braga. Ao notario que a tudo isto esteue presente mandou o Arcebispo que escreuesse o que cada hum allegaua , & o que elle dizia. Que porque o Arcebispo Dom Bertholomeu foi mui amigo de quietaçam na vida não era bem que houuesse inquietaçoẽs em sua morte : & que elle protestaua deixar por então seu corpo depositado naquelle moesteiro ate vir tempo em que o passassem a sua igreja : & os padres o aceeptaram por proprio para o enterrarem em seu lugar. E entam o enterraram no presbiterio da mão esquerda com huma grade de veludo que lhe o Arcebispo Dom Agostinho mandou pôr.

CA-

CAPITVLO LXI.

De Gonçalo Vaz & Ioam Vaz martyres.

GOnçalo Vaz naſceo em Africa de pai & mãi Mouros: ſua natureza foi de hum lugar da ſerra de Benagarfate que diſta ſeis legoas de Arzilla: & na dita ſerra & na de Benamares & na do Farrobo ſeus padres foram honrados entre os ſeus, & elle bem coſtumado: & na aluura do roſto & feições mais parecia Heſpanhol que Africano: alto de corpo & de grandes forças. Sendo eſte caualleiro mouido pelo Spirito Sancto, cahio em penſamento de ſer Chriſtão, & como amigo ja dos Portugueſes vinha muitas vezes a Arzilla ſecretamente, & ao Conde de Borba Capitão da villa trazia nouas do que os Mouros determinauam & da gente que faziam para contra os noſſos. Pelo que do Capitão era mui bem recebido & agaſalhado: nam ſabendo de ſua vinda mais que o Conde, & hum caualleiro que o recolhia pela porta do Albacar de que elle tinha as chaues, & hum Gonçalo Vaz alfaqueque que ſabia a lingoa. Com eſtas idas & vindas que como familiar fazia, nam tardou muito que nam trouxeſſe conſigo huma fermoſa Moura ſua molher. A qual vendoſe em Arzilla terra de Chriſtãos ſe queixou agramente de ſeu marido, dizendo que

a enganara fingindo que a trazia para Alcacere. A Condeſa de Borba em que hauia muita nobreza de condiçam & muitas virtudes, vendo a deſconſolaçam daquella molher aconſolaua & a encomendou a huma ſua camareira molher honrada, de naçam Mouriſca que a conſolaſſe & agaſalhaſſe, & lhe a conſelhaſſe que ſe fizeſſe Chriſtãa. O Gonçalo Vaz ſe fez logo como veo Chriſtam com muita honra que o Conde de Borba & os fidalgos que ſe acharam em Arzilla, lhe fizeram, dos quaes recebeo muitas dadiuas: & por a amizade que tinha com Gonçalo Vaz o Alfaqueque, ſe chamou do ſeu nome. E como a molher vio ſeu marido Chriſtam nam tardou qué o nam foſſe, tomando nome de Maria Diaz: & da caſa da Condeſa ſairam recebidos & com todo o enxoual que lhes era neceſſario. A qual Maria Diaz foi huma das principaes matronas de Arzilla, & mui honrada & viſitada das outras Donas: & por as muitas corridas & entradas que Gonçalo Vaz fazia em terra de Mouros houue muitos deſpojos de que ſe fez rico, & edificou humas honradas caſas: & neſtas entradas fez huma preſa em que acertou de captiuar a ſeu padraſto & a hum ſeu irmão de quatorze annos. E a largando o padraſto (porque o criara) ao irmão fez Chriſtão, o qual ſe chamou Ioão Vaz que em tudo pareceo ſer ſeu irmão. Aconteceo que quebrando Gonçalo Vaz

por

por desastre huma perna andando em seu officio (de que nam se escusaua ficar manco) foi aconselhado que se fosse curar a Tangere com hum grande cirurgiam que hi estaua, onde esteue quatro meses mui regalado do capitam & dos fidalgos, & de toda a gente. Sendo aquelle tempo passado sem estar de todo sam, com desejos de se tornar para sua casa se determinou de ir a Arzilla por mar contra vontade do Capitão & dos fidalgos que hi estauão, por hi nam hauer nauio em que seguramente podesse ir: & nam acceptou ir per terra com cinquoenta de cauallo que o Capitam lhe daua.

Todauia com desejo de ir ver sua molher & filhos, se atreueo a ir em huma carauella, por o mestre della lhe dizer que em tres horas o poria em sua casa: & nella foi tomado dos Mouros com os mais passageiros, que todos foram resgatados, senão Gonçalo Vaz o qual os Mouros muito desejauam hauer aas mãos assi por os danos que delle recebião, como para o martyrizarem por arrenegar a lei de seu Mafamede. Os Mouros leuaram estes captiuos a Tutuam onde foram recebidos com mais alegria do que nunqua presa alguma foi recebida por causa de Gonçalo Vaz, saindo todos os homens de pê & de cauallo, & de toda a gente de villa de todo sexo & idade & dos lugares ao rodor onde logo a fama chegou, huns a velo, outros a fa-

fazerem nelle agazua, que elles chamão aquella vingança publica que tomam dos que deixão a lei do seu Mafamede, porque crem que saluam aas almas quando aaquelle dam alguma ferida ou pedrada com que lhe tirem sangue. Mandarim que era o senhor de Tetuam & o mais cruel de todos Mouros o mandou poer em huma grade no meo da praça onde ja estauam muitas mil almas, arado & aspado sem poder bulir nenhum membro senão a lingoa. A elle se chegaram sua mãi & irmãos & lhe rogaram com muitas lagrimas quisesse tornar aa lei em que nascera. Mas elle com o grande feruor de se ver morrer por a fè de Christo por quem alli protestou que morria, deshonraua aos que o contrario aconselhauam, dizendo muitas blasphemias contra a lei de Mafamede & os que o seguiam: acrescentando mais que a dor que alli sentia, era, nam lhe darem mais tormentos para que se parecesse com os que Christo por elle padecera. Como cada hum dos circunstantes era algoz para executarem o officio de sua gazua, começaram a ferilo de muitas maneiras, esfarrapandolhe as carnes. E como a lingoa que lhe ficaua liure não se empregaua senão em inuocar o nome de Iesu & da glorioſa Virgem noſſa Senhora, & em blasphemar da torpeza da lei de Mafamede, tentarão os miniſtros de lha arrancar com tenazes & inſtrumentos de ferro com que lhe deſ-

fi-

fizeram a boca & lhe arrancaram os beiços & os dentes. Como nam pode fallar, começarão os algozes a lhe arrancar as vnhas dos pés & das mãos & desfazerlhes os dedos. Os olhos somente mandou Mandarim que lhe deixassem saõs para com elles ver os tormentos que lhe dauam, para sua agonia ser maior. Neste trabalho o tiueram dous dias & duas noites sem nunqua cesarem de o atormentar de muitas maneiras, ate que nam tendo ja sangue no corpo expirou. O que foi no anno de 1516.

Deste martyrio foram testimunhas muitos Christãos captiuos honrados & mercadores que em Tutuam negociauam, cujos ditos & informações dos Capitaés Dom Pedro de Meneses Conde de Alcoutim de Septa, do Conde Dom Ioam Coutinho de Arzilla, de Dom Duarte de Meneses de Tangere, & de Rui Diaz de Sousa de Alcacere, se mandaram a elRei Dom Manoel, o qual com ellas mandou supplicar ao Papa Leam X. canonizasse aquelle grande martyr, & seu nome fosse scripto e venerado entre o dos outros sanctos, & se guardasse o dia de seu martyrio no reino de Portugal & em seus senhorios, & se rezasse delle. Isto & outras cousas mais se continha na supplica que vinha enxerida na mesma bulla do sancto Padre que passou aos tres dias de Iunio do anno de 1517. em que mandaua ao Bispo de Septa & a cer-

tos

tos Biſpos outros fizeſſem as diligencias coſtumadas: a qual bulla ſtâ na torre do tombo em Lisboa. Eſta canonizaçam nam houue effecto por elRei Dom Manoel que em tudo foi pai da patria morrer antes de ſe eſtas diligencias fazerem, por Gonçalo Vaz ſer eſtrangeiro, & por a naçam dos Portugueſes por natureza nam ſer tam zeloſa do bem publico como he do particular.

Ioam Vaz que na Chriſtandade & esforço ſe foi igoalando a ſeu irmão Gonçalo Vaz, & fez feitos mui notaueis em que declarou o que era, quando aconteceo o caſo de ſeu irmão, teue tanta dór & indignaçam, que de hi em diante foi incanſauel perſeguidor dos Mouros para vingar ſua morte: & a nenhum Mouro que tomaſſe perdoaua, que lhe nam deceppaſſe os pês & as mãos: & niſto perſeuerou em quanto a vida lhe durou. E ſuccedendo hum cerco que elRei de Fez pós a Arzilla, foi captiuo & leuado ante elle que lhe fez muitas promeſſas de lhe dar vida & fazer merces ſe arrenegaſſe a fê de Chriſto que proſeſſaua, & ſe tornaſſe aa de Mafamede que deixou: & para o mouer lhe trouxe ſua mãi & ſeus parentes diante que com muitas lagrimas lho rogauam: os quaes elle nam quis ouuir, mas como fiel ſeruo de Deos proteſtou que na fé de noſſo Senhor Ieſu Chriſto hauia de morrer, & que lhe não peſaria ſenão, ſe lhe nam deſſem os tormen-

mentos que a seu irmão Gonçalo Vaz deram: & com isto dixe muitas cousas contra a lei de Mafamede.

Pelo que despois de ser crueliſſimamente açoutado & atormentado de muitas maneiras o embetumaram com breu & alcatram, & o enuolueram assi em muitas estoppas & o ataram a hum pao, & lhe poseram debaxo fogo manso para que lhe durasse mais o tormento: & assi foi queimado viuo com admirauel paciencia & constancia na fè. Esta morte lastimou muito a todos Capitaens & Caualleiros dos lugares de Africa em que por sua Christandade, esforço & outras muitas boas partes era muito bemquisto. Padeceo este sancto homem sendo mancebo de vinte & cinco annos.

E não pareça a alguem que a lembrança que fazemos destes sanctos Caualleiros he tora de seu lugar por serem naturaes de Africa, sendo nosso argumento & proposito somente tractar dos sanctos naturaes Portugueses: ou que sendo estrangeiros temos seus corpos em Portugal. Porque por elles serem regenerados pelo sancto Baptismo em terra do senhorio de Portugal, se deuem hauer por naturaes Portugueses conforme aaquella regra de Sam Ieronimo no epitaphio de Heportiano. *Ab eo tempore conferimur ex quo in Christo regeneramur.* E por direito Ciuil os adoptiuos como saõ os spirituaes, sam da origem & domi-

micilio dos pais adoptantes. E com muita mais razam deuem ser hauidos estes sanctos por Portugueses, pois alem de serem moradores na terra do senhorio de Portugal, por a qual deixaram o domicilio & a terra em que nasceram, morreram por excalçamento da fé Catholica em seruiço delRei de Portugal.

CAPITVLO LXII.

De sete mancebos martyres que padeceram em Marrocos.

NAquella infelice jornada que elRei Dom Sebastiam fez a Africa no anno de 1578. que sempre será lembrada, permitio Deos per seus altos juizos que os Portugueses que naquella terra foram ja terror dos Mouros & alcançaram delles tantas victorias, & lhes tomaram tantas cidades, viessem ser desbaratados dos mesmos Mouros em batalha & padecer tantos captiueiros & affliçam. E como sua bondade he infinita que dos males quando he seruido tira grandes bens, quis para gloria de sua igreja & consolaçam do reino de Portugal que daquella mesma gente triumphassem huns poucos de mininos Portugueses com grande fortaleza de animo, & os confundissem a elles & a seu soberbo & cruel tirano o Xerife Hamet, professando a fé de nosso Senhor IESV Ghristo, & offerecendo-

se

se a morrer por ella, desprezando suas promessas, seus afagos & suas ameaças & medos de tormentos: sendo todos em tal idade que nenhum passaua de vinte annos, & alguns nam chegauam a elles. E antes que venhamos ao particular de cada hum, diremos o que de todos em comum conuem saber. Abdel Melech aquelle Xerife contra quem el-Rei Dom Sebastiam foi que quá chamauamos Maluco, trouxe da Turquia onde andou ao reino de Marrocos hum abominauel & mais que brutal costume, que era das portas a dentro de seu paço seruirse de moços captiuos filhos de Christãos que se tomauam nas presas, assi para seruiço de sua pessoa, como para satisfazer a seus nefandos appetites.

A estes moços eram dados por guardas & Capitaens, dous Eunuchos dos seus que tinham cargo de os guardar & de os fazer tornar Mouros no ingresso daquelle infernal collegio, com afagos, com promessas & graues tormentos. Neste Seminario hauia moços de diuersas nações todos feitos elches a força de tormentos, entre os quaes hauia seis moços Portugueses conuem a saber, Simam de freitas Gines, Amaro Gonçaluez, Antonio da Sylua, Ioam de Paris & Domingos. Estes moços posto que com tormentos receberam o nome de Mouros & o habito, em seu coraçam erão fidelissimos Christãos, & por a fè de Christo desejauam morrer: & naquella estrei-

treiteza em que os tinhão, exercitauam as obras de fieis Christãos, de jejuns, disciplinas & oraçam continua ensinando cada hum a seu companheiro o que podia alcançar da doctrina Christãa. E assi estes todos faziam huma Academia sancta em que tratauam cousas de sua saluaçam. Todos se fizeram confrades de nossa Senhora do Rosario a que mandauam muitas esmollas para cura dos doentes & repairo das necessidades dos captiuos, tirando da boca do que lhe dauam de suas moradias. A estes moços que nesta sancta & honesta companhia estauam, se ajuntou hum mocinho elche de doze annos que chamauam, Ale, o qual por ser orfam de pai, hum seu irmão maior o deu a elRei para aquele Seminario, & porque elle era virtuoso se veo affeiçoar aaquelles moços Portugueses & descobrir como desejaua ser Christam, pedindolhes que o ensinassem as cousas da fé, cuja doctrina tomou a seu cargo Simam de freitas que era o mais instruido nella, & moço de grande habilidade. Estando todos estes sanctos moços neste exercicio & spiritual conuersaçam crescendo em virtudes & aspereza de vida, veo hum moço elche a ter differenças com Simam de Freitas & o ameaçou que assi a elle como aos outros seus companheiros hauia de descobrir ao seu Alcaide, como eram Christãos & arrenegaram a lei de Mafamede que hauiam tomado. Simam

mam de Freitas entendendo que sabendoo el-Rei, & mandalos logo matar, era huma cousa, contou aos companheiros o caso dizendolhes, que quem quisesse perseverar na fè de Christo por a qual elle se offerecia a padecer se posesse de sua parte & o seguisse em tudo. E o primeiro que com grande aluoroço para elle se chegou foi o mocinho Ale. O alcaide não se atreuendo ter encuberto o negocio, o contou a elRei que ficou em extremo indignado & determinado em os logo mandar matar. E primeiro os mandou chamar de dous em dous para per si se informar: & lhes fez pergunta a cada hum sobre aquella conjuraçam. Elles indo ante elRei que estaua espantado da nouidade do caso, lhes fez per si pergunta a cada hum, se elles tinham professado a lei de Mafamede & arrenegado a de Christo, como estauam agora mudados sem temer o perigo de suas almas & de seus corpos? Elles todos responderam cada hum per si, que sempre foram Christãos, & que na fè de Christo hauiam de perseverar ate a morte, & que a figura de Mouros que tinham, não foi de coraçam, mas forçada dos tormentos que lhes deram que por sua idade nam podiam sofrer.

ElRei ficando mais indignado por a liure resposta que lhe deram huns moços de pouca idade & seus captiuos, & muito mais contra Ale, lhe disse. No es tu Mouro? Teu pai

&

& tua mãi nam foram Mouros & teus irmãos? E nam te mandei eu enſinar o Alcorão por te fazer merce? A iſto reſpondeo Ale, que elle era Chriſtão & ſempre o fora em ſeu coraçaõ, & que neſſe Alcorão que elle Rei lhe mandara enſinar, entendera a torpeza da lei de Mafamede & a limpeza & a verdade da lei de Chriſto. Ficou elRei attonito & muito mais furioſo contra eſte moço que contra os mais, & porque o malſim que deſcobrio eſtes companheiros a elRei, deſcobrio tambem muitos captiuos Chriſtãos que os fauoreciam de fora com lhes buſcarem liuros ſanctos & de deuaçam, & lhes mandarem oraçoẽs, cruzes & imagens dos Sanctos, (principalmente a hum Antonio Mendez mancebo Portugues natural de Tauila que era de ordens de Euangelho, o qual lhes mandaua muitos auiſos & reſpoſtas a perguntas que lhe faziam ſobre a doctrina Chriſtãa, & que os animaua a ſerem conſtantes na fè) elRei determinou de a todos juntos mandar matar a eſpada. Mas Abrahem Suffiane, que era hum fidalgo Mouro de grande eſtado & mui priuado delRei, como homem que era de condiçam muito nobre & humano lhe foi aa mão dizendo, que era crueldade dar morte a tantos captiuos, & que baſtaua dala a hum que foſſe mais culpado naquella conjuraçam. E aſſi ſe dilatou por entam aquella execuçam. Mas a Antonio Mendez porque lhe dixeram

que

que era o Caciz dos Chriſtãos, o mandou matar no terreiro do paço cruelmente aas cutiladas, de que foi ataſſalhado: & os rapazes o começauam a queimar & nam acabaram por elRei o não mandar? Era eſte mancebo mui virtuoſo & de Sanctos coſtumes & como meſtre que fora dos moços, foi o primeiro dos martyres. O que aos outros que deſpois padeceram nam cauſou eſpanto, mas ſancta enueja de verem que os precedera ja no tranſito ao ceo. Não contente elRei com as perguntas que huma vez fez aaquelles moços, os mandou outra vez ir ante ſi, & lhes tornou a fazer as meſmas que dantes: & dando elles a meſma reſpoſta, ſe determinou em os mandar matar: & a huns certos miniſtros que ſe offereceram a fazer aquella cruel execuçam mandou que os leuaſſem a certas camaras de cima do paço & fizeſſem ſacrificio daquelles innocentes cordeiros de cada hum dos quaes fazemos particular relaçam.

CAPITVLO LXIII.

De Franciſco da Sperança.

FRanciſco da Sperança que antes ſe chamaua, Ale foi filho de hum elche Heſpanhol Andaluz natural de Malega que ſe chamaua, Abdelmel, & de huma Moura natural de Marrocos onde viuiam. Ficando eſte

moço de sete para oito annos orfaõ, hum seu irmão maior o deu a elRei para aquelle diabolico Seminario de moços captiuos onde o mesmo Rei o mandou ensinar a ler & saber o Alcoram que elle em pouco tempo por sua grande habilidade soube de cor. Era este moço de sua natureza mui bem acostumado & amigo de virtude & vergonhoso: & como os taes vam buscar outros semelhantes, se affeiçoou em extremo aos moços Portugueses que naquella congregaçam estauam mais que a outros de outras naçoẽs, pola boa indole que via nelles & honestidade de costumes. Iunta a conuersaçam que com elles tinha, lhes veo descobrir os desejos que tinha de ser Christão & pedir lhe ensinassem a doctrina da fè, & que ainda que nam fora baptizado, elle nam era ja Ale, senam Francisco da Sperança, porque a tinha de ser baptizado. Simam de Freitas hum daquelles moços que dixemos que era mui habil, foi o mestre que o allumiou & o instituio na doctrina Christãa, & com sua grande habilidade que era admirauel & grande diligencia em breue tempo soube a lingoa Hespanhol & a doctrina toda: & (o que era mais de admirar) em pouco spaço aprendeo as letras dos Christãos: & as horas de nossa Senhora sabia de cor em latim, & as rezaua como qualquer Christaõ de mais idade. De nenhuma maneira consentia que lhe chamassem Ale, senam

Fran-

Franciſco da Speraça, por a que elle tinha de ſer ainda baptizado, porque era mui triſte por o nam ſer: porque duuidaua ſe com toda ſua fè ſe podia ſaluar: ate que perguntando ao padre que tinha cargo de Sacramentar os captiuos, lhe dixe que ſe morreſſe por a fè de Chriſto em ſeu ſangue ficaua baptizado. E com o nome de Franciſco ſe mandou aſſentar na confraria do Roſario a que mandaua para cura dos doentes & para os neceſſitados tudo o que podia poupar de ſua moradia. Finalmente chegandoſe o tempo em que Deos queria arrancar eſta ſancta alma daquelle diabolico Seminario & traſplantala no ceo, hauendoſe de fazer ſacrificio delle & dos outros ſeus companheiros, o primeiro que foi chamado pelos Algozes para a caſa onde ſe hauia de fazer a carniçaria, foi Franciſco da Speraça a que elle com ſereno ſembrante foi, dizendo aos Algozes. Eiſme aqui irmãos? Que he o que me quereis? E reſpondendolhe hum delles, queremos te matar, dixe aquelle bemauenturado, ſeja em boa hora em nome de Deos.

E vendo hum deſtes Algozes que ſe chamaua Ramadam, a vontade com que recebia a morte, dixe, irmão Ale tornate Mouro, nam morras Chriſtão, & lhe reſpondeo com huma conſtancia increiuel naquelle paſſo tam terribel & em idade tam tenra. Nam vim aqui para me tornar Mouro ſenam para morrer

por o Senhor que quis morrer por mi. A eſte momento entrou pela porta ſeu irmão mais velho, & vendoo ja deſpido para padecer, lhe dixe irmão morre Mouro não percas tua alma, a que elle com a meſma conſtancia deu eſta reſpoſta, irmão vaite com Deos que eu ſou Chriſtam & como tal hei de morrer. Beijoulhe entam o irmão a cabeça, & o bemauenturado Franciſco lhe fez acatamento como a irmão mais velho. Deſpedido o irmão pos os geolhos em terra & os olhos no ceo dizendo, bom IESV hauei miſericordia de mi & perdoaime meus peccados. Acabadas eſtas palauras lhe deitou o Algoz a corda aa garganta, & apertandoo com quanta força tinha, a corda quebrou, & dobranloa com outra lha tornou a deitar, & puxando por ella com maior impeto ate que lhe pareceo que eſtaua morto, o deixou: mas dahi a hum grande eſpaço eſtando o meſmo Algoz atormentando a Simam de Freitas, vio que ainda o corpo de Franciſco bolia, de que ſe eſpantaram os preſentes: & buſcandoo ſe tinha alguma couſa, lhe acharam em huma cinta que tinha cingida, duas orações, huma a IESV & outra a noſſa Senhora, as quaes em lhas tirando deu a alma a noſſo Senhor.

CAPITVLO LXIIII.

De Simam de Freitas.

SImam de Freitas foi Filho de Luis de Freitas barbeiro do Duque de Aueiro, & de ſua molher Ioanna Caiada, naturaes da villa de Setuual: indo com ſeu pai aa jornada de Africa com elRei Dom Sebaſtiam, foi captiuo no campo de Alcacere per hum Alcaide de Tetuam, ſendo de idade de doze para treze annos. Era eſte moço dotado de muitas graças: porque naquella tenra idade era mui aniſado & bem inſtituido nas couſas da fé, & tinha muito reſpecto ao ſeruiço & honra de Deos: & de taõ experto engenho que o Mouro que o captiuou por iſſo & por a boa indole que nelle via lhe queria como a filho, & lhe entregou as chaues de ſua caſa, & o dinheiro que tinha lhe corria pela mão.

Sendo tirada a Alcaidaria a ſeu ſenhor (que naquellas partes não tem tempo certo) ſe foi para Marrocos onde alguns fidalgos que conheciam as boas partes daquelle moço trataram de o reſgatar: mas o ſenhor por affeiçam que lhe tinha por nenhum preço o quis fazer. Polo que por meio deſtes fidalgos ſe ordenou que hum Contador de Mazagam que eſtaua captiuo fugiſſe & leuaſſe a Simão conſigo. E deſcito ſe poſeram em fugida cada

hum

hum em seu cauallo. Mas Deos que ordenaua outro maior bem a Simam, permittio que no caminho fossem tomados & leuados ante elRei, o qual mandou ao Contador leuassem aa Sagena onde estão os captiuos, & a Simam ao recolhimento dos outros moços. O Alcaide que tinha cargo dos moços captiuos delRei & sobre quem carregaua fazelos Mouros (que era hum crueliſſimo tyranno) tentou a Simam com muitas palauras brandas & promessas para que quisesse ser Mouro. O qual desenganado delle que por nenhum caso o seria, começou a tormentalo de muitas maneiras, & por ser de tenra idade & delicado nam o podendo sofrer foi vencido, & lhe poseram nome Rabadam, mas no pensamento nunqua se apartou da fê: & entam se vnio mais com Deos, & tinha o nome que lhe poseram por mais abominauel, & fazia tudo aquillo que hum Christam em sua liberdade podia fazer: rezaua, jejuaua todos os dias da obrigaçam da igreja, naõ comia carne em dias defezos, tudo o que podia poupar de sua moradia gastaua em dar esmollas aa confraria de nossa Senhora do Rosario, & mandaua dizer Missas. E como tinha grande engenho & curiosidade, todo o tempo empregaua na liçam de liuros sanctos que per meio dos captiuos. Christãos negociaua: & isso que alcançaua per elles, communicaua a seus companheiros, & a todos animaua a ser constan-

tes

tes na fé. Em fim daquella Academia ſancta elle era a cabeça & o meſtre que os inſtruia a cuja induſtria ſe deue a conuerſam de Franciſco da Sperança que elle incitou & enſinou. Chegando o dia em que ſe hauia de fazer execuçam nelle, & nos ſeus ſequazes que profeſſaram ante elRei que eram Chriſtãos, ſe deſpos a morrer, & mandou dizer Miſſas por ſua alma das poucas onças com que ſe achou. E ſendo chamado pelo Algoz para a caſa onde hauia de padecer, achou ja a Franciſco da Sperança ſeu amigo & diſcipulo morto: & voluendoſe para elle dixe, a minha alma com a tua. E leuantando os olhos ao ceo pedio a Deos perdam & lhe encomendou ſeu ſpirito em ſuas mãos. Acabadas eſtas palauras lhe lançaram a corda aa garganta, & puxando o Algoz por ella muito rijo, quebrou, & atandoa com muita preſſa a tornou atar & lha lançou ao peſcoço & lhe deram o garrote: & cuidando que o tinha afogado, acodio ao Franciſco da Sperança que viram que ainda bolia como ſtá dito. E deſpois que acabou com elle, tornou a Simam de Freitas que eſtaua ainda viuo penando & lhe deu muitas pancadas na cabeça & pelo corpo ſem acabar de expirar. Tiraramlhe entam huma pequena Iaquetta que tinha veſtida em que lhe acharam outras orações como as de Franciſco da Sperança: & em lhas tirando acabou de expirar. Padecco eſte bemauenturado martyr,

ſen-

sendo de idade de dezoito para dezanouẽ annos.

CAPITVLO LXV.

De Fernando Gines.

FErnando Gines que huns tinham por Gallego por ser de Monção, e que outros diziam ser de Baiona, indo com outra gente aa jornada de Alcacere sendo de quatorze annos pouco mais ou menos com a grande crueldade que vsaua o Alcaide dos moços que metiam naquelle Seminario, foi forçado chamarse Mouro, e lhe puseram nome, Iaem. Mas em seu coraçam era o que mais abominaua, & o que mais Christam peito tinha: como se vio na inteireza com que ante elRei & seus ministros confessou a fê de Christo em a qual protestou que hauia de viuer & por ella padecer martyrio quando comprisse. No que se pareceo bem discipulo de seu mestre Simam de Freitas a quem elle na doctrina & nas abstinencias & orações sempre imitou, & com quem se acompanhaua. O qual quando vio que se chegou a hora de ser chamado Simam de Freitas dos Algozes para o matarem, se foi a pos elle como hum cordeirinho vai a pos sua mãi, & o vio padecer. Este spectaculo nelle nam obrou algum medo de morrer, mas grandes desejos de lhe ser companhei-

nheiro na morte como fora na vida. E quando chegou a sua hora em que o hauia de seguir, lhe dixe hum dos Algozes por nome Ramadam. Nam sei irmão Iaem como hei de ter mãos para te fazer mal? ao que elle respondeo com hum sembrante mui alegre. Este he o tempo irmão meu em que se ham de ver os amigos, & agora hei mister vossa amizade que serà despachardesme depressa para ir aa sombra de meu amigo & meu mestre de que me nam sabia apartar. E dizendo isto se encomendou a Deos, & lançandolhe a corda aa garganta lhe deram o garrote com tanta força que em breue deu sua alma a Deos. Era este Sancto martyr ao tempo que padeceo perto de vinte annos.

CAPITVLO LXVI.

De Domingos de Gouuea.

DOmingos de Gouuea natural de Gouuea sendo de doze para treze annos foi captiuo no campo de Alcacere como os mais de que atras fallamos: vindo a poder do Xerife o mandou meter com os outros moços que mandaua recolher, & a poder de açoutes & tormentos outros lhe fizeram dizer que era Mouro, & lhe poserão o nome de Pixer. Era moço deuotissimo da Virgem nossa Senhora, & mui conforme na vida & religiam aaquel-

aaquelles glorioſos companheiros com os quaes continuamente trataua das couſas de Deos, & com elles jejuaua & ſe diſciplinaua, & aprendia as couſas da fé Chriſtãa, & per meio de Chriſtãos captiuos ſecretamente ſabia o que os pregadores diziam nas pregações: & aſſi viuia deſcubertamente como Chriſtão, como ſe eſtiuera em ſua caſa & em ſua liberdade. E no tempo que ſeus companheiros ſe publicaram por Chriſtãos, não foi elle o derradeiro, antes com muita inteireza ante os ſeus Alcaides & ante elRei confeſſou ſer Chriſtão, & como tal eſtar preſtes para padecer a morte. E tanto fazia por chegar ao fim de ſeus deſejos, que quando veo o dia da perſecuçam de ſeus companheiros em que os chamauam para os ſacrificarem, elle ſe hia com elles aa caſa onde os matauam para ſe nam eſquecerem delle: & os Algozes o mandaram tornar, dizendo que quando foſſe tempo o chamariam. E quando lhe deram recado que vieſſe, foi com grande alegria encomendandoſe a Deos, & fazendo o ſinal da cruz. Polo que o Alcaide Iandar perante quem ſe fazia a execuçam (que como cruel tyranno folgara mais de o ver triſte) lhe deu com hum garrote que tinha na mão tam grande pancada na cabeça, que o derribou no chão, & lhe arrebentou muito ſangue da boca & dos narizes, ſem deixar por iſſo de ſe encomendar a Deos & aa Virgem noſſa Senhora ate

que

que lhe lançaram o baraço ao peſcoço, & o fizeram companheiro dos que tinha ante ſi. Padeceo eſte Sancto mancebo em idade de dezoito para vinte annos.

CAPITVLO LXVII.

De Ioam de Paris.

IOão filho de hum Frances natural de Paris que em Lisboa viuia & ſe foi a Africa com a gente que ſeguio a elRei Dom Sebaſtiam, leuou conſigo ſeu filho ſendo minino de onze para doze annos: o qual ſendo captiuo veo a poder delRei, & ſendo entregue a Iandar Alcaide dos moços, a poder de açoutes & tormentos o fez Mouro como coſtumaua fazer aos outros: mas elle conſtantiſſimo na fê & como virtuoſo que era & bem inclinado tomou conuerſação com os moços da companhia que dixemos, principalmente com Franciſco da Sperança, & com elles exercitaua todas as obras & ſanctos exercicios que via fazer aos outros. E vindo o dia em que delle como dos mais ſe hauia de fazer ſacrificio (que elle ja deſejaua ver) ſendo chamado dos Algozes, foi com grande aluoroço rezando o credo & dizendo a confiſſam geral: & entrando na caſa onde vio alguns de ſeus compaheiros mortos, pedindo aos algozes perdão ſe em alguma couſa os of-

offendera, lhes rogou o despachassem com breuidade para ir descansar com seus companheiros. Dizendo isto, lhe lançaram a corda ao pescoço que elle recebeo com muita constancia encomendandose a Deos & a sua madre: & apertandolha os Algozes com muita pressa, em breue passou sua alma aa gloria sendo de idade de dezoito para dezanoue annos.

CAPITVLO LXVIII.

De Amaro Gonçaluez.

AMaro Gonçaluez natural da villa de Collares doze milhas de Lisboa, sendo de pequena idade foi captiuo no campo de Alcacere & veo a poder delRei & leuado aa casa dos moços captiuos que elle sostentaua: & com a violencia que a outros se fazia o fizeram Mouro no nome, sendo elle constantissimo na creença da fè de nosso Senhor Iesu Christo na qual sempre protestou que queria viuer & morrer com aquelles moços angelicos da companhia que dixemos com quem viuia & communicaua. Nam foi o inferior nos jejuns, nas orações & esmollas & sanctos exercicios & disputas das cousas de Deos, a cuja imitaçam com a mesma firmeza & seguridade de animo confessou a elRei que elle era Christaõ, & que por a fè de Christo estaua prestes para padecer martyrio. Era

Era eſte ſancto moço mui curioſo de ſaber as vidas dos Sanctos, principalmente daquelles que receberam martyrio. Quando o elRei quis ver com os outros ſeus companheiros & o vio tam conſtante na fè em que declarou que hauia de morrer, lhe dixe a elle & a ſeu companheiro que viſſem o que dizião, que ſe metiam em grande perigo, & aquelle moço de tam poucos annos naſcido em Collares que he a vltima terra do mundo com grande eſforço reſpondeo a hum Rei tam grande & tam temeroſo. Eu nam tenho que ver nem que cuidar, nem que dizer, ſenam que a accuſação que perante vos de mim fizeram he verdadeira & que eu ſou Chriſtão, & o fui ſempre & o hei de ſer & morrer.

Era eſte Amaro mui temente a Deos, & que tinha muita conta com ſua alma. Polo que entendendo que hauia em breue de padecer, hum dia antes de ſua morte mandou huma carta ao Padre que miniſtraua os Sacramentos aos Chriſtãos em a qual lhe eſcreueo ſeus peccados: & com eſte apparelho ſe achou leue & eſforçado & com huma immenſa alegria animaua aos companheiros que para o tranſito que em breue hauiam de fazer deſta vida para o ceo eſtiueſſem fortes. E com a meſma alegria recebeo o recado dos Algozes que o chamauam, & encommendandoſe a Deos & aa Virgem Maria ſua madre entrou

na

na casa, onde achou hum fermoso spectaculo de cinquo professores da fè de Christo seus companheiros mortos per ella, perque lhe veo nouo animo & desejo de ser hum daquelles: o que nam tardou muito: porque em entrando lhe lançaram o baraço aa garganta & lhe deram o garrote tam rijo que logo expirou. Padeceo este seruo de Deos sendo de idade dezasete annos.

CAPITVLO LXIX.

De Antonio da Sylua.

ANtonio da Sylua que com razam se pode dizer que foi duas vezes martyr, foi natural de Setuual filho de Manuel Esteuez & de Caterina Cardosa sua molher: foi tomado no mar sendo de quatorze annos & appresentado a elRei que o mandou entregar ao Alcaide Mamude que tinha cargo dos moços Christãos que elRei tinha no Seminario para seu seruiço & de os fazer Mouros. Este Alcaide dizendo ao Antonio da Sylua que fosse Mouro, elle respondeo com grande liberdade que elle era Christam & o hauia de ser ate a morte: o Mouro com a acostumada crueldade, o mandou lançar no chão & darlhe muitas pancadas nas nalgas, & nas plantas dos pés lhe deram mais de duzentos açoutes, o que elle sofreo com grande animo confessando

do

do a fè de Chriſto & dizendo que ainda que o mataſſem nam hauia deixar a lei do verdadeiro Deos em que naſcera. O Mouro indignado daquella reſpoſta inuentou outro tormento, & mandou dar em huma corda de linho muitos noos huns juntos dos outros & encoſtar aquelle tenro moço a hum pao de huma tenda, & ſendolhe atada a corda pela teſta o amarraram ao pao, & o apertaram com muita força, & torcendo com hum garrote lhe metiáo aquelles noos pela teſta & pela cabeça. O qual tormento elle ſofreo com admirauel conſtancia, dizendo que era Chriſtam & nam hauia de ſer Mouro, & com palauras altas ſe encommendaua a Deos & aa Virgem noſſa Senhora. Vendo o Tirano que quanto o mais atormentaua dizia que nam hauia de ſer Mouro, vſou de outro tormento, que foi com as mãos atadas por detras darhe tratos de polê mui expértos, & com muita crueldade para o deſconjuntar & com a dôr o obrigar a obedecer. O moço com eſtes tormentos nam enfraquecia, mas parecia que lhe vinham nouos ſpiritos & ſe moſtraua mais conſtante na fé, & dizia que lhe podiam fazer quanto quiſeſſe, que nam hauia de ſer Mouro. E tendoo na polé lhe fazia grandes promeſſas ſe o foſſe. Mas nam baſtando iſſo o Mouro ſe tornou furioſo como hum tygre & o mandou deſcer, & determinando darlhe outro genero de tormento mandou

dou trazer brasas viuas, & lhas pos sobre huma mão para lha queimar: o que o moço sofreo com tanta paciencia, que lembrandolhe as palauras que Sam Lourenço dixera ao Algoz que o assaua, dixe elle a Mamud, ja desta parte està esta mão assada, bem podes queimar da outra: & assi o fez aquelle Tiranno. E indignado de ver tam notauel constancia em hum moço, tomou entam o brasseiro assi como estaua cheo de brasas & lho lançou sobre a cabeça. Mas nem com isto lhe mudou o proposito, antes o via mais firme na fè o Tyranno que desatinaua com raiua & impaciencia determinou de lhe dar outro tormento que he crueliſſimo, para o que mandou vir canas tostadas para lhas meter entre as vnhas & a carne: & estandoas apparando com huma faca lhe dixe, que senão quisesse passar aquelle tormento se fizesse Mouro. Mas aquelle seruo de Deos tam pouco estimaua aquelles tormentos que nenhum caso fazia delles, dizendolhe que ja lhe tinha dito sua tençam. Vendo isto o Tyranno lhe meteo pelo dedo polegar da mão esquerda huma canna entre a carne & a vnha, de que lhe correo grande copia de sangue perque veo perder a vnha. Mas tudo isto não bastou.

Nam tendo ja o indignado Mouro mais tormentos que inuentar & enfadado de ver quam pouco podera contra aquelle esforçado moço, determinou de o cortar per força & ves-

veſtilo de trajos mouriſcos & para iſſo mandou chamar o barbeiro : no qual interuallo huns moços elches daquelle Seminario, mâs Chriſtãos na vontade, ſe foram a elle & lhe perſuadiram que nam quiſeſſe paſſar mais tormento, que Deos na tinha por Mouro o que ſe veſtia como Mouro, ſenam o que tinha coraçam de Mouro : que foſſe elle Chriſtão em ſeu coraçam, que aſſi o faziam elles. Niſto veo o barbeiro, reſiſtio quanto pode, mas nam lhe valendo, o barbeiro o cortou per força, & lhe veſtiram trajos de Mouro, & lhe poſeraõ nome Iafar. Mas elle proteſtou que tudo aquillo fora contra ſua vontade, porque elle era Chriſtão & o hauia ſempre de ſer ate morte. Naquella congregaçam dos moços ſe ajuntou com os Portugueſes de que acima fizemos mençam que padeceram martyrio & com elles exercitaua as obras de Chriſtão publicamente ſeguindoos em tudo & animandoos a perſeuerarem naquelles ſanctos exercicios, & no propoſito de morrerem por a fè. E o que dizia entre os Chriſtãos o dizia entre os Mouros ſem medo algum, dos quaes por iſſo recebia muitas bofetadas & mao tratamento. E naquelle dia em que Simam de Freitas ſe declarou por Chriſtão com os outros, Antonio da Sylua foi dos primeiros, como tambem foi quando foi chamado ante el-Rei, onde appareceo notauelmente alegre : & ſabendo que ſe lhe chegaua ja o ſeu deſeja-

do dia, o desenganou que elle era Christão & como tal estaua prestes para sofrer quantas penas lhe quisesse dar. E quando tornou para os companheiros que souberam o que passara com elRei, o receberam com grande aluoroço por se verem todos vnanimes na fé. E quando este bemauenturado vio que chamauam seus companheiros hum & hum para os matarem, quanto mais tardaua sua vez, tanto mais sollicito estaua & desejoso de ver aquella hora tam esperada delle, & se lhe dilataua a pena de a esperar. Parece que queria Deos que penasse elle mais que os outros todos. Tanto que Amaro acabou de expirar, logo foi trazido Antonio da Sylua, & o ataram a hum grosso pao com a corda na garganta, & dous dos Algozes que eraõ homẽs mui grandes de corpo leuantaraõ o pao aos hombros ficando elle pendurado por ser pequeno de corpo: & puxando outros Algozes por elle pelos hombros, em breue deu a alma, dando primeiro muitos brados pelo nome de IESV, & da Virgem nossa Senhora. Sendo de idade de dezasete annos.

O que se fez dos corpos destes benauenturados martyres, he que tanto que os Algozes os acabarão de afogar, o Alcaide Iaude a que foi commettida a execuçam, foi dar conta a elRei como era comprido seu mandado & saber delle o que se hauia de fazer dos corpos daquelles padecentes. ElRei lhe mandou

dou que os lançaſſe no poço de ſua cerca. O qual não era outra couſa ſenão hum carneiro em que ſe lançauão todos os que elRei em ſua caſa mandaua matar. Eſte poço eſtà em hum pardieiro ou caſas velhas junto com a horta delRei, o qual dizem que foi ja mui alto e com os muitos corpos que nelle foram lançados ſe foi entulhando tanto, que não tinha ao tempo daquelles martyres mais que altura de hum homem: do qual tem cargo o hortelão da meſma horta. Vindo a noite em que ſe fez a execução, chamou o Alcaide dous captiuos Chriſtãos para leuarem aquelles corpos & os lançarem no poço onde lançaraõ ſeis delles e em cima muita terra. O ſeptimo que era Franciſco da Sperança que primeiro tirarão da caſa (cujo corpo acharam tam fermoſo que parecia que eſtaua viuo) enterraram fora per mandado do Alcaide. Mas temendo que ſabendoo elRei ſe enojaria o mandou deſenterrar & lançar dentro no poço com ſeus companheiros. Entrando dentro & deſcobrindo os outros lançarão Franciſco encima, & os tornaram a cobrir de terra. Eſta mudança de ſepultura de Franciſco para o lugar de ſeus companheiros foi permiſſaõ diuina para que aſſi como na vida, nas virtudes, & na fê & amor forão entre ſi muito conformes, e foſſem tambem no enterro & jazigo. Padecerão martyrio eſtes angelicos moços dentro nas caſas delRei a quatro dias do mes

de Iulio do anno de 1585. que foi o primeiro do Pontificado do Papa Xisto Quinto.

Dahi a dous ou tres dias para a fè do que aquelles martyres passaram, & se saberem sempre seus nomes & patrias, Dom Francisco da Costa embaxador que estaua em Marrocos por elRei de Portugal tirou por sua pessoa disso inquirição, tomando por escriuão o secretario da embaxada: na qual forão perguntados dous Padres principaes da ordem da Sanctissima Trindade que naquellas partes estauão per ordem delRei resgatando os captiuos & ministrando os Sacramentos aos Christãos, com quem os martyres communicauão seus pensamentos per scriptos e recados, que erão testimunhas, de vista, & outros nobres Portugueses dignos de credito & de tudo mandou passar hum instrumento e informa que fizesse fè, o que eu vi, em que se recontaua tudo o que dicto temos. E como o dito embaxador tinha em pensamento trazer comsigo as reliquias daquelles Sanctos quando viesse a Portugal, fez toda a diligencia possiuel por os hauer com dadiuas grandes & rogos que nisso interuierão, ate que as houue não esquecendo o corpo de Antonio Mendez que estaua enterrado secretamente na Misericordia, fingindoos que o enterrarão que o leuauão a outra parte onde se enterrauão os captiuos Christãos: e metidas todas estas reliquias em huma caxa as tinha o Embaxador em grande

reſguardo & ſegredo: & ſuccedendo ſua morte em Marrocos os que tratarão de trazer ſua oſſada, trouxerão na enuolta della as reliquias dos martyres em ſua caxa: cujas chaues ſendo dadas a Dona Ioanna Henriquez ſua molher, por reuerencia daquelles Sanctos & honeſtidade mandou que ſe leuaſſem logo ao Conuento de S. Franciſco de Lisboa, ficandolhe huma das chaues na mão, & entregando a outra ao guardião ate ver onde aquelles ſanctos corpos ſe hão de collocar, digniſſimos de ſe lhes fazer de ſeu nome hum ſumptuoſiſſimo templo, & ſe veneratem na igreja de Deos como ſe veneram os mais celebres martyres della.

Dos Sanctos que nam ſendo natvraes de Portvgal morrerão nelle ou eſtão nelle ſeus corpos.

CAPITVLO LXX.

De Sam Mancio martyr.

SAm Mancio martyr foi natural de Roma, & hum dos diſcipulos de noſſo Senhor que na ſua entrada que fez em Hieruſalem dia dos ramos foi com os outros a recebelo, & lhe deitou ſeus veſtidos no caminho per

on-

onde paſſou: & que no dia da cea miniſtrou & ajudou ao meſmo Senhor no lauar dos pês a ſeus diſcipulos, & o vio expirar na Cruz, & o tornou a ver quando deſpois de ſua reſurreição lhes appareceo, & com elles recebeo o Spirito Sancto. Sendo eſte Sancto mandado pelos Apoſtolos a prêgar a Heſpanha vlterior, veo aa cidade de Euora (que era mui principal na Luſitania & Municipios dos Romanos) onde prégou, & conuerteo muita gente & a doctrinou. Polo que os daquella cidade o tem por ſeu primeiro Biſpo, & por elle ſe jactão da antiguidade de ſua Chriſtandade, & ſerem elles os primeiros ou ao menos dos primeiros que a fé de Chriſto receberam em Heſpanha. Prêgando hum dia em hum lugarinho do termo de Euora foi preſo pelos Gentios, & leuado ao Preſidente Validio que na cidade eſtaua. O qual vendo que não podia acabar com o Sancto que adoraſſe a ſeus Idolos o mandou atormentar de muitas maneiras: & muitas vezes ate que expirou. E morto o mandou lançar em huma eſterqueira com guarda para que os Chriſtãos o não tiraſſem dalli, nem o achaſſem. Naquelle immundo lugar eſteue muitos annos ate que creſcendo mais o numero dos Chriſtãos foi reuelado que hum homem pio o leuou para huma ſua herdade que tinha no termo de Euora onde agora chamam S. Manços, & o ſepultou honradamente. E creſcendo a fama de

ſeus

seus milagres hum Conde Iuliano & sua molher Iulia (cuja veo ser aquella herdade) lhe mandaram fazer huma honrada igreja & nella huma nobre sepultura que pelo tempo se veo a destruir, da qual somente ficou huma torre que agora stá mea derribada: & no centro della meterão o corpo do martyr. Alli steue ate o tempo daquelle cruel Mouro Abderramen, de que muitas vezes se faz menção por a crueldade que executaua contra os Christãos, & pelas injurias & desacatos contra as reliquias & corpos Sanctos: pelo que alguns deuotos & pios homẽs fugindo para as Asturias onde saluauam todas las reliquias que podiam, leuaram o Sancto corpo deste martyr, que hora dizem star no reino de Castella em terra de Campos em hum lugar que chamão, Villanoua que dista huma legoa de Medina de rio seco em huma Abadia da ordem de S. Bento. Deste Sancto como de seu Apostolo, seu Bispo e seu martyr, seu mestre & seu vizinho cuja sepultura hoje veneram, podem os cidadoẽs de Euora com muita razam chamarlhe seu, pois a elles foi mandado, & por elle seus passados foram conuertidos & doctrinados, & em Euora ganhou elle a coroa do martyrio: sua festa se celebra a vinte hum de Maio.

CA-

CAPITVLO LXXI.

De Sam Vicente Leuita martyr.

DE Sam Vicente bemauenturado martyr he tão celebrado seu martyrio de todos os Scriptores que dos Sanctos martyres escreueram, que se agora o quisessemos contar seria tornar a dizer o que os outros dixeram & trasladar seus dictos. O que toca a nos que gozamos seu glorioso corpo que todo inteiramente temos em Lisboa, he, tratarmos os meios perque fez Deos merce a esta inclita cidade de tamanho thesouro, & de sua inuençam & trasladaçam. Sendo o Sancto Vincencio martyrizado em Valença de Aragam por Daciano perseguidor dos Christãos com muitos & grandes tormentos, indignado de sua fê & grande constancia, & corrido do desprezo que mostrou ter delle & de seus Deoses, o mandou lançar no campo para que os coruos, & outras aues o comessem: mas hum coruo se ajuntou a elle, & o defendeo das aues, & de hum lobo que com grande clamor, & impeto das asas afugentou. E indignandose mais o presidente Daciano de nam ser consummido, o mandou atar a huma grande moo, & lançalo no pego do mar. Mas os marinheiros ainda nam eram tornados aa terra, quando a agoa o tinha jâ lançado

na

na praia. Vindo iſto aa noticia de alguns Chriſtãos, tomaram aquelle glorioſo & injuriado corpo, & o enterraram em huma caſinha occultamente como poderam, ate que acabada a perſecuçam o leuaram a Valença, & hi o ſepultaram em lugar mais honeſto. Mas Deos que tinha ordenado de dar a Lisboa o deſpojo daquella alma ſancta, ſuccedendo que Abderamen Principe Mouro cruelissimo mandaua matar a todo o Chriſtão que achaua, & deſtruia os templos & as reliquias dos Sanctos, huns homẽs pios com medo delle meteram o corpo do glorioſo Sam Vicente em huma barca com o meſmo coruo (que nunqua o deixou deſpois que padeceo & lhe guardara ſua ſepultura) & aſſi ſe meterão pelo mar aa ventura onde Deos os leuaſſe. Vindo eſta barca apportar ao ſacro promontorio mui celebrado dos Geographos que agora chamamos, Cabo de Sagres, & por reſpecto do Sancto, Cabo de Sam Vicente, os que o trouxeram, fizeram huma pequena ermida em que enterraram o corpo, & para ſi fabricaram humas caſinhas em que viueram muitos annos elles & ſeus deſcendentes: ate que paſſando por alli Hali Boacem Principe Mouro os matou a elles & leuou captiuos dous filhos ſeus moços. Eſtes dous moços eram os dous Chriſtãos Mozarabes que elRei Dom Afonſo Henriquez captiuou na batalha delRei Iſmar ſendo jâ muito velhos, & lhe contaram o caſo

do

do martyr Sam Vicente, como ja vos contamos na Chronica do dito Rei. E acrefcentaram mais que naquelle lugar de Sagres fe viram fempre muitos coruos que o frequentauão como que acompanhauam o corpo que alli jazia. E que fe de aquella ermida em que o enterraram houueffe ainda algum veftigio ou daquellas cafinhas em que feus antepaffados morauam, ou houueffe alguns coruos que aquelle lugar frequentaffem ainda, dariam com o lugar onde o corpo ftaua. ElRei folgou muito de ouuir aquelles homẽs, & felhe repreſentou que o maior deſpojo daquella victoria feria para elle hauer tam preciofa joia, que quanto houuera delRei Ifmar.

Polo que acefo em defejos de hauer o corpo do Sancto fez tregoas por alguns dias com elRei de Fez, & elle mefmo em peffoa com alguns criados feus fe arrifcou ir ao Algarue terra de imigos bufcar aquelle Sancto corpo & fazer bufcalo: mas o trabalho foi em vão, porque tinha ordenado noffo Senhor de fazer a elRei outra mui grande merce, que era ganhar elle a cidade de Lisboa que eftaua ainda em poder de Mouros, & na See della dar aõ Sancto fepultura. E hauendo vinte feis annos que a dita cidade era ganhada dos Mouros, & hauendo tregoas entre elRei Dom Afonfo Henriquez & Alboja que no anno de 1176. certos homẽs de Lisboa com deuação que tinham ao Sancto, vendo

que

que já poderiam ir seguramente aaquelle lugar onde seu corpo dizião jazer fizerão prestes huma barca como conuinha para trazer tamanho thesouro, & apportaram no mesmo lugar onde o Sancto corpo estaua, & hi ancoraram pedindo a nosso Senhor lhe deparasse como o achassem, & a pos isso começarão logo acauar. E approue a sua misericordia que sem muita demora o acharam metido em hum ataude: por o que dando muitas graças ao mesmo Senhor com muitas lagrimas & reuerencia & deuação o tomarão e meterão na barca, e nella metido veo a seus pès o corno que sempre o acompanhou & liurou das aues quando a ellas o mandou lançar Daciano: & logo ao meter da barca fez Deos hum milagre em hum homem daquelles que desenterrarão o corpo. Porque per furtar hum delles hum osso do Sancto, no mesmo instante cegou de ambos os olhos. Pelo que cortado do medo o tornou logo a poer donde o tirou, e ficou restituido a sua vista, do que aquelles deuotos ficaram mui contentes, porque era aquelle mui certo final e confirmação de aquelle ser o verdadeiro corpo de S. Vicente. Quando foi ao embarcar do Sancto, o mar que alli sempre he leuantado, assi esteue manso & quieto como se naquelle lugar nam houuesse vento nem agoa: & chegando a Lisboa aos xxv. de Septembro daquelle anno 1176. forão apportar ao lugar em que agora

ſtâ á porta de São Vicente da Mouraria onde antigamente batia o mar, que foi per tempo afaſtandoſe da terra. E porque receauão por tempo de lhe tomarem o corpo do Sancto, o não tirarão da barca de dia. Mas eſtiueram ate a noite em que o leuarão a Sancta Iuſta que era a igreja mais propinqua & freguesia daquelle bairro. O que ſendo ſabido pela manhãa, houue mui grande differença ſobre o lugar a que o hauiam de leuar: porque huns diziam que hauia de ſer aa igreja de ſeu nome que elRei para eſſe effecto edificara no tempo do cerco com as ſperanças que tinha de hauer aquelle corpo ſancto: outro diziam que ſenão deuia leuar ſenam aa See por ſer, igreja maior. Eſtando neſtas differenças para vir as armas, ſe oppos Dom Gonçalo Viegas Adiantado da cauallaria delRei, dizendo que mandaria recado a elRei, & que o Sancto ſe poria onde elle mandaſſe. Entretanto Dom Roberto Deam da See homem mui religioſo fez tanto com o Prior de Sancta Iuſta que hauia nome, Dom Moninho, que quiſeſſe honrar a See Cathedral, onde mais decentemente & com mais authoridade eſtaria tam grande reliquia. E alcançandoo delle veo o Cabido com toda aclereſia da cidade & o leuaram com muita ſolennidade & feſta aa See, onde hoje ſtâ, na capella mór: E ficou em memoria que o coruo que acompanhaua o corpo & veo na barca

ca com elle, andou despois muitos annos na See de Lisboa, & andando voando hora se punha sobre o altar mór, hora sobre o altar de Sam Vicente, onde o corpo stá, mas sem lhe ninguem fazer nojo. E porque hum moço que seruia à See lhe tirou huma pedrada, ficou logo tolhido de todos seus membros ate que seu pai lançandose ante o Sancto huma noite lhe impetrou a saude. ElRei quando soube da vinda do Sancto martyr nouas as ouuio com muitas lagrimas de prazer & deu muitas graças a nosso Senhor por em seus dias querer honrar seu reino com tão preciosa reliquia. E para mais satisfaçam sua mandou outra uez homẽs de sua casa ao lugar onde o corpo do Sancto fora achado para que buscassem bem se ficara lá alguma reliquia delle, & a trouxessem. E fazendo diligencia, acharão ainda lá hum pedaço do casco da cabeça e pedaços pequenos das taboas do ataude que trouxerão. O que tudo sem ficar nada foi posto com o corpo. A festa do Sancto celebra a igreja Romana a 22. de Ianeiro. E a igreja de Lisboa sua trasladação aos 15. de Septembro.

CA-

CAPITVLO LXXII.

De Sam Pedro Biſpo primeiro de Braga, martyr.

SAm Pedro de Rates primeiro Biſpo de Braga electo pelo Apoſtolo Sanctiago entre outros ſeus diſcipulos que em Heſpanha teue, prégou naquella cidade a palaura de Deos confirmando ſua doctrina com muitos milagres que fez, dos quaes foi hum, ſarar a filha do Rei, ou Regulo daquella terra da lepra de que era enferma. E por baptizar a ella & a ſua mãi cahió em tamanho odio do Regulo que determinou de o matar, de cuja ira fugindo o varam de Deos nam por temor da morte, mas por ſua vida ſer mui neceſſaria aos fieis de Chriſto cuja conuerſam pretendia, ſe ſahio da cidade. Mas ſendo tomado dos ſoldados delRei que o ſeguiam, foi preſo & morto no lugar de Rates. E nam ouſando alguem de o enterrar, hum Felix ermitão de boa vida vendo per muitos dias huma grande claridade que do lugar onde o corpo eſtaua ſubia aos ceos, veo aaquelle lugar, & achando o corpo do Sancto o enterrou o melhor que pode. Deſpois creſcendo o numero dos Chriſtãos lhe edificaram huma honrada igreja á ſua honra no meſmo lugar onde padeceo, em que foi mais decentemente

te enterrado, & fez muitos milagres. E no anno do Senhor de mil & quinhentos & cinquoenta & dous pelo Arcebispo de Braga Dom Balthasar Limpo foi seu corpo trasladado aa See da dita cidade onde agora jaz. Padeceo no anno do Senhor de quarenta & quatro. Sua festa he aos xxvj. de Abril, & a que se faz de sua trasladaçam, a treze de Outubro.

CAPITVLO LXXIII.

De Sam Pantaliam martyr.

SAm Pantaliam martyr que na cidade do Porto tem sua sepultura, foi medico de profissaõ natural da cidade de Nicomedia da prouincia de Bitinia na Asia menor. No tempo que os Emperadores Diocleciano & Maximiliano se encrueleciam contra os Christãos, padeceo martyrio na cidade de Roma, & vindo outra perssecuçam que os Godos & outros barbaros faziam tambem aos Christãos & aas reliquias & corpos dos Sanctos, huns homẽs Romanos amigos de Deos & de seus Sanctos fugiram de Roma leuando comsigo o corpo de Sam Pantaliam com muita veneração, & vieram apportar ao Porto de Portugal, & na See da mesma cidade o sepultaram com outras muitas reliquias de Sanctos que tambem trouxeram & nella hora stã em hum se-

sepulchro de prata dourado posto no altar mór da See: sua festa se celebra aos vinte & sete de Iulho.

CAPITVLO LXXIIII.

De Sam Torpes martyr.

SAm Torpes, Romano de naçam & grande priuado do Emperador Claudio Nero, foi martyrisado em Pisa cidade da Toscana na perseçução que o mesmo Nero fazia aos Christãos, cujo corpo o Tyranno mandou meter em huma barca velha com hum gallo & hum cão (aa semelhança da pena que se dâ per direito aos parricidas), para que fosse comido daquelles animaes ou dos pexes, se abarca fosse ao fundo. Mas sendo ella gouernada per hum Anjo nauegou tam prosperamente que sahindo pelo Estreito de Gibaltar ao mar Oceano, veo apportar nas praias de Sines onde huma molher nobre Christãa per nome, Celerina amoestada em sonhos por Deos sepultou aquelle sancto corpo junto aa praia com grande honra. E no mesmo lugar se edificou huma igreja dedicada a seu nome, da qual igreja & dos ossos do Sancto se acharam alguns sinaes & indicios o anno de 1591. fazendose diligencia por ordem de Dom Theotonio de Bragança Arcebispo de Euora a quem o Sancto Padre Xisto V. o encomendou.

Aquel-

Aquelle dia de ſua trasladação ſe celebra aos dezaſete de Maio, mas a feſta de ſeu martyrio he aos vinte & noue de Abril.

CAPITVLO LXXV.

De Sanctiago Interciſo martyr.

SAnctiago Interciſo de cuja nação foſſe não nos conſta, ſó ſe ſabe que pola confiſsão da fé foi martyriſado por Arara Rei da Perſia em tempo do Emperador Honorio, cujo corpo foi trazido da Perſia a Roma por hum homem nobre Romano per nome, Cyrillo que ſeu corpo enterrou eſcondidamente. Deſpois por Mauricio Arcebiſpo de Braga que foi Antipapa em tempo de Calliſto II. ſtando em Roma entre muitas reliquias que alcançou, foi o corpo glorioſo deſte Sancto. O qual confirmado com viſam Diuina trasladou para a See de Braga, & o collocou em hum lugar ſecreto & eſcondido para não ſer dahi leuado. A feſta deſta trasladação ſe faz em Braga á vinte & dous de Maio.

CAPITVLO LXXVI.

De Sam Felix & outros martyres de Nicomedia.

NO moesteiro de Chellas junto a Lisboa stà o corpo do benauenturado Sam Felix juntamente com as reliquias de Sancto Adrião & seus companheiros que padeceram em Nicomedia, & de sancta Natalia sua molher que per diuina dispoſiçam foraõ trazidos a Lisboa em huma barca que apportou no lugar onde stá situado o dito moesteiro ao qual (segundo antiga tradiçam chegaua a maré) que deuia ser pelo valle de Enxobregas acima: o que se confirma polos sinaes que a terra mostra: que do rio ate o dito moesteiro se vem hoje em dia muitas casas de marisco metidas pela mesma terra, como se ve em muitas partes onde jà foi mar: porque como os elementos stão em huma continua alteração, muitas vezes a terra toma do mar, & o mar toma da terra. A festa destes martyres celebrão as Religiosas daquelle conuento ao primeiro dia de Agosto.

CA-

CAPITVLO LXXVII.

De Sancta Aucta martyr.

NA meſma cidade de Lisboa & no moeſteiro da Madre de Deos mui celebrado por a ſanctidade & encerramento de ſuas religioſas, ſtà o corpo da benauenturada Sancta Aucta, huma das onze mil virgens companheiras de Sancta Vrſula ſua capitoa que aa petição da Rainha Dona Lianor molher del-Rei Dom Ioão o II. mandou da cidade de Colonia a eſte reino o Emperador Maximiliano primeiro ſeu primo com irmão em huma nao mui ricamente ornada & acompanhada. A qual Sancta ſendo tirada da nao com muſta ſolennidade pelo Arcebiſpo de Lisboa & cabido foi leuada ao dicto moeſteiro onde a Rainha & o principe Dom Ioão ſeu ſobrinho a ſtauam eſperando : o que foi a xvij. de Septembro de 1517.

CAPITVLO LXXVIII.

Da Rainha Sancta Iſabel de Portugal.

A Rainha Sancta Iſabel molher deiRei Dom Dinis poderamos com razam collocar entre os Sanctos naturaes noſſos, pois foi Rainha noſſa & caſada com Rei noſſo: os quaes

per direito diuino & humano faziam ambos huma só peſſoa, pois como Deos ordenou eram dous em huma carne. Mas para que queixandonos de homẽs de outras nações, que nos vſurpão noſſos Sanctos mal, & indiuidamente, nam nos dem em roſto que nos fazemos o meſmo, demos a propriedade deſta Sancta a Aragão, contentandonos com o vſo fructo de a termos neſta terra, & com as merces que Deos per ella fez a eſte reino & cada dia lhe faz. Porque moſtrando eſta Sancta Princeſa as flores de ſuas virtudes em Aragão ſua patria de idade de doze annos em que a eſte reino veo, nos deu creſcendo em idade o grande fructo dellas ate o fim. Della ſe rezam as horas canonicas por todo eſte reino que os Sanctos Padres concederão aa inſtancia dos Reis paſſados. Porque elRei Dom Philippe que ſtá em gloria neſtes derradeiros tempos ſeus trabalhaua de ſe effeituar ſua canonização, ſobre que eram feitas muitas diligencias, que eſperamos elRei noſſo ſenhor acabará. De ſua vida & milagres ſtá ſcripto tanto em ſua lenda & nas Chronicas de Sam Franciſco cujo habito trazia deſpois de viuua, que por não trasladar o que eſtá dicto por outros, o deixo de lembrar.

CA-

CAPITVLO LXXIX.

De Sam Martinho Arcebiſpo de Braga.

TEndo Aiax Apoſtata natural de França empeçonhentada toda Heſpanha com a falſa doctrina da ſecta Arriana, & ſendo Rei dos Suenos que gouernauam a prouincia de Galliza, Theodeniro, veo apportar a Galliza Martinho das partes de Hungria, o qual com ſuas muitas letras & ſanctidade & fauor daquelle Rei com que ganhou grande credito por hum milagre que fez em hum ſeu filho a que deu ſaude, extirpou aquella mà ſecta, & reduzio a elRei & aos pouos de Galliza aa verdadeira fé. E fazendo obras de grande Sancto prégando continuamente & edificando moeſteiros pela dita prouincia, edificou junto com a cidade de Braga pegado aos muros della hum moeſteiro no lugar que chamão, Dumio, do qual veo a ſer biſpo. E porque ſarà confuſaõ dizermos que hauia biſpo de hum moſteiro ſem diſtricto nem ouelhas, & em lugar tam conjuncto a Braga onde hauia arcebiſpo, deueis ſaber que elRei Miro dos Sueuos fazendo repartição dos diſtrictos dos biſpados, & achando que o de Dumio não tinha terra nem diſtricto & que o biſpo era paſtor ſem ouelhas, & lembrandolhe que os corteſaõs que na corte delRei andauão erão co-

como ouelhas perdidas sem dono, & não hauia quem de sua vida soubesse, os meteo aa jurisdição do Bispo de Dumio que podia seguir a corte licitamente, & não residir em Dumio onde naõ tinha que fazer. E assi ficaraõ os cortesaõs encarregados a elle e suas vidas e costumes para os reger: e assi ficou o bispo de Dumio com ouelhas, e as ouelhas perdidas da corte com pastor. Este docto e sancto varão se achou no concilio primeiro Bracarense sendo ainda Bispo de Dumio em que foi confutada e condennada a secta dos Priscilianos despois de Braga, e em outro concilio que se na mesma cidade fez, foi electo arcebispo no anno segundo do reinado del-Rei Ariamiro dos Sueuos. O qual nam somente com sua prêgaçam, e exemplo fez muito fructo na igreja de Deos, mas com sua doctrina e liuros de diuersas materias que deixou scriptos. Falleceo em tempo do Emperador Iustiniano & de Atanagildo Rei de Hespanha. Do corpo deste Sancto não sabiam os Bracarenses, ate que precedendo muitas deuaçoẽs & diligencias do Arcebispo Dom Agostinho de Castro se achou no anno de mil & quinhentos & nouenta & hum, na igreja de Dume que elle edificara. Celebrase sua festa a vinte de Março.

CA-

CAPITVLO LXXX.

De Sam Theotonio Prior de Sanct cruz de Coimbra.

SAm Theotonio foi natural de Tui cidade do reino de Galliza. Nos principios de ſua vida foi Prior da igreja maior de Viſeu por rogo do Biſpo de Coimbra que entam a regia, por ainda não ſer erigida em Biſpado deſpois da recuperação de Heſpanha. Mas querendo deſembaraçarſe daquelle cargo que tinha por mui peſado, ſe foi em romaria aa Ieruſalem deixando encomendada a igreja a hum Sacerdote: & ſendo tornado da peregrinação & rogado do Conde Dom Henrique & da Rainha Dona Tareja ſua molher que acceptaſſe o Biſpado que querião erigir, o não acceptou. E como quem piſaua a vaidade & acobiça (que ſaõ affectos mui violentos) era taõ liure & tam contrario a grangear Principes, que em nada que não foſſe couſa licita & honeſta lhes fazia a vontade: como foi que ſtando Dom Theotonio reueſtido para dizer miſſa, a Rainha Dona Tareja por alguma indeſpoſição ou occupação que teria lhe mandou rogar por hum pagem que não ſe detiueſſe muito em a dizer: ao que elle reſpondeo, que nos ceos hauia outra Rainha maior & melhor que ella, & outro Rei maior & melhor que

ſeu

seu marido: que a missa hauia de dizer per compaço deuido como elle costumaua. Este Sancto com doze monges do seu habito que era de Conego Regrante de Sancto Agostinho se meteo no moesteiro de Sancta Cruz, que era huma pequena casa que elle começou, ate que elRei Dom Afonso Henriquez fundou aquella grande & real casa em edificios & rendas & vassallos. Este Sancto por seruiço de Deos & exalçamento de sua fé & por defesa das terras dos Christãos tomou armas contra Mouros, de que houue muitas victorias: & ganhou terras delles com que enobreceo o seu moesteiro como se mais largamente vera na Chronica delRei Dom Afonso Henriquez, o qual foi tam affeiçoado a este Sancto & deuoto varão, que nenhuma cousa das que emprendia, fazia sem seu conselho & parecer, por o que suas cousas lhe succedião aa sua vontade. Foi a sanctidade de Saõ Theotonio mui celebrada per outras terras: & em final de amizade lhe mandou o benauenturado Sam Bernardo hum bordão em que se arrimasse, por ser velho. Viueo oitenta annos, dos quaes os trinta foi Prior de Sancta Cruz, fazendo Deos por elle muitos milagres. Seu corpo stá no mesmo moesteiro de Sancta Cruz na casa do capitulo em huma particular capella sua dentro do altar que lhe fica por sepultura. Sua festa se celebra a dezoito de Feuereiro.

CA-

CAPITVLO LXXXI.

De Sam Fructuoſo Arcebiſpo de Braga.

SAm Fructuoſo foi filho de hum homem illuſtre e do ſangue dos Reis Godos. Sendo ainda mui moço era tam affeiçoado a couſas de religião, que indo elle com ſeu pai a huma herdade ſua que tinha no Verço (terra mui nomeada no reino de Leão entre Aſtorga & Ponferrada) vendo huns campos que parecião que eraõ mui geitoſos para ſe nelles edificar hum moeſteiro, tomou na vontade de o fazer, ſe vieſſe a tempo que fazelo podeſſe. E aſſi aconteceo, que vindo a fallecer ſeu pai por cuja morte ficou mui rico, fundou no meſmo lugar o celebrado moeſteiro de Compluto: o qual foi mui conhecido por os muitos religioſos que teue Sanctos, & por ſua riqueza & ſitio. E não ſomente edificou eſte mas outros muitos por toda Heſpanha, dos quaes forão dous na Andaluzia, hum na Ilha de Caliz ou Gadiz, & outro hi perto na terra firme. Polo que era tanto o numero dos religioſos que a elle concorria, que ſe eſcondeo pelos deſertos. Donde ſendo trazido com importunidade & lagrimas veo a ſeu moeſteiro, donde mandou edificar outros: & repartio por elles aquelles religioſos que buſcauaõ ſua companhia: os quaes hi fazião tal vi-

vida aa imitação de tal meſtre, que os vinhão buſcar para Biſpos das igrejas de Heſpanha que vagauão. E o Sancto varão Fructuoſo foi feito Biſpo da igreja de Dumio de que ja fallamos, & deſpois Arcebiſpo de Braga em lugar de Pontamio (que per confiſſaõ que fez de ſi de hum peccado de confualidade alargou o Arcebiſpado de Braga) em o qual S. Fructuoſo acabou fazendo muito ſeruiço a Deos & grande fructo a ſua igreja, obrando Deos por elle muitos milagres, veo a fallecer ſendolhe reuelada ſua morte: & enterrarano em hum moeſteiro que ſe chama, Saõ Fructuoſo, vizinho da igreja de Dumio junto com Braga: & dahi foi trasladado ſeu corpo aa igreja de Sanctiago de Compoſtella per o Arcebiſpo da meſma cidade Dom Diogo no anno de 1102. onde ſe rem em muita veneração. Na ſepultura antiga em que jazia ſó ficou hum oſſo ſeu & hum pedaço do paillo com que o enterraram. Hoje rezão delle as igrejas de Sanctiago, e de Braga. Sua feſta ſe celebra a 16. de Abril.

CAPITVLO LXXXII.

De Sam Giraldo Arcebiſpo de Braga.

SAm Giraldo foi de nação Frances da cidade de Cahors, em geração nobre, & mais nobre pelas virtudes de que foi dotado.

Seu

Seu pai & mãi antes de elle naſcer, prometterão a Deos de lhe offerecer o primeiro filho que lhe deſſe. E como foi baptizado o leuaram ante o altar de Sam Pedro do moeſteiro do Moſaico da ordem de Sam Bento, onde creſceo tanto em virtudes, & em ſabedoria, que a elle lhe encarregaram ſempre as maiores viſitaçoẽs dos outros religioſos & de outros moeſteiros da provincia de Cahors & de Toloſa. E vindo para o meſmo a Heſpanha a tempo que fallecera Pedro Arcebiſpo de Braga que então era, o elegerão por ſeu Arcebiſpo os Bracarenſes. Mas porque os Biſpos ſeus ſubditos o não querião reconhecer por andarem leuantados deſdo tempo que os Mouros deſtruirão Heſpanha, ſe foi aa Roma queixar ao Papa Paſcual que o recebeo com muita honra & reuerencia, & lhe deu o Pallio & a jurdiçam que ſeus anteceſſotes tinhão, mandando ſobre iſſo aa cidade de Palencia hum Cardeal que o meteo de poſſe. Feito Arcebiſpo ainda que nos coſtumes era manſuetiſſimo & benigno, era tam ſeuero caſtigador de vicios que a ninguem por grande que foſſe perdoaua. Pelo que a hum Dom Egas, principal peſſoa deſte reino & que ante o Conde Dom Henrique & a Rainha Dona Tareja tinha grande lugar, porque eſtaua em hum peccado de inceſto, o excommungou & publicou & mandou que o lançaſſem fora da igreja. O que ſofrendo mal Dom Egas & confia-

fiado na muita valia que com aquelles Principes tinha & por seu muito poder se foi ao Sancto Arcebispo, & sobre muito feas & injuriosas palauras que lhe dixe, tentou de se enuiar a elle para o maltratar. No qual acto que tentaua, cahio no chão, & foi atormendo pelo demonio de maneira, que o tirarão arastrando da igreja, sem o Sancto deixar de dizer a missa com muita quietaçam sua, & tanta do pouo, como se aquelle caso não acontecera. Acabada a missa sendo rogado pelo Conde Dom Henrique & pela Rainha Dona Tareja acompanhados de todos os grandes do reino (que eram chamados a cortes a Guimaraens onde este caso aconteceo) foi ter a onde Dom Egas jazia como morto & em virtude do Spirito Sancto lhe afugentou o Demonio. Pelo que Dom Egas se lhe veo lançar aos pés com grande contrição do peccado que commettera, & se tirou do incesto em que staua enlaçado. Tendo Deos feito por este seu Sancto muitos milagres, hauendo muitos annos que era Arcebispo, & sendo cortado de muitos jejuns & abstinencias, stando visitando hum lugar que chamam, Bornes, em terra de Barroso, falleceo. Sua festa se celebra a cinquo de Dezembro.

CA-

CAPITVLO LXXXIII.

Do Infante Dom Fernando que morreo captiuo.

O Infante Dom Fernando foi filho delRei Dom Ioão I. de Portugal & da Rainha Dona Philippa, filha do Duque Ioão de Lancastre & irmãa delRei Henrique V. de Inglaterra: & como seu pai foi hum Principe assinalado em virtudes & sua mãi de grandes perfeiçoẽs & sanctidade, assi foi a criaçaõ deste Infante junta a sua boa natureza que desde sua tenra idade foi inclinado a todo genero de virtude, & que logo deu mostras de se criar nelle hum grande Sancto. Porque desde a idade de quatorze annos todo seu cuidado empregou em seruir a Deos, rezar as horas canonicas com hum Religioso, jejuar muitos dias do anno a que a igreja não obriga, de que muitos eram a pão & agoa. Sua casa nos costumes & boa criança dos seus criados era hum Conuento de religiaõ, & huma schola em que se aprendiam virtudes & se exercitauão. O tempo & dinheiro que os principes mancebos costumão gastar em dilicias de casas & chocarreiros & outros vsos pouco honestos, gastaua elle em ter sua capella bem ornada & concertada em tudo, de vestimentas & vasos de prata, tapeçaria, & cantores,

res, como se fora huma See Cathedral. Tinha dos Summos Pontifices muitas graças para na mesma sua capella se baptizar, confessar & dar a comunhão & a santa vnção: & que todo que o seruisse sete annos morrendo em sua casa fosse absoluto de culpa & pena no artigo da morte.

Estando nesta quietação, o Infante Dom Henrique seu irmão que era homem cobiçoso de honra & desejaua passar a Africa, persuadio a seu irmão o Infante Dom Fernando que o ajudasse nesta pretensaõ, & requeresse com grande instancia a elRei o deixasse ir a Inglaterra a casa delRei seu tio a ganhar honra pelas armas como ja seus irmãos tinham ganhado: ou ordenasse com que fosse cercar Tangere. E assi foi requerido a elRei por sua parte com tam grande vehemencia, que elRei lho veo conceder: & fez huma armada em que mandou os Infantes Dom Henrique & Dom Fernando seus irmãos a Africa com quatro mil homẽs de cauallo, & dez mil de pé: & poseram cerco aa cidade de Tangere. Na qual hauendo muitos mil homẽs de cauallo para a poderem defender, os vieram soccorer os Reis de Fez & Tafilote com nouenta mil homẽs de cauallo & numero sem conto de gente de pê. E o que neste cerco passou he notorio per muitas historias.

E como os Christãos se virão em tanto aperto para se saluarem da morte de que não po-

podião escapar, vieram a partido, que os Mouros deixassem ir aos Christãos, com tanto que elRei de Portugal lhes alargasse a cidade de Septa que lhes tinham tomado, & lhes dessem para isso arrefeens. Entre o Infante Dom Henrique & os Capitaens Portugueses foi assentado que o Infante Dom Fernando se entregasse aos Mouros em penhor ate a entrega de Septa.

E sabendo elle o perigo em que se metia fiandose de Mouros tam imigos & tam asanhados como quem tambem consentira dar ainda a vida por liuramento de seus companheiros que o vieram seruir, elle se offereceo a se dar em arrefeens, & foi entregue a Cala Bem Cala que fora senhor de Septa com certos seruidores que elle escolheo para o seruirem & acompanharem, que só foram noue conuem a saber hum confessor, hum capellão, hum secretario, hum camareiro, hum aposentador, hum Physico, hum guarda reposte, & hum cozinheiro com hum homem de forno. Cala Bem Cala o leuou a Fez com tal apparato que o Infante entendeo bem o tractamento que ao diante hauia de receber. A besta em que o fez caualgar foi em hum sendeiro magro & desferrado com huma sella velha & rota de arçoẽs despregados & freo atado com tamiças: & por escarnio lhe meteram huma vara na mão para o tanger, sem aquella vil gente ter respecto que era filho de hum

hum Rei & de huma Rainha, & que elles o nam captiuaram, mas que elle eſpontaneamente ſe meteo em ſuas mãos por ſua pura bondade para remedio de ſeus naturaes que o ſeruirão.

Aſſi foi o Infante caminho de Fez no qual a cada pouoação que chegauão fazião no ſaber primeiro, & ſahião a recebelos com grandes vituperios, cuſpindolhes nos roſtros, & apedrejandoos: & aſſi paſſauam ate chegar aa caſa onde hauiaõ de pouſar, onde a cama que lhes dauão, era o chão, (porque nam querião os Mouros que o Infante ſe aſſentaſſe em ſuas eſteiras, nem que comeſſe em ſeus vaſos) que de tudo os lançauão como homẽs immundos & excomungados: & quebrauão as eſcudellas & vaſos em que metiam as mãos. O que tudo aquelle Principe ſofria com muita paciencia como ſe a elle ſe nam fizeſſe. Quando chegaram a Fez, os Mouros detiueram ao Infante ate ſair toda a gente da cidade que com pregoẽs fora chamada para maior afronta daquelle Principe: & aſſi como em triumpho o leuaram naquelle mal ornado caualo, & os ſeus a pê: os quaes por verem tam innumerauel pouo junto, de tam eſtranhos & differentes trajos da gente de Europa & cores de roſtros e lingoa, hião como attonitos, & muito mais por os alaridos & gritarias que fazião, que lhes impedia paſſarem, ſe nam fora o rigor dos guardas que

afaſ-

afaſtauão a gente. Chegando ao paço foram entregues a Lazaraque o mais cruel Mouro que o Mundo tinha, o qual ſendo homem baxo & de vijs coſtumes por ſua aſtucia e tyrannias ſe veo apoderar do reino & o ter opprimido, & ao Rei moço como captiuo, com quem caſou huma filha que tinha. Quando elle vio que de Portugal não hia reſolução ſobre a entrega de Septa aos quatro meſes de ſua chegada, começou dar cruel tractamento ao Infante & aos ſeus, & ſobre a eſtreita priſaõ em que o tinha vexado de fome e ſede o fez carregar de ferros como captiuo, & o mandou alimpar ſeus cauallos & varrer as eſtribarias, & hora cauar na ſua horta: do que aquelle delicado Principe trazia as máos cheas de chagas & ampolas, que em outro tempo ſoião a ſer beijadas de muitos nobres. E para lhe tirar toda a conſolação o apartaua dos ſeus o que elle ſentia mais que tudo: porque elles o conſolauam a elle, e a elles ſo os tinha para ſe queixar & dezabafar: & elle conſolaua aquelles boõs ſeruidores cujos trabalhos ſentia mais que os ſeus, porque por o ſeruirem & acompanharem, deixaram a vida liure que tinham & ſe meteram em tam duro captiueiro. E tantos eram os modos que aquelle tyranno buſcaua para vexar aquelle Principe, que ſobre lhe mandar roubar o fato que conſigo trouxera & as peças & guiſamentos de ſua capella, o deſpirão em camiſa para o

buſcarem ſe tinha alguma couſa. E achandolhe no gibão duzentas moedas de ouro lhas tomarão: & aſſi roubaram a hum mercador Genoues que lhe daua dinheiro & o neceſſario per recado que tinha de Portugal, para que lho nam podeſſe dar ainda que quiſeſſe.

Paſſou o Infante & paſſaram os ſeus vexaçoẽs & fomes & trabalhos infinitos ate que chegandoſe o tempo em que hauia de fazer ſeu fim, Lazaraque o mandou meter em huma caſinha ſuja & fedorenta (que era pertença das neceſſarias dos capados) a qual era tam eſtreita que a penas hum homem ſe podia reuoluer nella. Neſta caſinha ſuja & eſcura eſteue o Infante ſó ſem companhia eſpaço de quinze meſes que precederam ſua morte. A vida que paſſaua, era rezar todo o tempo com os geolhos ambos em terra, em que fez tam grandes callos como ſe fora hum camello: e alli eſteue ate que acabou a vida. Achandoſe mal de humas camaras que lhe deram & lhe cauſaram grande fraqueza, ſabendoo Lazaraque mandou aos porteiros que lhe deixaſſem ver o confeſſor, & com elle hum dos ſeus que lhe trouxeſſe o comer que lhe elles fizeſſem, & elles ordenaram que foſſe o Phyſico ao qual dixe o Infante ſeu fim ſer chegado, & que em quanto duraſſe lhe não leuaſſe para comer carne aos dias de ſegundas & quartas feiras, & que lhe ſaudaſſe ſeus com-

pa-

panheiros, & lhes dixe que a saudade & cuidado que delles tinha lhe faria accelarar sua morte e ser mais penosa. Finalmente perseuerando mais a fraqueza aos cinquo dias do mes de Iunio do anno de 1443. em que mostraua querer expirar, estando presentes o confessor & o Physico que continuamente o visitauão, pos o confessor os olhos nelle & vio que do rostro lhe sahia grande claridade, e que o tinha muito risonho, & alegre, & os olhos abertos & cheos de lagrimas tendo as mãos leuantadas ao ceo: & lhe perguntou se dormia por tres vezes, & respondendo aa vltima que bem ouuia, não lho perguntou mais, cuidando que lhe não apprazia. O Sancto Infante esteue assi ar pela manhãa que os porteiros vierão abrir a porta: & logo chamou ao confessor só & lhe contou a reuelação que vira perque lhe fora reuelada sua morte & sua saluação. E assi passou aquelle dia ate sol posto: no qual tempo perguntandolhe o confessor como estaua, respondeo que se hia. Pelo que o confessor lhe dixe que dixesse a confissão geral que elle fez inteiramente per si.

E absoluto plenariamente expirou, hauendo seis annos que estaua captiuo. Sendo alta noite sabendo Lazaraque de sua morte não fez caso disso, mas não deixou de confessar que se o Infante fora Mouro como era Christão, fora Sancto, por tres cousas que

delle ſabia , huma era que nunqua mentio , a outra que mandandoo eſpreita muitas noites ſempre o acharam orando de geolhos , & a outra , que diziam todos delle que era virgem. E que os ſeus commetterão grande peccado em o deixarem aſſi morrer podendoo reſgatar. Sendo alta noite mandou Lazaraque que tiraſſem ao Infante daquella caſa & o leuaſſem aa maſmorra aonde vierão chamados todos os ſeus para lhe tirarem os ferros. Os quaes vendo morto ſeu ſenhor que tanto amauam , e do qual tam amados erão , & de quem dependia a ſperança de ſeu remedio , fizeram hum pranto nunqua viſto. Lançados de bruços em terra ſe ferião os roſtros , & dandoſe bofetadas , depenando as barbas & dizendo laſtimas que aos Algozes que os maltratauam , mouiam a lagrimas. E poſtrados de geolhos lhe tirarão os ferros beijandolhe os pès & as mãos. A figura do Infante era de hum homem viuo que tinha ſemelhança de Anjo. Finalmente Lazaraque mandou abrir o corpo do Infante & tirarlhe os inteſtinos & penduralo das ameas do muro nu com as pernas para cima & a cabeça para baxo por eſcarnio. A eſte ſpectaculo veo toda a gente da cidade que lhe dizia muitas injurias & doeſtos cuſpindo para elle , & dizendo huns a outros : vedes alli o Rei de Portugal que vinha a tomarnos noſſas terras & leuarnos captiuos. Não contente com iſto Lazaraque fez com elRei

ſeu

ſeu genro que veſtido de feſta com ſua corte indo aa meſquita paſſaſſe por o lugar onde o Infante eſtaua para maior vingança de todos. E logo acabado de comer tornou el-Rei com ſeus corteſaõs a caualgar, & jugou as cannas no meſmo lugar, & ate a noite durou a feſta. Paſſados quatro dias que o corpo alli eſteue pendurado aa vergonha, o mandou Lazaraque meter em hum ataude de madeira & com humas eſtacas aſſentalo naquelle meſmo lugar onde eſteue ate o anno de mil & quatrocentos & ſetenta & hum em que el-Rei Dom Afonſo V. ſeu ſobrinho tomou Arzilla & Tangere & captiuou a molher & filhos de Molei Xeque ſenhor de Arzilla: que deſpois foi Rei de Fez, por cujo reſgate o meſmo Rei a pedimento de ſeu parente Molei Xeque deu o corpo do Infante: o qual vindo a eſte reino foi com grande pompa como de hum tam grande Sancto & filho de ſeu Rei recebido em Lisboa & dahi leuado ao moeſteiro da Batalha da ordem de S. Domingos onde ſeu pai & mãi & ſeus irmão eſtão: como largamente fazemos menção na Chronica delRei Dom Afonſo o V. Os milagres que Deos por eſte Sancto fez aſſi em Fez, como em Portugal, ſe podem ver em os commentarios de ſua vida que hum religioſo do moeſteiro eſcreueo, acreſcentando & authorizando o que ja eſtaua eſcrito pelo ſecretario do meſmo Infante, que nos trabalhos & captiueiro lhe foi companheiro.

CA-

CAPITVLO LXXXIIII.

Da grande religião & zelo do culto diuino que tem os Portugueſes.

O Grande zelo que os Portugueſes tem do culto diuino & da honra de Deos & de ſeus Sanctos couſa he muito ſabida entre todas as nações. Teſtimunhas ſam diſtò o grande numero de igrejas & moeſteiros de todas ordens & caſas de oração que ha neſte reino. A grande policia & admirauel limpeza com que os diuinos officios ſe celebrão: a notaria riqueza de ornamentos de veſtes & vaſos ſagrados que ſe vem pelos templos: a muita reuerencia & pompa com que o Sanctiſſimo Sacramento ſe leua aos enfermos, & a continua ſolennidade com que todos os meſes do anno ſe celebra em todas igrejas, e a muita veneraçam & alegria com que ſe feſtejão as feſtas de Deos & dos Sanctos. Porque ſendo os Portugueſes gente melancholica & por iſſo ſeuera & pouco dada a feſtas profanas, todo o anno ſe ouuem cantares, tangeres, & danças nas feſtas dos Sanctos. Teſtimunho dão tambem as muitas confrarias, que em todas as igrejas ha, que quaſi não ha Sancto de que não haja alguma, & de hum meſmo Sancto muitas em hum meſmo pouo. Mas de todas as confrarias que no reino

ha

ha a que parece que foi mais inſpirada por Deos he a da Miſericordia a qual hum Religioſo da ordem da Sanctiſſima Trindade confeſſor da Rainha Dona Lianor perſuadio aa meſma Rainha & a elRei Dom Manuel ſeu irmão, que ordenaſſem, de que aquelle bom Religioſo foi author e executor: antre as quaes a de Lisboa (cabeça & mãi de todas as mais que ha no reino) lançou tantas filhas pelos ſtados & ſenhorios de Portugal no Occidente & no Oriente: per cujos miniſtros ſe caſaõ muitas orfaãs, ſe ſuſtentão muitas viuuas, ſe reſgatão muitos captiuos, ſe crião muitos engeitados, ſe curão muitos enfermos, ſe mantem & poem em liuramento muitos preſos pobres & ſe enterrão todos os defunctos. E parece que como eſta ordem foi inſtituida pelo meſmo Deos das miſericordias, eſſe meſmo Deos quis que a confraria da miſericordia que foi inſtituida por hum Religioſo daquella ordem produziſſe tantos & tam bons fructos. Muita moſtra dá da deuação & religião Portugueſes a muita continuação & frequentação das confiſſoẽs & comunhão que ſe ve pelas feſtas & fora dellas em tempos que não ſaõ da obrigação da igreja por ſingular deuação de cada hum, & a muita continuação de ouuir prégações em todos tempos do anno, & a diligencia dos que ſemeão a palaura de Deos por aproueitarem ao proximo, que ate pelas praças & lugares profanos de

Lis-

Lisboa (que he cabeça & metropoli de Portugal, que per si sò faz hum reino) insignes & grandes letrados de que agora os Padres da companhia tem tomada esta santa empreitada, andão prégando todos os dias aos moços perdidos & patifes que a ella como a mata grande vem parar de todo o reino: dos quaes muitos que andauão no nouiciado de ladroẽs & corta bolças & alguns ja com gazuhas nas aljabeiras para roubar casas, se conuertem, & se lhes achãos nas mesmas aljabeiras rozarios & contas para rezar Aue Marias. E não he para esquecer, as muitas e grandes offertas de joias & cousas ricas que os Portugueses por suas deuaçoẽs ou votos offerecem aas igrejas não somente do reino, mas ainda aas de fora delle. Porque como os Portugueses mais que outras naçoẽs nauegão, & tem guerra com muitas gentes infieis perque se vem cada dia em perigos de morte, naufragios & captiueiros, ou por victorias que houuerão, se obrigão com votos de offertas & peregrinaçoẽs que fazem a Deos & aos Sanctos que tomão por valedores: os quaes despois cumprem como se vio em elRei Dom Manuel mandando dar obediencia ao Papa Leão X. para a igreja do apostolo S. Pedro como primicias das terras que conquistou no Oriente, mandou o mais rico presente que nenhum Emperador nem Rei mandou aaquella santa igreja, que foi hum Pontifical con-

uem

uem a saber, as vestes sacerdotaes do Pontifice, & assistentes & pannos do altar, de panno de ouro de martello, cuberto todo de riquissima pedraria de muitas sortes & cores em a qual hauia muitas romãas abertas, cujos bagos eram finissimos rubijs, cujo resplandor cegaua os olhos de quem os via, todas as flores de diuersas cores de que aquellas peças eram semeadas, eram riquissimas perolas, rubijs, ametistas, & esmeraldas, diamantes, & outras pedras que representauão as cores que querião. A fora estas peças entrauão no presente aneis, bago, mitra, Cruzes, calices, & thuribulo de ouro cuberto de admiraual pedraria, & com isto, muitas moedas de ouro de quinhentos cruzados cada huma, dos cunhos de Portugal que parecião grandes maçaẽs, que dizem ser tudo avaliado em seiscentos mil cruzados.

No moesteiro de Guadalupe em Castella se mostrão aos peregrinos entre as peças ricas que tem, huma porta paz de fino ouro de peso de seiscentos cruzados com muitas pedras preciosas que elRei Dom Afonso V. de Portugal hindo a nossa Senhora em romaria lhe offereceo, escapando de huma grande doença em que se a ella encomendou. E assi se mostra hum colar de ouro de quinhentos cruzados ornado de rica pedraria que Afonso de Albuquerque Gouernador da India mandou a nossa Senhora com outros quinhentos cru-

cruzados em dinheiro, & huma grande alampada de prata. Tambem se mostra hum caliz de peso de dozo marcos de ouro de espantoso feitio (que muitas vezes excede à materia) o qual Nuno da Cunha Gouernador da mesma India mandou a nossa Senhora.

Na igreja de Sanctiago de Galliza se ve a maior alampada de prata que nella arde que elRei Dom Manuel offereceo, cujo perpetuo lume se sustenta com renda que elRei mandou comprar. Isto he tambem em outros templos do reino e fora delle, aonde a deuação leuou a cada hum. Finalmente o mais euidente argumento da religião & constancia na fé dos Portugueses, he, que andando as heregias de Luthero & de outros taes semeadas em tantas prouincias sendo Portugal estendido ao longo do mar Oceano aonde tantos estrangeiros vem por causa do comercio, como tambem os Portugueses vão a outras terras que daquelle mal estão iscadas, sempre Portugal pola misericordia de Deos se conseruou sem se inficionar de algum mao contagio, perseuerando sempre na pureza da fé Catholica.

CA-

CAPITVLO LXXXV.

Da lealdade dos Portugueſes.

HE tam notoria ao mundo a lealdade que os Portugueſes de ſua natureza ſempre tiuerão a ſeus Reis, que não tratarei ſobre iſſo mais que alguns poucos exemplos para por elles entenderem o mais. E para não começar deſdo tempo dos Romanos onde a Viriato e Quinto Sertorio Romano que tiuerão por capitães ſeruirão com notauel eſforço & lealdade que os ſeus Romanos lhe não guardarão, e a Viriato ſeu natural a que os meſmos Romanos que elle ſempre venceo & desbaratou, vierão matar a traição, diremos o que he mais vizinho & que ao mundo todo he notorio. No tempo em que elRei Dom Sancho o primeiro deſte nome em Portugal reinaua em que os Portugueſes padecião grande oppreſſaõ & males pela puſillanimidade & floxidão daquelle Rei que viuia ao arbitrio alheo (como fazem os que não tem conſelho proprio nem juizo para diſcernir o mal do bem) & perſuação de ſeus maos conſelheiros que fazião & desfazião tudo o que querião abſolutamente ſem hauer quem lhes foſſe aa mão, tirando hum ou dous que ſe queixauão dos aggrauos que recebião todos os mais do reino em lugar de pedirem ao Papa

lhes

lhes deſſe remedio & os proueſſe de outro gouernador, não conſentião em o Infante Dom Afonſo Conde de Bolonha filho de ſeu Rei & irmão do meſmo Dom Sancho & ſeu forçado ſucceſſor do reino, ſendolhes dado pelo Papa no Concilio de Lião por Régente: nem o houuerão alguma hora de conſentir ſe não forão as muitas cenſuras & excomunhoẽs que lhes forão impoſtas pelo Sancto Padre: mas ate a morte houuerão de perſeuerar em ſua conſtancia ou contumacia, por não ſe afaſtarem da obediencia do Rei a que huma vez conhecerão por ſenhor, ſendo homem tam inhabil & inſenſiuel, que ſendo Rei para reger aos outros, ſe deixaua reger de hum de ſeus vaſſallos, & de alguns ſendo cercados pelo meſmo Conde de Bolonha que chegarão aa morte per fome & ſede, como foram Dom Martim de Freitas Alcaide mór do caſtello de Coimbra, & Fernão Rodriguez Pacheco ſenhor de Celourico.

Outra tal moſtra de ſua lealdade derão quando o Miramolim de Marroccos com outros Reis Mouros com tantas gentes de pê e de cauallo que ſe não podião contar vierão a poer cerco ſobre as Aljeziras para o que el-Rei Dom Afonſo II. de Caſtella veo pedir ſoccorro a elRei Dom Afonſo o IIII. de Portugal ſeu tio & ſogro, eſtando os Portugueſes mui eſcandalizados do dito Rei de Caſtella por a ſem razão que contra ſeu ſogro vſa-

ra

ra no mao tratamento que a Rainha ſua molher fazia por amor de Lianor Nunez de Guzmão ſua manceba, & por a injuſta guerra que a Portugal punha. Mas indo elRei ao ſocorro contra vontade de todos ſeus pouos, como o virão partido pela poſta o ſeguirão com muita preſteza muitas mais gentes das que podera ajuntar ſe pregoara ſoldo: ſó com lhes elRei deixar dito que confiado hia nelles: porque os bons Portugueſes nunqua ſe negarão para acompanhar a ſeu Rei nos perigos. Na qual jornada elRei de Caſtella desbaratou a elRei de Marrocos, & o de Portugal ao de Granada que trazia grande poder de gente da ſua Granadil & da dos Mouros Africanos: que foi huma das maiores victorias que ſe houuerão em Heſpanha, por a muita gente que ſe ajuntou dos Mouros, e por a muita que delles morreo.

Outro exemplo de ſua lealdade notorio ao mundo todo derão neſtes proximos annos, mas com deſigual ſucceſſo na jornada que elRei Dom Sebaſtião fez a Africa em ajuda do Xeriffe Molei Hamed o qual pretendeo reſtituir a ſeu reino que lhe tinha vſurpado ſeu tio Molei Abdel Melec, contra conſelelho dos ſeus mais prudentes conſelheiros & bons ſeruidores, & contra o parecer delRei Dom Philippe ſeu tio que ſtá em gloria Principe prudentiſſimo, mouido ſó de ſeu appetite & de alguns particulares que lhe não reſiſtirão, nem ou-

ouſarão. Porque nenhum homem houue no reino que tiueſſe idade, & diſpoſição & muitos ſem ella que o não ſeguiſſem, parecendolhes que faziam traição verem ir ſeu Rei ao perigo & não lhe ſerem companheiros nelle. E quanto mais certo eſtaua o perigo porque ſabiam todos que hião a morrer & ſobmetterſe a hum duro captiueiro. Porque queria aquelle mal aconſelhado Principe tirar de ſeu throno hum Rei de tantas gentes imigos de noſſa fê : que por ſer guerra contra Chriſtãos & defenderem ſua terra ſe ajuntou a mouriſma de toda Africa conuocada de ſeus Alfaquijs, como ſe vieram a jubileu a ſaluar as almas.

E para nam gaſtarmos tempo em contar a lealdade de Portugueſes (que he ſeu humor natural em que nunqua houue falta) ſó lemrarei huma couſa em que mais euidentemente ſe ve o amor & a reuerencia que tem a ſeu Rei. Porque ſendo tão remoto de Portugal o eſtado da India, que ſe pode dizer que eſtá em outro mundo, pois he debaxo de outro ceo & de outras ſtrellas & diſtante tantas mil legoas nunqua houue Viſorei, Gouernador nem Capitaõ de fortaleza ou nao, que em deſobediencia delRei ſe leuantaſſe, nem deſſe ſinal de lhe vir per penſamento de ſeruiło : hauendo algumas vezes entre os Capitaens duuidas e debates ſobre a ſucceſſaõ do gouerno, cuidando cada hum que per direito

lhe

lhe pertencia. Mas antes em nenhuma parte os Reis de Portugal saõ mais venerados & seruidos dos seus Viſoreis & Capitaens & de toda a outra gente, que na India. O que he grande exemplo para os Reis & Potentados daquelle Oriente perſeuerarem tanto em ſua obediencia & ſubjeição.

E por couſa mui eſtranha ſe conta nas hiſtorias da India que no tempo que gouernaua Diogo Lopez de Siqueira, hum fidalgo Caſtelhano por nome, Dom Luis de Guzmão que elRei Dom Manuel fez Capitão de hum galeão, ſe leuantou com elle no caminho ſem ir aa India: & deſpois de muitas crueldades que fez aos officiaes do galeão & paſſageiros, ſe acolheo com elle a Seuilha onde pagou a pena de ſua pouca fè. Baſta que entre Portugueſes nunqua em tempo algum ſe leuantou Tyranno contra ſeu Rei, nem vindo de outra parte o recolherão.

Iſto ſomente diremos aſſi em geral por abbreuiar: porque ſe vieramos a contar feitos de homẽs que ſe neſta virtude aſſinalarão em particular, fora fazer grande volume que he o que nos fugimos (poſto que fora hiſtoria mui varia e appraziuel) o que poderão ver no noſſo liuro dos varões illuſtres como ſahir a luz.

CA-

CAPITVLO LXXXVI.

Das moradias que os Reis de Portugal dão a seus criados & como tambem as dão aos filhos.

REcontando a lealdade dos Portugueſes para ſeus Reis he juſto que digamos do amor & benignidade dos Reis para ſeus vaſſallos & criados, & a obrigação em que na morte & na vida lhes moſtrão eſtar, que não he outra ſenão de pai a filhos. Polo que não he de eſpantarſe os Reis deſte reino muitas vezes com pouca gente leuarão ao cabo empreſas grandes & glorioſas que outros com grandes exercitos não poderão acabar. Porque os Portugueſes ſeruem com amor de filhos a ſeu Rei, & como taes ſaõ tratados delles.

Primeiramente o coſtume dos Reis de Portugal he não ſomente dar ſuſtentação a ſeus criados, mas de lhe tomarem por criados os filhos que tem, como vem a idade de doze annos ſuccedendo a ſeus pais no foro em que em ſua caſa eſtão, e lhes dão a moradia que ſeus pais vencem: & ha para iſſo liuro de matricula em que todos ſe aſſentão para ſe ſaber quando o filho vence o que tinha ſeu pai: & o que ſe dá, he certa couſa por mes

que

que se paga aos quarteis do anno: isto chamão moradias, porque os criados delRei sam moradores de sua casa. De maneira que todo o homem fidalgo do reino tem moradia se anda na corte & com elle, seus filhos, vindo a idade para a venecerem, & os bastardos com alguma diminuição. A mesma maneira se tem com os moços da camara & caualleiros que elRei toma em lugar de seus pais.

Estas moradias não saõ todas iguaes ainda que o titulo do foro seja igual, porque huns fidalgos tem mais moradia que outros ainda que sejão fidalgos, & a razão que he nos tempos antigos a todos os moradores da casa delRei se daua mesa no paço ou não querendo no paço comer lhes dauão ração para comerem em suas casas de paõ, vinho, carne, pescado, potagens & fructas. E hauia hum liuro em que se assentauão que se chamaua da cozinha o qual de pouco tempo para quâ se chamou da matricula nelle se escreuia toda a despesa que se fazia & as pessoas a que se daua a moradia: & como as raçoẽs não eram iguaes, porque aos que erão de grande sangue lhes dauão mais iguarias & auantajadas na quantidade & na qualidade segundo cada hum era: despois porque alguns não querião comer o pasto que lhes dauão ou querião outras cousas, & por o trabalho que era apascentar tanta gente vieráose estas raçoẽs dar a dinheiro estimandoas segundo as pessoas

erão. E segundo o comer que se lhes daua, & a vantagem que cada hum tinha em casa delRei no comer per sua pessoa & de seus pais & auoos, assi era a moradia de dinheiro.

E por quanto huma das differenças per que se conhecia a qualidade de cada hum e o lugar que tinha na casa real, era a quantia da moradia, quando os homẽs faziam algum grande seruiço a elRei pedião que lhes acrescentasse alguma cousa na moradia de cada mes, por ser cousa que ficaua aos descendentes & perque se differençauão dos outros do mesmo foro. Polo que os Reis com difficultade o acrescentauão por não diminuirem as fidalguias dos maiores igualandolhes outros de menor condição, senão por grande causa, ainda que o acrescentamento fosse de mui pequena cousa.

Isto era nam somente no foro de fidalgos, mas no de escudeiros & caualleiros: que huns tinham quatro de moradia por mes, & outros quatro & meo, cujo acrescentamento os homẽs estimão muito: porque per hi pesaõ as preeminencias das linhagẽs & porque lhes ficão como heranças para seus filhos. E não somente nos homẽs mas ainda nas molheres que andauão no paço se tinha esta ordem & respecto. Outra benignidade vsauão os Reis com os criados que os seruião, que quando casauão lhes dauão casamentos assi a homẽs como a molheres, os quaes se re-

regulauão por as moradias grandes ou pequenas que tinhão se erão homẽs. E sendo molheres que andauam no paço pelas moradias de seus pais Irmãos ou tios.

Alem destes casamentos tinhão mais ; merces para corregimentos de suas pessoas assi homẽs como as molheres: os quaes corregimentos se dauão aos homẽs quando se acrescentauão de hum foro a outro conforme aa moradia & ao foro que tinhão : como os curiosos podem ver no liuro das ordenaçoẽs da fazenda delRei. Destes corregimentos hauia huns que se chamauão, esposouros , que se dauão aos homẽs quando casauão para se vestirem & ornarem suas pessoas. Estes casamentos despois delRei Dom Manuel para quá se tirarão , como se tirarão & diminuiram outras cousas muitas per inuenção de homẽs que se querião fazer zelosos do seruiço delRei & de sua fazenda, & de conselheiros que não tinham animos de Reis : como dizia elRei Dom Afonso de Napoles que hauião de ter os seus conselheiros , & nam os que acceptando alguitres de homẽs de animos baxos & mercantijs secão as fontes da liberalidade & magnificencia que conuem a authoridade da pessoa Real & que fazeremse liuros em que se assentem as merces que elRei faz, era menos decente que fazer outros em que se assentem os seruiços grandes que recebe como se le na Scriptura sagrada que se fazia no tempo del-

Rei Artaxerſes de Perſia, que por outro nome ſe chamaua, Aſſuero.

Outra benignidade era a muita charidade de que os Reis vſauão com as molheres & filhos de ſeus criados defunctos a que dauão os officios de ſeus pais, ſe erão ſufficientes para elles, e caſamentos & officios para dote das filhas: o que os Reis tinhão por tão obrigatorio, que tomauão mal virlhe alguem pedir os officios ou couſas que vagauam por morte de ſeus criados ſe tinhão filhos: como aconteceo a elRei Dom Ioão II. que vagando a alcaidaria mór de Caſtello de Vide, vindolha hum fidalgo principal pedir lhe fizeſſe merce della: reſpondeo: a merce que vos farei ſera aa guardaruos ſegredo & nam ſaber alguem que me pediſtes iſto: porque a hum homem que tem tantos filhos que me ſeruem com a lança na mão não ouſaria de lhe pedir o ſeu. Com iſto eram os Reis ſeruidos de coração, & de ſua caſa com poucos aſſombrauão os Reis do Oriente, & hauião tantas victorias dos imigos tomando com poucos homẽs o inexpunhauel Caſtello de Santarem em huma noite com a infinidade de Mouros que nelle cuidauão ſaluarſe, & tomauão Septa que era terror de Heſpanha em hum dia. Polo que com razão a Rainha Dona Iſabel a Catholica que era mui auiſada & varonil, eſtando em deſauença com elRei Dom Ioaõ II. dizendolhe hum grande do ſeu con-

conselho, que porque sofria tanto & não lhe fazia guerra ate lhe toma o reino, ella lhe perguntou que quantos de cauallo tinha ella em seus reinos, & quantos tinha elRei de Portugal (sabendo ella mui bem quantos tinha cada hum) & dizendolhe aquelle grande, que ella tinha dezaseis mil de cauallo, & elRei de Portugal não mais de sete ou oito mil, respondeolhe que faremos a isso, que os seus saõ filhos e os nossos saõ vassallos? Desta mesma benignidade de que os Reis vsauão com seus vassallos, vsão os nobres de Portugal com seus criados que algum tempo os seruirão. Porque alem das satisfaçoẽs que lhes dão quando os despedem, em todo o tempo os agasalhão & fauorecem, tendo necessidade de seu fauor, & lhes tomão os filhos por criados, & se encarregão delles & de suas molheres. De maneira que o criado que seruio a hum homem de qualidade cre que lhe fazia injuria em dar seus filhos aos de outra familia: & assi se honrão sempre de serem da criação de tal senhor. Polo que como aquelle vinculo de mutua obrigação nam se desfaz, saõ sempre mui leaes aos senhores com que viuerão, & morrem por elles quando cumpre na paz e na guerra, onde muitas vezes se acha o senhor morto & os seus juntos com elle. E por lei delRei Dom Fernando era defeso o criado que seruio ao senhor na paz acostarse a outro no tempo da guerra.

ta. Este vinculo entre os senhores & criados nam ha entre outras naçoẽs: porque despois de hum seruidor acabar o tempo se se despedio pagandoselhe seu salario, nam tem o senhor mais conta com elle do que tiuera com hum cauallo ou azemala de que ja se seruio. E da mesma maneira os lanção de casa se adoecem ou enuelhecem, & os desconhecem como fazem aas bestas que lanção aal margem.

CAPITVLO LXXXVII.

De muitos Portugueses que por o valor de suas pessoas fora de Portugal forão estimados & alcançarão honras & dignidades.

A Maior proua que os homẽs dão de quem saõ e das virtudes & valor que nelles ha, he serem honrados nas terras onde saõ estranhados. Porque na terra natural onde os homẽs tem parentes & amigos ou senhores não he muita demostração de suas qualidades terem lugar. Mas os que se achão em estranhas terras em que pola maior parte sam regeitados dos naturaes & muitas vezes em algumas partes por suas mesmas leis não recolhidos, se saõ recebidos, & bem tratados, saõ indicios de seu valor & bons spiritos, & fructo das virtudes perque ate daquelles que os nunqua virão sam amados: & em todas ter-

ras

ras em que se achão saõ cidadãos, como Socrates dixe por si, que era cidadão do mundo. E como dixe hum poeta, qualquer terra he patria ao homem forte, como o mar aos pexes. Destes temos muitos exemplos em Portugal mais que em outras algumas naçoẽs. Porque por emulação ou enueja que sempre acompanha os maiores merecimentos, raramente na patria podem ser prophetas. Por o que com razão dizia hum homem grande deste reino de muita prudencia & authoridade que os homẽs hauiam de nascer em Portugal & transporense fora delle como sebollinho.

Ioão Vaz de Almada filho de Vasco Lourenço e neto de Ioane Anes de Almada vedor da fazenda delRei Dom Fernando, tendo differenças com Gonçalo Pirez Malafaia Regedor da casa do ciuel o esperou hum dia sahindo da Relação e aa porta della o afrontou & ferio. Polo que se foi a Inglaterra com dous filhos, conuem a saber Pero Vaz & Aluaro Vaz de Almada homẽs mui esforçados, onde sendo mui bem recebidos delRei, o acompanharão na jornada que fazia a França: & foram grande causa de se tomar a cidade de Ruão entrando sob a ponte nas galès em que fizeram tantas proezas que ganharam muita honra & a ordem da caualleria da Garrotea. E por embaxador delRei de Inglaterra veo Ioam Vaz a este reino com muita pompa tratar o casamento de Dona Beatriz

triz a Rica Dona, filha natural delRei Dom Ioão com Thomas Conde de Arondel do sangue da casa Real: & tratado o casamento se tornou a Inglaterra: & falleceo em Londres nos paços delRei onde se lhes fizerão notaueis honras: & de là foi trazido seu corpo a Lisboa onde jaz com seu Pai e Auò na sua capella de Sam Francisco.

Pero Vaz de Almada que com seu pai Ioam Vaz de Almada foi a Inglaterra & que pelos grandes feitos que em Inglaterra & França fez, foi feito caualleiro da ordem da Garrotea, indo a França por Capitão dos Ingreses encontrando com os que fugião de sua capitania tornou aa batalha, & desbaratou os Franceses que leuauão o corpo do Duque de Clarencia irmão delRei de Inglaterra morto em hum carro, & o restituio aos seus: o qual feito de armas foi mui louuado dos Ingreses & cantado em romances seus. Da qual batalha saindo Pero Vaz mal ferido das feridas morreo em Paris que entam estaua por os Ingreses: & dahi foi trazido pelos seus a Sam Francisco de Lisboa onde jaz com seus auós.

Dom Aluaro Vaz de Almada Conde de Abranches Capitão mór de Portugal & Alcaide mór de Lisboa filho de Ioam Vaz de Almada que com seu pai foi aa Inglaterra, foi hum dos mais insignes & famosos caualleiros que em seu tempo houue em Europa, do

qual

qual se podera fazer grande historia, que se verá nas Chronicas dos Reis Dom Ioam I. Dom Duarte & Dom Afonso V. de Portugal: porque em todas as cousas grandes daquelles tempos se achou: porque em Inglaterra ganhou a honra da caualleria da Garrotea, em França o Condado de Abranches, & em Italia & na Turquia em seruiço do Emperador Sigismundo muitas honras è merces de que em outro lugar faremos menção.

Duarte Brandão natural de Lisboa matou hum homem na mesma cidade & fugindo aa justiça se meteo em hum nauio de Ingreses não leuando comsigo mais que huma capa & huma espada com que apportou em Inglaterra, onde deu conta a elRei do seu caso, & por o ver homem de grande corpo & bem disposto & que daua mostras de ser homem de bom spirito o mandou recolher & o tomou por seu, o qual tendo dahi a pouco tempo razoẽs com hum caualleiro Ingres foi delle afrontado de palauras injuriosas per que determinou de o matar: e por não offender a elRei & a sua justiça não no executou ate lhe dar conta disso & pedirlhe campo com aquelle homem para por aquella via se vingar. Não podendo elRei desuialo daquelle proposito lhe deu campo em que o matou com muito animo & esforço. Polo que tendo o elRei em boa conta se seruio delle sempre nas guerras que trouxe com França: & por

seus

seus graos veo ser general de huma grande armada contra Francezes que elle desbaratou: pelo que elRei de França o desejaua ver & tendo vistas com o de Inglaterra com ambos os Reis comeo aa mesa. Este he o caualleiro que sendo conuidado a comer com outros Capitaes & achando a mesa pejada quando veo sem lhe deixarem lugar conueniente a elle, assentandose no que achou, arrancou de hum punhal & o pregou na mesa junto comsigo dizendo, aqui he cabeceira onde eu estou: ao que todos calarão: casou em Inglaterra com huma senhora de vassallos. E mandando elRei de Inglaterra a diuisa da Garrotea a elRei Dom Ioam II. porque desejaua muito de ver Duarte Brandão & trazelo a Portugal que staua viuuo, mandou pedir a elRei de Inglaterra lhe desse licença para o vir fazer caualleiro que de outra mão o não tomaria, elRei lha deu: & vindo a este reino o casou: & antre outras merces, lhe deu a villa de Buarcos, & a administração das capellas delRei Dom Afonso o IIII. a que sam annexas as villas de Vianna de apar de Euora & de Aluerca.

Deixados os feitos de Inglaterra venhamos a Hespanha. No tempo que elRei Dom Ioão I. de Portugal trazia guerra com o de Castella sobre a succeſſaõ do Reino, houue muitos caualleiros principaes Portugueses que em seu seruiço se assinalarão contra o de Castella,

la, dos quaes foraõ Martim Vaſquez da Cunha, Gil Vaſquez e Lopo Vaſquez ſeus irmão & Ioam Fernandez Pacheco que venceraõ a batalha de Trancoſo, que foi huma das memoraueis que em Heſpanha houue: em que houue numero de ſeiſcentos homẽs de cauallo, gente mui nobre & capitaẽs principaes de Caſtella que vinham victorioſos & com ſetecentas azemalas carregadas de deſpojos, & fizeraõ couſas noraueis que lhes elRei Dom Ioão naõ agradeceo como elles eſperauão: pelo que elles deſnaturandoſe do reino ſe foraõ a Caſtella para elRei Dom Henrique o II. ao qual Lopo Vaſquez fez Conde de Bom dia, & Gil Vaſquez deu as villas de Roa & Manſilha.

Com eſtes meſmos fidalgos por outros taes deſgoſtos ſe paſſou tambem Ioão Fernandez Pacheco ſeu parente que diſemos o que fez dar a batalha de Trancoſo, & pelejou nella, & para ſe não dar a de Aljubarota ſem elle, andou em hum dia vinte legoas deixando os ſeu atras que o não poderaõ ſeguir. A eſte fidalgo o dito Rei Dom Henrique por os muitos ſeruiços que lhe fez deu a villa de Belmonte na Mancha de Aragão, de cuja filha Dona Maria Pacheca que caſou com Rodrigo Tellez Giron filho de Martim Vaſquez da Cunha naſcerão os dous móres ſenhores de Heſpanha, Dom Ioam Pacheco que foi duque de Eſcalona marques de Vilhena & Meſ-

tre

tre de Sanctiago & Dom Pedro Giron Meſtre de Calatraua author do condado de Vrenha, que agora he o ducado de Oſſuna, & que eſteue em beſporas de caſar com a Rainha Dona Iſabel a Catholica ſe a morte o não atalhara eſtando fazendoſe preſtes para a ir receber por ſpoſa.

Em companhia deſtes fidalgos foi Egas Coelho filho daquelle Pero Coelho a que elRei Dom Pedro mandou tirar o coração pelas eſpadoas pela morte de Dona Ines de Caſtro, ao qual por ſeus bons ſeruiços que fez pelejando contra Mouros o meſmo Rei Dom Henrique deu a villa de Montaluo de quem deſcendem os ſenhores daquella caſa.

Por outro tal aggrauo ſe paſſou a Caſtella Ioam Afonſo Pimentel ſenhor de Bragança que foi naõ fazer elRei juſtiça de Martim Afonſo de Mello que ſem culpa matou ſua filha com que era caſado: o qual por o valor de ſua peſſoa veo ter o condado de Benauente, que he huma das grandes caſas de Heſpanha.

Sendo o meſtrado de Sanctiago de Portugal annexo ao meſtrado de Veles de Caſtella, Dom Paio Perez Correa Portugues que em Portugal era comendador, foi electo por meſtre de Sanctiago de Caſtella, o qual ajudou a tomar Seuilha, & cobrou o reino de Almeria que os Mouros quiſerão dar a elRei Dom Fernando III. de Caſtella em cujo ſeruiço

uiço fez grandes couſas mui notaueis em muitas partes contra Mouros, & ajudou a tomar o reino do Algarue em que fez muito ſerviço a elRei de Portugal Dom Afonſo III. a que veo de Caſtella ſeruir.

Dom Pedralurez Pereira irmão do Condeſtabre Nunalurez Pereira foi meſtre em Caſtella da ordem de Calatraua por ſeguir as partes da Rainha Dona Beatriz de Caſtella contra Dom Ioão I. de Portugal.

Dom Martim Annes de Barbuda caualleiro esforçado da ordem de Auis per morte delRei Dom Fernando de Portugal ſe paſſou a Caſtella ſeguindo a Rainha Dona Beatriz onde foi meſtre de Alcantara.

Dom Afonſo Portugues (a que os de Rodes chamaram parente delRei de Portugal falſamente, & outros erradamente filho) foi grande meſtre daquella ordem de que ha hoje muitos ſtabilimentos & couſas que elle fez dignas de memoria.

O Principe Rui Gomez da Sylua filho de Franciſco da Sylua ſenhor de Achamuſca & de Vllme, da principal fidalguia de Portugal, indo a Caſtella por pagem da Emperatriz Dona Iſabel com ſeu Auó Rui Tellez de Meneſes que foi mordomo mór da meſma ſenhora, por ſeus bons ſpiritos & valor de ſua peſſoa veo a ſer tam accepto ao muito Catholico Rei Dom Philippe que eſtà em gloria, que ſem elle não coſtumaua ſtar, nem

dar

dar paſſo, & todas ſuas couſas communicaua com elle. Polo que junta ſua priuança com ſua affabilidade & pouca ambição de toda Heſpanha era amado & venerado (o que poucas vezes alcanção os que muito priuão) porque na verdade os ſpiritos tinha altos, as mãos limpas & a condição generoſa, perque veo ſer ſenhor de muitos ſtados, conuem a ſaber Principe de Ebuli, Duque Paſtrana, Conde de Melito, & de outras terras, e Contador mór de Caſtella: do qual per ſua morte ficarão dous filhos Duques., & huma filha Duqueſa de Medina Sydonia, que he hum dos maiores Ducados de Heſpanha. E ſe houuera de relatar as grandes couſas deſte Principe fora neceſſario hum liuro ſó para elle. Mas como ſaõ notorias a muitas peſſoas que inda hoje vîuem eſcuſo eſcreuelas.

E ſe reuoluerdes Italia achareis muitos que ſeguindo as letras & a igreja vierão ter nella grandes lugares. Porque de quatro Summos Pontifices que houue na igreja de Deos Heſpanhóes, os dous foram Portugueſes, conuem a ſaber, Damaſo I. & Ioanne XII. E aſſi houue muito numero de Cardeaes mui celebrados que per ſeus merecimentos & valor de ſuas peſſoas alcançarão aquella dignidade, dos quaes foi hum o Cardeal Dom Iaimes filho do Inffante Dom Pedro, ao qual não foi dadà por elle ſer neto delRei Dom Ioam I. de Portugal & de outro Rei Dom Pedro

de

de Aragaõ, mas por o grande valor & virtudes de sua pessoa (que se fora filho de hum pobre laurador alcançar a mesma dignidade) por o que delle testimunha o Papa Pio II. no seu liuro 2. da descripção de Europa, onde tratando da creação que o Papa Calisto III. fez de Cardeaes, diz que dando aquella dignidade a tres, foi hum delles Dom Iaimes por as muitas & heroicas virtudes que nelle hauia: porque sendo mui mancebo, diz o Papa Pio varaõ doctissimo & sanctissimo por elle estas palauras: o outro foi Iaimes de Portugal nascido do Real sangue em quem resplandeciaõ tanta modestia, tanto amor da virtude, tanta grauidade, tanta subtileza de engenho & tanto estudo de letras, que posto que fosse mui mancebo para aquella dignidade, segundo a opinião de todos, pareceo que ja lha dauão tarde. Por este tam graue testimunho de taõ Sancto Padre bem se pode crer que fora tambem Papa se a morte o naõ atalhara.

Dom Antam Martinz Bispo do Porto indo ao Concilio de Florença fez tanto seruiço a igreja de Deos para trazer o Emperador de Constantinopla Manuel Paliologo a Florença & o Patriarcha Iosippo com a mais caterua de Gregos que vieram.

Dom Pedro de Fonsecca filho de Gonçalo Rodrigues de Fonsecca que fora Alcaide mór de Oliuença & seguio as partes da Rainha

nha Dona Beatriz indo a Roma, por suas grandes letras & boas qualidades que teue, foi creado Cardeal do titulo de Sancto Angelo.

João Afonso da Azambuja que a elRei Dom João seruio sendo leigo nas guerras contra Castella, deixando o stado secular se fez de ordens & veo ser Bispo de Coimbra, & despois Arcebispo de Braga: indo a Roma foi feito Cardeal de Saõ Pedro ad vincula, donde vindo para Portugal falleceo na villa de Bruges do Condado de Flandres no anno 1415.

Foi tambem Cardeal Dom Iorge da Costa, sendo Arcebispo de Lisboa & hum dos principaes que houue na igreja de Deos em saber & authoridade e grande renda: em cujo tempo os Papas nada fazião sem seu conselho: & todos Cardeaes que se criauão, & ainda os Papas que se fazião tudo pendia delle. Foi Bispo de todos os bispados do collegio dos Cardeaes que precedem a todos Cardeaes & dignidades: foi Bispo Portuense que he o Decano dos Cardeaes, Tusculano & Albano: todas estas dignidades teue por causa dos muitos annos que viueo, que forão cento & hum. Tanta foi a valia deste grande varaõ, que o Papa Iulio II. nos beneficios & cousas de Portugal lhe cedeo suas vezes & elle era o que prouia em tudo como Papa: do que mais largamente diremos nos elogios dos illustres varões.

Dom

Dom Miguel da Sylua ſendo Biſpo de Viſeu indo deſte reino chamado do Papa Paulo III. cujo grande amigo & fauorecido era, foi feito Cardeal, & fora mais, ſe elRei de Portugal ſem cuja licença foi a Roma, & o Emperador lho naõ eſtoruaraõ.

E ainda muitos daquelles portugueſe que tendo officios ou artificios, ou manhas boas, ſe foraõ da patria a outras partes lá foram aſſinalados & auantajados dos outros, & deixaraõ fama perque forão conhecidos: como foi Appuleo Diocles auriga ou corredor de carros Portugues do qual em Roma ficou perpetua memoria, como ſe ve em huma grande pedra de marmore entalhada de fermoſiſſimas letras que ſe achou no campo Marcio, & eſtá hoje em Roma nas caſas dos Cherinos em que ſe contaõ as innumeraueis victorias que aquelle Appuleo ganhou, de que ſouberamos muitas mais ſe a pedra permanecera inteira cujo traslado anda no liuro que ſe intitula, Epigrammas da antiga Roma, & muito milhor nos commentarios que Guillelmo philandro fez a Vitruuio no liuro 3. cap. III.

E para que ſe ſaiba que curſores eram eſtes & que cores veſtião e as faccões & bandorias ſobre elles, (porque naõ achareis aſſi miudamente quem o declare) direi algumas antiguidades ſem as quaes pareceraõ obſcuros muitos lugares de Poetas, e Hiſtoriadores que agora facilmente ſe entenderão.

Entre os jogos que os Romanos celebrauão por honra de seus Deoses, eraõ huns que chamauão, Circenses com carros & juntas de caualos ligeriſſimos escolhidos para aquelle meſter em que se trataua do goſto de toda Roma que eſtaua diuidida em faccoẽs ou bandos. A differença que hauia entre eſtes curſores ou agitadores, era que cada hum delles se veſtia de huma de quatro cores de panno, conuem a saber vermelho que chamauam, Ruſſato & aos Carreiros que delle se veſtião Ruſſatos: a outra cor era verde a que chamauam, Praſino: a terceira era azul a que chamauão, Veneto: & a quarta branca a que chamauão, Albita.

Alem deſtas quatro cores acreſcentou mais o Emperador Domiciano duas ſ. huma de panno de ouro, e outra de purpura: o que metera a em confuſaõ aos que lerem aquella pedra, porque de taes cores senão faz menção nella nem em outra parte: sendo as cores fermoſas & acreſcentadas per hum Emperador que foi antes de Diocles. E excluindoo tam graue author como Suetonio Tranquillo que foi no tempo do meſmo Domiciano & do Emperador Adriano quando florecia Diocles. A razaõ que para iſto imaginei, foi que como por a crueldade de Domiciano & seus maos coſtumes o Senado mandaſſe extinguir ſua memoria & de quanto em ſua vida fez, mandaria que se naõ vſaſſe daquellas cores nem

das

das mais couſas que ordenou. O lugar onde eſtes jogos & outros de cauallo ſe celebrauão, era em hum cerco que Iulio Ceſar mandou edificar de grandes obras, o qual de comprimento tinha, tres eſtadios que fazião trezentos ſetenta & cinquo paſſos, & de largo hum eſtadio que eram cento & vinte cinquo: em cujo circuito hauia aſſentos para duzentas & ſetenta mil almas: & porque os jogos ſe faziam naquelle cerco, ſe chamauão Circenſes. Os cauallos ſahião a correr do principio do cerco de hum lugar que por nelle ſe repreſarem ate ſair lhe chamauão, Carceres de Coliceo, ſegundo Marco Varrão, & delle ſahião com admirauel ligeireza como lhes dauão final. No cabo da carreira eſtauam humas medas ou pequenas pyramides de madeira onde os cauallos hião parar, ao rodor dos quaes os carreiros hauião de dar certas voltas com grande tento & ligeireza, não ſe chegando muito a ellas, nem ſe deſuiando muito: mas com tal temperança correr & virar ao rodor que o carro não tocaſſe nas medas por o riſco que o carro & o carreiro corrião de ſe fazer em pedaços, & afaſtandoſe muito o outro que vieſſe atras, elle lhe não tomaſſe o lugar metendoſe entre a meta & o carro que ſe deſuiaſſe. As voltas que hauião de dar, hauião de ſer ſete & não cinquo como alguns dizem, nem dez como fazião nos jogos Olympicos: como ſe ve daquelles verſos de Propertio.

Na deſtreza com que ſe eſtas voltas daõ conſiſtia a victoria, como ſe vê de Horatio no liuro 1. das Odas na Oda 1.

Sunt quos curriculo pulueꝛem Olympicúm
Colligiſſe iuuat, metaque feruidis
Euitata rotis palmaque nobilis.
Terrarum dominos euehit ad Deos.

Para iſto fazerem bem, eram os carros mui leues & fabricados de maneira que parecia que elles per ſi corrião. Dos quaes conta Ieronimo Mercurial na ſua artegymnaſtica liuro 7. diz que os curſores cheirauão o eſterco dos caualos para por hi ſaberem o temperamento & diſpoſições delles, & ſe ſeruirem dos melhores, não perdoando a gaſtos grandes em couſa que ſe fazia para honra & goſto do pouo Romano, para o que allega Galeno que o refere no liuro 10 do methodo.

Nos tempos que ſe eſtes jogos fazião, andaua toda a gente daquelle grande pouo (que era hum mundo abbreuiado) diuidido em quatro bandos, ſeguindo cada hum ſua cór: de maneira que de dia nem de noite ſe não fallaua em al que em fazer apoſtas ſobre as victorias, como fazem os apaixonados oppoſitores. E os meſmos Emperadores fauoreciáo tanto as faccoẽes de ſua deuação, que ou foſſe por medo ou por liſongeria, o Praſino ſe ſeguia mais em tempo de Nero que nenhum ou-

outro panno, como ſe ve em Marcial no liuro XI.

Sæpius ad palmam Praſinus poſt fata Neronis
Peruenit, & vector præmia plura refert.
Inune liuor edax, dic tu ceſſiſſe Neroni,
Vicit nimirum non Nero ſed Praſinus.

E o Emperador Vero Antonino ſe conta fauotecer tanto a faccão Praſina, & ter tanto odio â Veneta, que os apaixonados dos Venetos lhe deziaõ muitas injurias que elle ſofreo. O numero dos cauallos em que Diocles corria não era ſempre o meſmo: porque hora era de hum, hora de dous, hora de mais: & ainda quando era hum ſó, o corria ſem azorrague gouernandoo ſó com a voz. E por elle ſer o Principe dos agitadores foi o primeiro que ajuntou mais hum cauallo aos acoſtumados, & começaram a ſer ſete.

Em que tempo foſſe eſte inſigne homem Diocles não ha quem o eſcreua, mas eu o alcancei com minha diligencia: porque lendo muitas vezes atentamente aquelle marmore achei que a primeira victoria que elle houue ſendo de idade de quorenta & quatro annos ſete meſes & vinte & tres dias veſtido da faccão Albita, foi no conſulado de Acilio Auiola & Cornelio Panſa: que ſegundo a conta de Gregorio Haloandro no catalogo dos Emperadores, foi no anno do naſcimento de noſſo

noſſo Senhor IESV Chriſto de cento & vinte quatro annos. E outra no conſulado de Marco Acilio Glabrio, & Caio Belicio Torquato no anno de cento & vinte ſeis, que foram no principio do Imperio de AElio Adriano que começou no anno do Senhor de cento & dezanoue perque conſta attentas muitas victorias que eſte portugues houue em diuerſos annos, que morreo de grande idade, & que nunqua em officio tam perigoſo lhe aconteceo deſaſtre algum.

De outro Portugues chamado Seuio Lupo architecto temos outra grande memoria na torre que fez na Curunha, em que hauia huma lenterna que de noite daua lume aos nauegantes para atinarem com o porto ſem perigo, da qual ſe contauão pela gente idiota (a que ſe mete em cabeça tudo o que traz nouidade & admiraçaõ) muitas fabulas que os Chroniſtas antigos de Heſpanha naõ rejeitaraõ: que era, dizerem que naquella torre hauia huns eſpelhos que Hercules fizera por encantamento em que ſe viaõ todas as naos que per aquelles mares nauegauam. O que vieraõ a crer por aquella torre ſeruir de atalaia a que os Romanos chamão ſpecula, tomando o nome de ſpecula por eſpelhos.

Eſta torre ſe fez em tempo de Auguſto Ceſar aa imitação daquella que Soſtrato Gnideu fez por mandado de Ptolomeo Philadelpho na Ilha de Pharo junto ao porto de Alexan-

xandria, que foi hum dos mais illuſtres edificios do mundo & hauido por hum dos milagres delle: em cuja fabrica ſegundo Plinio no liuro 36. no c. 12. ſe gaſtaraõ oitocentos talentos. O vſo deſta torre e do lume que nella hauia era, os nauegantes virem aaquelle porto ſeguramente: a qual foi imitada de muitas gentes como diz o meſmo author no dito lugar em Italia & fora della como forão os Pharos de Mecina, de Rauena, de Genoua, de Puçol em Italia, & de Bolonha em França: & por a de Pharo ſe chamauão Pharos todas as ſemelhantes lanternas, como tambem chamaraõ as que aa ſua imitaçaõ, ſe punhaõ nas naos ou galés capitanias para guiarem as outras de ſua companhia, que ſe chamaraõ, Phoróes. A maior torre de todas apos a de Alexandria, dizem que era eſtâ da Corunha: porque alem de ſer altiſſima (que era o meollo do edificio) era cercada ao rodor de huma eſcada feita em caracol tam alta, que chegaua ao chappitel della, que era altiſſimo, & tam larga que por ella ſubia & deſcia hum carro de bois: O ſagaz architecto que a fez vſou de huma manha que lhe valeo para ſeu nome ficar perpetuo Porque ſendo vedado pelas leis dos Romanos que nos edificios que ſe fizeſſem per mandado do Principe ou da Republica ſe não podeſſe poer o nome de outra peſſoa nem do architecto delles (de que ainda temos a L. 2. ff. de o

per.

per. pub.) este Portugues se aprouèitou de humas piçarras que hauia ahi junto aa dita torre, & hi pos seu nome por ser lugar apartado, mas tal, que tanto montou como no mesmo edificio, cuja letra dizia assi.

MARTI. AVG.
SACR. C. SEV
IVS.LVPVS.AR
CHITECTVS
A. F. DANIEN
SIS.LVSITANVS
EXV.

CAPITVLO LXXXVIII.

Da honestidade & recolhimento das molheres Portuguesas, & de suas perfeições.

DIxemos da seueridade & vergonha dos homés Portugueses em geral & de sua lealdade: do que se pode colligir o que será nas molheres a que a natureza pos mais freo & honestidade & maior recolhimento que aos varões. E porque a castidade e limpeza he o maior ornamento que as molheres podem ter, sem a qual nellas não ha mais que se possa louuar, começando per esta parte, muito he para celebrar o grande recolhimento & honestidade das donzellas, & o encerramento em que se crião, que se nam he para aas igrejas

(on-

(onde ainda vão poucas vezes as nobres por o antigo costume do reino) a nenhuma parte outra vão: & ainda a ellas igrejas assi leuão os mantos derrubados sobre os olhos, que de ninguem podem ser vistas que rostros que tem. Deste costume & ordem em que se crião, procede que se seus pais lhes querem dar stado de religiaõ, pouca difficultade tem em lho persuadir. Mas muitas vemos cada dia que desejando seus pais casalas & tendo para ellas grandes dotes, aas escondidas delles & de suas mãis & sem sua sabedoria negoceão secretamente com as Preladas dos moesteiros suas entradas. E muitas vezes indo com as mãis aos mosteiros naõ querem tornar com ellas, dizendo que lá tem outras mãis, ficando ellas contentes, & as mãis desconsoladas clamando das filhas que as enganaram, e das Preladas que as recolheram. Testimunhas podem ser da continencia de muitas Portuguesas, as casas Reaes de Castella & de Portugal que sem pretexto de religiaõ nem de votos que tiuessem feitos se determinaraõ naõ casar como molheres a que parecia que tinhaõ por culpa ter marido: & de quam facilmente se acabará com muitas que não casem, & que por qualquer cousa de sua honra ou obrigação de acompanharem mãi ou irmãas ou senhoras deixaraõ de casar. Do que temos exemplos nas mesmas casas Reaes de Portugal & Castella onde se achaua huma Dona Lianor Mas-

Mascarenhas Portugueſa, Dama da Emperatriz Dona Iſabel que naõ caſou por nam deixar ſua ſenhora, & ajudar a criar as Infantes ſuas filhas que lhe deixou encarregadas.

O meſmo fez Dona Guiomar de Mello, aa qual ſendo Dama da meſma ſenhora lhe foi dado o officio de camareira môr que ſenão dâ ſenaõ a molhes ancians de grande prudencia & authoridade. Polo que ſendo ainda moça ſe veſtio em habitos de velha & fez ſeu officio de maneira que da Emperatriz foi mui eſtimada. Outra proua grande da honeſtidade das Portugueſas, he, que quanto trabalho as molheres de outras naçoẽs tomaõ por ſerem libertadas, & irem onde quiſerem embuçadas ſem companhia mais que de huma molher (qual ellas eſcolhem ſem licença dos maridos que aas vezes as encontrão na rua ſem as conhecerem) tanto trabalho poem as Portugueſas as vezes que ſaem fora por irem acompanhadas o mais que podem de Eſcudeiros & de Donas por ſua honra & authoridade. E taõ eſtranho ſeria a huma molher caſada de qualquer eſtado ir fora de ſua caſa ſem ſeu marido o ſaber, como ſe commetteſſe hum manifeſto adulterio: o que naõ naſce de ciumes dos maridos, ſenaõ da honeſtidade das meſmas molheres. Porque os Portugueſes poſto que ſaõ mui atentados nas couſas que tocão a ſuas honras naõ ſaõ ciozos das molheres: mas as tratão com muita hor-

honra & corteſia. E iſto he não ſomente nas nobres, mas nas molheres de quaeſquer mecanicos limpos, que naõ irão ſoos nem embuçadas ſobpena de as terem por infames. E as que em Portugal ſe vem ir embuçadas, ſaõ eſtrangeiras & eſſas meretrices. E iſto he tanto, que as meſmas rameiras Portugueſas ſe naõ embuçaõ por naõ parecerem o que ſaõ.

Outro ſtylo tem as matronas Portugueſas muito de louuar que ſe de alguma molher por mui nobre & illuſtre que ſeja houuer qualquer leue rumor ou fama de algum erro contra ſua honeſtidade, nenhuma matrona por parenta ou amiga que ſeja lhe entra mais em caſa, & na igreja ou lugares publicos ſe naõ aſſentarà junto com ella. Porque ſó a ſuſpeita da culpa tem por grande culpa. E quaſi a meſma eſquiuança moſtrão com as molheres que ſendo viuuas tornaram caſar muitas vezes, ou que caſaram ſegunda vez tendo muitos filhos, em cujas vodas ſenão acharaõ molheres que ſejaõ graues. Porque aquillo tem ellas, (como diz Mareial) por hum adulterio permittido pelas leis.

No que deu de ſi exemplo de boa Portugueſa a Rainha Dona Beatriz filha delRei Dom Fernando de Portugal, a qual ficando viuua delRei Dom Ioaõ I. de Caſtella, moça & ſem filhos & mui deſemparada de parentes & amigos em Portugal & em Caſtella. (Porque em

em Caſtella era mal accepta por a cauſa que deu a morrer tanta gente daquelle reino na guerra ſobre o reino de Portugal que ella trouxe em dote, & em Portugal porque elRei Dom Ioaõ ſeu tio lhe tinha vſurpado o reino) vindo a ella embaxadores do Archiduque de Auſtria requerela para caſar com elle, ſe anojou com a embaxada, & ſem comprimento algum os deſpedio logo dizendolhes, que as molheres como ella naõ caſauaõ duas vezes.

Outra couſa ha, que as Portugueſas teriaõ por couſa nefanda & de grande infamia (que em outras partes ſe coſtuma) que molheres caſadas & das mais nobres ſe naõ pejão de jugar aas cartas, & dados dinheiro groſſo com homẽs que naõ ſaõ ſeus irmãos, nem parentes em abſencia de ſeus maridos que lho conſentem: porque por a mór parte ſempre as molheres ficão de ganho, ou porque os aduerſarios ſe deixão perder, ou porque ſe ellas perdem lhes quitaõ, ou ſperaõ querendo elles ſer acredores & ter a ellas deuedoras.

E porque mais ha na boa que ſer caſta, outro dote tem as molheres Portugueſas, que tamanho opprobrio he entre ellas beber vinho, como ſe em Portugal ſe guardaſſe a lei de Romulo, que aas que o bebiaõ & aas que commettião adulterio, dauaõ a meſma pana. Deſte bom coſtume deu a Emperatriz Dona Lia-

Lianor filha delRei Dom Duarte de Portugal, e molher do Emperador Federico III. bom exemplo em Alemanha, aa qual casando mui moça & tardando alguns annos sem se fazer prenhe lhe persuadião os medicos que bebesse vinho, por ser nascida em Portugal terra temperada lhe seria impedimento a frialdade de Alemanha. Mas ella cujos avôs os Reis de Portugal tiuerão sempre por costume não beber vinho, os naõ ouuio dizendo que mal parecia beber ella vinho sendo molher & Portugueſa onde o Emperador seu senhor o nam bebia, sendo homem & Alemaõ. O que o Emperador muito approuou, & lhe mandou rogar por Eneas Syluio (que era seu secretario que despois foi Papa Pio II.) que perseueraſſe naquelle bom proposito. Por estas virtudes & modestia do bom molherigo de Portugal, foi elle sempre nomeado por todo o mundo: & muitos homẽs illustres de outras nações trabalharaõ de casar com mulheres Portuguesas, como se vio em muitas damas de Rainhas & princezãs que deste reino foraõ, que casaraõ com Duques & Marqueses, & outros senhores de grandes titulos, & em muitos que a este reino vieraõ buscar molheres como foi Dom Rodrigo Ponce de Leon Duque de Arcos do reino de Castella (que era hum caualleiro de grandes spiritos) o qual veo a Lisboa com tenção de casar com huma molher fidalga de boas partes & de bom parecer

que

que não tiueſſe dote : & defeito caſou com Dona Philippa Henriquez donzella mui fermoſa filha de Iorge de Brito & de Dona Maria Henriquez filha de Dom Afonſo Henriquez alcaide mòr de Barbacena : a qual leuou para Caſtella com muita honra : & por o Duque morrer ſem della hauer filhos ſe tornou a Lisboa ſua terra natural onde a eu vi ſtando elRei Dom Philippe que ſtâ em gloria na dita cidade o anno de 1582. ao qual querendo ella fallar mandou pedir quiſeſſe vir aa miſſa a noſſa Senhora do Carmo, que erá o lugar onde ella ouuia os officios, & ſua Mageſtade que foi hum Principe mui cortes, veo & hi lhe fallou & a tratou com muita cortezia.

Eſtá grande eſtima em que as molheres portugueſas eſtão hauidas não he ſem razaõ, porque nos roſtros tem muita honeſtidade & authoridade, nos meneos & aſſecego de ſuas peſſoas ſuauidade, e graça no fallar, grande ar no veſtir, & muita venuſtade no parecer. Nas perfeiçoẽs de ſuas maõs, nos lauores & officios de molheres, nas conſeruas & couſas de comer para doentes & ſaõs, nos perfumes, na policia & limpeza de ſuas caſas, no regallo com que curão ſeus doentes ſaõ vnicas no mundo. Quando o Emperador Carlos V. ſe veo recolher em Heſpanha na Beira de Placencia, vendoſe doente & ſoo, & lembrandoſe das perfeiçoẽs das Donas portugue-

las

ſas que em caſa da Emperatriz ſua molher andauam & da limpeza & mimo com que curauam aos enfermos, mandou a Portugal pedir aa Rainha Dona Catherina ſua irmãa lhe mandaſſe huma das ſuas Donas para o curar & ter cargo delle. A qual foi & o curou & alimpou, & o regalou & acompanhou ate que Deos o leuou para ſi. Eſtas ſaõ as partes perque as molheres portugueſas com razão ſaõ deſejadas dos homẽs nobres & em que ha primor.

Dixemos das donzellas e caſadas portugueſas, e parece razão que digamos hum pouco do muito que ſe pode dizer das viuuas cuja vida he de molheres mortas ao mundo. Porque muitas das que ſaõ nobres ſe metem em religião como ſe verà per todos os moeſteiros do reino em que ha grande numero dellas, principalmente na cidade de Lisboa em que iſto eſcreuemos. Porque no moeſteiro da madre de Deos de freiras deſcalças (que mais ſe podem chamar emparedadas que encerradas) do qual nunqua mais podem ſair por caſo algum, acharaõ huma Soror Clemencia que no mundo ſe chamaua, Dona Iſabel de Meneſes, molher de Andre de Souſa Alcaide mór de Arronches & ſenhor de muitas villas. A qual fallecendo ſeu marido & ficandolhe hum minino de pouca idade herdeiro de ſua caſa & de ſuas terras, ſendo ella moça fermoſa & rica, & que houuera de adminiſtrar aquellas vil-

villas muitos annos por seu filho, ella o desamparou & deixou por criar & se meteo freira naquelle encerrado moesteiro, & mudou o stado & o nome onde fez vida de admirauel exemplo. E vindo aquelle seu minino a morrer dahi a pouco tempo, quando lhe deram a noua leuantou as mãos ao ceo, dizendo, que daua muitas graças a Deos porque lhe tirara huma lembrança que soo tinha no mundo.

No moesteiro de sancta Marta de Lisboa de freiras de muita obseruancia se meteo freira Dona Isabel de Mendoça molher de Iorge de Mello da Sylua. O qual vindo a doeceer de lepra de tal maneira que tinha todo o corpo cuberto de chagas abertas de que lhe sahiam bichos & muita materia, cujo fedor as criadas & escrauas de casa nam se atreuiam sofrer, nem chegar a elle: sendo ella molher moça & delicada per suas mãos o curaua & reuoluia & alimpaua da horrenda materia que lançaua, & lhe despia & vestia as camisas ensopadas naquelle humor nojento. E assi perseuerou ate que elle veo a fallecer: & ficando ella moça fermosa, rica, & sem filhos, sendo amoestada de seus parentes que em tôda maneira casasse, ella o nam quis fazer. Mas fazendo bem pola alma de seu marido & pola sua se meteo em religião de freiras descalças donde por suas grandes virtudes & muita prudencia foi mandada a reformar outros

mo-

moesteiros: & viue hoje em grande opinião de sanctidade no dito moesteiro de sancta Marta que ella reformou.

No moesteiro da Annunciada de Lisboa da ordem de Sam Domingos se meteo & está hoje Dona Ioanna de Vilhena molher de Dom Miguel de Noronha filho de Dom Afonso de Noronha que foi viforei da India, que foi filho do Marques Dom Fernando de Villa real, tendo ja no dito moesteiro huma filha freira.

No moesteiro de Sacauem termo de Lisboa de freiras descalças stá hoje Dona Catherina de Meneses Condesa de Matosinhos a qual morto seu marido o Conde Francisco de Saa que foi camareiro mór dos Reis Dom Sebastião & Dom Henrique, se recolheo naquelle encerrado moesteiro onde procedo com notauel exemplo de vida.

No moesteiro se encerrou Beatriz da Costa molher de Miguel de Moura Gouernador que foi destes reinos de que ella & seu marido forão fundadores. A qual desdo dia que entrou nunqua se deixou vèr de pessoa alguma.

No mesmo mosteiro de Odiuellas da congregaçaõ de Sam Bernardo no districto de Lisboa falleceo ha pouco Dona Anna de Torres molher que foi de Christouaõ de Magalhaes escriuão da camara da cidade de Lisboa. A qual sendo na vida summamente conforme com seu marido de que tinha muitos

filhos & netos, sendo ella velha & mui fraca se meteo naquella religião em que fez vida sancta & de tanta aspereza & bom exemplo que sempre della hauera memoria naquella casa.

O mesmo aconteceo a Donà Anna de Fontes molher que fora do Doctor Gaspar de Carualho Chanceller mór do reino, que tendo filhos homẽs grandes, & que ja seruião a elRei, se meteo freira no moesteiro de Sancta Clara de Lisboa onde deixou fama de huma grande sancta.

Estando com a pena na mão para fallar nas muitas Donas viuuas que deixando o mundo se recolheram em moesteiros pelo reino, indo com o pensamento caminho de Euora minha pátria estando ja em Monte mór o nouo, reparei parecendome que bastauam os exemplos acima scriptos para nam fazer longa lectura: & naquelle lugar se me offereceram duas Donas de sangue illustre com que se podiam honrar as viuuas de Portugal, conuem a saber, Dona Eluira de Mendonça molher de Dom Fernam Martinz Mascarenhas Capitam dos ginetes & Comendador de Mertola que esteue por embaxador no Concilio Tridentino.

Esta valerosa Dona em que resplandeceram muitas virtudes, deixando tudo o que no mundo ha, se recolheo com titulo de seruidora das freiras no moesteiro da Annuncia-

çam

çam da ordem de Sam Domingos daquella villa onde acabou com grande exemplo de vida.

No meſmo moeſteiro eſteue recolhida Dona Aldonça de Mendoça filha de Simaõ Gonçaluez da Camara primeiro Conde de Calhetta & capitam da Ilha da Madeira, & molher que foi de Dom Ioão Maſcarenhas herdeiro da caſa & titulo do Capitam dos Ginetes Dom Fernam Martinz Maſcarenhas ſeu tio, & conſigo leuou huma filha que ja he freira profeſſa onde hoje perſeuera com raro exemplo de honeſtidade & religião.

E tam vſado he neſte reino o recolhimento das viuuas, que nam ſomente as que fizeram vida marital com ſeus maridos, mas as que eſtando em ſperanças de caſarem lhes morreram os ſpoſos a que eſtauam prometidas per ſeus pais, aſſi ſe dam algumas por viuuas como ſe em effeito foram caſadas como aconteceo a Dona Leanor filha do Duque de Bragança Dom Fernando o primeiro que tendoa prometida ſeu pai a Dom Ioão Conde de Marialua o que morreo na tomada de Arzilla, de cujo valor na guerra e na paz ficou muita lembrança, não quis mais caſar, & fora dos arreos que as donzellas daquelle eſtado trazem, tomou outro trajo differente em que paſſou a vida.

O meſmo aconteceo neſtes tempos a outra ſua parenta que foi Dona Ioanna filha de

Dom Franciſco de Mello Marques de Ferreira & de Dona Eugenia filha de Dom Iaimes Duque de Bragança, a qual tractando ſeu pai de a caſar com o ſenhor Dom Duarte filho do Iffante Dom Duarte, ſeu primo com irmão, por o dito ſenhor fallecer antes de caſarem, ſendo ella donzella mui fermoſa & dotada de muitas graças, renunciando o mundo tomou o habito de freira: que ſe a ſeu promettido ſpoſo durarà mais a vida, fora Rainha, por a ſucceſſaõ dos reinos de Portugal pertencer a elle per morte delRei Dom Henrique ſeu tio, como a neto que era del-Rei Dom Manuel.

Outras molheres ha que nam ſe metendo em religião em ſuas caſas tem tanto encerramento como he o dos moeſteiros, & fazem vida mais aſpera da que nelles ſe ſoe paſſar. De que he bom exemplo o que deu Dona Ioanna Marqueſa de Elche filha de Dom Iaimes Duque de Bragança que de Portugal fora a Caſtella a caſar com o filho herdeiro do Duque de Maqueda: a qual fallecendo ſeu marido, ſe recolheo em huma ſua camara, & nella paſſou toda a vida metida em hum tabernaculo de madeira tam eſtreito que nelle quaſi lhe naõ cabia o corpo: eſtando ainda na flor de ſua idade onde perſeuerou muitos annos fazendo vida de eſpantoſa aſpereza & abſtinencia ſem de aquella caſa ſair mais que para a ſepultura.

Do-

Dona Antonia de Vilhena filha de Dom Diogo Iobo Barão de Aluito & molher de Diogo da Sylua filho de João da Sylua Regedor da casa da Supplicação, fallecendo seu marido com quem viuera com muita conformidade muitos annos, foi tam anojada por sua morte que tiuera por gloria meterse em huma religião, se lho não impediraão noue filhos de que os mais tinhão necessidade de criação. Mas o encerramento da religião e a aspereza da vida dentro de sua casa a teue sempre em quanto viueo. Despois que foi viuua nunqua mais sahio de casa por nenhuma cousa de mal ou de bem que aconteceesse a pessoa alguma sua conjunta. E por a austeridade da vida que fazia lhe chamauão Viuua da obseruancia. Foi esta Dona huma das mais auisadas & prudentes molheres deste reino & de animo varonil, como se vio na criação de seus filhos. Os quaes amando ella fora da medida das outras mulheres, indo todos aa guerra de Africa com elRei Dom Sebastião, os despedio com lhes mandar que não tornassem de lá senão viessem mais honrados do que forão, & que nam poupassem a vida quando com a morte podessem ganhar honra. E assi foi que todos morrerão com elRei & hum só que era de ordens sacras que escapou da batalha foi captiuo & ferido de huma lançada que lhe deformou o rostro.

Entre as viuuas e casadas podemos re-

con-

contar o grande reſguardo e honeſtidade das molheres nobres de portugal que tem ſeus maridos captiuos ou abſentes em terras remotas que ſaõ muitas por as nauegaçoẽs frequentes & conquiſtas em que andão arriſcados a muitos perigos. As quaes como ſeu ſtado he incerto ſe ſaõ viuuas ou nam, aſſi o moſtrão na vida no habito, & no recolhimento que naõ diſta muito das viuuas, de que por breuidade ſó porei hum exemplo de huma Dona nobre para por elle ſe ver pouco mais ou menos o que ſerá nas outras.

CAPITVLO LXXXIX.

Do valor & animo de molheres Portugueſas.

SObre muitas virtudes que recontamos de molheres portugueſas, nam he para eſquecer o grande animo que ſempre moſtraõ em couſas de ſua honra & no gouerno de ſuas peſſoas & familias, de que porei alguns exemplos, começando pelas de grande eſtado. Porque como per ſuas dignidades forão poſtas em hum theatro do mundo onde de todos podem ſer viſtas & julgadas, cobraremos com fallar dellas credito para fallarmos das de menos lugar. As quaes poſto que no eſtado não forão tão grandes, no animo moſtraraõ o que poderam ſer, ſe tiuerão a fortuna igoal.

Das filhas delRei Dom Afonſo Henriquez

que

que foi o primeiro Rei de Portugal, huma foi a Rainha Dona Tareja (que aſſi ſe chamauam então as filhas dos Reis) a qual foi caſada com Philippe Conde de Flandres & de Henao que indo aa guerra de Vltramar foi morto no cerco que tinha poſto aa cidade de Ptolemaida do Egypto.

Deſta ſenhora eſtão as hiſtorias de Flandres cheas do grande animo & prudencia com que na longa abſencia de ſeu marido gouernou as terras daquelles eſtados que elle lhe encarregou, & de que a deixou vſufructuaria: & o valor com que as defendeo contra muitos ſenhores que lhas querião occupar, nam tendo filhos nem parentes entre aquellas gentes de que ſe podeſſe ajudar.

Cheas ſtão tambem as hiſtorias de toda a Gallia Belgica da prudencia & animo varonil da Infante Dona Iſabel filha delRei Dom Ioam primeiro de Portugal que caſou com Philippe o bom Duque de Borgonha Conde de Flandres & ſenhor de muitos outros eſtados, & foi mãi de Carlos o valente que morreo na batalha de Nancy: ſem parecer & conſelho da qual o Duque ſeu marido ſendo hum homem mui valeroſo & prudente nunqua fez couſa de paz ou de guerra. A qual naquella grande diſcenção que houue entre ſeu marido & elRei de França ſobre a morte do Duque Ioão ſeu pai a que aa traição ſobre ſeguro mandou matar, ella em peſſoa foi a França

por

por seu marido e os meteo em paz com condições mui honrosas, & com sua prudencia & grande animo acabou o que seu marido com sua valentia & esforço & muitos senhores da Christandade que quiserão ser terceiros não poderam acabar. Por o que nam menos nome ganhou entre os grandes de França por a paz em que os compos, que nos estados de Borgonha & Flandres que com os Franceses andauão em guerras que houueram de ser immortaes. Nem menos se mostrou esta valerosa Princeza ser filha de seu pai no que della escreue Blondo no liuro 5. de sua Roma triumphante: que para se cobrar Constantinopla dos Turcos que pouco hauia a ganharam, exortou a muitos Principes Christãos como seu marido hauia de passar a isso com todo seu poder a quem ella queria acompanhar, & gastar na empresa todo seu patrimonio; & prometteo de per sua propria pessoa seruir de muitas cousas: O que se os Principes Christãos aceitarão de tam bom animo como lho ella offerecia, pode ser que se restituira tamanha perda.

Da Emperatriz Dona Isabel filha delRei Dom Manuel molher do Emperador Carlos Quinto se podia fazer grande volume de seu valor & altos pensamentos & da rara honestidade e modestia que desde sua tenra idade mostrou, & da singular prudencia & igoalda-

de com que gouernou Hespanha nas absencias

do

do Emperador seu marido que foram muitas, & de muito tempo. De sua religião se podia dizer muito & do grande gouerno e ordem de sua casa que não era outra cousa senão huma schola em que as virtudes e todoslos autos de primor se aprendião. Da qual (como dizem do cauallo Troiano) tantas molheres insignes sairão: como forão Dona Lianor de Castro Duquesa de Gandia molher do Duque Dom Francisco de Borja: Dona Beatriz da Sylueira molher de grandes merecimentos, de que não foi o menor ser ella mãi de Dom Ioão da Sylua Conde de Portalegre. Dona Lianor Mascarenhas Aia do Principe Dom Philippe seu filho & Dona Guiomar de Mello sua camareira môr. As quaes ambas permanecerão no estado virginal ate a morte: e muitas Damas que sairão casadas com Duques & Marqueses, & senhores de grandes stados.

A Princeza de Parma Dona Maria sobrinha daquella mesma senhora Emperatriz filha do Infante Dom Duarte seu irmão, molher de Alexandro Farnes Principe de Parma, por sua sanctidade & grande religião se pode com muita razão referir no catalago dos sanctos deste reino, perque perpetuamente será lembrada em Italia, & por a grande prudencia com que gouernou aquelles estados de Parma & Plazencia nas absencias do Principe seu marido: de cuja inteireza & sabedoria os do seu conselho se espantauão & do grande juizo com

que

que trataua & deſpachaua as couſas da juſtiça, perque todos os ſubditos daquelles eſtados erão contentiſſimos. Porque nella achauão os poderoſos & grandes juſtiça & inteireza, os pequenos clemencia & igoaldade, os maos caſtigo, os bons fauor & premio, & todos abrigo & amparo.

De ſuas grandes virtudes & ſanctidade & proceſſo de ſua vida exemplar, ha muitos liuros ſcriptos per homẽs graues nas lingoas Latina, Italiana, & Heſpanhol, de que todas as molheres podem tomar exemplo de coſtumes & valor de animo. E porque não ſomente aas molheres de grandes ſtados dâ Deos ſuas graças, he juſto que deſcendo dos thronos deſſas princeſas de que fallamos, venhamos aas de menor fortuna que moſtraram valor & eſforço & ponhamos exemplos de algumas molheres deſtes tempos ou dos mais proximos a elles. Porque começar dos antigos ſeria fazer longo volume que he o que nos fugimos.

Fazendo Nuno Fernandez de Taide capitão de Cafim (que foi hum valeroſo homem) huma entrada em terra de Mouros, foi tomado em huma cidade & morto elle & os mais dos fronteiros & moradores da cidade que foi nouo caſo para Portugueſes que naquelles tempos felices delRei Dom Manuel trazião os Mouros mui apertados. E vendo os Mouros que a cidade hauia de ficar ſoo, determinarão

rão de ir a ella, & tentaram de a escalar dandolhe alguns assaltos. Pollo que as molheres sabendo que os maridos erão mortos & o perigo em que ellas estauão de suas vidas & honras, acodirão aos muros & torres com as cabeças armadas ou cubertas, & com as lanças aruoradas fingindo que erão homẽs: & com este estratagema os Mouros parecendolhes que a cidade estaua acompanhada de gente, se forão, & ellas começaram a chorar a seus maridos.

No tempo que Soleimão Baxâ general da armada do Turco veo a poer cerco aa fortaleza de Dio de que Antonio da Sylueira era capitão, sendo os portugueses somente seiscentos, & os Ianiçaros muitos mil, alem de quatorze mil homẽs escolhidos com que Alicam & Coje Sofar os vieram ajudar, com a continuaçaõ dos combates & força dos basiliscos & grossa & innumerauel artelharia que trazião, foramse os Portugueses diminuindo muito com os mortos & feridos & doentes de huma doença nunqua vista, & os muros se arruinarão tanto, que repartida a gente em pelejar e em tirar a terra dos muros que se derribauão, para os refazer não hauia gente para huma cousa & outra. Polo que huma molher nobre per nome Isabel da Veiga casada com hum homem fidalgo da Ilha da Madeira em idade ainda moça & mui gentil molher, mas de grande authoridade & valor, ven-

vendo aquelle commum perigo & o trabalho que aquelles homẽs paſſauão em acarretar a terra perque deixauão de pelejar, & que aquelle officio de acarretar era couſa para que tanto podiaõ preſtar molheres como homẽs, & que fazendoo ellas os homẽs naõ deixariaõ de fazer o officio das armas para defençáo de todos, fez huma falla a todas as molheres que na fortaleza ſtauão, pondolhes diante o perigo e neceſſidade em que eram poſtas, e o trabalho que aquelles homẽs padeciaõ em cujos braços conſiſtia ſua honra & defençáo: & lhes perſuadio que ellas fizeſſem aquelle officio que molheres podiam fazer: & ella primeiro veo com ſua alcofa a trabalhar & cada huma das mais veo com a ſua, e os homẽs todos tomaram as armas. O que foi grande ajuda para ſe aquella fortaleza defender.

No outro grande cerco que os Turcos com elRei de Cambaia poſeram aa meſma fortaleza de Dio, ſendo capitão Dom Ioam Maſcarenhas, em outra tal neceſſidade de as molheres todas acarretarem madeira para o repairo dos muros que os Mouros desfazião com ſua artelharia, andando entre elles huma molher honrada & caſada por nome Iſabel Madeira, veo hum tiro de bombarda que per ante ſeus olhos lhe deſpedaçou ſeu marido que ella em extremo amaua, & de que tinha quatro filhos. A qual nam ſomente nam lançou lagrima alguma por elle perſeuerando no officio

ficio em que andaua, mas reprendia âs outras molheres que a vinham consolar, dizendolhes que trabalhassem & nam deixassem o officio que faziam, que seu marido morrera honrado por seu Deos & por seu Rei, & que tam honrados morressem seus filhos. O qual feito & dito se podia contar entre aquelles que se escreuem das Lacedemonias.

Na cidade de Lisboa huma Dona viuua nobre que viuia aa porta de Sancta Catherina vendo leuar preso hum seu sobrinho por morte de hum homem, & que o leuauão maltratado sahio aa rua com presteza a rogar ao alcaide que o não leuasse assi deshonestamente, porque era homem fidalgo. O alcaide pondolhe as mãos aafastou de si. Polo que ella indignada daquelle desacato se arremessou a elle e lhe arrancou da cinta a espada que leuaua, & com ella lhe deu huma cutilada em hum hombro & outra pela cabeça do que ajudaua leuar o preso: por o que o sobrinho se desenuolueo & solto com huma alabarda que tomou a hum dos ministros se saluou com ajuda da tia que o fez valerosamente contra os ministros da justiça & gente que lhes acodio.

Na cidade de Lagos do reino do Algarue chegando huma molher de hum homem principal a sua janella, alta noite vio que tres homẽs andauão aas cutiladas com hum seu filho moço de vinte annos ao qual ja tinhão

mal

mal ferido. A mãi tomando huma lança fahio aa rua para acodir a seu filho & demaneira se houue com os tres, que quando hum escrauo & hum moço seus acodirão aa briga tinha ella ja feridos dous delles de duas grandes lançadas perque lhes foi necessario deixar a briga.

Hum homem honrado em Lisboa sendo acommettido de quatro ladroẽs que andauaõ a tomar capas lhe tomaraõ a capa, & o chapeo & indo elle a sua casa a armarse para os ir buscar sua molher lhe fechou a porta & nam consentio sair saluo se aleuasse comsigo: & cuberta com huma capa, & com huma espada & rodella o acompanhou. Elles acharão os quatro & se houueraõ de maneira que os ladrões fogirão deixando duas capas, hum sombreiro & hum casco & huma espada & algum sangue na rua.

E para que se veja que em toda a idade tem as Portuguesas animos generosos, e varonis diremos o que pouco ha aconteceo a algumas donzellas a que nem a pouca idade nem o sexo femenil impedio a execuçaõ de seus bons spiritos. Destas foi huma donzella moça de pouca idade per nome Dona Guiomar que com seu pai o doctor Pero Nunez Cosmographo mór delRei estaua em Coimbra. Esta tendolhe promettido hum filho de hum cidadão seu visinho que casaria com ella e não comprindo sua promessa o mandou ci-

tar

tar perante o Biſpo da meſma cidade que as preguntas lhe quis fazer na igreja de S. Ioão. E negando o mancebo a promeſſa que fizera, ella de improuiſo lançou mão a hum caniuete de hum eſtojo que conſigo trazia para ſeus lauores & lhe deu huma grande cutilada pelo roſtro. Feito iſto ſe volueo ao altar pedindo perdão a Deos & deſpois ao Biſpo. O qual a mandou depoſitar ate ver o que ſe hauia de fazer no caſo. E porque ella ſoube que todos parentes & amigos do offendido & muita gente armada com elles eſtauão na ponte do Mondego per onde ſuſpeitauão que ella paſſaſſe para o moeſteiro de S. Clara onde ſeu pai a queria meter freira, ella com grande animo ſe mandou leuar aas coſtas de hum trabalhador eſcondida em huma grande canaſtra em que leuaua para o dito moeſteiro de Sancta Clara cera & couſas para o officio da ſemana ſancta, animando ao que a leuaua que não temeſſe que Deos a quem ia ſeruir os guardaria. E aſſi foi entre aquelles tantos homẽs armados ao moeſteiro onde as freiras que ja tinhão recado a eſperauão com grande aluoroço: e hi ſtâ hoje freira profeſſa.

No concelho de Regalados na freguеſia de S. Miguel hauia huma donzella gentil molher & de muitas boas partes outras per nome, Margarida d'Abreu filha de hum Chriſtouão Rebello de Abreu homem nobre com a qual deſejando caſar hum homem que não era ſeu

igual

igual em geração, mas homem de boas partes e criado delRei se gabou que era casado com ella parecendolhe que com aquella inuençaõ o poderia vir a ser. Vindo isto aa noticia della que do caso era innocente se teue por mui afrontada. Polo que ao seguinte Domingo em que ella costumaua ir aa igreja acompanhada de huma sua irmãa a que deu conta do caso que passara e do que hauia de passar, em per passando pelo lugar em que aquelle homem se assentaua com huma faca que na mão leuaua amolada, lhe deu algumas cutiladas. E sendo pelo sacrilegio do ferimento que commetteo na igreja condenada que estiuesse hum domingo na mesma igreja em quanto a missa duraua em corpo com huma vela acceса na mão, ella foi a isso vestida ricamente como quem triumphaua do que fizera. Na qual auto pareceo a todos que a virão mais sermosa do que antes era.

Na villa d'Aueiro de hum Simão Rodriguez mareãre e de sua molher Lianor Diaz nasceo huma filha per nome Antonia. A qual trouxe sua mãi a esta cidade de Lisboa para outra sua filha casada que aqui tem. Esta moça nam podendo sofrer a aspereza de sua irmãa & o mao tratamento que lhe daua, se determinou sairse de sua casa & irse a terras estranhas, como fez sendo de idade de doze annos: para o que se foi aa rua onde vendem vestidos feitos, & desse pequeno peculio

lio que tinha comprou hum veſtido conforme ao trajo dos moços que ſeruem no mar em nauios merchantes. E tendo ja cortado o cabello ſe foi ao campo & em hum lugar eſcuſo deſpio o trajo de molher que trazia e ſe veſtio como moço: & indo ao longo da praia ſe pos com o meſtre de huma caruella que eſtaua carregada de trigo para Mazagão em a qual ſe embarcou: & ſeruio naquella viagem de grumette tam deſtramente como ſe fora homem que fizera ſempre aquelle officio, trepando pelo maſto a tomar as velas & fazendo tudo o mais como hum deſtro marinheiro, mudando o nome de Antonia em Antonio. Chegando a Mazagaõ foi certificado ao Capitaõ que o meſtre da caruella fizera furto e falſidade no trigo que leuaua: & tirandoſe do caſo teſtimunhas foi o grumete Antonio huma dellas que deſcobrio a verdade. Polo que o Capitão nam conſentio que tornaſſe na caruella por o meſtre lhe nam fazer mal: & o aſſentou no numero dos ſoldados, & ſe começou a chamar, Antonio Rodriguez. O qual em pouco tempo ſe fez tam deſtro nas armas que quando iáo aa barreira deſafiaua a outros & lhes fazia tanta vantagem que ninguem lhe ganhaua. E nas ruas publicas eſgremia & todos jogos de armas fazia com tanta graça como ſe toda a vida as exercitara. Polas quaes partes e por ſua branda condição era mui amado de todos os ſoldados & cada

hum procuraua de ser sua camarada. Fazia suas vigias de noite sem nunqua faltar nellas, & com os soldados comia & se deitaua na cama & dormia entre elles vestido porem sempre com gibão & ceroulas, que nunqua andaua sem ellas, por onde não foi conhecido. E assi seruio pouco mais de hum anno de soldado. Porque como por sua destreza tiuesse muito nome & o Capitão o fauorecia, o fez de cauallo & lhe deu soldo & mantimento como aos mais caualleiros.

Sendo de cauallo se auantajou dos outros na destreza & bom ar & ligeireza com que caualgaua do chão: & no commetter aos imigos nas empresas maiores & de importancia, sempre o Capitão o nomeaua & mandaua na dianteira como ao mais destro caualleiro que tinha. E assi se achou em muitas pelejas & encontros onde foram captiuos & mortos muitos Mouros principaes e seus cauallos de que Antonio Rodriguez participaua como o melhor caualleiro da companhia. Velaua de noite nos muros seus quartos sem faltar, e sahia ao campo com sua espingarda a cauallo a fazer lenha & feno. E muitas vezes ajudaua a matar porcos no campo dos Mouros de que trazia sua parte.

Tinha tanta fama de caualleiro esforçado esta encuberta donzella que por isso & por parecer hum mancebo mui gentilhomem & de muita graça era mui bem olhado & fauorecido

do das donzellas de Mazagaõ, moormente de huma filha de hum caualleiro principal em cuja casa tinha tanta familiaridade o fingido Antonio Rodriguez que todos cuidauão que hauia de casar com ella. E por a muita familiaridade que os pais da moça viam nelle que nam passaua de requebros & galantarias nam se receauam delle: polo que era mui seruido de lenços & camisas, & todos tinhão para si que casaria alli.

Hauendo cinquo annos que seruia naquelle trajo de homem temendose de ser descuberto per outrem, se se lhe enxergassem algumas moistras de molher determinou de o fazer per si, e indo ao Prouisor se lhe descobrio & lhe dixe as razoẽs porque ate alli andara naquelle trajo. O Prouisor o descobrio ao Gouernador & a obrigaram a tomar trajo de molher. E assi se recolheo em casa de hum caualleiro principal casado aonde hiaõ visitar as Donzellas a que ella fallaua amores, as quaes mudaram o amor que lhe tinhaõ em amizade e lhe pagarão as galantarias que lhes dizia com presentes de rocas e fusos & outros taes ditos. Desejou esta molher de se vir para o reino em companhia de molheres se as achara. Mas era tambemquista do Capitão & de todos os da villa assi homẽs como molheres, que lhe não consentiam fallar nisso. Dahi a poucos dias casou com ella hum caualleiro mancebo dos principaes da villa & com elle

se veo a este reino com certidão de seus seruiços que fez pelas armas, & a despachou elRei com merce de duzentos cruzados para ajuda de custa & de huma fanga de trigo cada mes & de dez mil reis tudo de tença em sua vida. E agora ha pouco tornando qua lhe tomou hum filho por moço da camara por os seruiços della sua mãi. He hoje viua & estâ nesta cidade com outro requerimento: he molher ainda moça de menos de trinta & cinquo annos, bem parecida & que tem muita graça no que falla & grande viueza de spirito, perque justifica bem o que della se diz.

O que desta molher mais se pode louuar he a continencia e honestidade com que sempre procedeo andando entre tantos soldados feita soldado comendo & dormindo na cama entre elles, vencendose assi mesma que he a maior de todas as victorias. E assi entre as molheres de Mazagão tem nome de huma molher de grandes merecimentos & de que fazem muita conta, & de todos os que a conhecem he chamada a Cauelleira por o esforço que nas armas mostrou. Aa qual com tanta e mais razaõ se podera poer em Mazagaõ huma statua equestre de molher, como os Romanos poseraõ aa sua Chloelia que sendo posta em arrefens com outras donzellas em poder delRei Porsena de Toscana que tinha cercada Roma, animou suas companheiras & as guiou a passarem nuas o Tibere a nado que estaua

en-

entre o arraial dos imigos & a cidade, & tornarem liures a casa de seus pais. Porque maior esforço he acommetter armada a cauallo os imigos armados, que fugir delles passando hum rio com os vestidos aas cabeças sem nunqua caualgar em cauallo.

E para que tractando nos das molheres de alto estado e das do mediocre se nam queixem as do mais baixo que passamos por ellas & por suas proezas, contarei o feito de duas molheres que a muitos fizeram rir. No tempo que elRei Dom Ioão o I. de Portugal trazia guerras com elRei Dom Ioão de Castella sobre a succesſaõ do reino de Portugal estando o de Portugal sobre a villa de Melgaço que tinha em cerco, huma Portugueſa que com os cereados estaua, molher corajenta e mui desenuolta para huma briga, sabendo que no arraial estaua huma molher tambem Portugueſa que tinha fama de valente & de não leuar duas em capello, querendo mostrar sua pessoa a mandou desafiar, e com licença do capitaõ sahio fora dos muros para escaramuçar com ella: e vindo as mãos e perdidas ou gastadas as armas que traziam, andarão na lucta tanto que deraõ grande prazer aos de dentro e aos de fora que as viam. Em fim aproueitandose das mãos das vnhas e dos dentes quanto poderam a de dentro que tinha por Castella, foi desbaratada, & com muitos apupos e grita que todo o arraial se tornou para os de dentro corrida

rida & escabelada, e com muitas nodoas nos fosinhos das punhadas de que foi ferida da de fora que ficou triumphando.

Sendo eu moço andaua em Euora hum doudo de alcunha o Garcia membrudo e de grandissimas forças que quando o furor o apertaua mais, tiraua pedras que paraciam que sahiam de huma bombarda. Este homem vi hum dia apparecer na praça nú como sua mãi o parira, com huma espada nua na mão esgrimindo & dando grandes saltos & olhando para huma & outra parte como que desejaua de ver a quem desse. Polo que toda a gente que na praça estaua, desappareceo, & elle só andaua nella como hum braao touro, & entre as regateiras que na praça estauão vendendo que se poserão em fugida, estaua huma que parecia de idade de mais de cinquoenta annos, a qual do lugar onde estaua pouco & pouco se foi chegando ao doudo tanto, que de hum pulo saltou com elle e o abraçou por detras tam rijamente que o subjugou todo: e lançandolhe a mão aos cabos da espada lha arrancou das mãos, e ficou pegada nelle ate que a gente acodio que prenderão o doudo & o leuarão atado ao hospital.

Bem crerá isto que aqui contamos das Portuguesas quem ler o que escreuem os antigos sobre ellas, de que he hum Appiano Alexandrino historiador Grego mui graue que no liuro das guerras entre os Romanos & os

Hes-

Heſpanhões, diz que as molheres Portugueſas armadas acompanhauam a ſeus maridos nas gueras & pelejauam tam animoſamente como elles, e com elles morriam ſem nenhum pauor nem moſtra de couardia, & com grande esforço ſem ſe lamentarem ſe deixauam degollar: & que quando pelejauam nunqua voluiam as coſtas nem fugião, querendo vencer ou morrer: & que muitas vezes ſe matauam per ſuas máos a ſi & a ſeus filhos quando ſe vião em aperto tomando por melhor partido a morte honrada que veremſe eſcrauas de ſeus imigos.

Fora fazer grande volume contra as hiſtorias de muitas Portugueſas que moſtrarão grandes e varonis animos por defenſaõ de ſuas honras e couſas honeſtas & de louuor que por eſtes poucos exemplos ſe podem conjecturar.

CAPITVLO LXXXX.

Da habilidade das molheres Portugueſas para as letras & artes liberaes.

POſto que as molheres das forças corporaes ſejam naturalmente mais fracas que os homẽs, na ſubtileza dos engenhos para as letras e outras artes lhes não ſaõ inferiorés querendoſe applicar ao eſtudo dellas. E ſe em todas artes & diſciplinas ſe não acham grande numero de molheres ſcientificas neſtes tempos

pos como ja houue nos paſſados em muitas nações, he por a honeſtidade & vergonha que as enfrea & as encolhe, principalmente em Portugal onde as molheres ſe não moſtrão em publico. E ſe a ellas lhes fora licito irem aas eſcholas e eſtudos publicos & aprenderem como aos homẽs, não ha duuida ſenão que fora mui grande o numero das letradas que poderaõ meter em confuſaõ a muitos homẽs que nas ſcholas aprenderão muitos annos, e nellas tomarão graos.

Mas com todo ſeu encerramento não faltarão neſtes noſſos tempos molheres Portugueſas que no eſtudo das letras ſe auantajarão das outras. De que poderiamos nomear por primaz a ſereniſſima Infante Dona Maria filha delRei Dom Manuel, a qual alem das muito heroicas virtudes que nella reſplandeciam & grande exemplo de honeſtidade em que perſeuerou no eſtado virginal ate a morte, foi mui ſtudioſa das letras, & fez da lingua Latina e outras grande progreſſo, com que gaſtaua o tempo em ler liuros: para o que tinha em ſua caſa muitas Donzellas doctas em muitas artes com as quaes communicaua ſeus eſtudos: cuja caſa era hum domicilio das Muſas & huma ſchola de virtudes & honeſtidade, em a qual ſe achaua quem reuoluia liuros, quem tocaua muitos inſtrumentos muſicos de diuerſas maneiras, & quem pintaua & fazia os outros officios que ſaõ naturaes das molheres em grande perfeição. Da

Da senhora Dona Maria Princeza de Parma molher do Principe Alexandre Farnesio, sobrinha da mesma senhora Infante filha do Infante Dom Duarte seu irmão entre as muitas & raras virtudes que nella houue se deue sempre fazer menção da grande eminencia que tinha nas letras diuinas & humanas: porque tinha muita noticia da lingua Latina & da Grega: era nas mathematicas mui docta & na philosophia natural, & muito mais na sagrada Scriptura em que continuamente se occupaua. Tudo isto encobria esta modestissima Princeza como encobria as muitas esmollas e boas obras que fazia.

Porque lhe parecia (como se ve do liuro que de sua vida seu confessor escreueo) que era culpa saberense algumas boas obras suas em publico.

Outra senhora conhecemos chegada em sangue aa casa Real que teue o mesmo exercicio de letras & muita erudição, que foi Dona Lianor de Noronha filha de Dom Fernando de Meneses Marques de villa Real, a qual sendo mui fermosa & auisada propos de viuer & morrer no estado de donzella dandose toda aa contemplação & estudo das letras em que foi mui eminente, & fez muitas obras de que algumas sairam a luz & outras ficarão interruptas per sua morte estando ja meias estampadas. Escreueo de cousas spirituaes alguns liuros aa maneira de homilias de grande deua-

uação & de tanto ſpirito que quem os lee nam pode crer que ſam obra de molher: & por ſer mui curioſa das hiſtorias antigas traſladou alguns liuros das Enneadas de Marco Antonio Sabellico de Latim em Portugues: No que tudo ſe via a policia de ſeu engenho & a virtude & honeſtidade de ſua peſſoa.

Dona Margarida de Noronha Prioreſſa da Annunciada de Lisboa ſobrinha deſta ſenhora filha do Conde de Linhares Dom Franciſco de Noronha ſeu primo com irmão com ſeu grande engenho de que he dotada não ſomente ſe fez docta na lingua Latina e em outras, mas na Portugueſa em que he mui eloquente eſcreueo muitos diſcurſos de couſas ſpirituaes que a quem os lee moue a muita deuaçaõ. A meſma pinta tam excellentemente a oleo & illumina que ſuas obras fazem eſpantar aos maiores officiaes daquelle officio.

É a letra que faz latina, e outra de que alguns eſcriptos ſeus ſe moſtrão como por couſa de marauilha, tem tanta perfeição que vi confeſſar aa alguns meſtres dos melhores que neſta cidade ha não na terem viſto tal & que della alguns que de gentis eſcriuães ſe prezão podem tomar traslados para a imitarem: & della por ſer viua não digo mais.

Ioanna Vaz que foi donzella da Rainha Dona Catherina teue grande fama neſte reino por o bom ſtylo em que eſcreuia quaeſquer materias na lingua Latina, & por a grande

de promptidão com que declaraua qualquer poeta ou author que lhe metião nas mãos. Por o que delRei & da Rainha era mui eſtimada & a caſaram rica & honradamente.

Luiſa Sigea donzella da dita Infanta Dona Maria & que em ſua caſa ſe criou, foi exquiſitamente docta em muitas linguas, & em muitas artes: & aſſi era inſigne em qualquer das linguas como ſenão ſoubera mais que a em que fallaua ou eſcreuia. Eſcreuendo ella ao Papa Paullo III. huma carta lha mandou nas linguas, Latina, Grega, Hebraica, Chaldea, & Arabica, cada huma tam elegante, que o Papa ſe eſpantou & le reſpondeo com hum breue cheo de louuores & benções & graças que lhe concedeo cuja irmáa Angela Sigea a igoalou nas linguas Latina & Grega & a excedeo na muſica de muitos inſtrumentos que ſabia.

CAPITVLO LXXXXI.

De como no principio deſpois do diluuio ſe gouernou Heſpanha, & como eſteue muitos mil annos ſem nella hauer Reis nem Monarchia.

ENtre muitos males que aa vida humana trouxerão eſtes dous perniciosos affectos, auareza & ambição, não foi pequeno o que delles reſultou aas artes & diſciplinas. Porque

dei-

deixada aquella ſimplez maneira de inſtituição dos antigos fundada ſomente em deſejos de perfeição propria & bem commum, vierão os homẽs a pretender das letras ſomente o que lhes podia trazer ganho ou reputação: & a doctrina que ſoi a ſer ſolida & verdadeira veo ſer enganoſa & falſa, & o ſancto nome da philoſophia a ſe profanar & enuileſcer e poer em preço como mercadoria. Boa parte deſta corrupção coube aas hiſtorias. As quaes ſendo (como diz Marco Tullio) teſtimunhas dos tempos, meſtras da vida & annunciadoras da verdade, ficarão muitas ſendo teſtimunhas falſas dos tempos, confuſaõ & obſcuridade da verdade & deſencaminhadoras da vida. Porque aſſi como indo pelo caminho errado que nos moſtram nam imos para onde queriamos, mas aonde nos nam cumpre, nam de outra maneira os caſos & ſucceſſos fingidos que nos contam, nos enleam e embaraçam & nos perſuadem o contrario do que deuiamos eſperar. E com muita razão ſe queixam muitos homẽs ſabedores como hauendo tantas penas para quem commette huma falſidade em couſa que val pouco, não nas ha tambem para ſe caſtigarem grauemente os que de induſtria eſcreuem hiſtorias falſas por verdadeiras. Polo que tiradas as ſagradas a que o Spirito Sancto aſſiſtio, as mais das hiſtorias humanas tem erros & faltas.

A huns leua o amor, ou odio, ou eſpe-

perança de intereſſe (affectos poderoſos que peruertem os mais dos homẽs) a outros a adulaçam querendo grangear os poderoſos de que ſe eſperam valer, a outros a ambição de quererem ganhar fama aa cuſta de authores antigos cujos eſcritos erão perdidos que elles fingirão achar a que acreſcentaram o que quiſeram, & fizeram commentos para aa cuſta alhea ſe acreditarem, aſſacandolhes o que nunqua dixerão, como aconteceo a hum frei Ioão de Viterbo Italiano que com deſejos de ganhar honra & deixar nome de Scriptor, vſou de hum ardil que ja outros tentarão e lhes não valeo. Iſto foi dizer que aas ſuas mãos veo hum fragmento de hum liuro de Beroſo Sacerdote Caldeo antiquiſſimo que trataua dos Reis de Babylonia & entre elles dos de Heſpanha. A cauſa deſta inuenção foi adular a elRei Dom Fernando o Catholico em cujo tempo foi; dandolhe por predeceſſores os prodigioſos Reis que adiante ouuireis, que na verdade nunqua houue. O que a eſte author deu atreuimento a nomear por author Beroſo mais que a outro, foi hauer lido em Ioſepho no liuro 1. contra Appiano Alexandrino, que entre outras obras que eſcreueo Beroſo foi hum epitome dos Reis de Babylonia, no qual fingio Ioão de Viterbo que tambem trataua dos Reis que houue em Heſpanha & em outras partes. E por ſerem os liuros de Beroſo perdidos ja de tempo mui anti-

tigo, pareceolhe que qualquer couſa de hiſtorias antigas que quiſeſſe, a Beroſo podia dar por author.

Foi Beroſo philoſopho grandiſſimo & docto na lingoa Grega em que eſcreueo algumas obras & o dito epitome dos Reis de Babylonia. Na aſtrologia judiciaria foi mui eminente. Polo que os Athenienſes como diz Plinio no liuro 7. capit. 37. de ſua natural hiſtoria lhe poſeram em ſua academia huma ſtatua com a lingoa dourada por a certeza de ſeus juizos. A eſte author aſſacou João de Viterbo que buns fragamentos que lhe vieram aa mão de ſeu liuro dos Reis de Babylonia faillaua dos Reis antigos que antes de ſeu tempo houue em Heſpanha, em França e em algumas partes outras o que não podia ſer. Porque em Heſpanha naõ houue Reis tantos mil annos, quantos ha deſdo principio do mundo ate o do naſcimento de noſſo Senhor IESV Chriſto de 400. annos quando em Heſpanha entrarão os Godos. E alem diſto como era poſſiuel que Beroſo natural de Chaldea hauia de ter noticia dos Reis de Heſpanha deſdo tempo chegado a Tubal não ſe fazendo menção de taes Reis pela ſagrada ſcriptura nem por outra alguma que na verdade nam hauia, nem per informaçam podia Beroſo ter de tal couſa noticia por a pouca preſtança & comercio què entre os homẽs naquelles antigos tempos hauia por eſtarem as terras (como diz

diz Polybio no liuro 3. de sua historia) tam cerradas & tam desconuersaueis como eram antes que o grande Alexandre pela Asia & os Romanos pela Europa abrissem estradas & assegurassem os caminhos do mundo, os quaes ate entam não se podião vedear pola barbaria das gentes & diuersidade das linguas que despois dos imperios Grego & Romano começaram a ter comercio & leis. Polo que se Beroso escreuera de tempos tam antigos de que não hauia escriptura nem author, a que seguisse, não podera deixar de serem fabulas & mentiras, como fez Ephoro Scriptor Grego authentico entre os seus, o qual nam sendo tam antigo como Beroso entremetendose a fallar de Hespanha, dixe que era huma cidade de tal feição & tal, se huma prouincia tam grande que despois se diuidio em tantos reinos & senhorios como forão os de Castella, Leão Portugal, Algarues, Aragão, Valença, Granada, Nauarra, Galliza, & as prouincias de Catalunha, & Ruisselhão.

A estas fabulas de Ioão Viterbo alguns homẽs lhe dauão credito allegando com elle como a materia era noua & gostosa, quaes saõ as de historias de cousas nouas & peregrinas: & fora ainda maior a authoridade que ganhara se homẽs doctos & de solida erudição que sobre elle fizerão juizo não acodirão a isso mofando delle, como forão Marco Antonio Sabellico no liuro 11. das suas Enneadas. &

Luis

Luis Viues nos commentos que fez sobre sancto Agostinho de *Ciuitate Dei lib.* 18. no principio: & Raphael Volaterano no liuro 2. de sua geographia, Ioão Vasco no liuro de sua Chronica de Hespanha, Andre de Resende grande antiquario & de marauilhoso juizo (cujas conjecturas parecem regras certas) nas suas antiguidades da Lusitania, & Gaspar Barreiros Conego da sancta See de Euora, homem de grande engenho & claro juizo em auerigoar antiguidades, no tratado que fez de Censura sobre o falso Berosso: de cuja falsidade por aquelles homẽs doctos não exprimirem as cousas, elle as exprimio, & o censurou de maneira que o tomou com o furto nas mãos. E a maior proua do pouco credito que se lhe deue dar, he, que os mesmos que o seguiram ou em parte ou em todo, saõ os que confessam a maa reputação em que esta hauido, dos quaes he o primeiro Florião do Campo que na mesma Chronica de Hespanha no cap. 4. do liuro primeiro confessa quanta suspeita se tenha de este Ioão de Viterbo ser fabuloso. O mesmo dizem frei Leandro Alberto frade da ordem de Sanct Domingos na descripção de Italia no titulo da cidade de Viterbo, & outros seus sequazes que houueram vergonha de negar o que he tam publico. E sobre todos Petro Crinito homem doctissimo no liuro 24. capit. 12. de honesta disciplina tractando de huns erros do mesmo

Ioão

João de Viterbo acerca de huma interpretação de certas palauras de huma carta de Augusto Cesar que escreuia Mecenas seu priuado, diz estas palauras. *Quod in quibusdam controuersijs Ioannis Viterbiensis qui pleraque imprudenter confixit deprauari tam inscite quam insolenter hæc video.*

Esta inuenção que João de Viterbo tentou nam foi a primeira. Polydoro Virgilio que escreueo as historias de Inglaterra per ordem de elRei Henrique VII. diz que não achou author authentico de quem se instruisse acerca dos primordios daquelle reino, senão hum Gildas, author antigo que se não achaua ja, & como achado de nouo estaua comentado & corrupto per hum homem que lhe acrescentou muitas mentiras para ganhar fama aa sombra daquelle author que tinha bom nome: de quem o Polydoro diz mil males, das quaes o menor, he que foi o mór charlatão que o mundo deu. Fernão Perez de Guzmão Senhor de Batres Chronista delRei Dom João II. de Castella & do seu conselho que escreueo o que vio & passou per suas mãos, em hum prologo que faz ao tratado dos homẽs illustres, contra de outro tal per nome Pedro de Curral que fingindo achar hum liuro da historia dos Mouros que destruirão a elRei Dom Rodrigo contra muitas mentiras: por o qual diz que merecia mui bem castigado como grande falsario: quaes saõ os que se en-

tremetem a escreuer cousas antigas que não lerão em authores authenticos ou fingem que as acharaõ e as publicam. E tanto inualesceo esta audaz temeridade & proteruia de homẽs de se entremetterem e intitularem em obras alheas, que ate as sagradas se atreuerão corromper & contaminar: ao que o Papa Gelasio vio que compria atalhar com aquelle celebrado capitulo, *Sancta Romana Ecclesia* 14. *dist.* em o qual declarou os verdadeiros liuros e defendeo os apocryphos & adulterinos. Daqui se inuentaram as falsas epistolas de Abagaro Rei de Edessa para nosso Redemptor e do mesmo Senhor para Abagaro, & as de S. Paulo para Seneca, e de Seneca para S. Paulo. Pois nas cousas prophanas notorios saõ os muitos liuros spurios, que se attribuem a authores que os naõ fizeram em todas as sciencias, como saõ os muitos que attribuem a Galeno na medicina (por ventura com grande dano da saude dos homẽs) onde se daõ remedios que o verdadeiro Galeno naõ deu. Fazendo exame Marco Varraõ das comedias de Plauto, diz Aulo Gellio no liuro 3. c. 3. de suas noctes Atticas, que mostrandosselhe a Marco Varrão as comedias de Plauto de que andauam vulgarmente cento & trinta intituladas nelle, so 21. reconheceo por suas, e as mais por suppositicias. E por Marco Emilio Macro poeta elegantissimo (que foi contemporaneo de Virgilio e de Ouidio, e companhei-

nheiro ſeu em huma viagem que fez a Aſia) eſcreuer hum liuro de herbs que ſe perdeo com as obras de bello Troiano & outras , hum barbaro que deuia ſer boticario fez hum liuro em verſo de herbis e o intitulou em nome do dito Marco Emilio cuidando que ganharia honra ſeu liuro debaxo do nome de tam celebre poeta , que podera perder ſô por a ignorencia que moſtrou em allegar com Plinio , ſendo verdade que Plinio como mais moderno allega com Macro que viueo no tempo de Auguſto , & Plinio no de Veſpaſiano & tal era o mais.

E para eſta fabula mais ſe manifeſtar , reſta ver os Reis que eſtes fabuladores deram a Heſpanha , e a progenie e qualidades delles : e por euitarmos prolixidade nam curaremos dar em particular noticia de todos , mas ſomente de alguns poucos : porque por hi ſe julgaraõ os outros. E ſeja o primeiro Baccho de quem dizem foi filho de Deos Iuppiter , e de Semele filha de Cadmo Rei de Thebas , e que eſta molher ſendo prenhe de Iuppiter hauendo ciumes della a Deoſa Iuno ſe transfigurou em forma de huma velha per nome , Beroe (que era ama da meſma Semele) a qual lhe aconſelhou que para ſaber ſe Iuppiter lhe queria bem , lhe pediſſe ſob juramento que quando a vieſſe conuerſar vieſſe da maneira que ſe hia juntar com Iuno : o que elle prometteo muito contra ſua vontade por o peri-

go que a Semele se seguiria. E querendo comprir o juramento pela lagoa Stygia (perque os Deoses jurauam & se não podia quebrar) vindo a Semele lançou de si hum corisco como de continuo fazia quando não vinha disfarçado do qual Semele foi morta. E porque ella era prenhe lhe tirou Iuppiter da barriga o filho que trazia que era Baccho, e abrindo huma coxa sua o meteo nella, onde esteue ate o tempo que lhe faltaua para se perfeiçoar no ventre da mái. Chegado o tempo, nasceo o qual Iuppiter deu a criar a Ino sua tia, irmãa de Semele & outras Nymphas que o seruião. Este Deos Baccho entre muitas cousas que emprendeo, foi ir ao Oriente onde houue dos Indios muitas victorias porque triumphou delles. Dahi veo aa Hespanha mostrar sua gloria & pretender outro triumpho no Occidente vindo acompanhado de grande exercito de homẽs & molheres bacchantes com suas follias & chocalhadas. Pelas quaes & por sua brandura sendo desejado dos Hespanhoes que a principio lhe resistião, lhe tomaram por Rei seu filho por nome Luso, & segundo outros, Lysias que foi Rei de Hespanha em seu lugar, donde se elle tornou para Italia.

Outro Rei foi, Osyris, filho tambem de Iuppiter & de Niobe filha de Phoroneo Rei dos Argiuos que foi casado com a Deosa Isis (grande de idade dos Egypcios) onde tinha hum grande & celebrado templo em o

qual

qual era mui venerada, como tambem tinha outro em Roma, que he aquelle que Iosepho no liuro 18. de suas antiguidades capit. 7. conta que o Emperador Tyberio Cesar mandou assolar, & em que mandou enforcar os sacerdotes delle per hum stupro que consentiram fazerse nelle a huma molher illustre Romana. Este Osyris dizem tinha por officio, & natural inclinação andar visitando todas as prouincias do mundo com grandes exercitos para castigar as offensas que os Principes tyrannos fazião a seus subditos. Para o que assi andaua correndo o mundo como os corregedores correm suas comarcas para emendar os excessos, como se o mundo fosse de duas leguas, & não houuesse calores nem frios nem serras nem rios nem barrancos que passar: & como se os exercitos grandes que trazia houuessem de passar tudo como as aues, & se houuessem de manter do ar, & fazer guerra sem estipendios. A este venerauam os Egypcios por seu Deos como Isis sua molher & juravam nos altares per seu nome. Este Principe vindo a Hespanha dizem que priuou do reino a hum tyranno por nome Gerião & o matou, & ficando Rei alargou o reino a tres Gerioes filhos do defuncto. Mas elles como mal agradecidos lhe procuraram a morte, a qual Hercules o Lybico filho de Osyris vingou matando os Giriões & ficando elle Rei.

Outro Rei fingio frei Ioão de Viterbo

que

que foi, Abidis neto delRei Gargoris de Hespanha nascido de huma sua filha mui formosa, a qual sendo delle mui guardada veo ter amores com hum familiar de seu pai & parir delle Abdis, do que Gargoris foi tam anojado, que determinou matar o neto cuidando que assi encobria o stupro de sua filha, & encubertamente mandou per criados seus aos montes lançalo aas bestas feras, para que o comessem: & mandando dahi a alguns dias saber o que delle era feito, indo ao lugar aonde o deixaram o acharam rodeado de bestas feras & huma dellas dandolhe de mamar. E como isto pareceo cousa marauilhosa o trouxeram ao Auó, e lhe contaram o que viram. O qual mouido de maior sanha mandou que a dous alaós que tinha mui brauos lhes não dessem de comer dous dias para lhe lançarem o minino, & o despedaçarem mais prestes. Mas os caés lhe não fizeram dano nem o tocaram. Vendo elRei que o Neto não era morto, sendo mais indignado mandou que o posessem no mar para nelle se affogar, onde o minino durou muito espaço sem se affogar, & a agoa o leuou hum grande espaço ate o perderem de vista. Mas em fim as mesmas ondas o tornaram trazer aa praia & se assentou em huma areia mui afastada donde o poseram. De maneira que seu Auó nam pode saber mais nouas delle, & teue por certo ser ja morto. No mesmo lugar onde o minino

ap-

apportou dizem ſe offereceo vir huma cerua parida a qual ſe abaixou e lhe chegou as tetas aa bocca, as quaes por a muita fome e neceſſidade elle tomou logo, & a cerua continuou naquelle officio em quanto o minino teue neceſſidade della, ate que creſceo que foi hum fermoſo mancebo & bem diſpoſto & mui ligeiro pelo leite que mamara e criação. Polo que de todos os que o conheciam era mui amado & mui nomeado per ſua fermoſura & ligeireza em que aos meſmos veados ſeus collaços & companheiros excedia. E deſejando muitos de o hauer aas mãos lhe armaram laços com os quaes como a homem ſylueſtre ou animal fero o tomaram. E trazido ante elRei que o deſejaua ver por a grande ſemelhança que tinha com ſua mãi & alguns ſinaes de ſeu corpo que lhe viram, foi conhecido de ſeu Auô o qual com a razaõ do ſangue que ſe lhe reuelou & por as partes que lhe vio o recolheo & regalou & por ſua morte deixou herdeiro de Heſpanha.

E para não gaſtarmos tanto tempo em desfazer eſtas fabulas, nam iremos auante pelos mais Reis que fingiram porque os meſmos nomes delles & as terras varias & remotas donde os fazem naturaes e virem a Heſpanha & ſuccederem a Reis com que não tinham raraõ de ſangue tam quietamente, ſem reſiſtencia nem contradição como ſe eſtiuera o que ſuccedia a acabeceira do que fallecia, aſſas manifeſta

festa proua saõ desta burla, pois nos legitimos succeſſores se viram sempre discordias e duuidas & interregnos. Outra manifesta proua he, que para mostrar que fallauam verdade, não deixaram passar rio nem monte nem cidade a que não dem sua etymologia, & finjaõ para isso hum Rei. Hespanha dizem que se chamou de hum Rei que hauia nome Hispano. A prouincia Betica que he, a Andalusia, & seu rio Betis que he, o Guadalquibir, dizem que estes nomes lhes pos outro Rei que se chamaua, Beto. O monte Idubeda, de outro Rei que se dizia Idubeda, terceiro Rei de Hespanha & neto de Tubal. Ao rio Tejo que os latinos chamam, Tago, dizem que deu nome outro Rei que se chamaua Tago. A grande & antiga cidade de Seuilha que os latinos chamão, Hispalis, dizem que hum Rei Hispalo lhe chamou assi: como que os rios, os montes & as prouincias ate elles Reis nascèrem não tiueram nomes. E assi tambem afirmaram que por outro Rei que foi de Hespanha que se dizia, Brigo, forão edificadas muitas cidades que saõ aquellas que se acabauam em esta syllaba, Briga, que saõ tantas para o que não bastauam os cinquoenta & dous annos que lhes daõ de reinado. Porque das que agora sabemos os nomes, foram Ierabriga, Talabriga, Conimbriga, Medobriga, Cerobriga, Lacobriga, Arcobriga, Arabriga, Mirobriga, Segobriga, Netobriga: a fora as

mui-

muitas mais que nos nam lembram ao preſente: ſendo verdade que naquella palaura briga acabam, que quer dizer cidade, e he nomenatiuo Heſpanhol e appellatiuo que ſe ajunta aos proprios, como os Gregos faziam ao ſeu polis que tambem quer dizer cidade: porque dizião Neapolis por noua cidade, Hadriano polis cidade de Hadriano, Pompeio polis de Pompeio, Conſtantinopolis de Conſtantino, Gratianopolis de Graciano. E como os Franceſes ajuntauam aos nomes proprios de ſuas cidades Dunum dizendo, Lugdunum, Auguſtodunum, Geſodunum: & o ſeu Magum, que he o meſmo porque vierão dizer Rhotomagum, Neriomagum, Druſomagum, Neomagum & outros aſſi deſta terminação, como tambem fazem os Alemaẽs com ſeu Burg que ſignifica o meſmo: porque dizem, Frisburg, Amburg, Lemburg & Ansburg, Edimburg. E com o ſeu Land que quer dizer comarca, ou região: porque dixerão Irland, Olland, Zeland, Oſtraland, Weſtmerland. E como o ſeu Berg que quer dizer, monte de que de nominarão muitas cidades que eſtam edificadas nos montes ou lugares altos: como Norimberg, Illamberg, Baberg, Clarberg.

E tornando a elRei Brigo que de ſeu nome fingirão fundar todas as cidades acabadas em briga, aſſas confutada fica a mentira com as muitas cidades que dahi a muitos mil annos ſe fundaram, como foraõ Auguſto briga,

Iu-

Iulio briga que Augusto Cesar edificou na nascente do rio Ebro huma em seu nome & outra em nome de seu tio Iulio, & outra que dahi a setenta annos edificou Flauio Vespasiano a que de seu nome chamou Flauio briga que alguns dizem he Fonterabia. O que temos dito parece sobejo para confutar cousas tam indignas de se crerem & que per si se estão desfazendo. Basta sabermos que nenhum Scriptor de quanto a sorte de vir pouoar Hespanha: o que he tradição geral de todos, & de Iosepho principalmente como interprete da sancta Scriptura no liuro 12. de suas antiguidades, ao qual todos seguiram por sua antiguidade & authoridade que he tanta, que Sam Ieronimo o poem no Cathalago dos Scriptores Ecclesiasticos, & que (segundo outros) teue conhecimento & a fee do Redemptor do mundo. De que dam testimunho as palauras que delle dixe no libr. 18. de suas antiguidades & sobre a morte de S. Ioão Baptista no lib. 18. deixando a parte a seu sacerdocio & ter spirito prophetico perque vaticinou a Vespasiano a eleição que se nelle hauia de fazer para Emperador do mundo.

Polo que sem controuersia deuemos crer que Tubal, & os seus parentes que com elle vieram a Hespanha, todos procederam de Noe que era pai geral de todos os que entam habitauam o mundo, & foram os primeiros pouoadores de Hespanha despois do diluuio: &

que

que nam podiam ser outros pois nam hauia nem podia hauer outra origem de que procedessem senam a sua, que de todos era pai commum. Outras gentes despois destes (que ja por a distancia do tempo se tem por estranhas) da familia de Tubal vieram aa mesma Hespanha habitar, mouidas da bondade temperança & fertilidade da terra, as quaes occuparam grande parte della como foram huns que chamaram, Turdulos, outros Turdetanos, Vettones, & Tartesios de que nam ha saberse sua origem, nem do tempo em que vieram, nem as demarcaçoẽs certas das terras que habitauam, sô podemos conjecturar que foram Gallos: porque alguns delles se chamauam Celticos, que he o mesmo que Francezes como erão os que habitauão a parte de para o que faz o que escreue Iustino no lib. xiiij. que produze França tantas gentes que nam cabendo em suas terras sahiram a buscar as alheas que habitassem. E pouco tempo despois de morto Alexandre Magno trezentos mil homẽs se espalharam por diuersas prouincias.

Finalmente como Hespanha se não defendia aos que a ella vinham, nem nella hauia Rei nem cabeça grande que lhes resistisse, & os Hespanhoes careciam de muitas cousas que os estrangeiros lhes traziam a troco de seus metaes, vinham a ella mais gente que a alguma outra prouincia: & ella era feita prea

da

de quantos a querião occupar, & hum concurso de diuersas naçoẽs que nella assentaram: ao que ajudaua, ser Hespanha quasi por todas as partes cercada dos mares Oceano & Mediterraneo, ficando junta sô aos Pyrineos que a diuidem de França, e per onde a vinda a ella de Francezes era facil. Das muitas gentes que a ella vieram, os mais foram Gregos de diuersas prouincias que nella edificaram muitas cidades & assentaram colonias: quaes forão os de Sagunto que vindo de Zacynto Ilha do mar Ionio pouoaram aquella terra que hora he, Monuedro, em a qual edificaram o famoso templo de Diana mui venerado dos Hespanhoes. Vieram Amphiloco Capitão Grego que poqoou a cidade chamada de seu nome em Galliza que neste tempo se chama, Orense, & Teuero grande amigo & companheiro seu que dizem pouoou a villa de

no reino de Valença & a cidade de Carthagena segundo Silio Italico em seu liuro 3. *Dat Carthago viros Teuero fundata vetusto.*

A a mesma terra de Galliza veo Diomedes principal capitão Grego dos que se acharam na guerra Troiana, filho delRei de AEtholia o qual não podendo viuer no dito reino por o caso que lhe aconteceo de achar sua molher casada com outro que se lhe leuantou com ella & com o reino, emprendeo vir a Hespanha aonde chegando suas naos tiue-

ueram tanta tormenta & infortunios que sem poderem fazer outra cousa nem tomar terra na costa do mar mediterraneo, sahio forçosamente pelo estreito de Gibaltar ao mar Oceano, e seguio por alli o caminho que os outros Capitaes Gregos Teuero & Amphiloco hauião leuado. E entre os dous rios de Lima & Minho pouoou Diomedes outra cidade a que por memoria de seu pai Tydeo chamou, Tyde, a qual durara ate agora com nome de Tui. E a estes Gregos que na terra de Galliza assentaram sem se derramarem per outras partes da mesma Galliza, chamaram Grajos ou Grauios (nome commum a todos Gregos em geral) como era o de Pelasgos Argiuos ou Argolicos, Danaos & Achiuos, Hellenes, & Mirmidones.

A Hespanha vieram em diuersos tempos os Phocenses que pouoaram muitas cidades, de que foi huma a cidade de Empurias. A a mesma vieram tambem em diuersos tempos com grandes & continuas armadas os Phenices, os quaes por serem grandes marinheiros & mercadores, vindo carregados de azeites & cousas de que entam carecia Hespanha, leuaram della muito ouro & prata. O que assi vendo os seus naturais de Hespanha fizeram mineiros com que proueram a Cadiz & a seus contornos. Aa mesma vieram os de Rhodes que pouoaram a Roses villa da prouincia de Catalunha. A Hespanha vieram os Carthagenien-

nienſes & della ſe ſenhorearam muitos tempos ate della ſerem lançados pelos Romanos: A ella os Romanos que com ſuas armas a occuparam toda lançados os Carthagenienſes. A ella vieram os Vandalos Godos, Alanos, Silingos e Sueuos que lançados os Romanos a dominaram muitos annos. A ella vieram deſtruir os Mouros no tempo delRei Rodrigo que lançaram os Godos & as mais naçoẽs: as quaes por virem de miſtura com elles tambem ſe diziam Godos & deſta Colluuião de tantas gentes ficou a ſemente da qual os Heſpanhoes que hoje ha, procederam.

FIM.

Foi impreſſo em Lisboa por Iorge Rodriguez no anno de 1610.

CA-

CATALOGO

De alguns Livos, que se vendem na loja de Borel, Borel, e Companhia, e de que elles tem toda a impressão.

OBras de Luiz de Camões, nova Edição mais completa de quantas se tem feito, 8. 4. volum. Lisboa 1779. preço de 1920.

Epitome da Historia de Portugal por Manoel de Faria e Sousa, com os Retratos dos Reis, fol. Bruxellas, e Lisboa 1779. preço 2880.

Longino, tratado do Sublime, e Luciano sobre o modo de escrever a Historia, pelo P. Custodio José de Oliveira, Professor Regio de Rhetorica, 2. volum. 8. Lisboa 1771. preço 720.

Obras Politicas, e Pastoris de Francisco Rodrigues Lobo, que contém a Corte na Aldea, Primavera, o Pastor Peregrino, o Desenganado, e as Eclogas, 4 volum. 8. Lisboa 1774. preço 1440.

Tratado de Moral, ou Obrigações do Homem a respeito de Deos, e de si mesmo, com varias Reflexões sobre a Religião Revelada, por Mr. La-Croix, 2. volum. 8. 1782. preço 800.

Malaca Conquistada pelo Grande Affonso de Albuquerque, Poema heróico de Francisco de Sá de Menezes, com os argumentos de Dona Bernada Ferreira, 3. edição mais correcta que as precedentes, 4. Lisboa 1779. preço 960.

Hist-

Hiſtoria do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França, por Jeronymo Moreira de Carvalho, 2. vol. 8. Lisboa 1774. impreſſo em bom papel florete. preço 800. reis.

Athalia, Tragedia de Mr. Racine traduzida por Candido Luſitano, 8. Lisboa 1783. preço. 400.

Director Eſpiritual, que enſina hum Methodo facil para viver ſantamente, pelo Dr. Gaugirico L'eſpagnol da Congregação do Oratorio de Lisboa 1780. preço. 300.

Defeza de Cicilia Faragó accuſada do crime de feiticeira, Obra util para deſabuſar as peſſoas preoccupadas da Arte Magica, e ſeus pertendidos effeitos, 8. Lisboa 1783. preço 240.

Elogios Hiſtoricos dos Santos, com os Myſterios de N. Senhor, e da Santa Virgem para todo o anno, 3. vol. 8. Lisboa 1784. preço 1200.

Os mais tomos deſta Obra ſe publicarão ſucceſſivamente.

Os Seythas, Tragedia por Mr. de Voltaire, com o Entremez da Menina Inſtruida, 8. Lisboa 1781. preço 160.

Diccionario Inglez, e Portuguez, compoſto por Vieira Tranſtagano, e neſta ſegunda Edição accreſcentado com hum copioſo número de vocabulos, e fraſes, e correctiſſimamente emendado, 2. volum. 4. pequeno, 1782. preço 2880.